

ELIANE CHERMANN KOGUT

CROSSDRESSING MASCULINO

Uma Visão Psicanalítica da Sexualidade *Crossdresser*

Doutorado em Psicologia Clínica

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2006

ELIANE CHERMANN KOGUT

CROSSDRESSING MASCULINO

Uma Visão Psicanalítica da Sexualidade *Crossdresser*

DOUTORADO:

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, Núcleo de Psicanálise, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

Comissão Julgadora:

RESUMO DO TRABALHO

Nesta tese se investiga a sexualidade de travestis masculinos - aqui denominados de *crossdressers* (*cds*) para diferenciá-los de travestis que se prostituem. Trata-se de uma pesquisa exploratória. Foram realizadas 39 entrevistas com *cds*, atendidos 8 pacientes *cds* por cinco anos em psicanálise, pesquisada a literatura produzida pelos próprios grupos de *crossdressing* (revistas, livros, *sites* de apoio, *sites* de encontros e *sites* eróticos) e conviveu-se com membros do *Brazilian Crossdressing Club*. Para guiar a pesquisa, utilizou-se da teoria freudiana de desenvolvimento psicosexual e de conceitos psicopatológicos de Lacan e McDougall, aos quais se agregou, após a análise dos dados, o conceito de "erotismo *crossdresser*". Ao final, as descobertas e hipóteses da presente pesquisa foram comparadas às hipóteses psicanalíticas já clássicas sobre o tema (notadamente de Stoller e de pensadores do campo lacaniano), destacando-se a necessidade de revisar algumas das hipóteses clássicas sobre a psicodinâmica *crossdresser*, bem como sua relação com o fetichismo e com a perversão. Também foram apresentadas sugestões clínicas para o atendimento de *crossdressers*.

ABSTRACT

This dissertation investigates the sexuality of male transvestites - here denominated *crossdressers* (cds) to differentiate them from the transvestites that prostitute themselves. It is an exploratory research. Thirty nine cds were interviewed; eight cds patients have attended psychoanalysis sessions for five years; the literature produced by *crossdressing* groups (magazines, books, supporter *sites*, dating *sites* and erotic *sites*) was researched and the author has developed familiarity with members of the Brazilian *Crossdressing Club*. The Freudian theory of psychosexual development and the psychopathologic concepts of Lacan and McDougall are utilized to guide the research, to which the concept of "*crossdresser* erotism" is aggregated after the analysis of the data. In the final part, the findings and hypotheses of the present research are compared to the already classical psychoanalytical hypotheses on this subject (notably Stoller's and Lacanian followers'). The necessity of revising some of the classical hypotheses of the *crossdressers* psychodynamic is stressed, as well as the relationships with fetishism and with perversion. Clinical suggestions to attend *crossdressers* are also presented.

AGRADECIMENTOS

A Renato Mezan, orientador generoso, pelas aulas sempre instigantes, pela dedicação à arte de orientar sem dirigir, pelo incentivo e abertura a novas experimentações.

A Luiz Alberto Hanns, supervisor sensível que com sua acurácia clínica me possibilitou tentar entrar por debaixo da pele dos pacientes; e com sua facilidade em articular a teoria com a clínica, muito me ajudou nas reflexões teóricas.

A Flávio Ferraz e Noemi Moritz Kon que no Exame de Qualificação me apontaram para caminhos e descaminhos que me ajudaram a seguir o fio da meada.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa e

Meu mais profundo e especial agradecimento aos meus pacientes "crossdressers" que muito me ensinaram e a todos os "crossdressers" do "Brazilian Crossdresser Club" (BCC) que me ajudaram e apoiaram nesta pesquisa, fornecendo literatura, dispondo-se a responder minhas inúmeras questões, permitindo-me participar de seus eventos e convívios.

Índice

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	32
Aportes da Sexologia, Antropologia, Sociologia e Medicina aos Estudos do <i>Crossdressing</i>	32
Sexologia	32
Antropologia	41
Sociologia	43
Medicina	45
Resumo das contribuições	49
CAPÍTULO II	54
Aportes Psicanalíticos aos Estudos do <i>Crossdressing</i>	54
CAPÍTULO III	66
Retrato Falado	66
Trechos de relatos de vida de oito <i>crossdressers</i>	79
CAPÍTULO IV	95
Erotismo em Hetero-, Homo-, Transexuais, Drag queens e <i>Crossdressers</i>	95
Comportamento Sexual	95
Identidade de Gênero	96
Erotismo	96
Erotismo Heterossexual Masculino	98
Erotismo Heterossexual Feminino	99
Erotismo Homossexual Masculino	100
Erotismo Homossexual Feminino	102
Erotismo Bissexual Masculino	103
Transexualismo	103
Erotismo <i>Drag-queen</i>	105
Erotismo <i>Crossdresser</i>	107
CAPÍTULO V	114
Psicodinâmica do Erotismo <i>Crossdresser</i>	114
Psicodinâmica <i>Crossdresser</i> x Homossexual	124
CAPÍTULO VI	131
Debatendo com as Teorias	131
Psicanalíticas sobre o <i>Crossdressing</i>	131
Robert Stoller	132
Joyce McDougall	135
Joël Dor	137
A GUIA DE CONCLUSÃO: Reflexões clínicas	144
BIBLIOGRAFIA	150

Índice dos <i>sites</i>	157
APÊNDICE I	159
Definições de Travestismo do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-IV) e Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10)	
APÊNDICE II	170
Questionários de Pesquisa de Dados Biográficos e Fantasia Erótica	
APÊNDICE III	171
Pesquisa em Atendimento de <i>Crossdressers</i> na Cidade do México	

INTRODUÇÃO

O objetivo desta tese é investigar, a partir do aporte psicanalítico, a sexualidade de *crossdressers* masculinos. Trata-se de uma pesquisa exploratória, elaborada a partir de entrevistas, pesquisas participativas e atendimentos clínicos.

O termo *travestismo* foi cunhado pelo médico alemão Magnus Hirschfeld em 1910, para designar aqueles que, independentemente de suas inclinações sexuais, têm prazer em vestir roupas do sexo oposto. Hirschfeld investigou inúmeros casos e discriminou as diversas incidências do travestismo, diferenciando-as da homossexualidade. Ao longo do tempo, contudo, o termo passou a agregar significados pejorativos até tornar-se associado à prostituição e eventualmente a comportamentos anti-sociais. Assim, procurando se desvincular do estigma do termo, muitos travestis preferem, atualmente, se autodenominar pelo termo *crossdresser*. Além disto, surgiu ao longo dos anos 70 e 80 uma "nosologia popular" na qual os próprios praticantes diferenciam *crossdresser* de travesti, de *drag queen*, e de transexual. Nesta tese adotaremos preferencialmente, o termo *crossdresser* (menos carregado de preconceito), advertindo ao leitor que ambos os termos são equivalentes¹.

Apesar do termo *crossdresser* ser recente, o fenômeno não o é. Há relatos referentes ao *crossdressing* na Antiguidade, Idade Média e Moderna, bem como as pesquisas etnográficas com tribos americanas, e comunidades asiáticas, todavia, apresentam um quadro muito esparso e heterogêneo. Em geral, os relatos sobre pessoas que se vestem com roupas do sexo oposto aparecem em contextos que

¹ Na maioria dos países ocidentais, a palavra *crossdresser* paulatinamente substituiu na linguagem popular o termo *travesti* (este, em geral, designando profissionais do sexo que, também feminilizam seus corpos).

superpõem circunstâncias muito diversas das atuais, tornando difícil discriminar o quanto se trata do mesmo fenômeno que hoje denominamos de *crossdressing*. Assim, xamãs, pais-de-santo, santas católicas e outras figuras místicas podem - em rituais de passagem, em iniciações ou visando à transformação definitiva - se vestir com roupas do sexo oposto. O quanto estes casos superpõem vivências místicas, quadros psicóticos, práticas eróticas ou rituais, não há como precisar.

Também são freqüentes, tanto na Antiguidade quanto na Idade Média, narrativas de casos de mulheres travestidas de homem, o que em certa medida era tolerado devido ao prestígio da posição masculina. Estes casos não eram associados a alguma erotização, mas ao desejo "legítimo" de certas mulheres de participar de atividades masculinas, às quais não teriam acesso de outro modo (por exemplo, na guerra). Igualmente aos homens (que, em geral, seriam considerados perversos se aderissem ao travestismo) estas práticas eram franqueadas em certas ocasiões, por exemplo, nas peças de teatro na Grécia Antiga e no Japão. Também em diversas sociedades asiáticas e em tribos nas Américas encontram-se homens que se vestem e vivem como mulheres e que ocupam um lugar institucionalizado (que pode até ser de prestígio). Nestes contextos, também é difícil dizer se estes sujeitos são transexuais primários; homossexuais obrigados a ocupar o papel de "fêmea" para serem autorizados a praticar sexo com homens; ou se estamos diante de casos do que atualmente denomina-se de travestis fetichistas. Portanto, para a contextualização da prática do *crossdressing*, tal qual o encontramos atualmente, não é exequível recuar para antes do início do século XX. Somente no século XX, especificamente nas décadas de 50 e de 60 que mudanças importantes começaram a se generalizar na percepção social. Em parte, são mudanças derivadas dos esforços de antigos pioneiros da sexologia, da psicologia e dos militantes das minorias sexuais e feministas que entre 1880 e 1930 já se mobilizavam contra os preconceitos moralistas do século XIX.

Na década de 50, ainda predominava no Ocidente uma visão de sexualidade pautada a partir da identidade sexual heterossexual, engessada em estereótipos vitorianos do século anterior: o macho era o ativo e a fêmea passiva, sendo os papéis masculinos e femininos bem delimitados, ao menos, no plano dos discursos oficiais². Ao homem cabia principalmente a tarefa de prover e proteger a mulher e os filhos, enquanto à mulher cabia cuidar da casa, do marido e dos filhos. No que diz respeito às profissões, muitas eram consideradas exclusivas dos homens e somente poucas adequadas às mulheres de classe média e média-baixa tais como professora, secretária, governanta, enfermeira etc.³ Havia uma hierarquia na qual o homem detinha a força e o poder, e a mulher, em troca de proteção, devia-lhe submissão. O cinema e a literatura de entretenimento dos anos 50 espelham esta configuração no imaginário hegemônico: a mocinha em apuros e indefesa é salva pelo herói que a protegerá⁴.

Atualmente, os papéis masculino e feminino não estão tão nitidamente delineados. Homens e mulheres estão em busca de novas marcas identitárias. No campo profissional, as mudanças foram muitas: homens heterossexuais são chefes de cozinha, bailarinos ou cabeleireiros, assim como mulheres são presidentes de

² A prática do cotidiano, muitas vezes, invertia estes vetores. Peter Gay em seu livro *A Educação dos Sentidos* nos diz: "O medo que os homens tinham da mulher no século XIX tornou-se, pois, uma questão internacional carregada de emoções". Até mesmo o julgamento de uma assassina levantou angustiantes questionamentos:..., um jornal chegou ao ponto de comentar que se tratava de 'um assassinato insensatamente perverso, não perpetrado pela mão de um homem, pois tem as características de uma **finesse**, de um requinte de crueldade que nenhum homem, por mais depravado que fosse a nosso ver seria capaz', pois, uma mulher em cujo ser as melhores paixões foram sobrepujadas pelas piores se torna "mórbida, cruel'..., Mais adiante acrescenta:

"É claro que este sentimento generalizado de que a virilidade estava em perigo constitui o outro lado da moeda da conhecida ficção de que a mulher é desprovida de qualquer apetite sexual: a ficção agora toma a forma de uma reação, tão avassaladora quanto inconsciente. ... A negação da sexualidade feminina emerge como uma profecia que por si só se realiza, trêmula e angustiada. Negar à mulher os desejos eróticos naturais equivalia a resguardar a adequação sexual do homem. Qualquer que fosse seu desempenho, seria suficiente. (Cia. das Letras - 1988 - p. 147)

³ Este tipo de visão, obviamente, não era seguido em épocas de escassez de mão de obra, como nas Grandes Guerras.

⁴ Isto vale para a maioria dos filmes de entretenimento no gênero aventura. Já os dramas, justamente na década de 50, começavam a introduzir a figura do macho frágil (pós-guerra).

grandes empresas, policiais, engenheiras ou astronautas. Estas mudanças nas relações de poder e a diluição dos estereótipos da heterossexualidade introduziram novas tensões nas relações entre os gêneros e exigiram uma reconfiguração dos modelos identitários. Entendemos o conceito de *modelo identitário* como um conjunto de marcas e regras das quais o sujeito se apossa para expressar uma identidade de gênero. O modelo identitário envolve desde tratos dados ao corpo - gestualidade, entonação de voz, vestimentas - até atitudes e estilos cognitivos e afetivos adotados nos papéis sociais.

Ora, estas marcas e regras fornecidas pela cultura e pelos modelos particulares de cada família começaram, notadamente, a partir dos anos 60, a ser questionadas e alteradas no plano dos discursos oficiais e públicos (na legislação, nas normas escolares, no cinema, na mídia, etc.). Ao longo dos anos 60 e 70 surgem astros populares andróginos como Mickey Jagger, Caetano Velloso, David Bowie, ou atores que fazem o tipo homem sensível como Marcello Mastroianni (*Oito e Meio* - 1963), Dustin Hoffmann (*A primeira Noite de um Homem* - 1969, *Kramer x Kramer* - 1979), Al Pacino (*Um Dia de Cão* - 1975), Jon Voight (*Amargo Regresso* - 1978), fêmeas fortes como Barbarella, e líderes feministas tais como: Betty Friedan⁵ Germaine Greer⁶ Camile Paglia, entre outras.

Nos anos 80, apesar do ressurgimento de um forte conservadorismo, cada vez mais prevalecem no mundo *hollywoodiano* as heroínas femininas, as quais passam a salvar os machos confusos, amedrontados e indefesos, tal como se vê, por exemplo, nos filmes "Alien I e II", no "Silêncio dos Inocentes" ou nas séries infantis como as "Super Poderosas". Assim, a rigidez dos modelos de gênero dos anos 50 se afrouxou e deixou o processo de constituição dos modelos identitários heterossexuais ao sabor do modo de apropriação singular atinente a cada sujeito,

⁵ Friedan, Betty (1963) - *The Feminine Mystique* - WW Norton, 2001.

⁶ Greer, Germaine (1970) - *A Mulher Eunuco* (The Female Eunuch) - Mc Graw -Hill, 1971, USA.

conforme seu percurso e posição dentro das particularidades de sua família e subgrupos de referência. Hoje, inúmeras combinações possíveis de roupas, trejeitos, escolhas profissionais, atitudes e papéis familiares compõem a variedade no modo de ser homem ou mulher.

Assim, não é de se surpreender que, em meio a esta ausência de parâmetros sociais hegemônicos, a questão sobre as mudanças nos papéis masculinos e femininos dentro da heterossexualidade não só tem sido objeto de constantes discussões nos meios de comunicação⁷ como ainda fonte de confusão e angústia entre pacientes, quer estejam em atendimentos individuais ou de casais. Neste sentido, diversos psicanalistas de nosso meio - Maria Rita Kehl⁸, Luiz Alberto Hanns⁹, Joel Birman¹⁰ entre outros - têm se ocupado das reconfigurações do masculino e do feminino no enquadre da heterossexualidade contemporânea.

Contudo, as mudanças não ocorreram somente no eixo da heterossexualidade. Na década de 50, a homossexualidade, transexualidade e bissexualidade, especialmente as masculinas, eram objeto de inúmeros preconceitos, encaradas como algo doentio e consideradas moralmente desprezíveis. Ao longo das três décadas seguintes, apesar do preconceito ainda nitidamente visível, inúmeras mudanças foram ocorrendo, tanto no modo como o público encara estes fenômenos como no modo o qual o homossexual passou a introjetar o olhar e o discurso do outro.

No início da década de 70, a homossexualidade deixou de ser considerada uma patologia pelo Código Internacional de Doenças (CID) e se intensificaram as campanhas públicas de grupos de defesa dos interesses e direitos dos

⁷ Somente a revista *Veja* publicou este ano, pelo menos, três matérias a respeito do tema: Ed. 1634, Sexo só atrapalha (02/02/2000); Ed. 1644, A crise do macho (12/04/2000); Ed. 1646, Homem com T maiúsculo (26/04/2000).

⁸ Maria Rita Kehl: Deslocamentos do feminino. Neste livro, a autora faz uma análise detalhada sobre as teorias freudianas sobre as mulheres, a sexualidade feminina e as suas repercussões na psicanálise moderna.

⁹ Luiz Alberto Hanns vem oferecendo o curso "Sobre as novas configurações do masculino e do feminino" em instituições tais como a PUC e o CEP (Centro de Estudos Psicanalíticos).

¹⁰ Joel Birman publicou Gramáticas do Erotismo (2001) e Cartografias do Feminino entre outros.

homossexuais. Apesar de nos anos 80 o surgimento da Aids inicialmente provocar pânico e perplexidade, o processo de aceitação do homossexual, do transexual e do bissexual prosseguiu e se acentuou nesta última década. Obviamente, além dos homossexuais, outros grupos com especificidades sexuais próprias (sodomasoquistas, fetichistas, adeptos do sexo grupal, etc.) também obtiveram maior espaço social, fundaram grupos de convívio e auto-ajuda e, até certo ponto, desestigmatizaram-se.

Além disso, ao longo das últimas cinco décadas, foram-se borrando as fronteiras entre os ditos "heterossexuais normais" e outras formas de sexualidade. No plano dos estudos e discursos acadêmicos, diversos intelectuais europeus, Michel Foucault (1976/1984), Simone de Beauvoir (1949) e Elizabeth Badinter (1981), bem como intelectuais americanos que pensam o movimento GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) Judith Butler¹¹, Leo Bersani¹², Richard Dyer¹³ e Kaja Silverman¹⁴ (autora que tem se debruçado sobre a evolução deste tema no cinema) produziram importantes trabalhos. Eles relativizaram a predominância e normalidade da heterossexualidade bem-comportada e questionaram a legitimidade científica e moral da hegemonia heterossexual, influenciando também o meio médico e o dos psicoterapeutas. Muitos destes pensadores retomaram as teorias freudianas que em muito contribuíram para relativizar os modelos de monossexualidade - cada sujeito seria potencialmente bissexual e perverso. Assim, embora uma vertente monossexual possa preponderar, bem como as tendências perversas possam se atrofiar ou se submeter a uma sexualidade adaptada e que leva em conta o desejo do outro, na verdade, em cada um de nós, conviveriam diversas vertentes contraditórias (lógica inconsciente).

¹¹ Judith Butler, *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. - (New York: Routledge, 1990).

¹² Bersani, Leo. "Is the Rectum a Grave?" *October* 43 (1987): 197-222.

¹³ Richard Dyer, "Getting over the rainbow identity and pleasure in gay cultural politics".

¹⁴ Kaja Silverman discute o tema da masculinidade e da feminilidade utilizando o instrumental teórico lacaniano, mas ao mesmo tempo denunciando a ideologia falocêntrica embutida na perspectiva de Lacan.

Deste modo, a questão desloca-se para além das meras marcas identitárias. A própria identidade sexual - quesito básico para a construção da identidade pessoal de cada um de nós - está passando por profundas transformações em relação aos modelos vigentes na cultura ocidental no século XIX e primeira metade do século XX¹⁵, como demonstra o grande espaço que o tema tem ocupado no imaginário social contemporâneo.

Se até os anos 80 predominava o debate a respeito da falência dos modelos tradicionais de feminilidade e das relações de poder neles implícitas, aos poucos, também, a crise dos modelos de masculinidade atinge a mídia e o grande público. É o que mostra, por exemplo, a entrevista do psiquiatra Luiz Cuschnir¹⁶ à revista *Veja* no ano de 2000:

"...outros pesquisadores perceberam a crise masculina e a importância de oferecer ao homem ferramentas para que aprendesse a lidar com a vida emocional de maneira mais tranqüila. Os homens desejam ardentemente mais qualidade de vida e sabem que isso implica abandonar os velhos mitos da masculinidade".

Contudo, além das redefinições da identidade masculina e feminina dentro dos moldes heterossexuais, no final da década de 90, vemos surgir na mídia também uma nova temática: a questão *transgender*. Figuras como *drag queens* e transexuais passaram a ser incorporados cada vez mais no cotidiano e a se fazer presentes em programas de TV, filmes, novelas, romances, reportagens, etc.

Assim, ao longo destes últimos 50 anos, diversos grupos sexualmente minoritários e tradicionalmente reprimidos lograram obter certa aceitação social,

¹⁵Conforme mencionado na nota 2, até certo ponto tais estereótipos sempre foram afrouxados no cotidiano onde a realidade da vida apresentava matizes bem mais variados. Em seu livro 'O cultivo do ódio', (Cia das Letras pág. 293), Peter Gay afirma: "Os vitorianos construíram, em todas as partes, um muro entre as esferas públicas e privadas, e o fortificaram verbalizando o velho lugar-comum sobre a mulher como o sexo misterioso".

¹⁶ Luiz Cuschnir é supervisor e professor do serviço de psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, coordenador do *Gender Group* da FMUSP, do IDEN (Centro de estudos da identidade do homem e da mulher) e autor de: "O Masculino, como o homem se vê - Feminino, como o homem vê a mulher" - Ed. Saraiva - 1994; "Homem - Um Pedaco Adolescente - Adolescente - Pedaco De Homem" - Ed. Saraiva - 1994.

em especial os homossexuais. Organizando-se em grupos que lutam para defender seus direitos de cidadania¹⁷ conseguiram inúmeras conquistas antidiscriminatórias em campos como o do Trabalho, no âmbito do Direito de Herança e Sucessão, do Direito de Família, entre outros. Também nos últimos 10 anos os transexuais, as *drag queens* e os sadomasoquistas têm conseguido conquistar um espaço e alguma representação social.

Entretanto, o mesmo não ocorreu com os travestis masculinos. Tanto aqueles que se prostituem, quanto os que somente usam roupas femininas são rejeitados não somente pela população heterossexual, mas igualmente por uma parcela da comunidade homossexual. Contudo, trata-se de uma posição ambivalente da sociedade perante o travesti/*crossdresser* fenômeno bem ilustrado no filme de Almodóvar, "Tudo Sobre Minha Mãe", no qual um travesti que se prostituía é capaz de mobilizar os mais diversos afetos e desejos quando passa a circular em um meio social pequeno-burguês. Embora, não exista para os *crossdressers*/travestis um lugar de inserção social e reconhecimento eles evocam curiosidade e o tema tem muita penetração na sociedade. Pode-se citar muitos exemplos deste interesse social pelo tema, a começar pelo recorde de vendas que ocorreu com o número da Revista Playboy, lançada na década de 80, quando o travesti Roberta Close foi capa. Para tomar um caso mais recente, a cena do filme infantil "Shrek 2" (2004) no qual Pinóquio, o boneco de madeira, aparece usando um lingerie (calcinha feminina) é também um bom exemplo. Contudo, a reação social a eles é ambivalente. Considerados por vezes aberrações cômicas, repugnantes ou até mesmo perigosos, os *crossdressers*/travestis, muitas vezes, são repudiados no mercado de trabalho e rejeitados pelas próprias famílias, terminando por introjetar, de forma destrutiva, esta imagem de párias da sociedade.

¹⁷Os endereços eletrônicos a seguir são alguns exemplos entre inúmeros outros: [ASSOCIAÇÃO GAY DE MINAS - GRUPO GURI](#); [ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros](#); [Grupo Gay da Bahia - GGB](#); [Organizações](#), etc...

Porém, se o fenômeno *crossdressing*, aos poucos, chega à mídia, no meio psicanalítico, sua discussão ainda é tímida e explorações mais sistemáticas ainda se fazem necessárias.

Da perspectiva psicanalítica, o tema diz respeito à base da constituição da identidade mais primária do sujeito: ser homem ou mulher. Esta identidade, além de referir-se a todo o psiquismo, também organiza as relações sociais. Neste sentido, o travestismo recoloca questões gerais ao problema da identidade sexual.

Além disso, a clínica psicanalítica mostra que para os *crossdressers*/travestis, na maioria das vezes, a questão da identidade não está bem elaborada, o que traz como consequência muito sofrimento pessoal e familiar. Assim, é fundamental para balizar nossas intervenções clínicas que avancemos mais no entendimento deste tema.

Contudo, um entendimento psicanalítico do *crossdressing*/travestismo também pode ser útil em contextos fora do *setting* analítico. Por exemplo, no diagnóstico diferencial entre travestismo, homossexualidade e transexualismo, crucial nos encaminhamentos feitos para a cirurgia de redesignação de gênero, cujos desdobramentos psíquicos são por vezes muito problemáticos.

A escuta psicanalítica do *crossdressing*/travestismo também se reveste de interesse para a Antropologia, na medida em que um aprofundamento no entendimento destes fenômenos pode tanto agregar conhecimentos a Antropologia da Sexualidade quanto esta a contribuir para a psicanálise. O estudo da sexualidade humana nas diferentes culturas possibilita melhor compreensão das relações entre o que é estrutural, o que é fruto das contingências, ou ainda o que é acidental.

No âmbito da Psicologia Social, cabe mencionar o número expressivo de sujeitos que fazem parte, direta ou indiretamente, desta população. Apesar das poucas pesquisas estatísticas sobre o tema, devido às dificuldades inerentes a este tipo de pesquisa - e, portanto, à baixa confiabilidade dos dados - existe indicadores que apontam para uma porcentagem entre 0,5% e 3% de *crossdressers*/travestis na

população¹⁸. Isto por si só já torna o assunto quantitativamente relevante para psicólogos sociais, sociólogos e para a saúde pública.

Da perspectiva da saúde pública, uma melhor compreensão dos *crossdressers* e travestis pode contribuir para orientar intervenções sociais dirigidas ao uso indiscriminado que esta população faz de hormônios femininos (que podem provocar, entre outras doenças graves, câncer de mama) e também ações voltadas ao uso inadequado do silicone, o qual, muitas vezes, é injetado diretamente pelos próprios sujeitos, causando deformações físicas, ou mesmo levando-os à morte. Também é questão relevante o aumento no número de mulheres contaminadas com HIV ou com outras doenças sexuais transmitidas pelos próprios parceiros que, muitas vezes, fazem programas com travestis sem o uso de preservativos.

Portanto, para além do interesse teórico por este tema tão específico e ainda pouco explorado, sem dúvida as aplicações de um maior conhecimento da psicodinâmica *crossdresser* são amplas e abrangem outras populações.

A seguir, pretende-se apresentar um conjunto representativo da literatura mais relevante sobre o tema. Os principais textos com os quais se dialoga nesta tese serão detalhados e discutidos nos capítulos I, II e III. Trata-se aqui apenas de fazer um breve sobrevôo para familiarizar o leitor com as características e tendências dos principais estudos.

Embora pareça tratar-se de uma literatura numerosa, na verdade, frente a outros temas clássicos da sexualidade e da psicologia, ainda se encontra uma quantidade ínfima de material, boa parte ainda recente e sem uma tradição de conceitos estabelecidos. Em conjunto, esta literatura mostra um quadro bastante heterogêneo e conceitualmente fragmentado, por vezes antagônico. Mas, como se

¹⁸ Atualmente a maioria dos *sites* eróticos tem sub-seções voltadas ao travestismo e existem *sites* específicos só para o tema. Quanto às estimativas percentuais de *crossdressers* na população ver Bulloug (1993).

verá no capítulo I existem importantes pontos convergentes, quase consensuais, entre os investigadores. Os estudos mais relevantes provêm dos anos 70, 80 e 90, havendo aparentemente uma produção menor nos anos 2000.

A literatura sobre travestismo pode ser dividida em seis categorias principais:

- 1) Textos de psicologia clínica e estudos de caso, dentre os quais também trabalhos de psicanalistas;
- 2) Psicologia da sexualidade: Pesquisas empíricas qualitativas e quantitativas; em geral, são redigidos a partir de perspectivas teóricas ecléticas;
- 3) Pesquisas antropológicas e etnográficas;
- 4) Pesquisas sociológicas direcionadas a questões sobre saúde pública, sexualidade e educação sexual, enfatizando as representações sociais que permeiam o imaginário desta população, seus comportamentos sexuais, suas atitudes para com os riscos ligados a DSTs e os problemas de inserção social e profissional destes grupos;
- 5) Textos médicos, manuais de sexologia, de psiquiatria que priorizam aspectos classificatórios referentes a disfuncionalidades, patologias e aspectos médicos propriamente ditos (neuroendócrinos);
- 6) Literatura produzida pelos próprios grupos de *crossdressers* sob a forma de revistas, livros e *sites*, abrangendo textos autobiográficos, textos politicamente engajados, reflexões críticas sobre as classificações médicas e propostas educacionais.

A seguir, utilizarei o panorama que Vern e Bonnie Bullough (1993)¹⁹ traçam sobre a principal literatura anglo-saxã sobre o tema. Os textos do campo francês e brasileiro também serão mencionados, bem como algumas referências teóricas alemãs. Contudo, a grande maioria dos estudos provém dos EUA e da Austrália.

Como mostram os Bullough, até a metade do século XX, a maioria dos autores não distinguia claramente entre orientação sexual e identidade de gênero. Neste

¹⁹ Bullough, V. e Bullough, B (1993) - *Crossdressing: Sexo e Gênero*.

sentido, o *crossdressing* masculino era tido como de natureza homossexual. O primeiro pesquisador mais sistemático e cuidadoso foi Hirschfeld (1910), que cunhou o termo "travestismo" e apontou para o fato deste grupo ser composto preponderantemente por homens heterossexuais. Pesquisou 17 casos, dos quais 16 eram homens, constatando que a maioria dos pacientes tinha interesse em se ver vestidos com finas roupas femininas e pouco ou nenhum interesse em pessoas do mesmo ou até do outro sexo. Havellock Ellis (1936) basicamente concordava com Hirschfeld (1910), mas não com a nomenclatura, pois achava que a questão não se encerrava na urge (fissura) de usar roupas do sexo oposto.

Os cinquenta anos seguintes se caracterizaram por pesquisas orientadas psiquiatricamente para tratamentos do travestismo como disfunção patológica a ser investigada na sua etiologia infantil e a ser tratada psicoterapeuticamente. Angústia de castração e pânico da homossexualidade eram as explicações principais. Dos anos 60 aos 90, os pesquisadores passaram a buscar mais variáveis, embora sempre sob o modelo de patologia. Stoller (1968) focalizava a constelação familiar como um fator casual tanto no transexualismo como no travestismo, argumentando que a mãe preponderante e invasiva era um fator fundamental.

Embora em 1974 a homossexualidade tenha sido eliminada do DSM IIIR como patologia, o travestismo persiste até hoje nesta categoria, seja porque foi bem menos estudado, seja pela menor força e organização política e ideológica dos grupos *crossdressers* ou pelas reações de estranheza e bizarria que este tema evoca na comunidade hetero- e homossexual em geral. No DSM-IV, a nova definição de travestismo enfatiza homens heterossexuais que se excitam sexualmente com tal prática e exclui os casos de transexualismo, bem como pessoas que buscam alívio para sua tensão causada por alguma dissonância de gênero.

Nos anos 60, surge o movimento de clubes de *crossdressers*, notadamente iniciado e liderado por Virginia Prince, um *crossdresser*, doutor em ciências e capaz de interagir com a literatura especializada da área. Conhecia Stoller e dialogava com

ele, mas não aceitava o modelo de travestismo como doença ou patologia. Prince promoveu os trabalhos científicos de John Money (1980) e definia *crossdressing* como estritamente heterossexual. Para Prince, isto colocava o fenômeno em um nível mais respeitável do que a homossexualidade. Embora não negasse que alguns travestis e *drag queens* investissem na sedução dos homens mais do que em usufruir o uso de roupas femininas, enfatizava que estas situações eram exceções. Em 1960, Prince fundou a revista *Travestia* e disseminou por todos os EUA, Europa e Austrália o modelo de *Crossdressers Clubs*.

Não há como verificar até que ponto Prince influenciou a atual visão do DSM-IV²⁰ ou vice-versa; provavelmente ambos os movimentos se influenciaram mutuamente.

Dos anos 60 em diante, a maioria dos estudos envolvia membros de tais clubes ou assinantes da revista fundada por Prince. Pesquisadores como Bentler, 1972; Buhrich e McConagh 1977-79; Beaumont 1981; Doctor, 1988, geralmente, lidavam com não-pacientes e com praticantes do *crossdressing* que freqüentavam tais clubes ou eram assinantes assumidos de revistas de travestismo. Embora pesquisadores como Randall (1959), Stoller, mesmo Buhrich e McCanougy, tivessem promovido estudos de caso com pacientes, estes eram minoritários. Assim, os estudos com não-pacientes acabaram por seguir o modelo DSM-IV e o de Prince. Em geral, excluía os *crossdressers* que não sentissem excitação sexual com o travestismo, bem como aqueles que tivessem fantasias ou relações sexuais com homens. Contudo, o maior estudo americano cobrindo os leitores de *Travestia* por todos os EUA, embora fosse marcado pela influência ideológica de Prince, identificou que 9% da amostra de 504 homens tinham orientação homossexual e 29% relatavam ter tido alguma experiência homossexual. Outras pesquisas, ainda, relatam 17% de *crossdressers* com experiências homossexuais. Também a pesquisa do casal Bullough não achou entre os 18% de *crossdressers* que teve relações com

²⁰ O trecho do DSM-IV no que diz respeito ao tema encontra-se reproduzido no Apêndice I.

homens um único caso de travesti, que fosse exclusivamente homossexual. Neste sentido, os atuais estudos começam a incluir na descrição do *crossdressing* a presença de fantasias e ou atividades homoeróticas, o que é uma mudança em relação à perspectiva anterior. Concomitantemente, desenvolveram-se pesquisas de cunho teórico eclético sobre parâmetros psicométricos buscando medir a saúde mental dos travestis²¹, outras visando a levantar características infantis e familiares²² bem como aquelas com esposas de travestis²³ e com homens que buscam travestis²⁴.

Cabe agora mencionar algumas outras perspectivas teóricas que influenciaram o campo de estudos do travestismo, notadamente os conceitos de Freud. Embora os conceitos freudianos não tenham sido desenvolvidos objetivando a discutir o travestismo, eles têm sido empregados, e não só por psicanalistas, para discutir a sexualidade em geral. Apesar de, em sua obra, o termo travestismo aparecer apenas uma vez, no texto "Os Chistes e Sua Relação Com o Inconsciente" (1905), e ainda assim, de modo marginal²⁵, Freud estabeleceu importantes bases teórico/clínicas para se pensar a sexualidade e o erotismo humanos. Assim, tópicos como Desenvolvimento Psicosssexual Infantil, Identificações, Narcisismo, Complexo de Édipo, Castração, Fetichismo e Pulsões, embora originalmente não se referissem a este fenômeno, são essenciais para a discussão do *crossdressing*/travestismo. Além disto, Freud combina o somatório de fatores genéticos e vivenciais (aos quais

²¹ Beatrice J.: Uma comparação entre heterossexuais, travestis, transexuais pré-operativos e transexuais pós-operados. *Journal of Nervous Mental Diseases*, 1993, Setembro; 181(9): 570-5; Fagan PJ; Wise TN; Derogatis LR; Schmidt CW.: Travestis (distressed). Características psicométrica. *Journal of Nervous Mental Diseases*, 1988; Out; 176 (10).

²² Richard Schott: "The childhood and family dynamics of transvestites"; *Journal of Nervous Mental Diseases*, 1988; Out; 176 (10).

²³ TN Wise, C. Dupkin e JK. Meyer: "Parceiros de travestis (transtornados?)" distressed; *Journal of Nervous Mental Diseases*, 1988; Out; 176 (10).

²⁴ Larissa Perlucio, "Sexualidade, Corporalidade e Transgressões - Sexualidade, Gênero, e Masculinidade no mundo dos *t-lovers*"; XII Congresso de Sociologia.

²⁵ "Os métodos que servem para tornar as pessoas cômicas são: colocá-las em uma situação cômica, o disfarce, o desmascaramento, a caricatura, a paródia, o travestismo etc."

denomina de série complementar), evitando um determinismo genético unilateral²⁶. Assim, apesar de Freud oferecer importantes operadores conceituais, sua teoria aproxima-se apenas tangencialmente do tema.

Dentro do campo de pensamento psicanalítico, a contribuição freudiana foi apropriada e acrescida de novos conceitos variando segundo as tradições das diferentes escolas. Nos EUA, a influência da psicologia do ego e do ecletismo se faz presente e mescla a teoria das relações objetais com a ênfase no papel da constelação familiar, notadamente, da mãe intrusiva e do pai enfraquecido (Stoller, 1968)²⁷; (Ethel Person e Lionel Oversey, 1978); (Lukianowicz, 1959). Para Stoller, por exemplo, um fator etiológico importante para a constituição do travestismo é a formação da defesa contra a castração. O travestismo seria um tipo de fetiche, resultante de um trauma decorrente de uma situação humilhante na qual o menino, quando criança, foi vestido com roupas femininas. Na psicanálise de inspiração inglesa, a visão marcada pela teoria das relações objetais (Klein, Bion e McDougall), enfatiza a angústia frente à castração, às identificações cruzadas e aos mecanismos de defesa de posições arcaicas do período esquizoparanóide. Por exemplo, o psicanalista Roberto Graña em seu livro *Além do Desvio Sexual* (1996), busca mostrar que a perversão pode ser melhor entendida como um modo de funcionamento psíquico do que como uma estrutura em si.

Graña discorda também de Stoller e dos diversos autores que relacionam o travestismo ao fetichismo. Para ele, o travestismo é uma defesa regressiva devido à ameaça de aniquilamento corporal diante da angústia de separação da mãe. Graña

²⁶ Em sua CONFERÊNCIA XXII, "Algumas Idéias Sobre Desenvolvimento e Regressão — Etiologia", Freud afirma que: "Sua constituição sexual não as teria levado à neurose, se não tivessem tido essas experiências, e essas experiências não teriam tido um efeito traumático sobre tais pessoas se sua libido tivesse sido disposta de outra forma. Nessa série posso, com certeza, admitir uma preponderância na importância dos fatores predisponentes; porém, admitir isto também depende de saber até onde os senhores resolvem ampliar as fronteiras da doença neurótica. Proponho, senhores, que denominemos a uma série desse tipo 'série complementar',"

²⁸ Sex and Gender - The Development of Masculinity and Femininity.

alinha-se com autores como Greenson, 1966, Roiphe e Galenson, 1984, Glasser, 1985, Bick, 1968 e Meltzer, 1984, que, em seus estudos²⁸, ressaltam que no travestismo a criança busca "revestir-se inteira e concretamente com a pele/roupa da mãe". (Greenson, 1966).

No campo de influência lacaniana, a apropriação da contribuição freudiana enfatiza aspectos ligados à perversão, à noção lacaniana de estrutura perversa, de captura especular, da denegação como mecanismo princeps e da submissão do travesti à lógica fálica. Ele busca assumir o papel do falo que a mãe deveria ter (Joël Dor, 1994; Guy Rosolato, 1983; Catherine Millot 1983²⁹; Serge André, 1993; Jean Clavreul, 1990). Ainda no campo da psicologia clínica, mas, fora da psicanálise, outra perspectiva que tem sido apresentada nas reflexões sobre o *crossdressing* é a visão junguiana do fenômeno. Embora por vezes banalizada por grupos de auto-ajuda, fundamentalmente ilustra o processo como um retorno de uma ânsima reprimida e um esforço da psique para reequilibrar o feminino que não pode ser expresso. Neste sentido, em uma etapa mais madura, o *crossdressing* poderia ultrapassar a promiscuidade, a sexualidade estrita e as diferenciações sociais entre macho e fêmea, e adquirir característica autocuradora e transcendente em que a fêmea modula o macho. Neste estágio, o novo "self" continuaria a crescer em direção a uma maior espiritualidade e a fissura por se travestir, diminuiria. O *crossdresser* entenderia que não era a vestimenta feminina que ele buscava (esta apenas simbolizaria os aspectos mais profundos da sua personalidade que precisariam se expressar), e uma vez estas dimensões aflorando o *crossdressing*, este cairia em importância.

Fora do campo clínico e psicanalítico propriamente dito, destacam-se no Brasil, diversos estudos sociológicos, entre os quais citaremos aqui apenas dois de Larissa Pelúcio (2005) com travestis que se prostituem. O primeiro, *Na noite nem*

²⁸ Roberto Graña (1996) cap. 1.

²⁹ Extrasexo: Ensaio sobre o Trassexualismo - Escuta 1992.

*todos os gatos são pardos - notas sobre a prostituição travesti*³⁰ e o segundo apresentado no Congresso Brasileiro de Sociologia, Belo Horizonte, 2005: *Sexualidade, Gênero e Masculinidade no Mundo dos T-lovers*. Em ambos a autora não aborda *crossdressers*, mas prostitutos travestis e homens que se interessam por travestis (*t-lovers*) e enfatiza aspectos ligados à construção de representações sociais destas duas categorias (como se autodefinem, as hierarquias de valores, os campos de atuação pública e privada, etc.).

Cabe ainda destacar, apesar de não se referir diretamente aos *crossdressing*, o importante trabalho que vem sendo feito sobre os Distúrbios de Gênero liderado por Carmita Abdo³¹, no Hospital das Clínicas de São Paulo. Embora este grupo aborde os transtornos da sexualidade em geral, a ênfase recai sobre o transexualismo e, mais especificamente, na avaliação de candidatos para a cirurgia de redesignação de gênero. O grupo acumula uma rica experiência clínica proveniente das sessões grupais (*Terapia de Grupos de Intrassexualidade*) que acontecem dentro do Projeto Sexualidade a partir das quais se avalia a adequação do paciente para a cirurgia de redesignação de gênero. Esta avaliação discrimina entre travestis que apenas devaneiam com uma eventual mudança de gênero e transexuais secundários que, após uma fase travéstica, manifestam sua transexualidade. Este grupo também avalia as condições psíquicas e sociais dos candidatos, bem como sua adequação geral à mudança de gênero.

Como se pode notar por este breve sobrevôo, existem ainda poucos estudos específicos a partir de casos clínicos de travestis. Dentre estes, não se foi possível localizar nenhum que pesquise o erotismo e que, posteriormente, articule-o com a psicodinâmica.

Além disso, de modo geral, os estudos utilizam categorias como fetichismo, hetero-e homossexualidade, orientação sexual e identidade de gênero que, segundo

³⁰ Cadernos Pagu, Campinas, v. 25, p. 217-248, 2005.

³¹ Coordenadora do Projeto Sexualidade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

a pesquisa desta tese, mostram-se insuficientes para descrever o que se passa no erotismo e na psicodinâmica *crossdresser* em geral.

Após atender e conviver, por mais de cinco anos, com homens que se autodenominam *crossdressers*, ficou claro que as classificações existentes não discriminam diversos aspectos evidenciados nestes atendimentos. Ao aprofundar a escuta sobre o erotismo presente nos sujeitos estudados, percebe-se que as classificações e teorias existentes ainda estão aquém da complexidade deste fenômeno. Neste sentido, como se verá no capítulo III, os textos produzidos pelos próprios *crossdressers* são os que mais coincidem com os achados da presente pesquisa.

Quanto ao método utilizado nesta tese, na medida em que se trata de uma pesquisa exploratória, foi preciso primeiro familiarizar-me com o objeto de estudo. Após alguns meses de pesquisa inicial, foram selecionados os aspectos mais salientes do material (pela recorrência, pela estranheza, pela intensidade de manifestação, etc.), Decidiu-se então quais dentre estes novos aspectos revelados pelo material clínico seriam privilegiados. Isto implicou criar instrumentos auxiliares para melhor apreendê-los fora do *setting* analítico³² sempre, contudo, dialogando criticamente com os conceitos teóricos psicanalíticos que me nortearam desde o início.

Os principais referentes teóricos psicanalíticos são as concepções freudianas de desenvolvimento psicosssexual e a psicopatologia psicanalítica influenciada pela leitura de Lacan, Kernberg e McDougall. Também foram levados em conta alguns conceitos psiquiátricos clássicos que constam no DSM-IV e CID-10 (Apêndice I).

³² Este tipo de metodologia está descrita por exemplo no artigo *Attitudes toward Psychotherapists, Psychologists, Psychiatrists and Psychanalysts*, pesquisa alemã sobre estereótipos em relação a imagem pública dos psiquiatras, psicanalistas e psicólogos. Após uma pesquisa exploratória inicial se seleciona os conceitos ou tópicos que mais aparecerem e se cria instrumentos (escuta seletiva, questionários, análise de dados correlacionando determinados itens, etc) específicos para lidar com aquele material. Ver *"American Journal of Psychotherapy"*, vol. 52, nº 4 em 1998.

Para acessar esta população, iniciou-se um contato por meio da Internet. A partir da entrada em alguns *sites* e *chats* direcionados a *crossdressers*, concentrei-me no *site* do BCC (*Brazilian Crossdresser Club*), pois, este se mostrou mais estruturado e configurado como um centro de convívio troca de experiências e ajuda mútua entre *crossdressers*. Apresentei-me à diretoria (cinco membros) como psicanalista e propus que me ajudassem em minha pesquisa sobre o *crossdressing*. Desde o início, minhas aproximações foram recebidas com cordialidade e, depois de uma troca de *e-mails* por umas seis semanas, recebi os primeiros convites para conhecê-los pessoalmente em alguns eventos sociais nos quais compareciam "montados"³³. Fui a dois deles e, após o grupo adquirir maior familiaridade com o projeto de pesquisa e uma mútua empatia, ficou claro que poderia haver uma convergência e troca de interesses: eles me municiariam com material de pesquisa e, na visão deles, eu seria capaz de ajudá-los tanto a divulgar o *crossdressing* no meio acadêmico como a adquirir mais instrumentos para se entenderem. Adverti-os das limitações de uma pesquisa exploratória e indiquei que, na realidade, juntos aprenderíamos muitas coisas, uma vez que a psicanálise não é normativa e trata da singularidade e dos modos de expressão do desejo. Propus então que os interessados viessem ao consultório para fazer algumas entrevistas. A partir destas entrevistas, alguns deles manifestaram desejo de entrar em análise, bem como indicaram meu nome para outros *crossdressers* que, mais adiante, vieram a me procurar.

As primeiras cinco entrevistas aconteceram em fevereiro de 2001 e os primeiros atendimentos, com quatro pacientes, a partir de março. As entrevistas inicialmente eram abertas e não estruturadas. Após dois anos de atendimentos com pacientes e convívio com membros e eventos do BCC, foram montadas novas entrevistas, desta vez, estruturadas e submetidas a 26 pessoas por meio da

³³ "Montado" no meio *crossdresser* significa estar totalmente vestido de mulher, usando maquiagem e todos os acessórios necessários.

Internet e a 13 pessoas pessoalmente por ocasião do *Holliday em Femme*³⁴ que constam do anexo II.

Das entrevistas iniciais e dos pacientes encaminhados, resultou um total de oito pacientes dos quais dois permaneceram poucos meses; dois, por aproximadamente dezoito meses; um por quatro anos e meio; e três permanecem até hoje.

Dois dos atuais pacientes são o que se convencionou designar de transexuais secundários: um, assumido, que se encontra inscrito no programa do Hospital das Clínicas para a cirurgia; o outro, em busca de soluções para seus impasses no que diz respeito à sua sexualidade.

Quanto aos eventos dos quais participei, houve dois encontros no apartamento do BCC em que ocorreu o que eles denominam de *cd-session*³⁵; duas festas que aconteceram em uma boate GLS em São Paulo e quatro *Holiday en Femme*.

Os atendimentos clínicos, as sessões, foram levados para supervisão clínica do Dr. Luiz Alberto Hanns, buscando-se um delicado equilíbrio entre as tensões inerentes ao contexto destes atendimentos. Os primeiros quatro pacientes iniciais vieram para um atendimento gratuito, sabendo que eram também objetos de pesquisa. Além das questões transferenciais que este contexto implicava, era necessário também trabalhar aspectos referentes à ética: levar em conta a tensão entre os interesses da pesquisadora e a neutralidade necessária ao lugar da analista. Ademais, diversos pacientes se conheciam e conviviam no BCC, o que inevitavelmente contaminava o ambiente das sessões, exigindo certos cuidados por parte da analista.

Ao longo dos dois anos, começaram a vir pacientes particulares que, informados de minha pesquisa, buscavam ajuda profissional sendo então recebidos

³⁴ O *Holliday en Femme*: evento anual no qual alguns *crossdressers* fecham um pequeno hotel em um final de semana para "viver o tempo todo como mulheres".

³⁵ *Cd-session*: encontros entre os *crossdressers* nos quais eles se reúnem para fazer suas montagens sendo que, algumas vezes, depois, saem para a noite e, em outras, ficam apenas conversando.

como pacientes pagantes, que não estavam lá em troca de servir como objeto de pesquisa. Estes atendimentos, dos quais um terminou no início deste ano e outro prossegue ainda hoje, também contribuíram para esta pesquisa. Os interessados autorizaram, posteriormente, a publicação de algumas vinhetas de sessão.

Além dos atendimentos, também a convivência social foi crucial para o andamento desta pesquisa. Ambas as perspectivas favoreceram a percepção de quais temas precisariam ser melhor investigados nas análises, bem como quais das diversas visões, já canônicas sobre o *crossdressing* se mostravam insuficientes ou, por vezes, em franca contradição com os dados pesquisados. A análise final dos dados pautou-se pela teoria psicanalítica implicando, em alguns momentos, um questionamento e a reformulação de hipóteses já consagradas sobre o tema.

Além da pesquisa centrada em entrevistas, atendimentos clínicos e convívios, também a literatura produzida pelos próprios grupos de *crossdressing* (revistas e livros) foi pesquisada. Os *sites* estrangeiros, *sites* brasileiros de encontros e *sites* eróticos utilizados se encontram mencionados na bibliografia.

Embora certamente fossem úteis para comparar e melhor delimitar a psicodinâmica *crossdresser*, infelizmente não puderam ser realizadas entrevistas com travestis que se prostituem, pois exigiriam um convívio e acessos bem diversos daqueles junto aos *crossdressers*, o que ficou claro após diversas tentativas infrutíferas de chegar a este grupo. Contudo, como se trata de um grupo que está fora do foco desta tese, não se dedicou maior empenho em explorar esta população. Finalmente, apesar de também tratar-se de tema paralelo, foi pesquisada a literatura e profissionais que lidam com transexuais. Conforme já mencionado, dois transexuais ainda estão em atendimento.

Coerentemente com o objetivo de uma pesquisa exploratória, foram realizadas entrevistas com não-pacientes. Posteriormente foram montadas tabelas de cunho eminentemente qualitativo e comparativo para ilustrar as respostas dadas

aos questionários utilizados com *crossdressers* que não estavam em análise comigo. Embora contenham alguns dados quantitativos (expressos também em percentagens), tais tabelas não pretendem ter qualquer significância estatística, seja pela pouca representatividade da amostra, seja devido a pouca padronização na coleta de dados. Além disso, muitas respostas eram múltiplas e, ao longo do tempo, ficou claro que diversas perguntas não só estavam formuladas de modo inadequado a inibir maior exploração, como também não permitiam uma tabulação.

Nesta breve introdução definiu-se o objeto da pesquisa; foram abordados o contexto e a relevância do tema, discutido o estado da arte e descritos os métodos de pesquisa utilizados. No capítulo I, apresentam-se alguns dados importantes que constam nas diversas pesquisas de sexologia, sociologia, antropologia e medicina sobre o tema. O capítulo II apresenta um panorama de algumas das principais teorias psicanalíticas que abordam o *crossdressing*/travestismo. No capítulo III é feita uma descrição da vivência da pesquisadora no cotidiano dos *crossdressers*, buscando familiarizar o leitor com o fenômeno, incluindo, também, depoimentos autobiográficos de *crossdressers*. O capítulo IV discrimina os termos "comportamento sexual", "orientação sexual", "identidade de gênero" e "erotismo", os quais são, então, utilizados para caracterizar, de modo mais sistemático, a sexualidade dos hetero-, homo-, bi- e transexuais, bem como para descrever a sexualidade das *drag-queens* e, especificamente, dos *crossdressers*. No capítulo V, discute-se algumas hipóteses sobre o desenvolvimento psicosssexual e a psicodinâmica dos *crossdressers*. No capítulo VI, os achados e hipóteses da presente pesquisa são comparadas às hipóteses psicanalíticas já clássicas sobre o tema. No último capítulo, se propõe considerações clínicas para o atendimento de *crossdressers*. No apêndice I constam as definições médicas DSM IV e CID 10 para travestismo e tabelas com respostas. O apêndice II apresenta os questionários e os dados, obtidos através deles, em tabelas. O apêndice III traz o relato de uma

pesquisa semelhante à da presente tese, realizada no México e cujos resultados, em alguns aspectos, aproximam-se dos nossos.

CAPÍTULO I

Aportes da Sexologia, Antropologia, Sociologia e Medicina aos Estudos do *Crossdressing*

Neste capítulo, pretende-se apresentar alguns dos principais autores destes campos, bem como alguns exemplos ilustrativos do tipo de pesquisa que se realiza nestas áreas. Ao final, elencar-se-á um resumo das conclusões que têm sido convergentes e relativamente consensuais.

Sexologia

Em especial, três autores sobre o tema merecem destaque: Hirschfeld, Doctor e Bullough.

Magnus Hirschfeld: "TRANSVESTITES

The Erotic Drive to *Crossdresser*"

Um dos livros mais fundamentais sobre o tema é o do médico alemão Magnus Hirschfeld. Como mencionado anteriormente, Hirschfeld em 1910, cunhou o termo travestismo para descrever pessoas que têm compulsão (urge) em se vestir com roupas do sexo oposto. Paralelamente a Freud, Havelock Ellis³⁶ e Kraft-Ebing (1906), foi um dos pioneiros nos estudos daquilo que hoje denominamos de sexologia. Hirschfeld foi o primeiro a discriminar e sistematizar o estudo sobre o travestismo

³⁶ Havelock Ellis propôs o termo "eonismo" para a mesma condição assim chamada devido ao Chevalier d'Eon de Beaumont, um conhecido travesti da corte de Louis XV. Desta forma, Ellis queria usar o mesmo critério utilizado nos termos sadismo e masoquismo, que se originaram de seus famosos expoentes em seus respectivos desvios: o Marques francês (mais tarde conde) Donatien de Sade, e o escritor austríaco, Leopold von Sacher-Masoch. (tradução livre).

e dedicou-se durante um longo período à realização de uma pesquisa exploratória e participativa sobre a questão. Seu livro "TRANSVESTITES The Erotic Drive to *Cross-Dress*" (1991)³⁷, apesar de escrito em 1910, apresenta uma visão bastante moderna sobre o travestismo.

Para além da questão científica e pessoal, havia também na motivação de Hirschfeld um aspecto político. A homossexualidade e manifestações tais como o travestismo eram consideradas comportamentos fora da lei (inclusive passíveis de prisão), assim, para o psiquiatra alemão era importante mostrar que, tanto a homossexualidade quanto o travestismo, não deveriam ser classificados como doenças, nem serem considerados "opções sexuais" sobre as quais o sujeito tivesse qualquer poder de escolha. Neste sentido, sua obra era também politicamente engajada.

Hirschfeld explica o travestismo como categoria própria, diferentemente dos psiquiatras da época que o encaravam como um aspecto da homossexualidade. Ao analisar dezessete casos (um deles de travestismo feminino), fez o diagnóstico diferencial entre o travestismo e as eventuais associações deste com o masoquismo, fetichismo, homossexualidade, ilusão da metamorfose sexual e outros "desvios sexuais". Após vinte anos de estudo, concluiu que o travestismo seria resultante da hereditariedade, não na acepção psiquiátrica da época que, freqüentemente, via as alterações hereditárias como degenerescências da raça, mas como acepção de variedade da espécie. Também estava em discordância com os autores da época que explicavam o travestismo somente como resultante de causas externas e, muitas vezes, como degradação moral ou resultado da fraqueza da vontade.³⁸

³⁷ Tradução para o inglês do alemão - Magnus Hirschfeld (1910) - Die Transvestiten.

³⁸ "It is almost just as cruel to 'punish with scorn,' as Ihering demands, those who are emotionally wounded (I do not say diseased), who are only victims of inheritance." (Hirschfeld, 1910), p. 424)³⁸.

"É quase tão cruel 'punir com desprezo' como pretende Ihering, aqueles que são emocionalmente feridos (eu não digo doente), os que são apenas vítimas da hereditariedade." (tradução livre)

Doctor, R.F (1988),

**Travestis e Transexuais: Buscando uma teoria para o
Comportamento *Crossdresser***

Doctor procura descrever o desenvolvimento do travestismo e sua relação com o transexualismo (uma pequena minoria dos travestis envereda por se tornarem transexuais secundários). Para ele, haveria um sistema de *self mestre* (que outros autores denominam de "sistema de controle cognitivo", outros ainda de "*self* genérico") que se relaciona e é influenciado pelos seus diversos subsistemas de "*self*" (que são autônomos, mas que, em conjunto, o compõem). A identidade de gênero seria um grande subsistema. No travestismo haveria então cinco estágios:

O primeiro que engloba fatores antecedentes diversos, tais como experiência de vestir-se com uma ou mais peças de roupa e ter prazer.

O segundo implica um *crossdressing* fetichista (na pré-adolescência). Os casos de início de *crossdressing* não-fetichista na infância seriam preditivos de um futuro *crossdressing* adulto pouco fetichista e no qual importaria muito mais a identidade transgênero.

O terceiro estágio abarcaria a progressiva autonomização e libertação da supervisão parental, o uso público de roupas femininas e levaria à paulatina formação de uma identidade transgênero. Assumir um nome feminino seria neste percurso um rito de passagem que testemunharia finalmente uma identidade transgênero que emergiu. Este subsistema de identidade transgênero funcionaria como um subsistema de identidade que operaria de modo conflituoso com o sistema de *self* primário podendo ocorrer fantasias de ser mulher e/ou de manter relações sexuais com homens. Nesta fase, muitas das autopercepções são incompatíveis entre si.

Na quarta etapa, estas dissonâncias cognitivas precisam encontrar uma resolução a qual pode ser a de integrar o subsistema de identidade transgênero no

sistema de *self* tornando-a egossintônica e altamente valorizada pelo sujeito. Este seria o estágio final dos travestis propriamente ditos.

Outra possibilidade, não muito satisfatória, seria uma quinta fase adicional, na qual ocorreria uma dissociação desta identidade transgênero. Nestes casos, a identidade transgênero pode se tornar mais forte, assumir o controle e o sujeito passaria, então, a levar uma vida como mulher em tempo integral e, eventualmente evoluiria para tratamentos hormonais e cirurgia de redesignação de gênero. Teríamos, então, os transexuais secundários.

Assim, os travestis seriam divididos em categorias segundo as fases 2, 3 e 4, podendo os travestis mais fetichistas estarem desenvolvendo uma identidade transgênero ou a identidade transgênero poderia ter sido desenvolvida a ponto de ser inteiramente integrada no sistema de *self*

Já, o transexualismo secundário seria uma tomada do poder do sistema de *self* por parte da identidade transgênero a qual levaria o sujeito a uma nova identidade e a um novo sistema de *self*. A identidade transgênero (o senso de pertencer a um gênero oposto ao biológico) teria um papel fundamental. Quanto aos transexuais primários, estes teriam, desde o início, uma identidade transgênero percebida como dissonante de seu gênero biológico.

Assim, todos os seres humanos teriam sempre um subsistema de transgênero que potencialmente poderia chegar a derrubar o sistema *self* e levar ao desejo de efetivamente trocar de sexo biológico. Os travestis nos estágios 2 e 3 tenderão a se definir como homens heterossexuais e a preferir mulheres heterossexuais como parceiras e no estágio 4 talvez tenham uma progressiva preferência por homens.

Embora tenha o grande mérito de sistematizar cuidadosamente sua pesquisa e oferecer um modelo descritivo flexível, a consistência conceitual de suas idéias tem sido contestada por diversas outras pesquisas e autores.

Ademais, ele parece usar um conceito muito estrito de sexualidade que a elimina da infância e pré-adolescência (não haveria nesta fase uma excitação sexual).

Bullough, V. e Bullough, B (1993):

Crossdressing: Sexo e Gênero.

Este é o estudo mais completo já realizado sobre o tema. Os autores traçam neste livro um panorama histórico da manifestação do fenômeno *crossdresser* abrangendo desde a Antiguidade e Idade Média aos séculos XVI, XVII, XVIII até a Moderna. Abordam também as reações de cada época, os modos como os travestis eram classificados na religião, filosofia e medicina. De modo geral, mostram que o *crossdressing* masculino na forma atual era raramente relatado, e quando aparecia, era severamente reprimido, salvo quando estava inserido em práticas ritualísticas, religiosas, teatrais ou místicas.

Também trazem um resumo dos vários psicanalistas que se ocuparam do tema: Stekel, Gutheil, Abraham, Fenichel, Stoller, Person, Oversey, bem como mencionam também psicólogos e psiquiatras que estudaram *crossdressers*. Nos últimos três capítulos, historiam a emergência do *crossdressing* contemporâneo e sua organização em grupos de convivência, revistas, clubes e grupos de Internet. Também trazem alguns resultados de pesquisas sociológicas sobre o perfil dos *crossdressers* (escolaridade, classe social, idade de iniciação, práticas sexuais, estado civil, grau de transformação efetuado e almejado etc.). Apresentam alguns estudos transculturais de subgrupos de travestis nos diversos países e culturas. No penúltimo capítulo, elencam as explicações etiológicas atuais tanto do ponto de vista genético, quanto neuro-endócrino, psicológico e antropológico. No capítulo final, discutem o atendimento clínico de *crossdressers* destacando que a maioria pede ajuda apenas para lidar com o preconceito e encontrar modos de conciliar suas

práticas com os limites sociais. Contudo, alguns travestis apresentam um quadro de transtorno obsessivo-compulsivo em que a *urge* (fissura) de se "travestir" interfere em suas vidas de tal modo que exige tratamento. Nestes casos, os autores relatam que algumas intervenções com psicofarmacos têm obtido sucesso, abaixado a ansiedade e facilitado aos *crossdressers* de lidarem com seus desejos. Igualmente, as psicoterapias têm sido úteis nestes casos, contudo os autores frisam que não cabe classificar o *crossdressing* como um transtorno em si e discutem a utilização do termo "fetiche" para descrever os travestis que têm prazer sexual em se vestir de mulher, pois o termo estaria sendo empregado de modo impreciso, já que a roupa em si não os excita e, sim, estarem no papel de mulheres.

Os textos a seguir são artigos de *journals* na maioria do "Archives of Sexual Behaviour", da "Springer Netherlands" e do "Journal Nervous and Mental Diseases".

J Poortinga e Verschoor (1994): Identidade Transgênero em Travestis e Transexuais Masculinos

Neste artigo, os autores, utilizando parte dos conceitos de Doctor (1988), relatam uma pesquisa empírica demonstrando que transexuais primários (103 sujeitos) e transexuais secundários (52 sujeitos) e travestis (36 sujeitos) apresentaram comportamentos femininos na infância em grau significativamente maior do que grupos controle da população masculina "normal". Isto indicaria que não só a identidade de gênero estaria se articulando cedo na vida, como também que cada ser humano teria um subsistema de identidade masculino e feminino cuja intensidade e força são relativas. Também indicaria que existe uma "expressão de cada sistema de identidade" a qual pode ser condicionada ou incondicionada, isto é, que pode depender de certas condições estarem presentes ou que pode se

manifestar independentemente das condições e esta expressão dos subsistemas teria a função psíquica de buscar uma auto-identidade.

Os autores propõem dois continuums: iniciando-se por um forte subsistema de identidade feminina que é expresso de modo incondicionado até um fraco subsistema de identidade feminina que não é sequer expresso. O segundo inicia-se pelo subsistema de uma forte masculinidade que se expressa de forma incondicionada a um fraco subsistema de identidade masculina que não se expressa. Neste sentido, transexuais masculinos e mulheres "normais" teriam uma forte identidade de gênero feminina que se expressaria de modo incondicional combinada com um fraco subsistema de identidade de gênero masculina que não se expressaria. Os travestis, por sua vez, estariam na faixa intermediária em que tanto o subsistema de identidade masculino como feminino se expressariam de modo condicionado, isto é, dependeriam de certos condicionantes para se expressar com maior ou menor intensidade.

Entretanto, essencial nesta pesquisa é o dado de que a auto-imagem infantil dos transexuais primários e secundários já é feminina enquanto que a dos travestis, contrariamente ao esperado, (que fosse igual ao do grupo controle de homens heterossexuais "normais") estava distribuída em três partes iguais (auto-imagem masculina, feminina e mesclada). Isto indica, segundo os autores, não haver uma única categoria de travestis e tampouco uma teoria única que possa descrevê-los. A preferência da maioria dos travestis era por mulheres heterossexuais, mas numa proporção inferior àquela verificada entre os homens heterossexuais. Ao final, os autores discordam de Doctor quanto à idéia de que uma fase de *crossdressing* fetichista pareada ao surgimento do *crossdressing* na adolescência seria característica para o travestismo. Isto pode valer para alguns casos, mas não para todos. Ao final, os autores optam por um modelo descritivo que apresenta dois subsistemas de identidade de gênero (um masculino e outro feminino) que convivem

e rivalizam em maior ou menor grau, indo, cada um, do continuum de forte expressão incondicionada à expressão fraca e condicionada.

Beatrice J. (1993): Uma comparação entre heterossexuais, travestis, transexuais pré-operativos e transexuais pós-operados.

A pesquisadora concluiu que, conforme aumenta o grau de feminilização pretendido, aumenta o grau de disfunção psíquica, a qual seria profunda no caso dos transexuais, sugerindo que talvez fosse necessário buscar tratamentos alternativos à cirurgia de redesignação de gênero.

Blanchard e Collins (1993): Homens que se interessam sexualmente por travestis, *crossdressers* e *she-males*

Os autores pesquisaram homens que eram assinantes de um sistema de correio de voz dirigido a anúncios para parceiros sexuais e românticos. Dentre esses, havia 51 que apenas buscavam travestis, transexuais; 37 que se declaravam *crossdressers*; e 31 que eram *crossdressers* residuais. A análise dos anúncios indicava que a gynandroniphilia constitui um gênero de interesse erótico próprio e diverso dos homo e heterossexuais.

Ethel Person (1976): Fantasias de iniciação e travestismo

Baseada no artigo de Beigel e Feldman de 1963 sobre fantasias de iniciação e travestismo, a autora concluiu que a iniciação no travestismo é freqüentemente encenada por uma mulher dominadora e glamorosa ou uma mulher gentil e meiga para salvar a vida do herói. Por exemplo, para escondê-lo de perseguidores da Máfia, ensina-lhe como se disfarçar de mulher e o inicia na arte de usar roupas e se portar como uma mulher. Outras vezes, a iniciação ocorre com a ajuda de um travesti

experiente. Estas fantasias foram tiradas de 93 trabalhos de ficção literária de travestis e de uma extensa pesquisa com todos os números da revista "Travestia", além de revistas e materiais pornográficos sobre travestismo. Em geral, nas fantasias o sujeito não tinha desejos anteriores de se travestir e é surpreendido com o prazer que sente em desempenhar este novo papel.

Buhrich e McConaghy: Comportamento pré-adulto feminino de travestis masculinos (1985)

Os autores investigaram 34 travestis que passaram por um período fetichista. Os resultados mostraram que 20 se satisfaziam em apenas prosseguir com o travestismo (denominado pelos autores de travestismo nuclear) e tinham tido na infância menos comportamentos femininos do que os 14 que pretendiam se feminizar parcialmente (travestismo marginal - marginal na acepção de minoritário), mas ambos os grupos tiveram mais comportamentos femininos na infância comparados ao grupo controle.

Buhrich e McConaghy: Três categorias discretas de travestismo fetichista

Os autores pesquisaram três grupos de homens que tinham passado por fases de travestismo fetichista. Os travestis nucleares (se satisfaziam em apenas prosseguir com o travestismo ocasionalmente, mas viviam como homens heterossexuais), os travestis marginais (pretendiam se feminilizar parcialmente e eventualmente viver a maior parte do tempo como mulheres) e os transexuais secundários os quais os autores sugerem denominá-los de transexuais fetichistas (estes queriam se submeter a uma cirurgia de redesignação de gênero). Estes últimos demonstraram se sentir como mulheres quando nus e têm significativamente maior interesse sexual por homens do que os travestis marginais.

Buhrich e McConaghy (1979): Pode o fetichismo ocorrer entre transexuais?

Neste artigo, os autores revisam a literatura referente à relação entre transexualidade e travestismo e suas associações com o fetichismo. Atividades sexuais que incluem o excitar-se com roupas femininas é freqüentemente retratado em histórias de transexuais. Foram reportados 12 casos de homens que sustentavam sua identidade *cross-gender* e mostravam excitação com roupas femininas combinada com o desejo de realizar a cirurgia de redesignação de gênero. Os autores concluíram que categorias de diagnóstico alternativo ao travestismo para sujeitos que se travestem são inadequadas, pelo menos, para classificar alguns destes 12. Assim, restringir a definição de transexual, excluindo aqueles que apresentam fetichismo, é ainda considerado prematuro.

Bullough e Bullough (1997): São os travestis necessariamente heterossexuais?

Os autores pesquisaram 372 travestis e revisaram outros estudos extensos abrangendo mais de 700 travestis. Constatam que, embora a maioria pareça ser de fato heterossexual, em torno de 20% se interessaram sexualmente por homens e cerca de 25% tiveram experiências sexuais com homens, além disso, cerca de 40% ,quando usando roupas femininas, tiveram fantasias com homens.

Antropologia

Existem inúmeros trabalhos antropológicos a respeito de homens que se vestem e vivem como mulheres, geralmente abrangendo diversos países da Ásia (Índia, Indonésia, Tailândia, Filipinas) e tribos indígenas das Américas. De modo geral, eles demonstram que há em todas estas sociedades a presença de homens que se vestem, vivem como mulher e que esta categoria tem uma representação social. Conforme a cultura, estes sujeitos poderão ser objeto de algum desprezo, ou pelo

contrário, serem aceitos e integrados favoravelmente. Tanto em um como no outro caso, esta prática acaba sendo institucionalizada e aceita dentro de um sistema de regras. Entretanto, há uma imensa variação nas atitudes e recortes que ocorrem em cada cultura. Por outro lado, de modo geral, as descrições antropológicas parecem retratar o que denominaríamos de transexuais primários ou transexuais secundários ou ainda homossexuais efeminados. Limitaremos a citar apenas um trabalho para indicar o gênero de estudos que é feito neste campo.

Boellstorff Playing Back the Nation: Waria, Indonesian Transvestites (2004)³⁹

Embora se refira no título aos travestis, o autor acaba por descrever os *waria* como um fenômeno multifacetado sem que distinga, de fato, os *crossdressers* dos travestis profissionais, de *drag-queens* e de transexuais primários e secundários. O autor diferencia claramente a sexualidade homossexual daquela dos *waria*, mas relata um espectro de variações dentro do modo de ser *waria* que ora parece se referir aos transexuais, ora as *drag-queens* e aos travestis que se prostituem ou aos *crossdressers* (que podem estar em diversos estágios de integração da consciência de seu travestismo - ver mais acima teoria de Doctor).

Assim, o autor descreve *warias* como aqueles os quais acreditam que seu comportamento foi moldado pelo prazer de vestir roupas femininas e outros que, em sua alma feminina, determinou o desejo de se vestir como mulheres. Alguns *warias* descrevem-se como tendo uma feminilidade masculina, isto é, de serem essencialmente homens que têm um lado feminino. Além disso, varia-se muito entre os *warias* o desejo de se submeter à cirurgia de redesignação de gênero, sendo que alguns jamais aventam esta idéia e outros chegam a realizá-la de fato.

Também há uma grande diversidade de atitudes perante a possibilidade de assumir a vida de *waria*. Alguns casam e têm filhos, vivendo escondidos seu lado

³⁹ http://web.hku.hk/~sjwinter/TransgenderASIA/paper_waria_national_transvestites.pdf.

travéstico, enquanto outros são tolerados pelas esposas e outros ainda, são solteiros ou têm amantes ou chegam a se casar com maridos homens. Embora no caso específico da sociedade Indonésia, haja também a influência dos modelos ocidentais, prevalecem ainda formas nativas de interpretar o fenômeno, o mesmo ocorre em geral com outras comunidades.

Sociologia

As pesquisas sociológicas são, em sua maioria, ou direcionadas a questões sobre saúde pública, ou a aspectos político-ideológicos da construção da identidade e representação no campo da sexualidade.

Larissa Pelúcio: Sexualidade (2005) ***Na noite nem todos os gatos são pardos***

Este é um dos poucos artigos a abordar os travestis na prostituição. A pesquisadora realizou uma pesquisa participativa convivendo na noite com travestis em diversas cidades do estado de SP e na capital. Sua ênfase é na descrição do percurso de construção da persona travesti e a ideologia e sonhos desta população. Após descrever detalhadamente a linguagem e jargão utilizados, relatar vinhetas de cenas e diálogos de rua e entrevistar dezenas de travestis conclui que a maioria se prostitui por falta de opção, que no mundo travesti o desejo maior é encontrar um homem-marido com o qual possa reproduzir os modelos heterossexuais de gênero e que, no imaginário do travesti que se prostitui um verdadeiro homem é aquele que é ativo, os passivos seriam "mariconas". Eles não se questionam porque um homem verdadeiro preferiria um travesti a uma verdadeira mulher. A maioria sente nojo de fazer o papel ativo com os clientes, mas o faz por falta de opção. Por fim, a autora mostra que ao contrário dos mitos correntes, os travestis que se prostituem não se caracterizam majoritariamente por personalidade anti-social e perigosa, sendo

capazes de formar vínculos de se apaixonarem e serem solidários, apesar da ferrenha defesa dos territórios de atuação nas ruas.

Larissa Pelúcio (2005 b)

Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers à construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis.

Esse artigo é um dos poucos a discutir a identidade dos *t-lovers*, isto é, de homens que se relacionam sexualmente com travestis. Seu método de pesquisa baseou-se na etnografia clássica e na Internet como instrumento de aproximação e investigação. Trabalhou com entrevistas em profundidade, questionários, anotações do diário de campo entre outros. A autora relata a constituição da nomenclatura T-gatas ao invés de travestis e *T-lovers* para designar os homens que buscam travestis.

"Quando as travestis deixaram de ser assim nomeadas para serem t-gatas? O termo travesti está estreitamente vinculado à prostituição, soando, em alguns ambientes, quase como uma redundância se falar em travestis que se prostituem. Além disso, o uso do artigo feminino precedendo a palavra travesti é recente e, ainda, muito restrito, não sendo usado nem mesmo entre o grupo, com exceção das travestis engajadas nos movimentos sociais. Prostituição e a vinculação com uma figura masculina são dois elementos cercados de questões morais que pesam sobre a palavra travesti. Enquanto o termo t-gata pede o artigo feminino, e traz o valor positivo da gíria "gata", usada inicialmente por jovens das classes médias urbanas, para se falar de mulheres bonitas. Renomear as travestis, é assim, mais do que reavaliar a relação que esses homens têm com elas, mas se desassocia de uma identidade cercada de estigmas".

De resto, a autora enfoca o esforço dos *t-lovers* em preservar sua identidade de homens viris e afastar de si a pecha de homossexualidade. Entretanto, a autora não explora nem investiga a sexualidade dos *t-lovers* e o que os atrai nos travestis.

Vern L. Bullough (1974): Travestis na Idade Média

O autor descreve o fenômeno do *crossdressing* como sendo preponderantemente feminino durante a Idade Média, na medida em que se tratava de mulheres que, para participarem de atividades masculinas (na guerra, em fugas, em conspirações, etc.), tinham de se disfarçar de homens. Também havia relatos de santas que se travestiam de homens para realizar certas missões. O autor especula que as mulheres, nestes casos, só tinham a ganhar, pois o status masculino era superior e uma mulher flagrada nesta situação apenas estava tentando realizar alguma tarefa de cunho prestigioso e masculino, não havendo nenhuma conotação erótica ou vinculação com um desejo de trocar de sexo, daí a tolerância social a esta prática. Quanto aos homens, embora não haja relatos detalhados e recorrentes de homens se vestindo e vivendo como mulheres, as poucas menções históricas mostram que usar roupas femininas era degradante e estava vinculado a algo erótico e perverso, sendo logo reprimido.

Medicina⁴⁰

Fagan PJ; Wise TN; Derogatis LR; Schmidt CW (1988) ***Travestis angustiados: características psicométricas.***

Vinte e um travestis que procuraram ajuda psicoterápica foram avaliados segundo o *Derogatis Sexual Functioning Inventory (DSFI)* e *Brief Symptom Inventory (BSI)* e comparados com 45 maridos heterossexuais. O grupo de travestis era significativamente mais perturbado na maioria das dimensões do BSI. Tinha uma

⁴⁰ Textos médicos e manuais de psiquiatria.

imagem de corpo mais negativa, uma percepção de papel sexual mais feminina e menos experiências sexuais que o grupo de comparação. Os travestis sem experiências homossexuais tinham menos disforia de gênero, mas mais perturbações do eixo I. Aqueles com experiências homossexuais recentes começaram a se travestir mais cedo na vida.

TN Wise, C. Dupkin e JK. Meyer
Parceiros de travestis transtornados (1988).

Os autores estudaram parceiras de 18 maridos travestis que buscaram ajuda psicoterápica. Todas eram masoquistas morais e toleravam o comportamento autocentrado e obsessivo-compulsivo dos maridos. Muitas tinham tido experiências de perdas múltiplas e eram carentes de pais afetivamente mais supridores e equilibrados buscando nos parceiros travestis uma suplência para suas necessidades de dependência. Elas sacrificavam sua auto-estima e desejo de estabelecer vínculos afetivos mais correspondidos.

Richard Schott (1988)
Infância e dinâmica familiar dos travestis.

O autor estudou relatos de experiências infantis de 85 homens *crossdressers* obtidos a partir de revistas para travestis. Nesta amostra, havia uma maior percentagem de filhos únicos e primogênitos do que a média nacional e a relação com as mães era mais próxima do que com os pais. Foram classificados como travestis marginais ou nucleares e parecia haver uma correlação entre estas duas classes, a qualidade e o nível de proximidade com a mãe, bem como fatores ligados ao *crossdressing* e à orientação sexual. *Crossdressers* não assumidos são dois terços da amostra e os assumidos contavam com apoio explícito de membros femininos de suas famílias. Ambos os grupos mostravam padrões de constelação familiar e relações parentais bem diversos. A partir da teoria de relações objetais e teoria dos sistemas são propostos alguns modelos de entendimento.

Buhrich e Theile A Yaw e A. Crawford (1979) Testosterona plasmático, nível sorológico de FHS e de Lh em travestis

Após investigar 26 sujeitos de um clube de travestis heterossexuais, os autores concluem que não havia diferença significativa nos níveis sorológicos investigados entre os travestis e os homens heterossexuais "normais".

Não foi possível encontrar na literatura estudos de neuro-imagens comparando travestis com outras populações, embora existam tais estudos para os homossexuais.

Dra. Adriana Portas, Lic. Patricia Lang - Abordagem ao Travestismo e o Transexualismo na Sociedade Atual⁴¹

Este artigo busca uma aproximação científica entre o transexualismo e o travestismo a partir da recopilação bibliográfica das definições médicas e observações clínicas.

As autoras apresentam as classificações clássicas sobre o tema. Partem de Benjamin (1966)⁴², que afirma ser o transexualismo o caso mais extremo de transtorno sexual e que seu início se dá por meio do travestismo. Para ele, durante o desenvolvimento do indivíduo ocorreria um contínuo que vai passando de um tipo ao outro na medida em que a identidade sexual se vai consolidando.

Para estas autoras, o travestismo/transexualismo pode ser classificado em:

1. Pseudo-travesti: aquele que adota a identidade do outro somente ocasionalmente;
2. Travestismo fetichista: o indivíduo adota os hábitos do outro sexo de forma freqüente e não passa por muitos conflitos;
3. Travestismo verdadeiro: veste as roupas do outro sexo todas as vezes que tem oportunidade. Sua identidade sexual é a de seu próprio sexo ainda que sua convicção desta seja menor do que nos dois tipos acima descritos;

⁴¹ <http://www.aap.org.ar/publicaciones/forense/forense-5/tema-12.htm> .

⁴² Benjamin, H. (1966) The Transsexual Phenomenon. New York: Julian Press.

4. Transexual verdadeiro de escassa identidade: veste-se freqüentemente com roupas do outro sexo, mas não quer mudar sua identidade devido esta ser ainda incerta;
5. Transexual verdadeiro de intensidade moderada: vive como o sexo oposto sempre que possível e sua identidade sexual é igual à dele;
6. Transexual verdadeiro de grande intensidade: é aquele que vive habitualmente como o sexo oposto, sua identidade sexual é a deste sexo e ele procura, por todos os meios adequar-se socialmente.

Quanto aos aspectos clínicos, as autoras destacam que no travestismo o indivíduo com o fim de vestir-se com roupas do outro sexo, pode colecioná-las para usar em diferentes ocasiões. Habitualmente, masturba-se e imagina ser ao mesmo tempo o sujeito masculino e o feminino de sua fantasia. Em alguns casos, pode vestir roupas femininas sob suas vestimentas masculinas e outros se vestem, além de se maquiar. Quando o sujeito não está travestido, sua aparência é totalmente masculina.

No caso do travesti não fetichista, envolve-se extensamente na sub-cultura travéstica: não somente se veste de mulher como também desenvolve suas atividades profissionais com roupas femininas. Assume a identidade travéstica e quer ser diferenciado do homossexual. Em geral, desenvolve-se nos meios artísticos.

Nos casos de travestismo fetichista, a preferência básica é pela heterossexualidade, mas em algumas ocasiões descrevem atos homossexuais. Este transtorno tem início na infância ou no princípio da adolescência. A experiência inicial é parcial e vai progredindo até a montagem completa. O ato de vestir-se pode se transformar em um objeto erótico usado para a masturbação e depois para as relações sexuais.

Para alguns autores, patologias como a depressão e os transtornos de personalidade se associam a estas categorias e mostram que ao travestir-se o indivíduo diminui a ansiedade e a depressão. Afirmam que, nestes casos, o

travestismo pode mudar ao longo do tempo, tornando-se ocasional de modo a desaparecer.

A prevalência do travestismo é desconhecida sendo que ele é mais freqüente em homens do que em mulheres. De fato, existe uma grande variedade de trabalhos que utiliza diferentes métodos de avaliação, emprega diferentes definições bem como estuda populações com características diferentes, dificultando assim a medição.

Nos casos de transexualismo, não existem estudos epidemiológicos recentes. Alguns trabalhos o descrevem como uma afecção predominantemente masculina em uma relação de 1/100.000 para o sexo masculino e de 1/400.000 para o sexo feminino.

O início destas atividades começaria na infância, geralmente entre os 2 e 4 anos, e somente um pequeno grupo desenvolveria na idade adulta os transtornos de identidade sexual. Outros, em etapas avançadas da adolescência e da vida adulta, sobretudo, quando tiveram antecedentes de transtornos da identidade sexual na infância, tendo orientação homo ou bissexual. O resto, afirma-se como heterossexual.

Nos homens adultos, existem duas evoluções diferentes: na primeira, os indivíduos continuam com o transtorno que tiveram no início da infância e nas primeiras etapas da adolescência; e na segunda, a identificação com o sexo oposto surge mais tarde.

Resumo das contribuições

- *Crossdressers* tendem a ter uma relação mais próxima com as mães e mais distante ou conflituosa com os pais.
- Em geral *crossdressers* tinham na infância mais interesses femininos do que a média dos meninos, mas menos do que os transexuais secundários.

- *Crossdressers* tendem a ter mais dificuldades psicológicas do que a média dos pacientes homens, mas menos do que os transexuais secundários.
- *Crossdresser* tem uma imagem de corpo mais perturbada do que a média dos homens, mas menos do que os transexuais secundários.
- Não parece haver diferenças hormonais e sorológicas entre homens adultos praticantes de *crossdressing* e não praticantes.
- A maioria dos *crossdressers* se define como heterossexual ainda que tenha fantasias homoeróticas.
- Cerca de 30 a 50% dos *crossdressers* já tiveram relações sexuais com homens.
- Nem todos os *crossdressers* são fetichistas e diversos transexuais secundários o são.
- Frequentemente, os *crossdressers*, em geral, constituem-se e transitam por quatro fases, indo eventualmente até uma quinta da qual retornam para uma das anteriores:
 - 1) Uma primeira experiência infantil de vestir-se com uma ou mais peças de roupa e ficar excitado, embora ainda sem capacidade sexual desenvolvida;
 - 2) Uma segunda fase que implica num *crossdressing* fetichista (na pré-adolescência) ou, mais raramente, um *crossdressing* infantil não-fetichista que seria preditivo de um futuro *crossdressing* adulto pouco fetichista e no qual importaria muito mais a identidade transgênero do que o prazer sexual;
 - 3) Uma terceira fase que abarcaria a progressiva libertação da supervisão parental, o uso público de roupas femininas e a paulatina formação de uma identidade transgênero, assumindo eventualmente um nome feminino (um rito de passagem para a identidade transgênero). Neste período poderiam ocorrer fantasias de ser mulher e /ou de manter

relações sexuais com homens. Nesta fase, muitas das auto-percepções são incompatíveis entre si.

4) Na quarta fase, estas dissonâncias cognitivas precisam encontrar uma resolução a qual pode ser de integrar a identidade transgênero de forma egossintônica e altamente valorizada pelo sujeito. Este seria o estágio final dos travestis propriamente ditos.

5) Outra possibilidade, não muito satisfatória, seria uma quinta fase adicional na qual ocorreria uma dissociação desta identidade transgênero. Nestes casos, a identidade transgênero pode se tornar mais forte, assumir o controle e o sujeito passa a levar uma vida como mulher em tempo integral, podendo eventualmente evoluir para tratamentos hormonais e cirurgia de redesignação de gênero. Teríamos, assim, os transexuais secundários.

- Em geral, as esposas e namoradas dos *crossdressers* embora possam tolerar e até participar das atividades dos maridos (comprando roupas, acompanhando-o a eventos, fazendo sexo com ele "montado"), relatam desconforto, temor de que o marido seja homossexual, eventualmente insegurança quanto ao amor, desejo do outro e carência de um homem mais másculo na cama.
- A maioria dos parceiros homens que busca ou aceita ficar com *crossdressers* tem, eles mesmos, algumas fantasias ou, de fato, também executam desejos de se travestir, embora se percebam como muito másculos e heterossexuais.
- Os estudos antropológicos partem de outros pressupostos, entram no registro discursivo de cada cultura e não visam a estabelecer correspondências com nossa concepção ocidental. Portanto, não dirimem a dúvida se o fenômeno *crossdresser*, tal como o vemos no Ocidente atual, de fato, não encontra correspondência em outras culturas ou se, em outras culturas, os sujeitos *crossdressers* são classificados e inseridos em

categorias nativas carregadas de significados místicos e designados a lugares específicos de cada sistema familiar local. Assim, por exemplo, um *crossdresser* heterossexual indonésio pode ser inserido (e se auto-inserir) na categoria de *waria*. Nesta situação, somente lhe restaria introjetar a visão social de que ele pertenceria à categoria de *waria* e que, como tal, ele teria uma alma de mulher, deveria viver como mulher e ter sexo com homens, ou seja, acabaria por moldar parte de sua subjetividade e comportamento por estes parâmetros.

Algo semelhante ocorria com os *crossdressers* ocidentais nos anos 50: se assumissem seus desejos, acabariam encaixados na categoria de homossexuais. Em parte, introjetavam esta visão embora, de fato não se sentissem desse modo ou eram considerados transexuais, o que também poderia não representar adequadamente seus sentimentos. Por outro lado, também é possível que o fenômeno *crossdresser* tal como se apresenta no Ocidente atual não seja um fato universal que em cada cultura encontra ou não, meios de expressão variadas. Talvez seja um fenômeno estritamente ligado às contingências de nossa sociedade. A esta questão não há como responder a partir dos estudos etnográficos e antropológicos, pois, até o momento, não há estudos transculturais enfocando especificamente a manifestação *crossdresser*, somente o travestismo em geral (sem diferenciar as importantes variantes psicodinâmicas, subjetivas e identitárias que não deveriam ser todas abrigadas sob o mesmo rótulo de travestismo). Também os relatos da Antiguidade e Idade Média, embora sugeriram que deva ter havido formas de *crossdressing* semelhantes às atuais, acabam por apresentar um *crossdressing* inserido nas categorias de representações da época. Por exemplo, em atividades festivas religiosas, em ritos de transição ou como algo atinente à categoria de xamãs, ou ainda, como atividade

permitida aos atores masculinos nas representações teatrais (quando vedadas às mulheres).

CAPÍTULO II

Aportes Psicanalíticos aos Estudos do *Crossdressing*

Conforme mencionado no capítulo I, poucas hipóteses psicanalíticas têm sido formuladas tanto no que diz respeito ao travestismo quanto ao *crossdressing*.

Eram raros os comentários de Freud sobre o tema. Como mencionado anteriormente, o termo aparece apenas uma vez em sua obra. Seguidores de Freud, Stekel (1922) e Gutheil (1922)⁴³, ocuparam-se um pouco mais do tema e propõem diferenciar os travestis dos fetichistas, descrevendo os travestis como casos de um transtorno obsessivo compulsivo no qual a pessoa se satisfaz em obter a aparência do sexo oposto. Enquanto o fetichista reconstruiria a cena primária infantil e se recolocaria numa posição infantil, o travesti estaria projetando para o futuro o desejo de se metamorfosear. Ambos os autores se baseiam em um caso de mulher e não trazem maiores exemplos de casos masculinos. Os autores também criticaram Hirschfeld por não dar destaque às causas psíquicas do travestismo e por ignorar a homossexualidade latente que estaria presente nestes pacientes.

Abraham (1910) também relata um caso de travestismo (masculino) e segue a trilha de Stekel decretando que o paciente teria desejos homossexuais, ignorando os protestos do mesmo como típicos de uma negativa que confirma o recalque. Propõe que a angústia de castração levaria a uma fuga criando uma mulher fálica imaginária com a qual o *crossdresser* se identificaria.

⁴³ Gutheil, Emil (1922) - "An Analysis of a Case of Tranvestism" in Stekel, Wilhelm (1922) - Sexual Aberration: The Phenomenon of Fetshism in Relation to Sex [1922] 1930.

Fenichel⁴⁴ acrescenta que a presença do falo na mulher aliviará o travesti assegurando-lhe que não há castração e Lukianowicz⁴⁵ sugere que o travesti buscaria substituir a mãe perante o pai e suplantá-la enquanto objeto de atração sexual para o pai.

Muitos analistas aderiram a estes modelos e os mantêm até hoje, provocando protestos nos atuais pacientes *crossdressers* que se sentem não escutados, não compreendidos quando resistem a estas interpretações e que são vistos pelos analistas como resistentes à análise e como homossexuais recalcados.

Robert Stoller

A seguir, serão apresentadas as idéias propostas por Robert Stoller e Joël Dor, bem como as idéias de uma autora que, embora, não trate diretamente deste tema, discute conceitos relevantes para nossa reflexão - Joyce McDougall.

Stoller, apesar de ter se dedicado mais a pacientes transexuais, também discute o travestismo e distingue sete grupos de travestismo em homens:

1) Travestismo fetichista:

Nestes casos, colocar roupas do sexo oposto produz excitação sexual que, geralmente, leva à masturbação e ao orgasmo. O autor ressalta que esta atividade é realizada primordialmente por indivíduos heterossexuais e a excitação sexual produzida pelas roupas gera dois estilos diferentes de comportamento: aqueles que se excitam com poucas peças do vestuário feminino e estes itens permanecem constantes por toda a vida; e outros que, apesar de começarem do mesmo modo, com o passar do tempo, ampliam o vestir-se para

⁴⁴ Fenichel, Otto (1930) - The Psychology of Transvestism - International Journal of Psychoanalysis 11 (1930).

⁴⁵ Lukianowicz, N, (1959) - Survey of Various Aspects of Transvestism in Light of our Present Knowledge - Journal of Nervous and Mental Disease 128 (1959).

vestimentas completas, ao qual se soma o desejo de sair às ruas e o prazer fetichista de se sentir mulher. Estes homens não são afeminados quando em seu papel masculino e a excitação se dá ao sentirem a existência do pênis embaixo da roupa e pelo pensamento de que estão enganando o mundo, no entanto, o maior prazer está no fato de revelar este segredo. Como isto pode ser perigoso, é comum realizarem este jogo somente com suas esposas ou com suas namoradas.

Quanto à etiologia, afirma que existiriam alguns fatores sugestivos. Na história destes homens, nos primeiros dois ou três anos lhes teria sido permitido desenvolver a masculinidade. Após o desenvolvimento inicial desta masculinidade, esta passaria a agir sobre a mãe como "agente provocador" e estimularia o desejo de vingança da mulher/mãe e o menino seria atacado na expressão de sua masculinidade. Geralmente, ele teria sido vestido com roupas femininas. Esta seria sua primeira experiência de travestismo.

O travestismo típico seria, portanto, uma reação do menino a um ataque feito por uma mulher invejosa (vesti-lo de mulher), apesar de este não ser o único evento traumático. Experiências traumáticas ocorreriam, geralmente, entre os três e cinco anos e seriam vividas como uma humilhação.

Outra causa poderia dever-se a uma ruptura com o pai passivo ou, pelo contrário, com o pai rígido, poderoso, inatingível, colérico. Porém, na prática, quando se conhece o pai, este se mostraria passivo e amedrontado, ou seja, seria na verdade um pai com uma fachada pseudo-masculina primitiva. Estes pais teriam raros momentos de ternura com os filhos os quais ansiariam por ele (pai), começariam a amá-lo desesperadamente, com um toque quase sexual, formando um

estado erotizado de tensão e frustração. Este seria um mecanismo homossexual do travesti fetichista.

2) Transexualismo:

No transexualismo, o travestismo também ocorreria, mas de modo diferente. O transexual:

- não tem prazer sexual na roupa;
- não alterna períodos de masculinidade e feminilidade;
- não é *afeminado*, sim, *feminino*;
- não tem na infância períodos de masculinidade, pois desde o início é menina;
- não consegue manter relações sexuais com parceiros do sexo oposto;
- prefere homens masculinos puros;
- somente aceita parceiros que não se interessem pelo seu pênis; raramente tem orgasmos e, quando os tem, a fantasia é de que este está ocorrendo na vagina;
- o desejo pela mudança de sexo nunca diminui;
- existe uma tentativa fundamental de estabelecer e manter uma identidade de gênero.

3) Homossexualidade Efeminada:

Na homossexualidade efeminada, o interesse pela vestimenta feminina seria intermitente a duração curta e não provocaria excitação genital. Seriam indivíduos afeminados e não femininos, homossexuais confessos e, embora se identifiquem com a mulher, ao mesmo tempo, sentiriam raiva e ódio dela.

4) Psicóticos Patentes, Incertos e Latentes:

O quadro travéstico nos psicóticos seria caótico, diferentemente dos transexuais, que são possuídos por uma identidade coerente. Schreber seria um bom exemplo desta categoria. Alguns psicóticos têm alucinações e problemas com sua anatomia, no entanto, em geral, são alucinações doloridas e não egossintônicas.

5) Grupos Mistos:

Neste segmento, estariam os indivíduos que possuem dois ou mais atributos dos grupos acima. Por exemplo: um forte fetiche associado a um desejo de transformação sexual ou um homossexual que faz programas, mas pode se travestir e passar por uma mulher bonita sem desejar ser uma, ou ainda, casos em que existe uma forte mistura de tendências fetichistas, homossexuais, heterossexuais e transexuais - todas ao mesmo tempo, etc.

6) Travestismo Biologicamente Induzido:

Grupo heterogêneo no qual forças biológicas são sentidas como causadoras do travestismo sem levar em conta as experiências da infância e a estrutura de caráter produzida pelo ambiente. As causas podem ser: hipogonadismo congênito, doenças do lobo temporal, etc.

7) Travestismo Casual:

É aquele que, como o próprio nome diz, é transitório casual e não ocorre patologia posterior. Por exemplo, homens que se divertem no carnaval, fantasiados grotescamente como mulheres.

Outro ponto a destacar na teoria de Stoller diz respeito aos três componentes da identidade de gênero por ele apontados. Para ele, o

núcleo da identidade de gênero é imutável, constituída desde o nascimento e possui três componentes: a anatomia externa, as relações parentais com a criança e as forças biológicas em ação.

Assim, o conjunto da percepção da própria anatomia (percepções visual, tátil, cinestésica, proprioceptiva, etc.), as características eróticas das relações pais-filhos acrescidas do polêmico e vago conceito de força biológica que direcionaria a feminilidade ou masculinidade, comporiam este núcleo imutável da identidade de gênero. Nos travestis fetichistas, este núcleo lhes garantiria uma estável identidade masculina.

Joyce McDougall

Outra autora cujos aportes são relevantes para a discussão do *crossdressing* é Joyce McDougall. Embora não trate diretamente deste tema, ela discute conceitos que se referem essencialmente às questões em pauta no *crossdressing*.

Para a autora, após perceberem a alteridade, as crianças fazem uma descoberta traumática: a da diferença entre os sexos a qual ocorreria bem antes da fase edípica. Ela argumenta que, mesmo antes do processo edípico, o fato da diferença em si mesma já despertaria angústia. Com o advento da crise edípica, a criança se vê, então, forçada a chegar a um acordo entre o desejo de encarnar os dois sexos e ter que aceitar a monossexualidade. Faz parte deste acordo encontrar modos de compensar esta renúncia aos anseios bissexuais, modos estes que se apresentam como criatividade ou desvios sexuais. Também McDougall adota o modelo Stolleriano de "gênero sexual" o qual fixaria representações mentais criadas "pelas injunções do inconsciente biparental" e pelo ambiente sócio-cultural dos pais.

Além do luto pelo destino monossexual, outros dois conceitos relevantes em sua teorização são: os de neo-sexualidade e sexualidades aditivas. McDougall, ao tratar da sexualidade, prefere não adotar o termo perversão devido sua conotação de malignidade. Designa de heterossexualidades desviantes e homossexualidades

desviantes às formas que alguns sujeitos encontram para lidar com a angústia da monossexualidade e da castração que se caracterizam, freqüentemente, por um sentido de "premência e compulsividade, dando a impressão que suas vidas sexuais cumprem o papel de adicção". Às heterossexualidades e homossexualidades desviantes, a autora acrescenta as sexualidades auto-eróticas, tais como: práticas sadomasoquistas solitárias, fetichismo e travestismo, atividades que seriam formas desviantes da masturbação, nas quais a fantasia não seria suficiente, sendo necessários pôr em ação dramas eróticos condensados.

Também afirma que a observação clínica lhe mostrou que a criança a qual desenvolve um comportamento sexualmente desviante na vida adulta cria, na infância, um teatro erótico como tentativa de cura de si mesma, quando se defronta com uma angústia de castração esmagadora. Esta angústia é resultante dos conflitos edipianos e da necessidade de entrar em acordo com a imagem introjetada de um corpo frágil e mutilado.

"Assim, elas se protegem interiormente contra um aterrorizante sentimento de morte libidinal interior. Essas medidas de proteção freqüentemente dão origem ao medo da perda de representação corporal como um todo e, com esta, à terrificante perda de um sentimento coesivo de identidade egóica"⁴⁶.

Quanto à origem das sexualidades aditivas, McDougall pontua que a mãe pode instilar em seu bebê um relacionamento adictivo com sua presença, suas funções e cuidados. Deste modo, é possível que a criança não consiga estabelecer uma representação interna da figura materna (e, mais tarde, a paterna). Isto pode prejudicar no futuro "as funções que incluem a capacidade para conter e lidar com a dor psicológica ou com estados de superexcitação. Incapaz de identificar-se com esta representação interna, a criança fica incapaz de tranquilizar a si mesma e de se cuidar em ocasiões de tensão interna ou externa". As drogas, a comida, o fumo, etc. são descobertos e usados para atenuar estados mentais dolorosos os quais devem

⁴⁶ McDougall, Joyce (1995) - As Múltiplas Faces de Eros - Martins Fontes, 1997 p.195.

preencher uma função materna que o indivíduo não tem capacidade de prover a si mesmo. Os objetos adictivos tomam o lugar dos objetos transicionais da infância "os quais corporificavam o ambiente materno e, ao mesmo tempo, liberavam a criança da dependência total da presença da mãe". No entanto, os objetos adictivos sempre falham uma vez que são tentativas somáticas que tentam preencher uma falta psicológica, proporcionando assim alívio apenas temporário⁴⁷.

Joël Dor

Passemos a abordar agora formulações daquele que podemos considerar o autor que mais claramente sistematizou a posição teórica de que o travestismo seria uma perversão. Estamos nos referindo a Joël Dor, especificamente, a seu livro *Clínica Psicanalítica*, capítulo 9 - "A Servidão Estética do Travesti".

Joël Dor inicia sua argumentação ressaltando que "faltam observações consagradas do 'desvelamento' da aptidão do travestismo na adolescência". Destaca também as confusões semiológicas e clínicas entre o travestismo e o transexualismo masculino. Sua tese central gira em torno do plano da servidão especular e corporal do travesti, ou seja, de particularidades psíquicas em relação às imposições estéticas próprias do travestismo.

O autor prossegue destacando que no travestismo existe uma bissexualidade precocemente integrada na adolescência, contudo, ela ocorre de forma marginal, o que permitiria "sustentar a recusa da castração, como em todos os perversos".

Joël Dor também assume a distinção tipológica de Rosolato (1969) em três grupos:

"1º) Os travestis heterossexuais nos quais o exercício dessa perversão limita-se essencialmente ao campo da relação sexual propriamente dita. Nesse sentido, esta conduta apresenta um certo número de pontos em comum com o fetichismo".

⁴⁷ McDougall, Joyce (1995) - *As Múltiplas Faces de Eros* - Martins Fontes, 1997, p.201-202.

"2º) Os travestis exibicionistas, que desenvolvem prioritariamente seus investimentos perversos no registro do espetáculo e da atuação. Daí, a importância essencial da função de desvelamento, pois é, sobretudo a identificação com a mãe fálica que irá, aqui, governar o gozo".

"3º) Enfim, os travestis homossexuais, que são freqüentemente associados à prostituição masculina. É nesta última categoria que devemos classificar os "falsos transexuais", ou seja, os travestis transformados genitalmente em mulheres pela cirurgia para facilitar o comércio na prostituição. Nesta perspectiva, a sedução predomina, sobretudo, como paródia da sedução feminina.

"Existe, entretanto, uma particularidade que me foi confirmada pela maioria dos travestis prostituídos com os quais pude ter contato: no clímax de seus jogos emocionais, eles jamais perdem a ocasião de lembrar a seus "clientes" o estado antecedente de sua anatomia sexual. Eis o auge de seu gozo, o instante da revelação, quando o travesti desvenda o que tem de mais precioso e através do que ele consegue seduzir seu parceiro". (Joel Dor, 1994 pp. 94-95)

Em seguida, após apresentar brevemente a teoria lacaniana a respeito da perversão como uma *Verleugnung* da ausência de pênis na mãe, Dor aborda a questão do fetichismo em geral. O fetichista, ao estar recusando a atribuição fálica do pai e mantendo subjetivamente esta atribuição à mãe (e a mulher), pelo investimento no objeto fetiche, consegue escapar da homossexualidade.

"O travesti irá levar ainda mais longe a recusa dessa atribuição fálica. Ele irá constituir-se, ele mesmo, em uma representação fantasmática do que a mãe (e a mulher) deve ter. Contrariamente ao que poderíamos imediatamente pensar, o travesti não está identificado com a mãe ou com a mulher. Ele se vale do véu atrás do qual tende a se representar, não como uma mulher, mas como o falo que ela deveria ter. Toda a questão do gozo opera-se, aliás, para ele, neste desvelamento. É o próprio elemento de sua excitação sexual, que assume com o órgão anatômico que é o seu. Em caso algum, poderia prescindir da presença desse órgão, pois seu gozo está adequado à sua colocação em cena na realidade".

"Sob vários pontos de vista, a identidade sexual do travesti sustenta-se somente, portanto, através do olhar do outro, convocado com a garantia ternária da atribuição fálica.. Esta estratégia vale ainda mais à medida que a atribuição fálica é assim recusada nos seus últimos limites, isto é, ao preço da mascarada e da enganação quanto à identidade sexual feminina. É assim que a dimensão estética é inevitavelmente trazida para o centro da cena no travesti, até o ponto em que ele termina por torturar-se em uma servidão implacável". (Joel Dor, 1994 p. 96)

Em seguida, cita Baudrillard:

"O encanto que eles exercem sobre si próprios vem da vacilação sexual e não, como é costume pensar, da atração de um sexo sobre o outro". (J. Baudrillard, de la Séduction, Paris, Folio-Denoël, 1988, p. 25)

"Para que haja sexo, é preciso que os signos dupliquem o ser biológico. Aqui os signos se separam, não há mais, então, sexo propriamente dito, e os travestis são apaixonados é pelo jogo de signos; o que os encanta é seduzir os próprios signos. Tudo, para os travestis, é maquiagem teatro, sedução. Parecem obcecados pelo jogo do sexo, mas o são, em princípio, pelo jogo, e se a vida deles parece mais investida sexualmente que a nossa, é porque fazem do sexo um jogo total, gestual, sensual, ritual, uma invocação exaltada, mas irônica". (J. Baudrillard, De la séduction, Paris, Folio-Denoël, 1988, p. 26)

E, destacando o papel da sedução no travesti :

"Uma mulher/não mulher que se movimenta entre os signos está mais apta a ir ao fim da sedução do que uma verdadeira mulher, já justificada por seu sexo. Somente ela pode exercer uma fascinação pura, porque mais sedutora que sexual". (Joel Dor, 1994 p. 97)

Joël Dor ressalta que o travesti estaria sempre a acentuar o fato "de que a feminilidade reduz-se somente aos signos com os quais os homens se revestem". Segundo o autor, em nome desta paródia do feminino, o travesti "se condenaria a ser escravo da estética feminina" e esta paródia feminina se sustenta sobre uma lógica psíquica própria do travestismo. Segundo esta lógica, o travestismo teria uma função de defesa frente à angústia de castração ativada pela percepção da diferença entre os sexos (ausência do pênis na mãe). Travestir-se seria uma forma de metaforizar a recusa desta ausência. Haveria uma clivagem análoga àquela descrita por Freud no

texto "O Fetichismo" e marcaria uma contradição entre o corpo que possui pênis e o disfarce feminino.

Entre diversos pontos em comum, o travesti e o fetichista teriam relação *"imaginariamente alienante com o pai idealizado, de fálicas se esforçam em se apropriar, na falta de poder reconhecê-las em si mesmo"*. O travesti se apresenta tal como a mãe deveria ser. Entretanto, o autor destaca que uma vez a mulher verdadeiramente castrada, tenha sido posta a distância, continua a ser um objeto de desejo sexual possível, devido à utilização dos artifícios travésticos. Isto justificaria porque um bom número de travestis mantém relações sexuais com mulheres de maneira análoga aos homens.

Joël Dor distingue duas séries de fenômenos. A primeira designa de imposições especulares e a segunda, de imposições estéticas locais/imposições corporais. A primeira refere-se à servidão do travesti, à sua própria representação confrontada ao seu olhar no qual ele se seduz, fascina a si próprio na qualidade de mulher. Operariam aqui elementos do estágio do espelho. O autor se pergunta se "é um caso que a assunção imaginária da identidade de um outro sexo só pode se efetuar na ausência de todo olhar terceiro?" Ele deixa a resposta em aberto, mas sugere que o fato de alguns travestis recusarem relações sexuais com parceiros masculinos frente a um espelho, talvez se deva ao fato do olhar do parceiro masculino no espelho levar à queda instantânea da "mascarada feminina" a qual é montada com grande ajuda do imaginário do travesti, em face de este mesmo espelho.

Quanto às imposições estéticas locais, a "necessidade de iludir tem força de lei". Estas imposições referem-se para Joël Dor os manejos e dispositivos da transformação travéstica, por exemplo: depilação, uso de hormônios, maquiagem, lingerie, etc. Neste quesito, Joël Dor ressalta os aspectos impositivos e, por vezes, torturantes do "empreendimento da paródia de adesão à feminilidade".

Como se nota, a tese central de Joël Dor é a de que o travestismo é uma perversão cuja recusa da castração se manifesta pela recusa da atribuição fálica do pai e desemboca em assumir ele próprio a representação fantasmática do que a mãe deveria ter. Essencial nesta idéia é a noção de que o travesti, ao contrário de se identificar com a mãe ou com a mulher, usa da máscara feminina para se representar como o falo que acredita a mulher deveria ter. Dentro da lógica perversa, naturalmente, o gozo se comporia do desvelamento de seu pênis, invariavelmente, colocado em cena. Ainda faz parte deste eixo central a idéia de que é necessária uma garantia ternária da atribuição fálica pelo olhar do outro. Daí, a dimensão que se traduziria em uma servidão implacável às imposições estéticas para sustentar tanto o olhar do outro quanto o olhar especular do próprio sujeito.

CAPÍTULO III

Retrato Falado

*Ai, se mamãe me pega agora
De anágua e de combinação
Será que ela me leva embora
Ou não*

*Será que vai ficar sentida
Será que vai me dar razão
Chorar sua vida vivida
Em vão*

*Será que faz mil caras feias
Será que vai passar carão
Será que calça as minhas meias
E sai deslizando
Pelo salão*

*Eu quero que mamãe me veja
Pintando a boca em coração
Será que vai morrer de inveja
Ou não*

*Ai, se papai me pega agora
Abrindo o último botão
Será que ele me leva embora
Ou não*

*Será que fica enfurecido
Será que vai me dar razão
Chorar o seu tempo vivido
Em vão*

*Será que ele me trata a tapa
E me sapeca um pescoço
Ou abre um cabaré na Lapa
E aí me contrata
Como atração*

*Será que me põe de castigo
Será que ele me estende a mão
Será que o pai dança comigo
Ou não*

Ai, se eles me pegam agora
Música de Chico Buarque/1977-1978

Conforme já mencionado, no presente capítulo trata-se de fazer um relato do cotidiano *crossdresser* visando a familiarizar o leitor com o tema antes de rediscutir as teorias existentes. Os relatos do presente capítulo provêm da convivência social real e virtual com associados do "Brazilian *Crossdresser* Club" (BCC), de pesquisas em *sites* e revistas dirigidas a este público, bem como de entrevistas e sessões de análise.

A maioria dos *crossdressers* é composta por homens casados. Quando no papel masculino, por eles denominado de "sapo", não apresentam trejeitos afeminados e quando "montados" embora suavizem os gestos e voz, não se apresentam como uma mulher afetada ou como um homem efeminado, ou ainda como uma caricatura. Além disso, também fazem questão de não serem confundidos com travestis (termo que lhes designa profissionais do sexo). Segundo este grupo, o termo travesti, além da conotação pejorativa que carrega, refere-se a homens que passam o tempo todo vestidos com roupas femininas, geralmente se prostituem, além de utilizarem mais recursos feminilizantes, tais como: hormônios, próteses de silicone, plásticas corretivas e não transitarem cotidianamente entre os papéis masculino e o feminino tal como acontece com os *crossdressers*.

Ao entrar no *site* do *Brazilian Crossdressers Club* (BCC)⁴⁸ e passar os olhos pelas autobiografias das associadas é fácil perceber algumas semelhanças entre eles. O desejo pelas roupas do sexo oposto, na grande maioria dos casos, aparece bem cedo, geralmente, entre os três e os sete anos, e uma boa parte relata que a primeira vez na qual vestiu roupas femininas foi em alguma brincadeira com primos ou ainda quando encontrava roupas íntimas da mãe, das irmãs ou de parentes quando as secavam no banheiro.

"Senti meu lado feminino aflorar desde pequenina, quando adorava usar as roupinhas da minha mãe e irmãs. Era uma sensação inexplicavelmente maravilhosa". Carla

⁴⁸ <http://www.bccclub.com.br> .

"Eu não me lembro bem ao certo de quando comecei a me vestir, mas a sensação a gente nunca esquece. Foi uma delícia sentir a roupa da minha Mãe em meu pequeno corpinho." (Clarissa, trecho da biografia publicada no site do BCC)

"...logo que tinha oportunidade trancava-me no quarto e atacava o guarda-roupa de minhas irmãs, adorava vestir suas calcinhas, sapatos, sandálias, vestidos, saias enfim todas aquelas peças íntimas que fazem a nossa glória, sentia-me linda e maravilhosa." (Érica - trecho da biografia publicada no site do BCC)

"Não tenho certeza quanto à minha idade, talvez 4 ou 5 aninhos. Do lugar a lembrança é clara: a casa de minha avó. Adorava vestir-me com suas roupas escondida no grande armário embutido de seu apartamento. Esta é uma lembrança muito clara para mim." (Roberta 49 anos, artista plástica - trecho da biografia publicada no site do BCC).

..."aos seis anos de idade vesti uma calcinha da vizinha que havia caído na varanda do apartamento onde morava. A sensação, embora inocente, que tive naquele momento guarda até hoje na lembrança. Mais tarde passei a vestir calcinhas da minha irmã e quando ficava sozinha em casa usava vestidinhos dela e batons e brincos de pressão da minha mãe. Usar roupas femininas é para mim algo de muito prazer, principalmente de lycra e stretch. Amo usar calcinha e sutiã, mini-saia, shortinhos, vestidos etc. Descobri em 2000 o termo Crossdresser e vi que não estava sozinha neste mundo passando a visitas as páginas da Betinha e da Maite, que foram muito esclarecedoras para mim, e até hoje são." (Fabiana 53 anos, trecho da biografia publicada no site do BCC)

"Comecei meu crossdressing muito nova. Para falar a verdade nem me lembro quantos anos tinha quando usei as primeiras peças femininas de minha mãe. Acredito que com uns quatro ou cinco anos. Mas me lembro muito bem que todos os sábados quando meus pais iam a feira na parte da manhã, portanto ficando sozinha em casa, eu corria para o quarto deles para poder me vestir com as roupas da minha mãe. Naquela época lembro que muitas ficavam grandes, inclusive seus sapatos, pois eu era muito novinha ainda". Camila

Por estes relatos, pode-se perceber a existência de certa excitação associada ao vestir roupas femininas, que se não é plenamente genital redundando em masturbação (o que geralmente ocorre na pré-adolescência e puberdade), parece

ser erótica. É importante destacar que o futuro *crossdresser* geralmente, não é um menino mais delicado com vontade de ser mulher. Apesar do desejo de vestir-se com roupas da irmã, da mãe, das primas ou de quaisquer outras que estejam à mão, no início, este desejo aparece ainda de modo difuso e nada o impede de praticar atividades masculinas como jogar futebol, brincar de soldado entre outras que fazem parte do cotidiano dos meninos. Também a identidade de ser menino e o interesse em participar deste mundo parece em geral manter-se preservados. O *crossdressing* é algo que vai se instalando e integrando ao Eu com o tempo. Alguns relatam que quando aos quatro ou cinco anos ocorreu algo que possibilitou pela primeira vez a experiência de vestir-se com roupas femininas, houve prazer, mas eventualmente tal vivência não se repete tão cedo. Também nem sempre o prazer aparece na primeira vez, mas eventualmente esta primeira vez deixa uma marca que se adicionará posteriormente a situações da adolescência e da idade adulta. Poucos relatam ter tido apenas esta experiência tardiamente, isto é, na adolescência ou vida adulta.

"Todo meu encanto por me vestir de mulher começou quando minha prima uma vez brincando comigo...me vestiu de mulher...de cigana..mais precisamente...isso fico guardado na minha memória...aí com 18 anos...senti necessidade de relembrar aquele dia....e hoje com 25 anos...quero me montar quase todos os dias... Acabei de realizar um sonho...e me montar por inteira e fazer algumas fotos". (Trecho de biografia publicado no site do BCC)

Quando entram na adolescência, em geral, existe uma associação entre o vestir roupas femininas e a masturbação, mas não acompanhada de fantasias homoeróticas e, sim, estimuladas pela visão da linda mulher e pelas zonas erógenas eventualmente incluindo ânus e mamilos. Concomitantemente, surge na adolescência um genuíno interesse viril pelas meninas.

Com frequência, nesta fase, as atividades *crossdressers* coexistem sem interferir nos namoros e nas atividades masculinas e, por vezes, ainda não são muito percebidos como dissonantes do resto da persona masculina. É como se tratasse de

uma atividade privada, masturbatória e lúdica que em nada interfere e acarreta para o resto da vida do sujeito. Entretanto, todos ao final da infância já sabem que se trata de algo socialmente estranho e, após a adolescência, ocasionalmente percebem que pode se tratar de um sintoma de uma sexualidade perturbada ou perturbadora. Assim, mesmo ainda sem a plena consciência de tratar-se de um tema com o qual, queiram ou não, terão de se confrontar algum dia, em muitos casos, o *crossdressing* é conscientemente reprimido por longos períodos.

Ainda que a maioria ao entrar na fase de jovem adulto case-se e tenha filhos, leva muitas vezes uma vida que oscila entre novamente reprimir estes desejos (por pouco tempo ou por anos) ou assumir o desejo e, nesta confusão de sentimentos, em diversos casos, eventualmente, até se abre com a esposa.

"Depois que casei, comecei a usar as roupinhas da minha esposa, e aí então fiquei mais confusa ainda. Para mim eu estava fazendo algo que julgava anormal, mas depois de conversar bastante com minha esposa, nasceu a Adriana⁴⁹, mas até então muito confusa...." (Trecho tirado de uma biografia publicada no site do BCC)

Assim, apesar da tendência a tentar reprimir estes desejos durante os primeiros anos da vida matrimonial, em algum momento aparece uma "urge" (fissura) que o impele buscar repetir novamente a prazerosa, quase sublime experiência de vestir-se como mulher, comparada pelos próprios *crossdressers* ao alívio e consolo trazidos por uma droga. Tudo indica que se trata de uma compulsão que, geralmente, rebrota quando existe uma tensão psíquica. Neste sentido, também semelhante à fissura que ocorre nos drogadictos quando confrontados com exigências sociais elevadas, frustrações, etc.

Um grande número de *crossdressers* conta sobre as inúmeras vezes que abandonou sua prática, geralmente movido pela culpa, para algum tempo depois, devido à força do impulso, retomá-la. Eles chegavam a ponto de doar todo seu

⁴⁹ Nome de sua identidade travéstica.

guarda-roupa feminino, ou mesmo, jogá-lo todo fora para depois recomprar todos os objetos: lingerie, sapatos, perucas, maquiagem e etc.

"Minha vida sempre foi cheia de idas e vindas, ou seja, por períodos assumia e em outros reprimia minha vontade." Cíntia

*"Uma vez joguei todas as minhas roupas em um terreno baldio".
Fabiana, 53 anos*

"Quando passo por ruas onde os travestis fazem ponto, vejo muitas das roupas que foram minhas e que doei algum dia para eles. E olha que isso não aconteceu somente uma vez. Foram pelo menos três." Roberta, 49 anos

Mas, geralmente a urge ressurge e é impossível não se "montar".

"Depois de algumas idas e vindas de distribuir todas as minhas coisas para depois recomprá-las, descobri que não existe ex crossdresser". Roberta, 49 anos

Nesta fase de luta contra a tendência ao *crossdressing* (que, às vezes, já se inicia na adolescência e pode prolongar-se por toda a vida) pode surgir a percepção de uma contradição psíquica entre o comportamento *crossdresser* e sua identidade de homem durante atividades sociais e sexuais masculinas, o que promove certa angústia no que diz respeito à identidade sexual e, por consequência, em relação à própria identidade. Aparece então com mais consistência a dúvida sobre sua orientação sexual, não mais como um devaneio eventual, mas como uma pergunta que insiste a perturbá-lo. O indivíduo começa a se indagar se ele não seria doente, homossexual, transexual, ou mesmo, uma aberração única. Em paralelo à tendência para o *crossdressing*, em geral, prossegue uma atração sexual por mulheres a qual é sentida tanto de um modo masculino e heterossexual, quanto de um modo especificamente *crossdresser*, que implica se imaginar no lugar da própria mulher com a qual estão tendo sexo. Aliás, por vezes, mesmo travestidos sentem atração por mulheres:

Zara, 43 anos, na sua forma de "sapo" é médico, professor universitário, solteiro. Quando vestido de mulher diz: *"Como homem sou heterossexual e como mulher sou lésbica."*

Outros relatam serem sempre heterossexuais, pois como homens desejariam mulheres e quando vestidos de mulher, desejariam homens.

Conforme vão em busca de respostas, ao se depararem com a Internet, apesar, de a angústia não desaparecer, sobrevém-lhes um alívio pela descoberta da existência de outros iguais.

"...eu queria que você soubesse que, antes de ler a reportagem⁵⁰ eu me achava perdida, na minha identidade e na definição dos meus sentimentos. Foi a partir dali que eu tomei conhecimento do termo crossdresser, do seu significado e da existência de outras pessoas que comungavam dos mesmos sentimentos que eu. Até então, eu me achava um monstro!" (Depoimento de crossdresser publicado no site do BCC - Candice Hiheels)

".....até o dia que descobri o site da Betinha, e o mundo se abriu e eu pude perceber que existem muitas pessoas como eu." (Trecho tirado de uma biografia publicada no site do BCC)

Isto, no entanto, não impede que tanto a culpa quanto a dúvida sobre sua identidade sexual persistam, levando alguns a buscar ajuda em terapias, na religião ou com pessoas próximas (às vezes, abrindo-se com esposas, pais, filhos, amigos, etc, podendo ou não serem acolhidos).

Nesta fase de confusão, o uso de indumentárias femininas pode servir para incrementar a relação com a esposa/companheira e/ou para o simples prazer de ver-se e sentir-se como uma linda mulher.

Além disso, em geral, depois dos trinta anos, seja devido à habituação de "montar-se", seja devido a um declínio da excitabilidade sexual na vida adulta, parece ocorrer um afrouxamento da conexão entre o ato de travestir-se e a excitação genital direta. Esta excitação se transforma e passa a ser mais potencial do que imediata e muitas vezes o prazer está em passar por mulher.

Como relatam os *crossdressers* o prazer obtido no *crossdressing* é em essência solitário, refere-se à visão da imagem de si mesmo (espelho) e se constitui

⁵⁰Meu Marido de Baton, reportagem publicada na revista Marie-Claire nº 114 de setembro de 2000.

em um prazer "garantido" e à prova de frustrações, pois não depende de um outro desejante. Mesmo quando mais adiante o *crossdressing* possa ser incrementado com a participação de outros ou se torna público e visa a interagir com outros olhares, o *crossdresser*, em caso de frustração, sempre pode recorrer a atividades solitárias ou recolher-se entre seus pares.

Quanto ao tipo de vestimentas, apesar da maioria vestir-se de maneira um pouco extravagante, (exagerando, às vezes, nos acessórios e maquiagem), o principal objetivo é sempre fazer uma montagem muito bem feita, ficando o mais parecido possível com uma mulher. Embora o *crossdresser* queira ser visto pelo outro como mulher, tem, em geral, plena consciência que, de um modo ou de outro, seja pela altura, pela voz, pelo tamanho do ombro, pela largura do quadril, a maioria das pessoas perceberá que se trata de homens em trajes femininos.

"Sempre, por mais artifícios que usemos alguém vai saber que somos homens".

(K. 30 anos)

Contudo, pelos relatos, fica nítido que o prazer não está em ludibriar o outro, e, sim, em se ver confirmado na incorporação de uma imagem de mulher. São falas frequentes entre vários *crossdressers*:

*"Fui a uma boate ontem onde mulheres não pagavam e eu consegui passar sem pagar"*⁵¹. *(Fala de diversos "crossdressers")*

"Geralmente quando estou montada, frequento somente o toalete feminino, é o máximo quando ninguém me nota".

"Todas produziderrimas, fizemos uma tentativa - frustrada por nosso atraso - de ir ao teatro. Uma pena; até entradas a Zara. já tinha comprado. Mas que foi superlegal entrar, ir e voltar e "passar batida" pela galeria do teatro, até a bilheteria, em meio a multidão de frequentadores dos barzinhos em volta, ah!!! Isso foi, e muito !!!" (Fernanda, 49 anos, artista plástico)

"Hoje fui montada ao supermercado e o gerente se dirigiu a mim e falou: - A senhora encontrou tudo que precisava?" (Zara 40 anos, profissional da saúde)

⁵¹ Neste caso, o prazer da transgressão é secundário, o importante é ser tomado por mulher.

Para atender às exigências estéticas dos *crossdressers*, existem inúmeros recursos. Há, portanto, um gradiente de alterações na aparência que, quanto mais modificações são efetuadas, maior é o grau de irreversibilidade e mais estes sujeitos se aproximam do que tem sido denominado de transexualismo secundário:

- Pouquíssimas alterações: maquiagem e seio postiço;
- Poucas alterações: além da maquiagem e do seio postiço, depilação no corpo;
- Alterações que incluem, além da depilação no corpo, depilação definitiva no rosto e hormônios (que promovem o crescimento de pequenos seios);
- Alterações que incluem, além do acima mencionado, próteses de silicone no corpo;
- Alteração total: cirurgia (nestes casos, já passam a ser denominados de transexuais secundários).

A reversibilidade entre os papéis de "sapo" (masculino) e o feminino é necessária na medida em que ele deseja e/ou necessita viver sua vida de homem durante a semana e, se as mudanças fossem definitivas, correria o risco de perder a respeitabilidade que conquistou na sociedade e na família. Uma grande parte dos *crossdressers* relata que, embora muitos também tenham genuíno prazer em manter uma vida social e sexual masculina, gostariam de poder passar sua vida profissional e familiar masculina vestida de mulher.

O grupo de associadas do BCC reflete a heterogeneidade do *crossdressing*. Há os "*crossdressers* reais" que se reúnem para se montar em grupos e a fazer algum programa e outros que se montam sempre a sós, sem ter coragem sequer de sair de seus ambientes - são aqueles que "não conseguiram sair do armário", como eles mesmos dizem, são os "virtuais". Existem, ainda, aqueles que usam roupas íntimas femininas todos os dias em todos os momentos (mesmo quando estão em sua forma de sapo) como também aqueles que quando estão em casa, estão sempre montados, vestindo roupas masculinas somente no trabalho ou em programas sociais no papel de homens.

Este uso doméstico das roupas femininas ocorre, geralmente, com os *crossdressers* cujas esposas (S/Os)⁵² participam destas atividades dos maridos. Entretanto, em boa parte, as esposas não sabem do fato ou não aceitam compartilhar o *crossdressing*. Além disto, nem todo *crossdresser* quer que sua esposa saiba de suas práticas. Assim, inúmeros deles, talvez a maioria, praticam suas atividades travésticas sozinhos pelo medo de serem rejeitados e escondem este fato de suas esposas, levando uma vida dupla bastante complicada.

Em conversas informais, nos eventos dos quais participei, com algumas S/Os, surgiu o medo de que seus maridos fossem "homossexuais enrustidos". Afirmam que continuam com seus maridos por amá-los e que seria muito pior viver sem eles, no entanto, concluem que não é fácil conviver com esta realidade. De modo geral, demonstram sofrer com o fato. Quanto aos filhos, alguns sabem do *crossdressing* dos pais; outros intuem, mas, a maioria não tem a mínima idéia.

Úrsula, 38 anos, que durante a semana é engenheiro, trabalha com construção de navios, é casado e tem três filhas. A esposa sabe, mas ele acredita que as filhas apenas intuem suas atividades *crossdressers*. Relata que, certa vez, passou em um programa de televisão, um episódio que mostrava um homem se vestindo de mulher. Elas chamaram o pai e todos assistiram juntos. Quando foi para um encontro de *crossdressers*, disse para as filhas que estava indo a um congresso sobre sexualidade.

Pela pequena amostra que tive, aparentemente, é mais comum os pais revelarem isto a filhas mulheres do que a filhos homens.

Apesar de toda esta problemática, a vida familiar destes homens segue um curso parecido com o da maioria das famílias. Uma parte considerável destes, com os quais tive contato, tem vínculos estáveis e se preocupa bastante com os filhos.

⁵² S/Os (*supportive opposites*): esposas ou companheiras dos *crossdressers* que participam ativamente de suas atividades, dando apoio emocional, ajudando na compra das roupas ou até na própria montagem.

Contudo, a maioria dos *crossdressers* aventa, em algum momento da vida, concretamente a possibilidade de assumir perante a família e a sociedade uma nova identidade de mulher. Assim, embora, quase sempre haja certa porosidade entre o *crossdressing* e o transexualismo secundário apenas uma minoria de *crossdressers* vai além de eventuais devaneios de ser mulher e, de fato, envereda pela solução da cirurgia de redesignação de gênero, um caminho irreversível para assumir uma nova identidade. Nestes casos, após uma fase bissexual, passam, a partir de certo momento, somente manter relações sexuais com homens e a planejar mais seriamente (e eventualmente realizar) a cirurgia de redesignação de gênero. Ainda assim, muitos destes ao final recuam ante a possibilidade concreta de fazer a cirurgia. Em geral, alegam as perdas profissionais, sociais e familiares que teriam, mas escutando-se as fantasias de assumir uma nova identidade, nota-se que se trata muito mais de um travestismo radical a ser completado com uma "vestimenta" total do que a sensação de ser uma alma de mulher enclausurada num corpo de homem.

Quanto aos sujeitos que de fato avançam na direção de uma transformação radical, são considerados transexuais secundários que, antes de descobrir sua transexualidade, passam por uma fase *crossdresser* que funciona como uma etapa intermediária.

Nos 33 casos estudados⁵³, somente dois *crossdressers* que já foram anteriormente casados, apresentaram-se como francamente dispostos a realizar esta cirurgia, bem como mantinham exclusivamente relações sexuais com homens.

O primeiro, Olinda, tem perto de quarenta anos, ficou casado por um período de dez anos e ninguém de sua família ou de seu círculo de amizade mais antigo tem ciência de sua sexualidade. Após o término do casamento, passou a morar sozinho e, depois de algum tempo, voltou a viver na casa dos pais. Relata que seu prazer está

⁵³ Dos trinta e três casos estudados, oito são pacientes e seis foram entrevistados várias vezes, outros 19 foram contatados por meio de conversas informais em eventos como o HEF, *Holiday en femme*, evento anual no qual os *crossdressers* se reúnem em um pequeno hotel e desfrutam o final de semana como se fossem mulheres.

em se relacionar somente com homens sempre na posição passiva porque se percebe como mulher. Acrescenta que, para ele, hoje, seria impossível se relacionar com uma mulher ou mesmo com um homem, se tivesse que atuar na posição ativa. Verbaliza que, se as condições fossem um pouco mais favoráveis (financeiras e físicas - ele tem uma aparência bastante masculina), faria a cirurgia de mudança de gênero. No entanto, também contra a cirurgia estão as grandes perdas afetivas que imagina ter, caso mudasse de gênero.

Ornela, o segundo caso, tem dois filhos que moram com a mãe em outra cidade. É transexual assumido, vivendo cotidianamente como mulher, também profissionalmente e está se preparando no Hospital das Clínicas para fazer a cirurgia de mudança de gênero. Ainda entre os membros ou ex-membros, há relato de um caso que efetivamente foi operado e assumiu uma nova identidade feminina.

No BCC, os *crossdressers* associados podem se relacionar com outros, seja virtual ou pessoalmente. Os denominados *crossdressers* reais, encontram-se em pequenos grupos quase todos os finais de semana para fazer *Cd sessions*⁵⁴ nas quais se reúnem para se montar, tomar *drinks*, conversar e depois sair para a noite. Alguns deles vão a lugares heterossexuais, tais como: cinema, teatro, restaurante, mas, não muito perto de suas residências, geralmente em outras cidades, uma vez que a maioria não quer ser descoberta. Existe também o HEF (*Holliday en Femme*) que, como mencionado anteriormente, é um evento anual quando uma parte das *crossdressers* reais se hospeda em um pequeno hotel para passar o final de semana vestida com roupas e adereços femininos. Neste evento, que já está em sua sexta versão, somente é permitida a entrada de *crossdressers* e suas S/Os. Dada à confiança que se estabeleceu entre os *crossdressers* e esta pesquisadora, foi aberta uma exceção e fui convidada para participar de quatro eventos desta natureza.

⁵⁴ Encontros para se *montarem* em conjunto.

A seguir, um breve relato do IV HEF, que aconteceu em Penedo, estado do Rio de Janeiro em 2003, para ilustrar como acontece a convivência neste grupo.

Neste ano, o segundo ao qual compareci, foram, no total, 34 pessoas: entre elas, 23 *CROSSDRESSERS*; três *S/Os* (*supportive others* - esposas, namoradas); uma transexual secundária (operada). O evento foi de quarta a domingo, mas a maioria chegou somente na sexta feira. Havia participantes, em sua maioria, de São Paulo (capital e interior), Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília e Belo Horizonte. Três foram acompanhados de suas esposas (as *S/Os*), outros foram sós, sendo que alguns não contaram para suas esposas qual seria o seu destino.

Desde acordar até deitarem-se, os participantes passaram o tempo todo vestidos de mulher.

Nestes cinco dias, viveram algumas rotinas tipicamente femininas (fazer as mãos, os pés - sempre com unhas pintadas - depilar-se, maquiar-se e fazer a escova nos cabelos) e participaram de determinados eventos especiais. Também fazia parte da rotina o café da manhã conjunto e encontros à beira da piscina nos quais os participantes usavam maiôs, biquínis, chapelões e, enquanto alguns faziam ginástica, outros ficavam na hidromassagem, dentro da piscina ou simplesmente conversando. Muito pouco se saiu do hotel. Fora um ou outro que se aventurou a dar uma volta pela cidade durante um dia, apenas um pequeno grupo decidiu sair no sábado à noite para jantar. Dentre os eventos especiais, destacaram-se: uma discussão denominada "Saia Justa", na qual a tema principal foi a respeito dos CDs reais e daqueles que ninguém nunca conheceu - os virtuais; um encontro com música ao vivo no sábado à noite; o concurso de Lady HEF e suas damas (Dama Simpatia, Feminilidade, Elegância e Beleza) o qual foi votado por todos os presentes; e a primeira assembléia real da diretoria do BCC na qual foram tomadas algumas decisões a respeito do Clube. Durante o baile, no sábado à noite, apesar da animação, havia a consciência de certa precariedade, pois era um baile só de mulheres. A idade dos participantes variava de 20 a 70 anos e a atmosfera reinante nestes encontros é de camaradagem, amizade,

compartilhamento e solidariedade, mas não há relatos de excitação sexual mútua, de formação de casais ou mesmo de flertes.

Trechos de relatos de vida de oito crossdressers

A seguir, serão apresentadas histórias pessoais de oito casos, cinco que atendi como pacientes e três que entrevistei. Em conjunto, ilustram bem a diversidade de histórias e modos de se vivenciar o *crossdressing*.

Caso 1

Nome: Vitor (Cristina)

Idade: 39 anos

Profissão: economista

Estado civil: solteiro

Vitor tem duas irmãs mais velhas e pertence a uma família de classe média. A primogênita, 14 anos mais velha, é casada e mãe de dois filhos. A segunda, dez anos mais velha, suicidou-se, atirando-se do décimo primeiro andar e deixando órfã uma filha recém-nascida, ainda quando estava na Escola Militar. Na primeira entrevista, relata que o pai foi diagnosticado e internado como bipolar, logo depois de seu nascimento. Estas internações foram se repetindo ao longo dos anos e, somente depois da morte da filha, que o pai passou sete anos sem internações (Vitor acredita que foi para poupar a mãe). Lembra-se do pai quando em crise maníaca, que a mãe se trancava com os filhos no quarto. Em um destes dias, enquanto estavam jantando no quarto, pensou:

"Eu sou homem, deveria estar lá com meu pai, mas, estou aqui com as mulheres!"

Quanto à mãe, considera-a uma mulher muito forte e dominadora. Logo depois que o marido começou a ter as crises, ela o interditou. Até hoje, ela acredita que o marido controla sua própria doença e entra em crise por vontade própria. Relata também ter sido o queridinho da mamãe, que ela sempre estava agarrada a ele e o mimou muito.

Vitor veio à primeira entrevista se autodenominando travesti. Precisava decidir rapidamente se queria ou não iniciar o processo de feminilização com ingestão de hormônios e uso de próteses de silicone, pois queria usufruir isto antes de começar a envelhecer, contudo, ainda tinha dúvidas sobre como gostaria de passar o resto de sua vida: como homem ou como "mulher".

Ser mulher era ter o poder de sedução. Acreditava que somente elas o possuíam. Por outro lado, não queria fazer a cirurgia de mudança de gênero, uma vez que não queria perder seus atributos masculinos (pênis). A alternativa de iniciar um processo de hormonização lhe era muito atraente, não obstante o medo que uma mudança corporal deste porte o denunciaria devido a uma aparência mais feminina. Seus colegas de trabalho, machistas, nunca o aceitariam se soubessem que passava uma parte de sua vida "como mulher".

Assim, embora seu desejo expresso fosse de passar cem por cento do seu tempo como mulher, tinha consciência das dificuldades que isto acarretaria. Sua família e os amigos mais próximos sabiam e, até certo ponto, aceitavam sua sexualidade, mas o mesmo talvez não ocorresse com seus colegas de trabalho.

Por outro lado, dizia:

- "Gosto tanto de mulher que queria ser uma delas".

Quatro anos depois de ser diagnosticado como portador de hepatite C teve um surto maníaco durante o qual acreditava ser um rei que em um futuro próximo se transformaria em uma rainha. Durante sua fase masculina, congelaria seus espermatozoides para na fase feminina se autofecundar. Desta gravidez nasceria o

ser perfeito. Algo que lembra os delírios Schreberianos. Após tomar medicamentos durante algum tempo, saiu deste estado e retomou sua vida rotineira.

Quanto ao seu desejo de ser mulher, relata que, desde criança gostava de se vestir com roupas femininas, mas sempre se reprimiu. Na adolescência, ao olhar mulheres nuas em revista, nunca se imaginava tendo relações sexuais com elas, mas se colocando no lugar delas, imaginava-se uma delas e isto produzia um prazer incrível. Quando mantém relações com uma mulher, isto também ocorre, ele se imagina sendo ela para chegar ao orgasmo. Contudo, sempre teve conflitos com esta tendência travéstica, e na adolescência fez, por escolha própria, colegial na Escola Militar na tentativa de conter estes desejos. Neste período, sua irmã se suicidou.

Vitor pensa que a vida dele seria muito mais fácil se fosse homossexual, ao invés de travesti⁵⁵, mas, para ele, isto não é possível. Acredita também que sua identidade sexual decorreu, além de outros fatores, de seu tipo físico. Ele é miúdo e considera sua aparência mais propícia a alguém do sexo feminino. Tem por volta de 1,60m e deve pesar uns 60 kg. Ele diz: "*Você acha que se eu tivesse 1,90m e 100 kg, eu seria assim?*".

Em 1995, começou a entrar na Internet. Além de usá-la para masturbar-se, usava-a também para inteirar-se dos processos de outros *crossdressers* e travestis.

Apesar de uma vida profissional de boa qualidade, relata já ter pensado em se prostituir para poder levar a vida como mulher, porém, nunca teve coragem.

Durante algum tempo, quando na casa de seus vinte e poucos anos, nos finais de semana, tinha um grupo de amigos, "associados do BBC" que "se montavam" e, juntos, iam a uma boate para se divertir.

Apesar destes fortes pendores pelo *crossdressing*, ao longo da análise, Vitor decidiu apostar em seu lado masculino mantendo um relacionamento estável com uma

⁵⁵ Para Vitor, a diferença entre travesti e *crossdresser* está no fato do travesti assumir que deseja um homem, enquanto o *crossdresser* na maioria das vezes, afirma que somente deseja travestir-se com roupas de mulher.

namorada com a qual viria a se casar após um ano de relacionamento. No entanto, apesar da relação ser inicialmente satisfatória, quando a pressão aumentava muito, principalmente no campo profissional, Cristina aparecia com suas fantasias de que ser mulher é muito mais fácil e que o poder está sempre com elas.

Atualmente, faz um trato com a esposa no qual Cristina não pode aparecer e, apesar das pressões do dia-a-dia e da saudade que, algumas vezes, sente dela, tem conseguido cumprir e permanecer no papel masculino.

Caso 2

Nome: Hélio (Ingrid)

Idade: 58

Estado civil: separado

Hélio está em análise desde março de 2001. Desde seu início, relata gostar muito da sua vida masculina e que não gostaria de ser a Ingrid o tempo todo. Diz não gostar de ser paquerado por homens e que a maioria de seus amigos é mulheres. Foi casado duas vezes e seu *crossdressing*, diferentemente, da maioria dos associados do BCC, somente teve início depois dos quarenta anos. Foi introduzido nesta prática por uma mulher que gostava de montá-lo. Ele foi apreciando muito estes pequenos gestos que ela foi acrescentando ao relacionamento sexual dos dois: alguma maquiagem, meias finas e sandálias altas, camisola e etc.

Tudo isto veio ao encontro de alguma coisa que Hélio sentia estar procurando. Sempre gostou de mulheres fortes e diz que seu maior prazer está em proporcionar-lhes prazer. Tem também um forte fascínio por travestis, desde que estejam muito bem montados e pareçam realmente mulheres.

Hélio vem de uma família grande na qual os primos se reuniam nas férias na casa dos avós e a sexualidade sempre esteve à flor da pele entre eles. Ele não se lembra exatamente do que ocorria, mas se lembra que viviam se roçando pelos

cantos, principalmente os meninos com as meninas e os meninos com os meninos. Depois dos oito anos, saiu desta cidade do interior e veio para São Paulo. Aqui nunca teve relações deste tipo.

Hélio se diz muito liberal em matéria de sexo e que desde "moleque já gostava desta vida de sacanagem".

Trecho de e-mail enviado por Ingrid para mim e a algumas companheiras do clube:

"...engraçado, parece que na nossa idade só nos resta devagarzinho murchar, ledo engano... com a nossa bagagem da vida, estamos cada vez ascendendo mais e mais, algumas vezes damos uma paradinha, a nossa máquina já não tem a mesma potencia de antes, mas a nossa mente, esta sim, está a pleno vapor.

É exatamente o que sinto e a lenha da minha caldeira vem da MULHER e, estou certa, se não fosse ela, estaria murchando com uma vida monótona, chata, sem graça para mim, mas certamente mais dentro das regras do mundo machista e das expectativas dos meus parentes e amigos caretas que esperam que sofra do mesmo mal comportamental e me enquadre nos programas normais, destinados a terceira idade, ah, ah, ah, ah,...

Claro que não tem cabimento o confronto e não é isto que estou pregando, apenas gosto e tenho vivido cada vez mais intensamente minha MUSA inspiradora... Beijos a todas com muito carinho da...

Ingrid

Uma colega, um pouco mais velha do que Ingrid, respondeu:

"...Sinto em teu relato uma adrenalina pulsando violentamente, conseguiste unir o útil ao agradável, contrabalançar os pares e os opostos, o ying e o yang, encontraste o equilíbrio, o meio termo..., descobriste o GOSTO DOCE DA VIDA".

Atualmente, Hélio não tem se montado. Diz não sentir mais vontade e acredita que isto ocorra devido a considerar que suas montagens não são mais satisfatórias. Não aprecia o que vê no espelho, no entanto diz estar satisfeito com sua vida masculina, apesar de não estar muito satisfeito com seu atual trabalho.

Caso 3

Nome: Gabriel (Valéria)

Idade: 35

Profissão: professor

Estado civil: solteiro

*"As mulheres fazem o que querem, se vestem como querem,
elas mandam no mundo".*

Gabriel me procurou por indicação de uma paciente. Durante o ano e meio que ficou em análise, apesar de algumas vezes se referir a "este maldito *crossdressing*" mostrava-se apreciar muito sua figura andrógena assim como sua oscilação entre querer ser o Gabriel ou a Valéria.

Gabriel é filho do segundo casamento da mãe que é alcoólatra e o pai, um machão duro e violento. Os pais se separaram quando ele tinha por volta de vinte anos e ele ficou com o pai - "para não deixá-lo sozinho" - enquanto a mãe foi embora com os dois irmãos levando todos os móveis - "*ficou tudo vazio... me senti abandonado*". Diz que gostaria de ter ido junto pelos irmãos, mas não pela mãe. Ficou sem vê-los por muito tempo, apesar de morarem muito perto. O relacionamento com ela foi sempre muito difícil. O pai era estrangeiro e dizia ter-se casado com a mãe somente porque ela engravidara e a mãe dizia que havia se casado porque ele gostava muito dela. Quando ficou com o pai foi muito difícil, pois este era uma pessoa agressiva, principalmente com as palavras. Ele sempre repetia que Gabriel não servia para nada, nem para comprar três coisas na padaria, que ele sempre esquecia uma, o que Gabriel confirma, "*ficava tão apavorado de esquecer que acabava esquecendo mesmo*".

A pessoa que mais admirou na sua família foi a avó materna:

"De quem eu gostava era da minha avó nordestina, mulher macho, batalhadora... não me lembro nunca de ter gostado de minha mãe".

Gabriel relatava ter muito prazer em vestir-se de mulher, que se excitava somente ao se ver vestido. Conta que, algumas vezes, tinha ereção quando excitado, mas muitas vezes tinha orgasmo sem ereção e sem tocar o pênis.

Ele sentia muita atração por travestis, já tinha tido relações homossexuais e dizia não ter gostado. Gostava de estimulação e penetração anal, mas quando feitos por mulheres com consolo. Quando se masturbava, dizia que o espelho era fundamental. Para ele, seu órgão sexual é um enigma:

"Ele me dá prazer e ao mesmo tempo eu o odeio".

Gabriel já morou com algumas garotas, inclusive quando morou na Europa por mais de três anos. Geralmente, quando encontra uma garota e se apaixona, logo vai morar junto com ela, no entanto, a relação não se prolonga e quando não está morando com alguma mulher, geralmente, volta para a casa da mãe. Ele se sente infantil e diz que precisa crescer.

Mesmo quando acha estar apaixonado ao se relacionar com a mulher, diz perceber que quando a acaricia parece estar se acariciando, que a *"bunda minha é a dela. Existe uma projeção, é como se eu tivesse me masturbando em um fetiche"*.

Caso 4

Nome: Felipe (Natália)

Idade: 27

Profissão: profissional liberal

Estado civil: solteiro

"Aos poucos Natália que sempre esteve no meu coração foi ganhando pedacinhos, um nome, um grupo de amigas, uma voz - nas conversas ao telefone, um sorriso de felicidade, doses maciças de esperança e liberdade, de força e perda daquele antigo ranço asqueroso do sentimento de culpa que a clandestinidade traz."

Felipe relata que aos dezessete anos já havia provado todas as drogas ilícitas. A seguir, reproduzirei um e-mail enviado por Natália no qual me conta parte de sua história.

"É claro que são pequenos trechos de uma história que dura muitos anos, mas são passagens que vieram à mente e não poderiam deixar de constar. Bem, eu comecei a sentir o "crossdressing" muito cedo, não lembro da idade ao certo, mas lembro-me de fatos que corroboram para essa minha afirmação. Quando tinha uns quatro anos de idade, talvez até menos, ficava encantada com as brincadeiras de meninas, gostava de brincar com elas, e com os meninos também. Lembra-me de certa vez haver dito a minha mãe, enquanto esta me enxugava após o banho que queria ser menina, que gostaria mesmo. E ela, talvez acreditando ser bobagem de criança, riu e disse que valia mais a pena ser homem, não era tão frágil. Passado um tempinho, quando eu tinha uns cinco aninhos de idade, brincava com minhas primas, a mais velha é uma ano mais nova que eu. E elas tinham umas sacolas de roupas, acho que foi minha primeira "urge", a vontade irresistível de vestir roupas femininas. Sonhava em pegar aquela sacola e correr para um quarto que tinha nos fundos, me trancar e me travestir, e nessa época, não havia sensualidade envolvida, era vontade de me vestir, independente de excitação sexual. Não sei com que idade comecei a levar uma vida dupla, era moleque na rua, chutava bola, brigava de sopapos e subia em árvores. Mas ficava muito sozinha em casa, pois todos trabalhavam, ia até o armário da minha mãe, pegava umas roupinhas, blusa, saia, e ficava vestida até a hora deles chegarem, fazia lição de casa, assistia TV, almoçava, sempre vestida, e adorava, planejava qual seria a roupa que ia vestir no dia seguinte, fui progredindo, da simples calcinha até uma montagem completa, vestidos de festa, roupas normais, sapatos - naquela época ainda conseguia usar o 33 da minha mãe - até maiôs, biquínis, camisolas, passava batom, e no começo estranhava aquele melado na boca, até que se tornou parte de mim, sempre dava uma emoção, um prazer, uma verdadeira satisfação, para ser mais correta, mas aquele momento avassalador passou a tornar-se normal, passava o dia assim, agindo, vivendo e vestida como mulher. Detalhe, eu adorava colocar uma blusinha bem simplesinha e uma saia jeans linda, chinelo e ficar o dia assim, como qualquer outra menina faria. Com a normalidade, e a puberdade avançada vieram as preocupações. Quem eu era? O que estava acontecendo comigo? Eu paquerava as meninas, gostava delas, sentia-me atraída, mas gostava de ser mulher? Comecei a duvidar da minha masculinidade, a temer ser descoberta pelos

amigos na rua. Sentia medo de rebolar ao andar, de aparentar alguma coisa, essa culpa me perseguia e quase me deixava louca. Cheguei a uma conclusão: Era um travesti lésbico. Pronto era heterossexual convicto, mas ao mesmo tempo tinha minha alma feminina falando alto. Gostava de poesia, de filmes, me emocionava e chorava fácil - isso de tanto reprimir agora sumiu, uma pena, mas é a nossa casca masculina se impondo para a sociedade, né? Namorei a primeira vez, e a culpa aumentava, pensei em suicídio. Aliás, a idéia de me matar me perseguia e foi aí que comecei bestamente a me envolver com drogas e álcool, tomei meu primeiro porre aos dez anos de idade, e aos onze já cheirava éter e benzina, sempre vestida. Foi triste, deixei meu cabelo crescer aos catorze, sob os brados de meu pai e suas broncas mordazes, mas lutei e fiz, ele achava que era rebeldia. Nessa idade entrei de vez nas drogas ilegais, maconha, cocaína, anfetamina, haxixe, cogumelos, remédios controlados usados abusivamente, cheguei a usar Crack e heroína mais de uma vez, fiquei magérrima, só para Ter uma idéia engordei treze quilos quando parei com tudo, foram oito anos de drogas e álcool, bebia cinco vezes por semana. Hoje aos 21 estou limpa, nem fumar cigarro não fumo mais. Sei que muitos fatores, familiares inclusive, colaboraram com meu desvio de percurso, mas a depressão e a angústia de não me aceitar e não saber quem eu era também me deprimia, pois abafando meu crossdressing, eu abafava a mim mesma, e isso fazia muito mal. Mas foi aí que minha vida começou a mudar, decidi, após inúmeras tentativas para de vez com as burradas, comecei a levar uma vida digna, entrei para a faculdade, e comecei a me comportar, saí daquela esfera de autodestruição que ceifou precocemente a vida de tantos amigos meus, e destruiu a vida de outros, que foram presos ou internados. Eu saí sozinha, e hoje, posso dizer que sou uma sobrevivente. Daí, ao invés de fugir de mim, decidi me enfrentar, e fui atrás de me realizar, ainda que clandestinamente, ainda que contra toda a cultura preconceituosa e machista que enfiaram por anos na minha cabeça. Comecei a aproveitar cada instante e a acalmar a minha ansiedade com uma palavra. Sou. Eu sou assim, e assim tenho que me aceitar, agrade ou não. Numa das minhas andanças pela internet, encontrei por acaso um site que falava da vida uma pessoa que também se vestia, tornou-se minha amigona. Bebi cada letra daquelas histórias que ela contava, e decidi entrar em contato com ela, nos correspondemos até hoje, mas foi ela que ajudou a me achar, "eu não era um travesti lésbico, era uma crossdresser, uma mulher e não estava só, havia tantas outras". Adotei este nome que adoro, uma nova vida com amor próprio e aceitação. Conheci o BCC e até hoje ainda não acredito

como foi fácil sair daquela depressão toda, por isso faço este relato, para que outras como eu não passem pelo que passei, e se estiverem passando, que procurem se orientar pelos meus passos, pois aprendi a usar a estrada certa, e a gostar da vida por isso.

Caso 5

Nome: Horácio (Louise Lane)

Idade: 46

Profissão: executivo

Estado civil: casado

Conheci o Horácio em uma das festas a qual compareci. Ele se ofereceu para ir ao consultório para algumas entrevistas e estas se transformaram em demanda por análise.

Horácio ficou em análise por mais ou menos um ano. Ele perdeu a mãe muito cedo, quando tinha menos de dois anos e nunca lhe esclareceram qual foi a causa da morte. O pai foi sempre muito boêmio e alcoólatra. Quando tinha oito anos, o pai se casou novamente e a madrasta lhe pediu que escolhesse entre ela e o filho. Ele então mandou o filho morar com uma tia. Horácio disse que não queria e preferiu morar com o avô. A vida com os avós não foi nada fácil, o avô era machista, boêmio e também bebia muito.

Suas questões estão profundamente ligadas a sua origem. Afirma que está na hora de enfrentar seus medos. Sua fantasia mais terrível é ter sido adotado, apesar de na família sempre falarem que sua mãe o teve, apesar do médico tê-la advertido que seria perigoso ter filhos.

A primeira vez que se lembra de ter usado algo feminino foi aos seis anos, quando encontrou um chinelo guardado da mãe. Sempre se sentiu culpado pelo desejo de vestir-se de mulher. Foi buscar respostas em vários lugares. A primeira que encontrou foi na religião - "é como se eu precisasse dar corpo a um espírito".

Hoje, Horácio está casado há quase vinte anos e tem um filho. Sua esposa sempre soube da Louise e todas as suas roupas são guardadas em seu próprio quarto. Quando sai, já sai meio vestido de casa, somente depois que o filho está dormindo. Horácio nunca sentiu atração por homens e usa calcinhas, ao invés de cuecas, todos os dias e diz que gostaria muito de ter relações sexuais todo vestido de mulher.

O casal e o filho moraram um tempo nos Estados Unidos e lá Louise se associou a um clube *crossdressing*, quando isto ainda não existia no Brasil.

Depois de dois anos sem contato, soube pelo próprio Horácio, que ele se mudou para outro estado. Está lutando para conseguir desenvolver uma empresa e que o *crossdressing* está adormecido. No entanto, ao vir passar uns dias aqui em São Paulo a trabalho, disse-me que daria vida novamente, pelo menos naquele final de semana, para Louise Lane.

Caso 6

Nome: Fabrício (Roberta)

Idade: 48

Profissão: artista plástico

Estado civil: separado

Fabrício nunca foi meu paciente, porém, nestes cinco anos, compareceu inúmeras vezes ao meu consultório para conversarmos. Sempre que estava na cidade, pois mora no interior de Minas Gerais, ligava-me e perguntava se poderíamos marcar um horário. Deve ter acontecido mais ou menos vinte encontros entre nós, além das longas conversas durante os *HEFs*, os quais compareci e uma longa troca de e-mails inicial. Fabrício é filho único de uma família tradicional de Minas cujos pais se separaram quando tinha 20 anos, mas que, segundo Fabrício, os pais nunca deveriam ter se casado, pois nunca se deram bem. Seu pai, além do fato de beber muito, era um "*bon vivant*". Ele foi muito mimado quando criança por muitas mulheres e

dilapidou toda a herança que recebeu de seu pai, avô de Fabrício. Relata que seu pai nunca foi seu modelo de homem, o seu modelo era um irmão de sua mãe que se casou cinco vezes. Devido às brigas, algumas vezes, Fabrício foi morar com a avó materna. Foi na casa desta avó que aos quatro anos se montou pela primeira vez e, a partir daí, continuou gostando de vestir roupas femininas. "Sempre que ia à casa de alguém, mesmo correndo enorme perigo de ser descoberto, dava um jeito de ficar sozinha em algum quarto em que houvesse alguma possibilidade de estarem guardadas roupas de mulher". Procurava-as e vestia-as. Com dezesseis anos, começou a comprar as roupas da Roberta com o dinheiro da mesada.

Fabrício sempre viveu mais próximo da mãe, entretanto, acredita se relacionar melhor com o pai. Este passou por uma crise maníaca forte e Fabrício foi obrigado a interná-lo. Diz que foi uma experiência terrível. Fabrício teve sua primeira relação sexual aos dezenove anos porque não teve vontade antes disto, mas gostava de olhar a empregada pelo buraco da fechadura. Diz que, algumas vezes, viu sua mãe nua e que ela a impressionava, tinha um corpo muito bonito. Lembra-se vagamente de ter sabido que a mãe se decepcionou com o pai na lua-de-mel e isto confirmaria sua fantasia de que o pai era um bruto na cama.

Quando adolescente, tinha um corpo meio feminino e os colegas chamavam-no de boneca. Diz que isto não o incomodava e que até gostava. Fazia nesta época algumas brincadeiras sexuais com um primo - o preferido - nas quais gostava muito de ficar por baixo e na posição passiva. Com um outro primo, gostava de brincar de vestir-se de mulher. Mais tarde, este primo viu Roberta montada.

O avô materno era separado da avó a qual não permitia que ele se aproximasse dos netos. Este avô era muito elegante e Fabrício achava que ele tinha "nuances afeminadas".

Teve uma namorada por cinco anos enquanto estava na faculdade. Não se casaram "*porque o pai dela atrapalhou*". Ela era "muito sedutora, criativa, chic e elegante". Enquanto o namoro durou, nunca se montou.

Saiu com muitas mulheres e diz que transitava muito bem entre o Fabrício e a Roberta. No passado, a atividade sexual era intensa tanto de um quanto de outro, porém sempre perdia o interesse muito rápido pelas mulheres com exceção da namorada acima referida e afirma que *"homem também me cansa"*. Atualmente, *"sexo não é o que mais gosto e isto me preocupa"*. Sexo com homens é consequência de a Roberta se sentir seduzida por um interesse real (e não por alguém que deseja uma mulher com pênis). Quando isto acontece, pode ser bom, mas não é condição.

Ele se percebe como uma dualidade: *"são duas pessoas habitando o mesmo corpo"*.

Roberta foi casada por duas vezes e parou de se montar por três vezes: durante o namoro acima descrito; por quase todo o tempo do primeiro casamento; e no início da década de 90, quando achou que o ciclo havia acabado. Somente no final da relação, voltou a se montar, mas a esposa nunca tomou conhecimento deste seu lado feminino. "Havia um cansaço para manter o corpo (dietas), depilações e etc." Três anos depois, descobri que não existe *"ex-crossdresser"*.

Durante o segundo casamento, que terminou no final de 2005, continuou se montando todo o tempo, apesar da esposa, durante a relação, ter descoberto a existência de Roberta.

Fabrício tem a Roberta em alta conta, acredita que ela pode satisfazer um homem por ser bem *"construída e elaborada"*. Fabrício ensinou a ele o que é ser uma mulher, *"ela agrada em tudo"*. No entanto, ele diz:

"Uma das frustrações que tenho, é não ter alcançado o sucesso que eu desejava. Acho que poderia ter ido muito mais longe".

Caso 7

Nome: Ronaldo (Fabiana)

Profissão: empresário

Estado civil: casado

Conhecido no HEF de 2002

Idade: 70

Fabiana, 70 anos, relata que foi o *crossdressing* que trouxe humanidade e leveza para sua vida. Conta ter sido um homem muito violento inclusive tendo participado de guerras pelo mundo afora. Fabiana acha que não tem mais corpo para se montar, no entanto, continua se montando (não todo o tempo do evento como a maioria). Segundo ela, o faz para incentivar e compartilhar com as mais novas. Fabiana relata que aos 10 anos fez uma viagem de navio (do norte para nordeste) com a mãe e em uma escala, ao descer, caiu na água. Na casa da tia, deram-lhe roupas secas para vestir e como lá só moravam mulheres, vestiram-no uma calcinha. Diz ter ficado horrorizado, humilhado⁵⁶. Depois deste fato, passou a ter vontade de vestir-se assim novamente, porém, somente em 1957 (26 anos), saiu "en-femme" em um passeio solitário pela 5ª Avenida em New York e, em Londres, conheceu pela primeira vez, outros CD's quando foi ao Eon's Society⁵⁷ em 1965. Portanto, um percurso bastante diverso das típicas histórias de *crossdressers*.

Caso 8

Nome: Felipe (Isabela)

Idade: 51

Profissão: engenheiro civil

Estado civil: casado

Outro *crossdresser* que menciona o *crossdressing* como amenizador da violência masculina é Isabela que está na faixa dos 50 anos. Nasceu no exterior em condições muito adversas e veio pequena ao Brasil com a mãe e o padrasto. No HEF de 2004, relatou estar em um quadro depressivo o qual não a impediu de comparecer ao evento. Além disto, Isabela relata ter atração e também já ter se apaixonado por

⁵⁶ Este é um dos dois únicos casos dos trinta e três que coincidem com a descrição de Stoller sobre o travestismo.

⁵⁷ Eon's Society é uma sociedade de *crossdresser* localizada em Londres.

outro *crossdresser*. Seu prazer sexual não está em ser penetrada, mas, sim, em ter sempre o papel ativo. Acredita, assim como Fabiana, que o *crossdressing* tem a função de amaciar, suavizar a dureza e a brutalidade masculinas.

Finalmente, cabe ainda abordar uma versão que, ocasionalmente, é veiculada por alguns *crossdressers*. Trata-se da idéia de que o *crossdressing* seria somente um "hobby". Embora, alguns o pratiquem como se o fosse, no caso da maioria, é preciso dizer que o *crossdressing* envolve, diferentemente do "hobby", medo, culpa e principalmente questões de identidade. Assim, pode ser considerado *hobby* para aqueles que fazem isto só ocasionalmente, por exemplo, no carnaval, bem como para um dos pacientes de nossa amostra, mas não na maioria dos casos, nos quais a energia libidinal despendida é alta e a exposição social muito problemática. Ora, justamente uma das características do "hobby" é ter um lugar sancionado pela sociedade: aceita-se como "hobby" a filatelia, mas, certamente não, colecionar calcinhas de meninas de quatro anos. Devido ao *crossdressing* atingir o cerne da imagem que simboliza a identidade da masculinidade, devemos considerá-lo um fenômeno muito mais visceral do que uma mera atividade recreativa.

Para finalizar este capítulo, será elaborado um resumo das principais características gerais encontradas nas amostras de entrevistados, dos *sites* e dos pacientes atendidos:

- A maioria relata um início precoce de suas atividades *crossdressers*;
- Geralmente não são meninos afeminados;
- Grande parte namora meninas na adolescência;
- Dúvidas sobre sua identidade sexual surgem entre a adolescência e a idade adulta;
- A maioria se casa e tem filhos;
- Ao longo da vida, a urge ressurgem em ciclos;

- O vestir-se, em geral, desvincula-se da masturbação;
- A excitação sexual é de cunho mais narcísico do que objetal;
- Existência da culpa;
- As montagens são, em geral, minuciosas e bem cuidadas;
- Em algum momento, vão a público e buscam passarem por ser mulher;
- Gostariam de poder manter suas vidas profissionais como mulheres.

Aos interessados em familiarizar-se mais com o imaginário e com o cotidiano *crossdresser*, indicamos, além da literatura produzida pelos próprios grupos de *crossdressers*, sob a forma de revistas, livros e *sites* (abrangendo textos autobiográficos, textos politicamente engajados, reflexões sobre as classificações médicas e propostas educacionais) também *sites* de sexo e *chats*⁵⁸.

⁵⁸ Relação de chats na p. 157.

CAPÍTULO IV

Erotismo em Hetero-, Homo-, Transexuais, *Drag queens e Crossdressers*

No presente capítulo, far-se-á uma distinção entre comportamento sexual, identidade de gênero e erotismo, visando a delimitar o *crossdressing* nestes campos sexual, de gênero e do erotismo. Contudo, o principal tema a ser desenvolvido deste capítulo e a principal inovação desta tese consistem do tópico *erotismo crossdresser*. Ele foi investigado a partir das análises dos pacientes *crossdressers*, bem como por entrevistas e pesquisas em *sites* eróticos e *chats* de encontros. A partir das peculiaridades do erotismo *crossdresser*, buscar-se-á no capítulo V discutir sob a ótica psicanalítica a possível psicodinâmica subjacente a este erotismo. No capítulo VI, estas hipóteses serão contrapostas às visões de Stoller e Joel Dor propostas algumas sugestões para o tratamento dos impasses próprios ao *crossdressing*.

Comportamento Sexual

As definições habituais de hetero-, homo- ou bissexual baseiam-se no comportamento sexual observável ou nas fantasias relatadas. O comportamento sexual pode tanto ser uma ação concreta, externalizada e observável, que consiste no engajamento de zonas erógenas em atividades cujo objetivo é a obtenção de prazer erótico, podendo envolver, nenhum, um ou mais parceiros, ou pode ser uma ação fantasiada à qual temos acesso apenas a partir dos auto-relatos do sujeito. Esta ação erótica real ou fantasiada pode se dirigir para um objeto do sexo oposto, do mesmo sexo ou para ambos. Portanto, um homem que faz sexo com outros homens

ou mesmo tem fantasias com eles, é habitualmente considerado como tendo um comportamento homossexual, entretanto, como procuraremos demonstrar adiante, este critério, socialmente utilizado de vincular a hetero- ou a homossexualidade ao gênero do objeto escolhido, ao menos para os *crossdressers* masculinos, mostrar-se-á inadequado.

Identidade de Gênero

A identidade de gênero, neste trabalho, será compreendida pelo modo como o sujeito se auto-define. Em geral, os sujeitos introjetam uma identidade que é socialmente construída a partir da combinação da anatomia, da orientação do comportamento sexual (e fantasias) e da persona sexual (roupas, trejeitos, discurso, etc.). Baseando-se nesses critérios os sujeitos se definem como homo, hetero- ou bissexuais. Também nestes aspectos, observa-se que os *crossdressers* sentem dificuldades em se enquadrar nas classificações habituais e tentam, eles mesmos, descreverem-se utilizando uma combinação destas identidades ou, ainda, buscam explicarem-se como seres que assumem alternadamente ora uma, ora outra.

Erotismo

Erotismo não é o mesmo que fantasia sexual. O erotismo refere-se ao modo de se excitar, enquanto as fantasias eróticas são somente um dos resultados ou produtos de determinado tipo de erotismo que, nos revelam ou relatam qual a estrutura erótica subjacente. O erotismo envolve as pulsões parciais e as zonas erógenas. É marcado por um somatório de tendências inatas e experiências precoces de prazer e desprazer, bem como por novas memórias de experiências cotidianas. Refere-se à relação erótica do sujeito com seu próprio corpo, o corpo do outro, os aspectos físicos e psíquicos do parceiro e a situação (cenário erótico). Enfim, o erotismo envolve o Real, o Imaginário e o Simbólico no que tange a *desencadear* e

sustentar a excitação e a sensualidade. Implica uma detalhada análise dos aspectos auto-eróticos, narcísicos e objetais envolvidos na relação (isto é, as pulsões parciais mobilizadas e sua relação com a pulsão sexual propriamente dita), da preponderância de pulsões de meta ativa ou passiva, das zonas erógenas privilegiadas e dos papéis dos participantes no cenário erótico. Liga-se também a um gênero de identificação que podemos denominar de identificação momentânea, ou seja, com quem a pessoa em um dado momento está empatizando, ou melhor, em quem está se projetando e de quem imagina estar introjetando aspectos psíquicos. Assim, independentemente da identidade de gênero que o sujeito tenha, pode em determinado momento, identificar-se com a dor e o prazer do parceiro erótico, seja qual for o seu sexo.

Conforme será apontado adiante, embora este erotismo seja singular para cada sujeito e, por vezes, diferente em cada fase da vida, resultando em uma grande multiplicidade, há algumas características gerais que são comuns no erotismo encontrado em homo-, hetero- e bissexuais e que não estão presentes no erotismo *crossdresser* masculino.

Existe naturalmente uma enorme variedade no que excita ou não cada sujeito, ou seja, as pulsões parciais em jogo, suas combinações e os papéis no cenário erótico são infinitos. Assim, qualquer tentativa de generalização assume a forma de estereótipos. Ora, embora baste o exame superficial de um caso individual para logo desconstruir qualquer tentativa de esteriotipar a psique humana, aqui se trata de apontar para algumas tendências gerais encontradas em nossa cultura atual. Ainda que tenhamos em mente que, no geral, todos nós somos combinações de inúmeros gêneros de erotismo e que ninguém corresponde a um tipo "puro", podemos ao menos falar de tendências e preponderâncias encontradas nos discursos de cada grupo (não importa aqui para nossos propósitos o quanto estes discursos são estereotípias culturais introjetadas). Portanto, as caracterizações abaixo devem ser lidas com tolerância, já que seguramente nenhum indivíduo corresponde a fórmulas tão gerais e, como sabemos, todos temos aspectos femininos, masculinos, heterossexuais e

homoeróticos, além do que abrigamos vertentes perversiformes e somos atravessados por ambivalências de toda ordem.

Erotismo Heterossexual Masculino

No erotismo heterossexual masculino, o objeto do desejo é uma mulher. Por mais que existam componentes auto-eróticos e narcísicos, o interesse maior é pelo outro e o que faz este outro ser atraente é, primordialmente, a diferença e, em menor escala, as semelhanças. Ocorre, então, um investimento no objeto para o qual a libido se dirige.

No modelo heterossexual masculino, mais estereotipado, pode-se pensar que, em geral, as pulsões preponderantes são de meta ativa, isto é, um gozo ao conquistar, apoderar-se, apossar-se, subjugar, manipular, descarregar, etc. O homem evidencia um erotismo cujas pulsões parciais predominantes são, geralmente, a visual, a tátil, a olfativa, a de apoderamento e a de penetração. Ocorre, com frequência, então, uma coisificação da mulher (a mulher-objeto) e um investimento na visão, no toque do corpo da mulher e no cheiro. Não importa, aqui, para os propósitos desta caracterização, o quanto entra em jogo no erotismo masculino estereotipado uma defesa frente à angústia de castração, o fato é que, além da coisificação do objeto do desejo, ocorre em paralelo um investimento narcísico no próprio falo-pênis como órgão de afirmação de poder e de identidade. Além disto, o falo-pênis é instrumento imaginário de submissão física e psíquica da mulher.

Estas características do erotismo masculino podem ser vistas em sua estereotipia nos materiais pornográficos dirigidos aos homens, bem como nas piadas picantes - em que, geralmente, a mulher é coisificada e tratada como objeto. Também se revela no olhar da câmara de filmes dirigidos por cineastas do sexo masculino. Mesmo nos filmes mais sofisticados de cineastas como Antonioni, Fellini, Coppola, Woody Allen, Renais, entre inúmeros outros, nota-se nos beijos, nas cenas

de sexo e nos focos e ênfases das fotografias dos corpos femininos que as pulsões de apoderamento e de gozo ativo prevalecem. Além disto, no erotismo masculino, em geral, cinde-se, de modo claro, o sexo, a admiração e o amor, por vezes, configurando a mulher como local de descarga e objeto de manipulação. Mesmo nos cenários masculinos de apaixonamento, idealização, ainda que a admiração pelas virtudes da mulher amada possa ser fundamental, a atração pelos atributos de beleza sempre estão em destaque. Talvez por isto tenhamos inúmeras versões de histórias como *A Bela e a Fera masculina*, mas nenhuma de *O Belo e A Fera feminina*.

No cenário erótico masculino, cabe ao homem a posição de desejante e prevalecem as fantasias de potência e um modo de sedução calcado em se pavonear de suas capacidades heróicas. Ele é o salvador, o dominador, o conquistador, objeto de toda admiração, aquele que goza e faz gozar.

Erotismo Heterossexual Feminino

No erotismo feminino mais típico, a sedução, o fazer-se objeto do desejo é fundamental. Ao invés de uma concentração maior nas pulsões de gozo ativo de apoderamento pelas vias visuais, táteis e olfativas, o erotismo feminino típico é marcado pela difusão pulsional e a mobilização combinada de pulsões passivas e ativas. Apesar da importância da aparência do homem, há uma tolerância maior para variações e imperfeições físicas, pois as atitudes e o discurso masculino exercem um papel fundamental sobre o clima erótico que excita a mulher. O olhar, o toque, o carinho, a virilidade, a gentileza, a segurança, entre diversos atributos masculinos, instigam pulsões de gozo passivo diversas (ser bem olhada, escutada, tocada) assim como criam uma estética e um conteúdo adequados à excitação feminina. Trata-se, pois, de criar um cenário imaginário que corresponderá às fantasias da mulher de como gostaria de ser desejada - se de forma masoquista, romântica ou em um

cenário sofisticado, etc. Assim, no erotismo feminino, o conteúdo e a estética do cenário em torno do ato sexual em si, são fundamentais para gerar as emoções e os sentimentos. Além disso, o outro é imaginado enquanto sujeito desejante, aspecto fundamental para sustentar o prazer da mulher. Neste sentido, a potência feminina e as defesas frente à castração se levantam em torno de uma posição de "blefe narcísico", na qual ela se coloca como objeto sedutor e desejado.

Assim, se para o homem a estética do cenário erótico parece ser de pouca importância, as exigências estéticas se dirigem mais ao corpo da mulher. Para as mulheres, a estética do corpo masculino, embora deva ao menos corresponder a determinados padrões mínimos, há grandes exigências no que tange à estética do cenário erótico, bem como quanto à intensidade do desejo masculino.

Sobre os erotismos masculinos e femininos, encontramos uma interessante discussão no livro de Serge Leclair, "Mata-se uma criança" no capítulo referente aos discursos de amor do homem e da mulher. Ele sugere, a partir da ótica lacaniana, um ordenamento imaginário e simbólico em torno do conceito de falo evanescente, símbolo da falta. Leclair descreve as fraudes do imaginário que visam a tamponar a castração de cada parceiro e lhe restituir a plenitude da ilusão narcísica, contudo, para nossos propósitos aqui bastam as breves caracterizações feitas acima.

Erotismo Homossexual Masculino

O erotismo homossexual, tal qual o heterossexual apresenta inúmeras variantes e composições, mas pode-se também, nestes casos, falar de aspectos mais típicos das várias homossexualidades masculinas. Neste sentido, pode-se evocar, por exemplo, o filme *Querelle* (1982) dirigido por [Rainer Werner Fassbinder](#), baseado no livro de [Jean Genet](#). Nele, vemos desfilar diante de nós uma galeria dos mais comuns mitos homossexuais masculinos que, não obstante, sua variedade tem em comum uma

postura erótica semelhante à masculina heterossexual: cindem sexo e o amor, coisificam o parceiro e giram em torno de um falocentrismo. Além disso, no erotismo homossexual masculino, independente das preferências individuais, em geral, existe em cada parceiro, uma oscilação entre a predominância das pulsões de gozo ativo ou passivo. Ou seja, se alguns homens são predominantemente ativos e outros passivos, o que prevalece é a oscilação conforme o parceiro, a fase de vida e as circunstâncias do momento. Uma das diferenças entre o erotismo heterossexual masculino e o erotismo homossexual feminino reside na escolha de objeto e daí as decorrentes diferenças na interação entre o sujeito e seu objeto de desejo. Assim, ao escolher um parceiro do mesmo sexo, ocorre maior presença de elementos narcísicos (culto ao próprio corpo e ao do parceiro), maior promiscuidade (ambos os parceiros cindem sexo e amor e se excitam mais concentradamente nos corpos e no sexo do que no cenário) e maior presença de elementos masoquistas (ligados às possibilidades do gozo passivo com outro homem). Também se encontra maior relevância para o erotismo das semelhanças.

Deste modo, embora, por vezes, alguns homossexuais apresentem trejeitos femininos, a maior parte é viril e se sente atraída por homens também másculos e viris. A complementaridade das diferenças se dá no plano da estrutura psíquica. Contudo, independentemente das variantes, sempre se encontra desejo e excitação pelos **atributos do objeto**, sendo que, em geral, a virilidade do corpo, a juventude, a sensualidade e o charme entre outros, tornam-se receptáculos de forte investimento libidinal.

Existe entre intelectuais americanos do movimento GLS uma forte influência do pensamento freudiano e lacaniano, tendo gerado interessantes discussões sobre o erotismo homossexual nos seus aspectos psicodinâmicos, por exemplo, no livro de Bersani⁵⁹. Também se encontra nestes movimentos uma crítica ao falocentrismo, como sendo produto cultural e remetendo o erotismo homossexual a um original

⁵⁹ Ver nota 12 (p. 14).

erotismo de base oral e infantil. À parte, as injunções ideológicas que buscam o “politicamente correto” e defendem ser o erotismo homossexual oral mais igualitário que a dominação machista do falocentrismo. Há nestes textos interessantes discussões dos casos Leonardo de Freud, da teoria lacaniana do olhar, do papel do falo e dos orifícios no Imaginário e no Simbólico. Estes autores também fazem análises literárias do erotismo do cinema e literatura *gays*, apoiando-se em parte na teoria psicanalítica. Entretanto, cabe novamente mencionar que no contexto desta tese ater-se-á à breve caracterização do discurso falocêntrico estereotipado que prevalece nas manifestações eróticas da homossexualidade masculina.

Erotismo Homossexual Feminino

Apesar do erotismo homossexual feminino não ser tema desta tese e tampouco ter ligação mais direta com ela, apresentar-se-ão algumas poucas características do fenômeno somente com o intuito de reforçar meus argumentos quando apresentar o erotismo *crossdressing*.

Alguns autores de matriz lacaniana consideram a homossexualidade feminina como derivada ou de uma rebeldia histórica, ou de um desafio histórico ao homem que seria incapaz de satisfazê-la, ou como uma resposta possível da estrutura perversa feminina. Na medida em que a mulher perversa destitui o homem de seu lugar, não aceitando assim o Nome-do-Pai, torna-se, a si própria, capaz de fazer a Lei. No entanto, seja qual for a concepção utilizada, para este trabalho, bastará ressaltar que, o erotismo subjacente à homossexualidade feminina, mantém o padrão erótico feminino, ou seja, mantêm-se as características da difusão pulsional, diferenciando-se do erotismo heterossexual feminino muito mais pela escolha de objeto, papéis e conteúdos do cenário erótico do que por assemelhar-se ao erotismo masculino. Também entre as homossexuais femininas há um investimento na estética

do cenário, certa tolerância para com as imperfeições estéticas na aparência física da parceira e menor cisão entre sexo, admiração e sentimentos amorosos.

Erotismo Bissexual Masculino

O bissexual masculino dificilmente distribui seu interesse por ambos os sexos igualmente. Em geral, revela-se como preponderantemente homossexual apenas intercalando momentos de atração por mulheres, ou ao contrário, uma heterossexualidade com episódios ou possibilidades homossexuais. Entretanto, independente de o bissexual, em uma determinada fase, ter preferência por parceiros de um ou outro gênero, ou mesmo, nos raros casos que sente atração por ambos os sexos com a mesma intensidade, o investimento é no objeto e sempre parte de uma plataforma erótica masculina. Assim, o bissexual alterna, grosso modo, o padrão heterossexual masculino (ainda que possivelmente suavizado e sofisticado pelo repertório de vivências homossexuais) e o padrão homossexual masculino. Contudo, temos aqui, apenas repetições e arranjos dos erotismos hetero- e homossexuais que sempre são dirigidos a um parceiro(a)

Transexualismo

Também foi o médico alemão Magnus Hirschfeld que, em 1923, cunhou o termo transexualismo, assim como também foi Hirschfeld que, em 1918, relatou a primeira cirurgia de redesignação sexual ocorrida em 1912. O fenômeno transexual se refere aos indivíduos que experienciam uma enorme discrepância entre seu sexo biológico e o sexo ao qual sentem pertencer. Os transexuais masculinos podem ser de dois tipos: primário ou secundário. No caso do transexualismo masculino primário, são indivíduos que nascem com o sexo biológico masculino, sem qualquer problema anatômico ou endócrino, mas desenvolvem desde cedo uma identidade de gênero feminina. Em geral, por volta dos dois anos, já se sentem uma menina e esta sensação

vai acompanhá-los a vida toda. Eles não querem se tornar mulheres, porque já se sentem mulheres, apenas acreditam que são "mulheres nascidas em um corpo trocado". Os transexuais masculinos primários, na maioria das vezes, não buscam prazer em seus genitais podendo até sentir vergonha ou nojo de seus órgãos sexuais. Este tipo de transexual também não sente qualquer prazer erótico em vestir roupas femininas, isto faz parte do seu cotidiano.

O erotismo do transexual está ausente ou é de cunho feminino. Não há relatos de transexuais primários com padrões eróticos masculinos (sejam esses padrões hetero- ou homossexuais). Novamente aqui, pode-se seguir os padrões eróticos descritos acima nas heterossexuais femininas, com maior investimento na estética do cenário erótico e nas posturas do homem do que no desejo de apoderamento de um objeto.

Quanto ao transexualismo masculino secundário, embora também possa ter alguns momentos na infância de maior identificação com as mulheres, seu comportamento e identidade permanecem, por um longo período, masculinos. Seu conflito de gênero aparecerá somente muito mais tarde, na adolescência, até mesmo na idade adulta ou até na terceira idade. Muitas vezes, estes indivíduos vivem confusos quanto aos seus sentimentos e passam por uma fase típica do *crossdressing* masculino. Chegam ao casamento e mantêm seu comportamento masculino em paralelo a um *crossdressing*, por vezes, acompanhado de excitação sexual (travestismo fetichista).

Embora seu comportamento seja homossexual, sua identidade e erotismo não o são. A identidade de gênero, passada a fase de confusão é nitidamente feminina. Quanto ao erotismo dos transexuais secundários, este será diferenciado do erotismo *crossdresser* no capítulo V (p. 124/125).

EROTISMO *DRAG QUEEN*

O termo "*Drag Queen*" já é usado na literatura técnica há algumas décadas (Sagarin, 1979). Poderia ser traduzido por algo como "rainhas fantasiadas". São homens que, geralmente, têm outras atividades durante o dia, vestem-se, à noite, com roupas femininas, mas de modo a imitar, satirizar, sem poder ou pretender, realmente, serem confundidos com uma mulher.

Uma *drag queen* não deixa de ser um tipo de transformista, pois o uso das roupas pode estar ligado a questões artísticas - a diferença é que a produção focaliza, em geral o humor, o exagero e não implica uma excitação do tipo encontrado no travestismo fetichista. Algumas vezes, as *drags* extrapolam os limites da paródia performática e, eventualmente, levam estas performances a uma perfeição estética e artística, em alguns casos, até profissionalizando-se.

Apesar de não existir uma relação necessária entre ser *drag queen* e a homossexualidade, a maioria é homossexual. Assim, o padrão erótico, em geral, corresponde ao descrito acima para o homossexual masculino. Por serem muito extrovertidas, proporcionarem divertidas paródias e não praticarem a prostituição, as *drag queens* têm tido maior aceitação social e divulgação por parte da mídia. Sua identidade de gênero como homens hetero- ou homossexuais, em geral, é bem definida.

A relação das *drag queens* com a figura feminina é ambivalente. Se, por um lado, existe um deboche para com a mulher, por outro, existe também uma grande admiração. Mesmo quando fazem montagens bizarras há, na maioria das vezes, um extremo cuidado nas montagens e uma imitação que, às vezes, chega a ter qualidade artística. Assim, coexistem, ao mesmo tempo, um desprezo e um prazer pelo feminino, ambigüidade esta similar à de alguns hetero- e homossexuais masculinos que enxergam a mulher como ser afetado, superficial, com trejeitos exagerados e que, ao mesmo tempo, admiram o feminino.

Finalmente, deve-se também diferenciar *drag queens* de homossexuais masculinos efeminados que se vestem de modo andrógino e podem, em casos mais raros, ocasionalmente se vestir como mulheres.

A partir destes breves comentários sobre os diferentes tipos de comportamentos e orientações sexuais, identidades de gênero e erotismos, pode-se notar que, apesar das especificidades de cada um, sempre existe uma forte atração, e até mesmo excitação pelas características do objeto do desejo. Este objeto é sempre desejado pelo que tem de alteridade (mesmo quando for receptáculo de projeções narcísicas). Claro que no caso das perversões, a relação com a alteridade se afrouxa ainda mais do que no caso dos neuróticos e cede lugar a um outro imaginado e imposto sobre o objeto, em detrimento da singularidade e desejos deste. O mesmo ocorre com o modo como os perversos constroem o cenário erótico que passa a se estruturar de modo rígido, estereotipado e, em geral, repetitivo, aparecendo o objeto como marionete. Contudo, mesmo entre os perversos hetero-, homo e bissexuais a excitação erótica inclui o objeto e seus atributos.

Portanto, nos erotismos *não-crossdressers*, embora haja parcelas variadas de projeções mútuas, diferentes graus de narcisismo, diversos graus de perversão e infantilismo sexual, existe também um claro desejo por um objeto, ainda que, em maior ou menor grau, por um objeto distorcido. Este objeto agrada devido às características consideradas inerentes a ele (beleza, força, inteligência, status social, etc.), devido à capacidade de proporcionar satisfação narcísica, ou ainda, devido às complementaridades psíquicas fundamentais para sustentar o desejo. De qualquer modo, nos erotismos *não-crossdresser*, o outro pode ser investido de intenso desejo sexual ou eventualmente de paixão e as características do investimento libidinal no outro não dependem da hetero-, homo- ou bissexualidade, mas, sim, da estrutura psíquica do sujeito desejante.

A seção abaixo mostrará um quadro bem mais complexo no que se refere ao *crossdressing* masculino. Veremos que um mesmo comportamento e orientação sexuais podem ser motivados por diferentes erotismos e que a identidade de gênero está contaminada pelos discursos socialmente hegemônicos homo e heterossexuais. No caso dos *crossdressers*, relacionar-se com homens ou mulheres ou com ambos, na maioria das vezes, não revela nada da identidade de gênero e, menos ainda, sobre o erotismo. O *crossdressing* possui um erotismo bastante peculiar e as categorias de erotismo homossexual, heterossexual ou perverso, muitas vezes, são aplicadas com certo automatismo sobre os *crossdressers*, perdendo-se aspectos diferenciais essenciais.

Erotismo *Crossdresser*

De início, será abordada a mobilização erótica do *crossdresser* frente a uma parceira sexual do sexo feminino. A seguir, será discutido o erotismo frente a um parceiro do sexo masculino.

Quando se relaciona com uma mulher, o *crossdresser* relata dois tipos de vivências. Uma, é semelhante à do padrão heterossexual masculino descrito acima. A outra, é própria do erotismo *crossdresser*. Baseia em uma identificação com a mulher com a qual ele, o *crossdresser*, está se relacionando, sem, contudo, corresponder nem ao erotismo heterossexual feminino, nem ao erotismo homossexual masculino. Na verdade, quando está se identificando com a mulher com a qual simultaneamente está se relacionando, o *crossdresser* - assim como muitos homens heterossexuais - imagina, por projeção, que a mulher esteja tendo a respeito de si própria o mesmo prazer visual, tátil e imaginário que um homem heterossexual tem por ela. Portanto, quando o *crossdresser* se identifica com uma mulher, embora, não consiga saber como de fato uma mulher vivencia o próprio corpo e seu cotidiano feminino, imagina-se estar vivenciando o feminino. Aquilo que imagina

que ela sinta, na realidade, refere-se a um erotismo masculino espelhado. Assim, para ele, esta mulher imaginada sentiria os mesmos prazeres que um **homem**, eventualmente, sentiria ao possuí-la ou ao desejá-la, isto é, ela se excitaria com visões que na realidade só um homem pode ter da mulher. Por exemplo, sua vagina pulsando e roçando na calcinha, a pele suave e perfumada de seu pescoço, sua nudez de felina lânguida se contorcendo, etc. Trata-se de algo como uma simetria erótica imaginária. A mulher fantasiada pelo *crossdresser* deseja narcisicamente a si mesma. Adora sentir a própria pele macia, goza fazendo gestos e trejeitos femininos, desfruta sentir o gosto do batom, usar brincos e se excita com o contato das macias roupas femininas com sua própria pele, bem como com a delicadeza das rendas, dos brilhos das jóias emoldurando seu lindo corpo feminino. Aprecia sentir o seu próprio seio, ver seus mamilos endurecidos ou perceber suas próprias nádegas arredondadas roçando uma na outra. Ou seja, ela se sentiria como um homem que a enxerga. Assim, o prazer que ele imagina ser o prazer que uma mulher tem, é muito diferente dos relatos de sensações descritos por mulheres reais. Nas palavras de Noemy (Felipe), 20 anos:

"Às vezes fico me olhando no espelho, olho meus ombros, meu rosto e consigo identificar cada traço feminino deles, tem coisas que as crossdressers curtem que nem as mulheres natas aproveitam, talvez porque para elas é normal, para nós não é. O 'ploc, ploc' de um tamanquinho, os cabelos tocando os ombros, a pele perfumada com uma fragrância maravilhosa, colocar uma roupinha nova e ela ficar bem no corpo e se admirar, querer tocar, beijar, abraçar aquela mulher no espelho". (Trecho de e-mail enviado para a pesquisadora).

E, conforme, Flavinha Vip Vamp, (trecho de biografia tirada do *site*):

"Só depois, na adolescência, é que comecei a perceber que, apesar de gostar de mulheres, também gostava de me sentir mulher e gostava de imaginar fazer sexo como mulher também."

"É uma coisa que mexe com a cabeça de qualquer homem, mas, juro, que me soa como um tipo de arte, algo como gostar tanto das mulheres, que dá vontade de se sentir como uma delas, ou algo como desejar tanto, tantas mulheres lindas do mundo e não poder tê-las, que a sensação de ser como elas funciona como um tipo de substituição."

E ainda, Gabriela, 40 anos.

"Adoro a feminilidade, para mim é fascinante o mundo feminino."

Esta encarnação das sensações masculinas num corpo feminino somente é prazerosa porque permanece no registro do erotismo heterossexual masculino. É por isto que atributos tais como a maciez da pele, os seios, os adereços, a lingerie, entre outros, atraem tanto os *crossdressers*.

Durante a relação sexual com uma mulher, os *crossdressers* relatam uma simultaneidade ou uma rápida e confusa alternância entre uma posição erótica heterossexual (identificada como um homem que deseja possuir a mulher) e uma posição masculina a qual podemos denominar de *crossdresser*, identificada com a mulher, desejando sê-la e se imaginando nela encarnado. Isto leva então a uma peculiar forma de erotismo: durante o ato sexual com uma mulher, o *crossdresser*, por um lado, precisa desinvestir a libido do Eu para se transformar em mero figurante. Seu corpo se transforma em uma marionete emprestada ao seu Eu que já abandonou o corpo de homem e invadiu o corpo da parceira e, uma vez lá sediado, deleita-se em ser a mulher embora uma mulher que só existe na sua fantasia masculina. Esta mulher não ama ou deseja um parceiro homem, apenas precisa do corpo do parceiro masculino para completar um cenário em cujo centro ela se encontra. Assim, de modo imaginário, ele vive o ato sexual no que acredita ser o ponto de vista dela. Esta mulher (ele mesmo encarnado na parceira) é objeto e sujeito da ação. É em torno dela que tudo gira.

Por outro lado, se neste momento seu corpo de homem passa a ser desinvestido e usado mecanicamente no papel de figurante a fim de gerar prazer àquela mulher imaginária com a qual está identificado, o corpo de homem do

crossdresser não deixa de estar presente e se manifestar. Assim, quando sua anatomia e as zonas erógenas masculinas parecem responder quase autonomamente aos estímulos eróticos emanados da parceira feminina (visão, odor, tato, etc.), novamente seus repertórios imaginários heterossexuais masculinos entram em ação, mas, desta vez, sediados no corpo de um homem e se excitam com a parceira tal qual qualquer homem heterossexual. É como se o corpo masculino que sedia de fato sua pessoa, reivindicasse seu quinhão sobrepondo-se por um momento ao imaginário *crossdresser*.

Assim, ele entrecruza diversas identificações dos vários personagens envolvidos. Por um lado, na medida em que se identifica com o homem que ele é, tem um prazer masculino centrado em seu corpo; próprio do homem heterossexual que deseja uma mulher e ao mesmo tempo, embora permaneça ancorado em sua identificação masculina, quer viver as sensações da mulher desejada-imaginada. Ele passa, então, a realizar uma dupla identificação. Entretanto, esta mulher imaginada com a qual se identifica lhe serve de imagem a ser "vestida". Na verdade, ele se traveste imaginariamente com o corpo desta mulher, ou, invade o corpo da parceira, encarna-se nela e passa a habitar esta mulher, amando-se narcisicamente ou amando narcisicamente o corpo feminino que lhe serve de vestimenta. É como se dissesse: "se eu fosse mulher me amaria narcisicamente, assim como somente um homem pode amar a mulher".

O *crossdresser* deseja ser uma mulher, mas ao mesmo tempo não quer perder sua consciência de homem. Isto pode ser visto na resposta dada no questionário (anexo II)⁶⁰. No questionário respondido pessoalmente à pesquisadora pelos "*crossdressers* reais", dos treze entrevistados, dez (76,9%) escolheram a opção que dizia:

⁶⁰ Questionário I, pergunta 15, questionário II, pergunta 14.

Escolheria ser mulher, mas com a consciência que tenho de ter sido homem e curtiria o prazer que sinto nos detalhes de ser mulher (toque dos cabelos nas costas, prazer de usar brincos, toc toc dos saltos altos, sensação das meias de seda, etc.), detalhes os quais as mulheres na maioria das vezes não se dão conta.

E no questionário respondido por meio da internet pelos "crossdressers virtuais" dos vinte e seis que enviaram suas respostas, vinte escolheram a mesma opção descrita acima, ou seja, 76,92%, a mesma porcentagem.

Esta identificação cruzada - mas sempre, ancorada na identificação masculina e sempre desejando o corpo feminino - é importante também para compreender o erotismo *crossdresser* no que diz respeito ao relacionamento sexual com **homens**, principalmente, para diferenciá-lo nitidamente do erotismo homossexual masculino.

Passemos, pois, ao segundo momento, aquele em que o *crossdresser* está "montado" e, eventualmente, em fantasia ou, de fato, relaciona-se com um homem. O *crossdresser* "montado" cria uma imagem de mulher a qual ele próprio compôs e incorporou a partir das mulheres que passaram por sua vida. Ao se relacionar com um homem, a partir desta plataforma de mulheres incorporadas, diversos prazeres são mobilizados. Nestes momentos, como "mulher", em parte, identifica-se e, em parte, encarna no parceiro homem que está tendo sexo com ele. Também goza por meio do que imagina ser o prazer que este homem está tendo com esta "mulher" (ele mesmo). Aqui a equação anterior do *crossdresser* tendo sexo com uma mulher se inverte: por um instante o *crossdresser* se descentra da "mulher" que ele está representando e encarna no seu parceiro, gozando por meio do que imagina ser o prazer viril deste parceiro homem. Este gozo por meio do parceiro somente se torna possível porque no *crossdresser* existe também identificação com o masculino. Na verdade, o único gozo que conhece é o gozo ativo e passivo de **homem**. Entretanto, neste momento em que o *crossdresser* está travestido de mulher, vive, em paralelo, os prazeres emanados de um sítio de gozo localizado na "mulher" em que está encarnando. Afinal, esta mulher, não somente sente prazer em imaginar o prazer que o outro tem em

olhá-la e desejá-la, mas também em sentir o prazer que ele, *crossdresser*, atribui ser inerente a toda mulher (o já mencionado prazer maravilhoso de usar brincos, saltos altos, ter cabelos sedosos e nádegas arredondadas, etc.). Além disso, o *crossdresser* eventualmente, terá o prazer de ser penetrado, mas não necessariamente por um homem. Pode ser por um consolo usado por uma mulher ou por um vibrador que ele mesmo, o *crossdresser*, manipula. Entretanto, seja ao ser penetrado por um homem ou por uma mulher, em geral, o prazer anal é derivado das pulsões parciais e zonas erógenas e não inclui como sujeito o parceiro masculino. Mobilizam-se sítios auto-eróticos e pulsões parciais: prazer masturbatório, anal, escópico, etc. Eventualmente até mesmo quando a penetração é dolorida e desprazerosa, um outro prazer pode sustentar a continuação do ato, o prazer de mimetizar uma mulher e excitar o olhar que ele imagina o parceiro ter ao ver uma mulher gozando quando penetrada. Porém, é importante ressaltar que também o espelho e um vibrador podem realizar esta fantasia. O outro não é importante como corpo inteiro ou como pessoa, mas como espelho ou marionete que completa o cenário do qual a mulher que o *crossdresser* encarna, é o personagem central.

Assim, os *crossdressers* não relatam prazer pelo contato com os atributos masculinos propriamente ditos, ao contrário, em geral se incomodam com a barba, os músculos, o cheiro, etc. Não indicam sentir paixão ou se entregar sexualmente aos atributos masculinos, enfim, não narram admirar os homens, ao contrário, sua visão sobre o masculino é, de modo geral, negativa em muitos aspectos.

É importante aqui ressaltar a diferença existente entre o erotismo *crossdresser* e os erotismos homossexual masculino e o heterossexual feminino os quais, cada um, a seu modo, derivam muito prazer dos atributos masculinos.

A este erotismo *crossdresser*, calcado sobre entrecruzamentos de identificações ancoradas numa identificação primária masculina, Luiz Alberto Hanns, em supervisão de casos clínicos, sugeriu tentativamente denominar de ***Encarnação Narcísica***.

Este erotismo, caracterizado por uma encarnação narcísica ao qual denominamos de erotismo *crossdresser*, não perpassa somente as relações sexuais. Com a evolução do *crossdressing* na vida do sujeito, ele passa a sensualizar diversos aspectos que imagina ser o cotidiano feminino e curte então passear "montada", ir ao shopping, ao cinema, restaurantes, supermercados e etc. Deste modo, os mesmos mecanismos de encarnação e identificação secundária cruzada são mobilizados, mas agora aplicados a outros contextos que não são diretamente sexuais e sim sensuais e eróticos.

A escuta diferencial dos vários tipos de erotismo, e em especial, do erotismo *crossdresser*, é muita dificultada, não só pelo fato, de não existirem tipos eróticos "puros", mas também, devido ao fato dos próprios *crossdressers* se servirem, por vezes, de imagens e categorias derivadas dos modelos hegemônicos hetero- e homossexual. Assim, por exemplo, podem, em um primeiro momento, relatar que desejam ser mulheres e, somente após uma exploração mais detalhada, dirão que querem ser mulheres mantendo a "cabeça de homem". Igualmente, quando relatam devaneios de serem casadas com um homem que as ame e viverem como donas de casa, somente após uma investigação mais cuidadosa, são capazes de explicar que, na verdade, o prazer do devaneio reside em se imaginarem no cenário aplicando sobre a figura da "dona de casa" o modelo de Encarnação Narcísica e, ao mesmo tempo, projetando sobre o homem-marido o seu próprio (do *crossdresser*) olhar masculino capaz de desejar uma mulher. E mais: o "Homem que as Ame", na realidade, ou é um figurante amorfo ou alguém que pode ser trocado com relativa facilidade.

Portanto, imagens, tais como, "estar nos braços de um homem" "ser desejada" "sentir-se mulher", "apaixonar-se pelo marido" e etc. precisam sempre ser exploradas em detalhes para diferenciar os diversos erotismos, suas combinações e expurgar de tais imagens, eventuais estereotípias, que foram apropriadas dos discursos hetero- e homossexuais socialmente disponíveis.

CAPÍTULO V

Psicodinâmica do Erotismo *Crossdresser*

Neste capítulo, serão apresentadas algumas hipóteses sobre os aspectos psicodinâmicos do desenvolvimento erótico *crossdresser*, a partir da ótica freudiana e de alguns conceitos da escola lacaniana.

No entanto, antes de se iniciar a discussão dos aspectos psicodinâmicos do *crossdressing*, cabe uma palavra a respeito da sua etiologia. Fatores biológicos, tais como: genética, interação do feto com os hormônios e demais produtos da bioquímica gestacional; sociobiológicos, tais como: interação bioquímica e comportamental entre indivíduos e cultura; psicológicos, derivados das interações intra-familiares e sistêmicas, nada disso é suficientemente conhecido para permitir qualquer afirmação mais precisa e rigorosa sobre o peso de cada fator. No entanto, mesmo que as inúmeras pesquisas sugestivas para a importância dos aspectos biológicos venham a se confirmar, não altera a importância clínica de uma investigação a respeito da psicodinâmica do erotismo *crossdresser*. Independentemente da maior ou menor participação dos aspectos psicodinâmicos na etiologia do *crossdressing*, se as descrições psicodinâmicas do desenvolvimento psicosexual servirem como guias teórico-clínicos para organizar a escuta dos fenômenos clínicos e propiciar o andamento do processo analítico, poderemos considerar nossas hipóteses como "ficções úteis" e nos conformar com sua indemonstrabilidade⁶¹.

Assim, as hipóteses que se seguem devem ser lidas como um esforço de organização conceitual do material clínico e se, em parte, divergem de várias das idéias de psicanalistas que se ocuparam anteriormente do tema, isto se deve

⁶¹ Esta visão, da teoria psicológica como sendo uma "ficção", permeia hoje todo o campo da psicoterapia, abrangendo abordagens variadas como a comportamental, a sistêmica, a psicologia analítica, etc.

somente às observações clínicas e não a divergências teóricas a priori. Embora as observações clínicas desta tese e sua interpretação sempre sejam passíveis de questionamento, parecem apontar para direções diversas daquelas defendidas pelos autores com os quais se debaterá no capítulo V.

A amostra com a qual se trabalhou nesta tese, constitui-se somente de sujeitos neuróticos, mas tudo indica que o *crossdressing* pode aparecer em qualquer uma das estruturas: na psicose, na neurose ou na perversão, não sendo uma estrutura em si. Portanto, nos restringiremos a discutir o erotismo *crossdresser* dentro da estrutura neurótica. A possível exceção, em nossa amostra, seria um paciente que em 1992 passou por um surto diagnosticado como bipolar. Fora o relato deste surto, anterior à vinda do paciente ao meu consultório, seu comportamento e discurso têm se mostrado tão característico do neurótico que algumas questões se impõe. Até que ponto se trataria de uma estrutura psicótica muito bem compensada ou de um surto que teria funcionado como defesa em uma estrutura neurótica? Ou ainda, poderia se tratar de um caso que não se deixa encaixar em nenhum modelo classificatório de estrutura? O mais prudente, até o momento, é deixar esta questão em aberto.

Retomemos agora o que procuramos mostrar no capítulo anterior, isto é, a grande admiração que o *crossdresser* tem pela sensualidade feminina desdobrando-se no duplo desejo de *ter* uma mulher e de *sê-la*.

Este duplo modo de se relacionar com o objeto e a forte carga narcísica do prazer *crossdresser* torna plausível, do ponto de vista psicanalítico, atribuir ao *crossdresser* fixações do período pré-edípico e, em especial, no estágio do espelho. Neste período de estruturação da noção de Eu e objeto, ocorre em toda criança um processo de constituição da própria imagem a partir do outro visto e da visão que o outro tem dela. Também predomina uma transitividade narcísica entre Eu e o outro. O outro me espelha e me constitui tanto me emprestando seu olhar (me dizendo como eu sou, minha aparência física e meu jeito e personalidade, revelando com quem

sou parecido, comparando-me com outros, dando-me parâmetros de diferenças e semelhanças). Além disto, este outro me traz correspondências de esquema de corpo, motricidade e expressões das emoções, ensinando-me o que socialmente o corpo diz e faz. Finalmente, este outro me captura em seu desejo, pois eu desejo o desejo do outro, de quem afinal quero ser, falo e com quem desejo formar uma plenitude dual. Do ponto de vista do erotismo oral canibalístico, amar é introjetar, incorporar (Freud 1933 [1932] Conferência XXXI). Do ponto de vista anal, amar remete à captura, domínio e retenção do objeto, objeto que deve se contentar com o que tenho para lhe dar. Assim, poderíamos pensar que as zonas erógenas e a auto-suficiência herdada do período de auto-erotismo, somadas às experiências da fase do espelho e da captura pela própria imagem de si (tão transitiva com a imagem do outro que me espelha) e, finalmente, a dualidade entre possuir o objeto e incorporá-lo, fornecem um modelo sugestivo para descrever a dinâmica relacional do *crossdresser* com a imagem do seu corpo e a imagem do outro.

Por outro lado, encontram-se nos *crossdressers* os aspectos neuróticos fundamentais que sugerem terem atravessado o período edípico e que deste ficaram as marcas essenciais da castração simbólica, do recalque, do desejo e da ética. Percebe-se nos *crossdressers* a capacidade de formar vínculos, de se apaixonar, de levar em conta os desejos dos outros, de empatizar com estes, de se afligir com as próprias limitações, de exercer uma autocrítica, além de serem capazes de formular demanda por uma ajuda analítica para lidar com angústias próprias do período edípico (mormente a rejeição). Nota-se que a maioria desenvolve defesas obsessivas, poucos desenvolvem defesas histéricas e eventualmente fóbicas. Enfim, os vemos com demandas genuinamente neuróticas por análise, não apresentam a rigidez psicótica, não alucinam nem deliram, não estão cindidos e não lidam com a linguagem de modo achatado (grudando significado e significante). Tampouco trazem a loquacidade exibicionista perversa, não apresentam um discurso de culto e do

direito sagrado ao gozo e não coisificam os objetos de amor. Não denegam, nem forcluem, mas, acima de tudo, recalcam.

Além disso, a questão da sexuação e da identificação se apresenta de modo simultaneamente primitivo (ligado ao auto-erotismo e narcisismo) e complexo (inserido no drama edípico). Neste sentido, o modelo freudiano de Édipo positivo e negativo, bem como a noção de identificação primária, pode ser útil na descrição do fenômeno *crossdresser*. Embora Freud aponte que, no processo edípico, os meninos desejam primariamente a mãe e se identificam com o pai, também afirma que, na fase auto-erótica e ainda na narcísica, existe uma identificação primária do menino com seu primeiro objeto de amor – a mãe. E, no caso dos meninos, em geral, quando mais adiante, prevalece a identificação com o pai, os antigos resíduos da identificação arcaica com a mãe se atrofiam. Ora, neste sentido, com os *crossdressers* parece não existir uma atrofia desta identificação arcaica, que permanece mobilizada no Édipo Negativo e, nestes casos, ambas as identificações, a masculina e a feminina, manter-se-iam ativas.

Deste modo, a identificação masculina parece permitir ao *crossdresser* se situar como homem que deseja possuir uma mulher, mas por outro lado, a identificação primitiva com a mãe, que não só não se atrofiou como foi reforçada no Édipo negativo, talvez, contribua para a oscilação entre o possuir e ser a fêmea.

Isto nos remete à questão sobre que tipo de mãe e pai poderiam estar presentes nestes casos. E também nos coloca a pergunta: como poderia ter se constituído este modo *crossdresser* de lidar com a libido?

Surpreendentemente, os casos clínicos e entrevistas não apresentaram um modelo de mãe sedutora, sensual que captura eroticamente o filho. Tampouco vimos a prevalência de uma mãe fálica ou de uma mãe sofrida que se fecha com o filho, excluindo o pai e tomando o menino como falo. Também não foram encontradas mães que indicassem desejo inconsciente ou consciente de ter uma menina, ou ainda uma mãe que vestiu o filho com roupas de menina. Finalmente, também não apareceu a

figura da mãe raivosa que rejeita a figura masculina e a desqualifica. O que mais se encontrou foi uma mãe forte, dominante em relação ao pai, contudo, nada que pareça extraordinário, patológico ou muito acima do que se vê em inúmeras outras famílias. Esta mãe tampouco estava excessivamente implicada com o filho e não era uma mãe inadequadamente íntima ou cúmplice desta criança. Os *crossdressers*, diferentemente de muitos homossexuais, não dão às suas mães um papel tão presente em suas vidas. Embora, em geral as admirem e delas tenham uma imagem positiva, não as idolatram, não as mencionam muito, não empatizam de forma feminina com elas, não se interessam pelas atividades femininas e não costumam ter grande cumplicidade com elas. Relatam mães, muitas vezes, ocupadas, severas, ou simplesmente adequadas e carinhosas.

Quanto ao pai, sempre o encontramos muito fraco ou ausente, mais raramente, excessivamente autoritário e assustador. Jamais um pai companheiro, modelo de masculinidade e ídolo do filho. De fato, os *crossdressers* não mencionam muitos seus pais, não os odeiam, tampouco, admiram-nos ou amam-nos muito, pois, de modo geral, tiveram pouco contato com eles.

Escutando os *crossdressers* em análise, tudo indica que o masculino, desde o início parecia-lhes pouco atraente e, ao mesmo tempo, difícil de cumprir. É como se os homens fossem fracos demais ou duros demais, de modo que se tornar um homem mais competente que o pai, parece-lhes algo demasiado difícil. Relatam dificuldades profissionais, ou quando conseguem algum sucesso, nunca parece ser algo muito extraordinário. Também em outras atividades masculinas, tais como esportes, conquista de namoradas, etc., sentem-se medíocres ou medianos. Além disso, se de modo geral, os discursos femininos destas mães desqualificavam o pai (embora não em escala incomum ou excessiva), por outro lado, parecem desejar a figura masculina e não degradá-la de modo geral e irrestrito, isto é, as críticas são mais direcionadas ao pai do que aos homens em geral.

Entretanto, os questionários que constam no anexo II não confirmam o que os casos em análise e a convivência pessoal indicam. Como se nota, no geral, os questionários apontam para uma boa satisfação com a própria competência viril, tanto no campo sexual quanto no profissional.

Esta discrepância entre os depoimentos em análise e os questionários abre algumas questões:

- 1) É possível que a dificuldade com a competência masculina somente seja perceptível entre os analisandos, uma vez que, justamente, estes indivíduos se viram interessados em análise por se defrontarem com esta dificuldade. Assim, esta dificuldade com a própria competência masculina seria mais pertinente aos pacientes *crossdressers* do que aos *crossdressers* em geral.
- 2) Os questionários podem não ter explorado adequadamente este ponto induzindo os sujeitos a darem respostas defensivas e estereotipadas.
- 3) Por outro lado, o fenômeno universal entre os *crossdressers*, a urge (fissura) que todos tratam como adição, consolo e refúgio sugerem a existência de baixa tolerância à frustração ou então, uma dificuldade em lidar com as exigências cotidianas de competência. Seja qual for o caso, não se pode afirmar com segurança que todos ou a maioria dos *crossdressers* percebam a competência viril como muito difícil de atingir. A mesma discrepância entre analisandos e questionários ocorre no que tange às críticas da mãe ao pai e sua preponderância.

Assim, olhando para o quadro geral, incluindo analisandos e questionários, fica-se a impressão de que estes meninos nunca tiveram cúmplices masculinos, modelos de identificação positivos, mas também não criaram cumplicidade e identificação plena com figuras femininas. Se toda resolução edípica é, em essência,

solitária, o percurso dos *crossdressers* parece ter sido mais solitário, no sentido de não encontrarem ancoragens identificatórias masculinas atualizadas e mais satisfatórias. Afinal, não existe um caso de pai companheiro e bom guia de vida. Parte da resolução edípica é, então, refugiar-se em identificações mais arcaicas, narcísicas e auto-eróticas.

Resumindo:

No Édipo dito normal, quando de seu terceiro tempo, ao demonstrar que é o detentor do falo, o pai real castra a criança no sentido de que ela não pode mais acreditar ser o falo da mãe. Ao compreender que o pai tem o falo, a criança se libera da tarefa impossível de ser o falo da mãe e se identifica com o pai. O *crossdresser*, de fato, parece passar pela castração simbólica e se identificar com o pai. No entanto, é possível que atingir os ideais de Eu atinentes ao papel de homem lhe pareça tão difícil que, além de uma defesa obsessiva (a qual lhe exige uma boa dose de competitividade masculina), os *crossdressers* busquem, a partir das fortes fixações libidinais do período auto-erótico e narcísico, compensar os momentos de frustração pela via regressiva que os conduz de volta ao refúgio narcísico e à identificação com a figura feminina.

É importante ressaltar que esta dupla identificação com o masculino e com o feminino, acima aludida quando se abordou o percurso de resolução edípica, não significa, porém, que ocorra uma cisão psicótica da personalidade. Do mesmo modo que Freud descreve que o neurótico obsessivo padece da dúvida: ama-se ou odeia-se, ativando alternadamente sítios pulsionais mais arcaicos correspondentes às fases oral e anal, também o *crossdresser* parece regredir a dois sítios pulsionais arcaicos, em que ora prevalece a identificação com o objeto do desejo - a mãe - (processo erótico próprio do narcisismo), ora prevalece a identificação com o pai (modo próprio da fase do Declínio do Complexo de Édipo). Claro que, esta identificação com o pai

se prenuncia em todas os meninos já no próprio estágio do espelho, embora se consolide somente com o final da sexualização, bem mais adiante, após o Édipo.

Portanto, o *crossdresser* habita dois planos psíquicos: ao mesmo tempo busca *ser e ter* o falo. Apesar de ter, em seu desenvolvimento psíquico, atingido e passado pelo complexo de Édipo, o sujeito procura no narcisismo e no auto-erotismo um refúgio para lidar com suas angústias.

Neste sentido, chama atenção a frequência com que os *crossdressers* relatam uma correlação entre frustrações e o surgimento da urge de se travestir (e o alívio e consolo que esta atividade lhes proporciona). Paralelamente, observa-se que, em geral, nos momentos em que os *crossdressers* estão envolvidos com suas carreiras e obtendo algum sucesso, a urge não aparece ou aparece mais raramente. Pode-se especular até que ponto houve antes um refluxo geral da libido que diminuída deixa mais espaço para outros interesses, ou se a libido se redirecionou para interesses heterossexuais rebaixando a tensão psíquica permitindo maior concentração nas tarefas profissionais, ou ainda se a própria libido se redirecionou em um movimento sublimatório em direção a atividade profissional. De qualquer modo os relatos indicam que, sempre uma frustração precede o aumento da urge. Esta frustração tanto pode ser devida a uma derrota em algum campo profissional ou amoroso quanto a um mero enfado, à mesmice de uma vida considerada medíocre.

Outro ponto fundamental é o lugar que ocupa em seu imaginário e na sua psicodinâmica a mulher com pênis. É recorrente no meio psicanalítico a idéia de que o *crossdresser* estaria restaurando o que a mãe não tem e deveria ter, negando, assim, de forma primitiva e concreta a castração na sua manifestação mais visível e direta (a ausência do pênis na mãe).

Contudo, tomando cuidado em não enquadrar de forma apressada os sujeitos em teorias, e antes de tudo, *escutá-los* cuidadosamente, surge, segundo nossa amostra de oito analisandos, mais de 30 *crossdressers* entrevistados e dezenas de artigos da literatura do meio *crossdresser*, um quadro muito diferente. Não

encontramos no discurso, nos sonhos ou lapsos dos sujeitos, menções ou interesse pela figura da mulher com pênis. Tampouco encontramos esta visão quando descrevem a intimidade de suas fantasias eróticas, de suas sensações e dos estímulos que os excitam. Nem ser mulher com pênis e nem ver uma mulher com pênis está em primeiro plano em sua excitação. O que é enfatizado é o poder de sedução da mulher e o prazer evocado por sua sensualidade. Diferentemente dos *crossdressers*, os clientes dos travestis (denominados atualmente de *t-lovers*) estes sim, relatam prazer e fascínio pela mulher com pênis, todavia trata-se de uma população diferente da dos *crossdressers*. É preciso cuidado para que nosso olhar psicanalítico, pré-concebido pela teoria do fetichismo, não force sobre os *crossdressers* um desejo pela imagem fálica da mulher com pênis. Ao contrário, como já mencionado, se pudessem, muitos *crossdressers* fariam a cirurgia de redesignação de gênero. Não é devido à circunstância da montagem resultar em uma mulher com pênis que deveríamos considerar a recusa à castração (*Verleugnung*) contida no ato travéstico como sendo diferente da recusa à castração encontrada nas compulsões e vícios de neuróticos em geral. No caso dos *crossdressers*, a compulsão de vestir-se como mulher não se concentra em torno da constituição de uma mulher não-castrada. Talvez se possa utilizar como hipótese explicativa os ganhos psíquicos que o estado de ser mulher traz ao *crossdresser*. Neste sentido, se partirmos da constatação de que existe uma forte correlação com os momentos de angústia e de frustração com a urge (fissura de se travestir), poderíamos imaginar que as pulsões parciais que são ativadas, por uma regressão narcísica e, em parte, auto-erótica, propiciam ao *crossdresser* uma autonomia de prazer e alívio. Ao mesmo tempo, o *crossdresser* logra possuir uma linda mulher, algo que ele muito deseja, e também ocupar a posição, supostamente confortável, de apenas ser objeto de desejo e não ter de conquistar. Ele não precisa se empenhar nos cansativos empreendimentos masculinos (de competência e competição), podendo finalmente na intimidade do quarto solitário, onde produz a linda mulher, exercer o poder de

sedução e gozar duplamente: sendo seduzido e ao mesmo tempo seduzindo - olhando e possuindo.

Segundo Zara (Roberto) é *"muito mais fácil ser mulher. Ser homem dá muito trabalho, é preciso ir à luta, conquistar. Mulher somente precisa seduzir"*.

Deste modo, em momentos de frustração quando o *crossdresser* se sente incapaz de exercer a masculinidade de maneira competente, busca refúgio em sítios narcísicos onde não dependa do desejo e da aprovação do outro. Nos momentos de urge, tal qual um neurótico pode apelar para as drogas, compulsões alimentares, compras compulsivas, etc. - todas estas atividades que gratificam auto-eroticamente o sujeito -, também o *crossdresser* tem o seu sítio próprio de fixação infantil, auto-erótico e narcísico, especificamente, na compulsão de vestir roupas femininas. E porque justamente fazê-lo pelo *crossdressing* e não fazê-lo se drogando, jogando, ou comendo compulsivamente? Por que estas gratificações não são preferidas? Talvez a preferência pela montagem, deva-se a um somatório de disposições constitutivas (genéticas) e fixações em zonas erógenas ligadas ao feminino e, finalmente, à já mencionada intensidade da admiração pelo feminino numa fase em que *ser* e *ter* se intercalam, ocorrendo também a já aludida solidão e falta de modelos de ancoragem ao longo do percurso edípico (p. 121). Podem-se construir ainda diversas outras hipóteses para historiar a formação do erotismo *crossdresser*, contudo, frente ao material clínico, não parece fazer sentido outorgar ao *crossdressing* uma busca pela constituição da mulher não-castrada. Esta mulher com pênis, como mencionado anteriormente, parece ser muito mais um efeito colateral do desejo de ser mulher.

Quanto a este desejo, é preciso considerar a questão da proximidade existente entre o transexualismo e o *crossdressing*. Segundo a presente investigação, a maioria dos *crossdressers*, mesmo não sendo transexual, em um ou outro momento, pergunta-se se gostaria ou não de fazer a cirurgia de redesignação de gênero.

Em termos psicodinâmicos, proponho que, o que realmente diferencia o *crossdresser* do transexual é a existência de um erotismo masculino diferente daquele dos transexuais que, freqüentemente, ou não têm erotismo algum ou demonstram ter um erotismo plenamente feminino.

"É engraçado, que se às vezes eu sinto-me prazerosamente mulher, por outras (e aí o prazer é maior ainda), gosto da sensação de lembrar-me que sou um homem representando uma mulher". (Trecho de e-mail enviado para a pesquisadora por Roberta (Fernando), 49 anos).

Talvez se deva considerar os *crossdressers* dispostos a fazer a cirurgia como "pseudo-transexuais". Na realidade, é como se o *crossdresser* neste momento desejasse fazer uma "montagem" completa e definitiva. Assim, mesmo operado, se sentiria como um homem "revestido" de mulher. O autor do e-mail acima, cinco anos após tê-lo enviado, aventou seriamente a possibilidade de fazer a cirurgia de redesignação de gênero.

PSICODINÂMICA CROSSDRESSER E HOMOSSEXUALIDADE

Cabe agora, abordar a relação entre a psicodinâmica *crossdressing* e a homossexualidade. No início desta pesquisa, uma hipótese a se delinear foi a de que o *crossdressing* poderia ser uma defesa contra uma homossexualidade latente recalcada. Com o desenvolver da pesquisa, foi ficando claro que, se fosse uma defesa, não seria eficaz e egossintônica. Por exemplo, homofobia é uma defesa egossintônica contra a homossexualidade. O travestir-se, contudo, é objeto de mais desprezo social do que a homossexualidade. De certa forma, socialmente, imagina-se que um homem que se traveste, estaria mais perto da feminilidade e seria mais

"mulherzinha" do que o homossexual. Em caso de homossexualidade recalcada, não parece fazer sentido que o sujeito invista seu tempo, sua energia e seu dinheiro em roupas, sapatos, maquiagens, depilações e etc. os quais, afinal, socialmente sugeririam, de maneira contundente, a suposta homossexualidade recalcada.

A maioria dos *crossdressers* apresenta comportamento bissexual, entretanto, apesar de reconhecer esta bissexualidade em seu comportamento, definem-se como heterossexuais. Relatam que quando "mulheres", relacionam-se com homens e quando "homens", relacionam-se com mulheres. Alguns *crossdressers* declaram relacionar-se sexualmente com mulheres quando estão travestidos e enfatizam que "quando mulheres" são lésbicas, pois somente se interessam por parceiros do gênero feminino. Neste sentido, o erotismo *crossdresser* sempre parte de um olhar heterossexual masculino. Finalmente, não foi possível encontrar na literatura e na casuística o relato de um único caso de *crossdresser* que mais adiante tenha se revelado como homossexual. Todos permanecem no *crossdressing* ou evoluem para a cirurgia de redesignação de gênero, ou ainda, revelam-se como transexuais.

Assim, é necessário não confundir o discurso do *crossdresser* heterossexual que afirma não ser homossexual, como uma negação de uma pretensa homossexualidade⁶². Como a clínica nos mostra uma defesa mais eficiente, na maioria das vezes, utiliza-se de representações mais deslocadas e, dificilmente, são usados conteúdos similares ao que deve ser afastado⁶³.

Ao ressaltar que não quer ser classificado de homossexual, geralmente, o *crossdresser* está se rebelando contra a classificação incorreta de seu erotismo como erotismo homossexual. Conforme mencionado anteriormente, o que provoca a sua excitação é muito diferente do que afeta, em termos sexuais, os homoeróticos

⁶² É consenso nos estudos sobre o *crossdressing*/travestismo que mesmo quando ambos incluem sexo com outros homens tratam-se de fenômenos diversos da homossexualidade.

⁶³ Lembremos os sintomas de Elizabeth Von R, descritos por Freud. Apaixonar-se pelo cunhado e dores fortes nas pernas, a primeira vista não parecem ter nenhuma ligação, tampouco fazem Elizabeth se colocar em uma situação de perigo frente à volta do reprimido.

e, uma escuta mais cuidadosa sobre seus desejos e fantasias, indica que os caminhos pelos quais o erotismo dos *crossdressers* passa são muito diferentes da via erótica dos homossexuais.

Voltemos agora à questão da psicodinâmica da perversão e do *crossdressing*. A perversão em geral tem duas facetas: a primeira, mais ligada à inibição de desenvolvimento sexual abarcando manifestações, tais como: a coprofilia, o fetichismo, o voyeurismo, a homossexualidade, todas elas emanações intensificadas da perversão original polimorfa infantil. Estes casos, freqüentemente, envolvem diferentes gradações de traços perversos em sujeitos neuróticos que apresentam diversos recalques e são perfeitamente capazes de uma postura ética bem própria de quem foi submetido à castração simbólica. Contudo, quando não se trata de *traços* perversos, mas, de rituais sexuais estereotipados que, em alguma medida, são a própria condição do gozo, convencionou-se denominá-los de perversos. Cabe lembrar que, como indica Freud, as regressões e inibições não são maciças e podem combinar-se, de forma desigual, incidindo sobre partes do Eu e da libido. Assim, tais "perversões" convivem com aspectos não-perversos e o termo perverso parece referir-se mais a um infantilismo da libido. Também com relação à homossexualidade, o uso do termo perversão é ambíguo na obra de Freud. Em seus textos clínicos e no "Caso Leonardo", reafirma o caráter, os recalques e o pleno desenvolvimento erótico dos homossexuais e, textualmente, afirma que a maioria dos homossexuais é neurótica⁶⁴. Ele indica que a inibição e o infantilismo, que assumem a forma de perversão sexual, podem conviver com a neurose e o recalque.

A segunda faceta, refere-se à malignidade, abarcando a pedofilia, o sadismo, o masoquismo, o estupro, etc. Em geral, os comportamentos anti-sociais que não levam em conta o desejo do objeto e, eventualmente, gozam com a dor do objeto,

⁶⁴ Freud, Leonardo da Vinci - "Uma lembrança da sua infância" (1910) e "A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher" (1920).

são denominados de perversos. Nestes casos, os recalques e a ética estão pouco presentes ou, até mesmo, ausentes. Aqui perversão é quase sinônimo de malignidade.

Embora exista um trânsito entre estes dois modos de funcionamento perverso, este duplo uso do termo perversão na psicanálise, tem estendido de tal modo sua abrangência semântica que surge uma contra-tendência atual, cuja opção tem sido reservar o termo perversão somente para o segundo grupo. Não é à toa que, por exemplo, McDougall refira-se às Neo-sexualidades para o primeiro grupo ou ainda Graña, denomine-os de Desvios Sexuais, enquanto Kernberg, diferenciando ambos os grupos, chama-os de aspectos perversos e utiliza o termo "perversões malignas" para os quadros pertencentes ao segundo grupo. No campo teórico lacaniano, o termo continua cobrindo um espectro que vai do infantilismo no desenvolvimento sexual, ao modo de relacionar-se com a Lei e o desejo, o qual tem como eixo à "recusa à castração".

No caso dos *crossdressers* aqui estudados, bem como pelo que consta na ampla literatura *crossdresser*, aludida no capítulo anterior, não parecem estar presentes aspectos perversos de malignidade:

1) Não existe prazer em enganar o outro, (quando existe, é nos casos de personalidade anti-social às vezes presente em alguns dos travestis que se prostituem). Na população *crossdresser*, em geral, não existe dificuldade com a castração simbólica e com as questões éticas, pois não existe uma ausência da posição desejante e, sim, plena capacidade de vínculos amorosos, uma noção muito precisa da Lei e da Falta, bem como de uma forte inserção familiar.

2) Conforme discutido mais acima, a circunstância de que "montagem" resulte em uma mulher com pênis não implica que esta mulher fálica seja a meta psicodinâmica ou que o *crossdresser* procure restaurar a mulher não-castrada.

Portanto, os *crossdressers* seriam perversos na acepção de seu desenvolvimento sexual ter pontos de fixação infantis, bem como devido à angústia diante da castração levá-los a buscar um refúgio narcísico. Mas, neste caso, os histéricos, os droga-dependentes e os pacientes compulsivos, em geral, também, seriam perversos. Entretanto, ao estender o termo perversão de modo a englobar estes casos, corre-se o risco de torná-lo geral, inespecífico e fazê-lo equivaler não mais a uma recusa à realidade da castração (*Verleugnung*) e, sim, a uma **resistência** à castração, algo que, afinal, encontramos em todos os neuróticos. Apesar de existirem perversos que são travestis, assim como psicóticos, a população geral de *crossdressers* é composta de neuróticos altamente sofridos e com graves inibições.

Resumo dos principais tópicos deste capítulo:

- 1) A orientação sexual dos *crossdressers* é variada e, em parte, na fantasia, se dirige a homens, contudo, fica claro que não se trata de homoerotismo e de homossexualidade na acepção corrente do termo.
- 2) Não faz sentido entender o *crossdressing* como defesa deslocada contra uma homossexualidade recalcada, uma vez que este é uma atividade egodistônica e suas representações estão por demais próximas da homossexualidade para servirem de formação substitutiva.
- 3) Não há como decretar ao *crossdresser* uma mãe intrusiva, fálica ou sedutora, tampouco um pai ausente ou terrivelmente castrador, além disso, as famílias não são particularmente diferentes da população em geral e a maioria dos *crossdressers* relata uma vida familiar razoavelmente satisfatória.
- 4) Também não se verifica na infância dos *crossdressers* defeitos físicos, feminilidade, ou dificuldades objetivas em desempenhar as tarefas masculinas.
- 5) No que tange à infância, há algumas constantes verificadas:
 - a ausência de um pai companheiro e modelo;
 - a experiência prazerosa de se vestir com alguma roupa feminina;
 - a peça de roupa em si não era tratada como fetiche, o prazer residia em usar e se ver usando a roupa;
 - uma genuína atração por mulheres;
 - nenhuma atração por homens, apenas mais tarde uma atração pelo homem como figurante de um cenário no qual o *crossdresser* assume o papel de uma linda mulher.
- 6) Na idade adulta, todos, em algum momento, fantasiam com a possibilidade de ser anatomicamente uma mulher (não ter pênis).

- 7) A maioria sofre com o preconceito contra os *crossdressers* e gostaria de poder passar toda ou parte da vida como mulher, sem ter que perder as relações familiares, a profissão e as amizades.
- 8) Todos relatam o mecanismo que denominamos de *Encarnação Narcísica*, isto é, ocupar imaginariamente o corpo da mulher ou então revestir-se com este corpo e mantendo a consciência de homem, gozar masculinamente em ser esta mulher, portanto, conforme o dizer de alguns *crossdressers*, ter uma "masculinidade feminina".
- 9) Pode-se considerar que na resolução edípica dos *crossdressers* não há uma atrofia da identificação com o feminino, mas em uma **identificação mista** que, embora seja preponderantemente masculina, mantém ativa a identidade feminina.
- 10) Nos *crossdressers* ocorre uma regressão ao auto-erotismo e ao narcisismo como mecanismo de defesa frente à angústia de castração, mas não no sentido de negar a castração e restituir à figura feminina o pênis, mas, no sentido de se tornar o objeto do próprio desejo - tornar-se a mulher desejada.
- 11) A mulher de pênis não ocupa o imaginário *crossdresser* e, sim, o dos homens que sentem atração pelos travestis.
- 12) Também entre os *crossdressers* pode existir uma eventual atração por travestis, mas esta é mais de cunho empático e projetivo do que uma atração por ser o pólo masculino ou por ser penetrado por um travesti, isto é, os *crossdressers* desejam ter e ser o travesti.

CAPÍTULO VI

Debatendo com as Teorias Psicanalíticas sobre o *Crossdressing*

Conforme mencionado na Introdução e apresentado no capítulo II, algumas hipóteses psicanalíticas têm sido formuladas tanto no que diz respeito ao travestismo quanto ao *crossdressing*. A seguir, serão discutidas as idéias propostas por Robert Stoller e Joël Dor (capítulo II), bem como as idéias de Joyce McDougall.

Contudo, antes de fazê-lo cabem alguns comentários sobre dois autores que não são propriamente psicanalistas, mas empregam alguns conceitos do campo psicanalítico e apresentam teses relevantes, trata-se de Doctor (p. 34) e Verschoor (p. 37).

Ambos autores defendem modelos descritivos e dinâmicos que, embora diversos entre si - Verschoor se baseia em Doctor e busca aperfeiçoar o modelo de seu antecessor - têm o mérito de descrever de modo flexível e preciso a constituição e as idas e vindas do *crossdresser* entre identidades de gênero e transgênero (incluindo-se aí as oscilações entre o *crossdressing* e o transexualismo secundário). Poderíamos traduzir para uma linguagem mais psicanalítica suas idéias dizendo que fundamentalmente o Eu é fragmentado e conflitado por contradições de identidade e desejos. Além disto, o Eu emerge para a consciência de modo apenas parcialmente coerente. Ambos autores defendem a idéia de que não há *um* modelo psicodinâmico de travestismo, mas necessariamente *diversos* (que, portanto, exigem um aparato teórico que opere com combinações). Também cabe mencionar que ambos levam em conta aspectos econômicos quando tratam das forças relativas dos sub-sistemas. O que ambos não apresentam, diferentemente dos autores psicanalíticos, é uma teoria de constituição da personalidade, isto é, não se apóiam em uma teoria

do desenvolvimento psicosssexual. Neste aspecto, também chama atenção que ambos parecem ter uma visão muito estreita da sexualidade, não considerando que na infância haja sexualidade, esta somente surgiria na adolescência.

Robert Stoller

Quanto às posições de Stoller, existem alguns aspectos a comentar. Na verdade, somente sua primeira classe de travestismo, **a fetichista** (p. 55), é atinente ao fenômeno *crossdressing*/travéstico do qual estamos tratando. O **travestismo dos transexuais** (p. 57) não passa de um acréscimo circunstancial à sua identidade feminina e, a rigor, nem mereceria a designação de travestismo. No que diz respeito ao travestismo dos **homossexuais efeminados** (p. 57), além de se tratar de um fenômeno raro, não implica a feminilização do corpo por meio de próteses de silicone, hormônios, etc. Quando ocorre, geralmente, restringe-se à maquiagem e roupagens, eventualmente, depilação. Em geral, fica a meio caminho de uma "montagem" e uma proposta de androgenia, tal como era freqüente nos anos 70 e 80 servindo de exemplos, cantores de música Pop e Rock, tais como, Boy George, David Bowie e Prince, entre outros. Nos casos de travestismo homossexual efeminado, nos quais eventualmente ocorra uma montagem completa, como por exemplo, no filme de Luchino Visconti "Os Deuses Malditos", a cena em que Helmut Berger se traveste, deve-se fazer a distinção entre *drag-queens* e *crossdressers*. Entretanto, nem o travestismo do homossexual efeminado nem os *drag queens*, e tampouco, as roupagens andrógenas, trazem consigo o erotismo travéstico no sentido de uma sexualidade calcada sobre o uso de roupas do sexo oposto (em fantasia ou em ato). Nos casos de homossexualidade efeminada o uso eventual da roupa feminina, é muito mais um acréscimo à homossexualidade do que uma meta central. No que diz respeito aos **psicóticos incertos e latentes** (p. 58), é claro, que não se trata de erotismo *crossdresser* propriamente dito. Assim, por exemplo, no caso Schreber, a eventual identificação com uma mulher pertence a outra classe de fenômenos

psíquicos - muitas vezes ligados a quadros paranóicos ou a uma total dissociação do *self* - *algo diverso das fantasias crossdressers*.

No que tange aos **grupos mistos** de Stoller (p. 58), embora esta pesquisa também aponte para o travestismo como um fenômeno heterogêneo, podendo incidir sobre qualquer tipo de estrutura psíquica, e passível de várias combinações, não parece ser adequado mesclar os quadros stollerianos 2, 3, 4, 5, 6 e 7 (pp. 57/58) ao erotismo crossdresser propriamente dito. Quanto ao **travestismo biologicamente induzido**, embora seja possível e até provável que o fenômeno *crossdressing*/travéstico possua componentes biológicos, esta participação de fatores neuro-endócrinos ainda não foi constatada. Por exemplo, o estudo de Buhrich (p. 47) sobre testosterona plasmática e o nível sorológico de FHS e LH, bem como a não existência de estudos de neuro-imagens de crossdressers, indicam a precariedade do estado da arte neste campo biológico. Ademais, na ampla maioria dos casos estudados, se forças biológicas forem futuramente identificadas, não parecem atuar de maneira independente com relação às experiências produzidas pelo ambiente. Embora, possivelmente, em todos os casos de erotismo travéstico haja componentes biológicos os casos em que a participação de fatores orgânicos é mais evidente tais como o **hipogonadismo congênito e as doenças do lobo temporal** (p. 58) são minoritários.

Finalmente, a sua última categoria, o **travestismo casual** (p. 58), ainda que possa ser aparentado com o *crossdressing*, (eventualmente, pode se tratar de um *crossdressing* recalcado), não encontramos estudos psicanalíticos a respeito deste fenômeno.

Portanto, somente a primeira das categorias Stollerianas, a denominada **travestismo fetichista** será discutida neste trabalho.

Embora Stoller subdivida esta categoria em dois grupos (o primeiro constituído por aqueles que se contentam em usar algumas poucas peças íntimas do vestuário feminino), tanto as pesquisas internacionais como a literatura de *sites*

produzidas pela comunidade *crossdresser*, somente se referem ao segundo grupo (aquele que após um início com poucas peças do vestuário feminino, evolui para montagens completas e para o prazer de se sentir e, eventualmente, circular como mulher). É possível que o primeiro grupo, por razões variadas, não se manifeste socialmente e por isto, permaneça indetectado nas pesquisas atuais, todavia, as evidências indicam que este grupo é numericamente pequeno. Em nossa amostra, de trinta e três pessoas, temos um único caso. Ainda assim, neste caso, parece que a psicodinâmica que descrevemos para o *crossdresser* típico, também é válida para os que se limitam às peças íntimas.

Quanto à etiologia, Stoller propõe que se aguarde por mais estudos. Entretanto, elenca alguns fatores. Fundamentalmente, sua hipótese é que depois de ter desenvolvido uma masculinidade "normal", até os primeiros dois ou três anos, os futuros *crossdressers*/travestis sofreriam um ataque da mulher/mãe que os educa e este ataque se constituiria na humilhação de obrigar o menininho a vestir roupas de menina. A motivação desta agressão feminina seria a reação de vingança da mãe frente aos temores e fantasias evocados nela pela masculinidade emergente no filho. A este trauma se somaria ainda uma ruptura com o pai essencialmente passivo e amedrontado. O *crossdresser* passaria a sentir por este pai um amor/nostalgia marcado pela sexualidade "*formando um estado erotizado de tensão e frustração*".

A hipótese de Stoller que o *crossdresser* tenha podido desenvolver sua masculinidade, até certo ponto, coincide com nossas observações. No entanto, a presença de ataques femininos à masculinidade e a sensação de humilhação ao ser obrigado a usar roupas de menina só foram constatadas em dois dos trinta e três casos pesquisados. Embora a sensação de humilhação estivesse presente, não existem elementos para postular uma agressão feminina, uma vez que se tratavam de situações em que as roupas dos meninos estavam molhadas e as únicas roupas disponíveis para a emergência eram vestimentas de armários de primas.

A outra hipótese de Stoller, de que haveria um pai passivo ou demasiadamente rígido, mas no fundo pseudo-masculino primitivo, parece confirmar-se em todos os nossos casos. No entanto, a idéia que os filhos estariam ansiando nostalgicamente pelo pai com um toque de sexualidade, não só está ausente nas associações em análise, nos relatos e memórias dos nossos casos, como também depõe contra esta hipótese o fato de os *crossdressers* não transferirem este suposto amor pelo pai, para outros homens. Pelo contrário, estes homens permanecem enclausurados em uma posição passiva narcísica, ignorando quase totalmente a presença afetiva e física de um eventual parceiro sexual masculino, seja nas fantasias, seja nos atos reais.

Possivelmente, a pequena amostra de Stoller, bem como a não consideração de aspectos narcísicos, próprios da etapa do estágio do espelho e uma excessiva ênfase na hipótese de um ataque materno, sejam elementos que levaram Stoller a não diferenciar o *crossdressing* do fetichismo (que ele associa a homo e a heterossexualidade).

Stoller foi talvez o psicanalista que mais se debruçou sobre o tema do travestismo e deve ser admirado pela sua prudência, seu respeito pelo material clínico e seu esforço em diferenciar minuciosamente as diferentes incidências do travestismo.

Joyce McDougall

Uma autora cujos aportes são relevantes para a discussão do *crossdressing*, é Joyce McDougall, que embora não trate diretamente deste tema, discute conceitos que se referem essencialmente a diversas das questões em pauta (pp. 59/61).

Não parece fácil confirmar, a partir da observação de crianças, a constatação da autora de que, mesmo antes do processo edípico, a diferença sexual desperte angústia. Contudo, se deixarmos em suspenso o valor universal e

estruturante desta hipótese, ainda assim, pode-se concordar com a idéia que, em algum momento do desenvolvimento dos pacientes *crossdressers* instalou-se uma angústia por não poderem transitar pelos dois sexos. Esta angústia, eventualmente, se seguiu a experiências não-angustiantes e até mesmo prazerosas do período edípico quando o futuro *crossdresser* brincava na intimidade com roupas e acessórios femininos e, quiçá, um pensamento mágico lhe permitia devaneios transitando entre os gêneros.

Neste sentido, aceitar a monossexualidade, efetivamente, pode ter sido doloroso e mesmo como adulto, nas fases em que o *crossdresser* avança a possibilidade de uma cirurgia de redesignação de gênero, jamais a consciência masculina e o modo masculino de erotizar serão abandonados.

No que diz respeito ao conceito de *neo-sexualidade*, este parece importante para descaracterizar a "malignidade" presente nas ditas "perversões sexuais". Assim, a idéia de que o *crossdressing*, como invenção neo-sexual, também seja um modo de lidar com a angústia de castração faz muito sentido, mormente, se compreendermos a castração em sua acepção simbólica e seus desdobramentos sobre a impossibilidade da criança ser o falo, isto é, como angústia frente à Falta, elemento irremovível da própria vida.

Outra idéia da autora refere-se à função adictiva da sexualidade. Pode-se questionar a hipótese de que a origem da sexualidade adictiva se situe na dificuldade do bebê em estabelecer uma representação materna. Talvez sejam necessários ainda muitos estudos de caso para consolidar tal hipótese, portanto, parece mais prudente manter esta questão etiológica em aberto. Entretanto, a idéia de que os novos objetos tomem o lugar dos objetos transicionais da infância, "os quais corporificavam o ambiente materno" (entendendo-se por ambiente materno o universo da relação dual narcísica) e, ao mesmo tempo, "liberavam a criança da presença da mãe", parece descrever adequadamente o efeito aplacador da urge do *crossdressing*. Assim, a sexualidade *crossdresser* passaria a ser utilizada como

objeto adictivo a ser mobilizado quando surge a angústia (em última instância, sempre a angústia frente à castração).

Joël Dor

Cabe agora abordar a posição teórica apoiada por diversos lacanianos, a qual defende a idéia de que o travestismo pertenceria à estrutura perversa. Para tal me reportarei a Joël Dor, especificamente, a seu livro *Clínica Psicanalítica*, capítulo 9 - A Servidão Estética do Travesti.

Embora a argumentação de Dor em diversos pontos não coincida com o material obtido na presente pesquisa, ela parece descrever com bastante precisão um fenômeno diretamente aparentado ao *crossdressing*: os assim denominados *T-lovers* (homens que procuram travestis). De certo modo, é possível que visando descrever a população *crossdresser*/travesti, Dor tenha acabado por ilustrar uma dinâmica muito mais característica do público "consumidor" de travestis. Efetivamente há certa contaminação entre os discursos dos travestis que se prostituem e dos *t-lovers*, embora, como bem mostra a pesquisa de Larissa Pelúcio (p. 44), ambos grupos seriam muito diversos. Os poucos exemplos de *crossdressers* que Dor cita, quase todos, se referem a travestis que se prostituem (exceção feita ao fotógrafo Pierre Moliniere).

Vamos, pois, tratar de alguns dos principais pontos a serem questionados na argumentação de Joël Dor.

A população de travestis que se prostituem é minoritária no fenômeno travéstico e fortemente marcada por indivíduos drogados, alguns, eventualmente, com personalidades anti-sociais e/ou exibicionistas. Dentre esta população que vive na marginalidade e na transgressão, alguns manifestam comportamentos perversos com traços de malignidade.

Neste sentido, não se pode, a partir desta população, concluir que estas características sejam inerentes ao travestismo. Além disto, nosso material clínico, bem como a pesquisa participativa, o estudo dos *sites* e da literatura *crossdressing*, indica, como se procurou mostrar no capítulo III, justamente o oposto. Parece que na argumentação do autor, a indistinção entre perversão na acepção de fixações em certos infantilismos sexuais e a perversão como desafio à lei e tendências à malignidade, levam-no a atribuir, automaticamente, ao fenômeno travéstico, como um todo, aquilo que seriam características eventuais de perversão anti-social que podem ou não sobrepor-se e combinar-se a qualquer tipo de erotismo.

Quanto ao trato que o autor dá ao mecanismo da *Verleugnung* (recusa da realidade), nota-se que há certa transitividade entre a hipótese de que na base constitutiva deste conceito haveria uma recusa primitiva à ausência **concreta** do pênis e a hipótese mais estrutural que se refere a uma recusa à castração **simbólica**. Ora, a primeira hipótese, derivada da teoria freudiana da constituição do fetichismo é tratada de modo tautológico: o travesti é fetichista, portanto, há na base uma recusa à falta do pênis concreto. A circunstancia inerente ao travestismo masculino, de que inevitavelmente resulte em uma mulher com pênis é então tomada como argumento de que o travesti visa restaurar a mãe o que lhe falta. Quando Dor transita, quase automaticamente, desta primeira hipótese para a segunda (referente à recusa à castração simbólica) outra dificuldade aparece: a castração simbólica é plena de conseqüências para a capacidade desejante e para a correspondente ética do desejo, contudo, contrariamente aos poucos travestis prostitutos, mencionados por Joël Dor, uma casuística mais ampla da comunidade *crossdressing*/travéstica revela sujeitos castrados simbolicamente, capazes de, em amplos setores de suas vidas, sustentarem a falta, o desejo, o amor, os vínculos, as considerações éticas e o sentimento de culpa.

Outra idéia defendida por Dor é a de que o travesti se represente como o falo que a mãe deveria ter. Pode-se tomar o "falo" na acepção de signo da

completude, portanto, "falo" referindo-se à dimensão na qual o sujeito não precise lutar para satisfazer o desejo do outro (basta que ele exista e esteja à disposição do outro e da falta). Neste caso, de fato, a maioria dos *crossdressers*/travestis aprecia ser vista como "bela e atraente", relatando sentir prazer de cunho masturbatório e auto-suficiente, proporcionado pela experiência de se verem "montadas" diante do espelho. O olhar do outro é um acréscimo de prazer, não uma condição para o gozo, salvo se considerarmos o olhar do próprio *crossdresser*/travesti como a introjeção do olhar do Outro. Portanto, em certo aspecto de sua vida erótica, o *crossdresser* realmente se representa como *o falo da mãe*, na medida em que sua simples existência como "mulher" bastaria para satisfazer o desejo do Outro, *mas não como o falo que a mãe deveria ter*. Ao manter o conceito de falo em diálogo com a concretude do pênis, ou seja, na dimensão imaginária, Dor faz com que o pênis ressurja na (pretensa) fascinação do *crossdresser*/travesti pela figura da mulher não-castrada.

Contudo, o fascínio que os travestis relatam pela feminilidade e o grande prazer que imaginam que a mulher tenha ao usar brincos, calcinhas, meias finas e etc. dirige-se para a figura feminina, o pênis não é o objeto essencial do interesse, nem no material clínico egóico, nem, pelo que pudemos constatar, nas manifestações do *sujeito do inconsciente* (sonhos, lapsos, recorrências de significantes e fantasias eróticas). Ora, como mencionado nos capítulos IV e V, o mais importante para o *crossdresser* é a montagem e as mais diversas localizações sensuais do corpo feminino (praticamente todos os detalhes: lábios, cílios, orelhas, pescoço, quadris, seios, etc., bem como as zonas erógenas mobilizadas). A maioria gostaria de nascer ou viver efetivamente como mulher (isto é, sem pênis) desde que fosse possível manter a consciência masculina. Além disso, quase todos, em algum momento, flertam com a idéia da cirurgia de redesignação de gênero. Ao enfatizar o fascínio exercido pela figura da mulher com pênis, Joël Dor na verdade descreve o olhar do público freqüentador da prostituição travéstica e consumidor de material pornô,

população específica bem diversa da maioria dos praticantes do *crossdressing*/travestismo. Para os *crossdressers*, em geral, ser uma mulher com pênis é muito mais uma circunstância ou contingência derivada do fato de que um homem ao se "montar" continua tendo pênis, do que uma meta a ser cultivada e valorizada.

Outro aspecto enfatizado por Joël Dor é o gozo exibicionista, bem como o prazer que o travesti teria em revelar ao parceiro a "farsa da mascarada". Contudo, tal como se procurou indicar nos capítulos III, IV e IV, ambos os aspectos não puderam ser encontrados no material clínico da presente pesquisa e tampouco nas elaborações da comunidade *crossdressing* (literatura e *sites*). Remetemos os interessados aos *sites* e revistas da comunidade *crossdressing*, novamente ressaltando a diferença entre o ambiente de venda de sexo, pornografia e perversão, na acepção de transgressão e culto ao gozo, e o fenômeno *crossdressing*/travéstico em si mesmo. É preciso não se superpor à estética pornô da prostituição dos travestis ao erotismo travéstico *crossdresser*.

Joël Dor também argumenta que haveria no *crossdresser*/travesti uma clivagem análoga à descrita por Freud no texto "O Fetichismo". Pelo que se pode constatar pela presente pesquisa, os *crossdressers*/travestis não cindem sua identidade. Poderíamos comparar o estado prazeroso em que se encontram os *crossdressers* quando estão "montados" ao devaneio e ao faz-de-conta os quais Freud denomina de "refúgios da dura realidade" (Freud, 1908).

Quanto à "servidão às imposições estéticas especulares", às quais Dor alude, isto é, ao fato de que o travesti se submeteria a torturantes processos de feminilização em prol de transformar-se na mascarada sustentável ao olhar do outro, a maioria dos *crossdressers* que fez parte desta pesquisa relatou uma experiência diversa. Suas descrições a respeito do processo de montagem, geralmente, são prazerosas e excitantes.

"Eu adorava fazer isso frente ao espelho. Primeiro banhado, barbeado, depilado e nua, vestida somente com tanguinha, o truque para aumentar os seios antes de colocar o soutien, as meias de lycra. Maquiar-me assim vestida, frente ao espelho, vendo meu rosto mudar. Depois calçar os sapatos e aguardar um pouco, fumar um cigarro ou tomar um drink curtindo e aguardando o término da "metamorfose", inclusive mental, para depois terminar a produção com a escolha, colocação da roupa e pontuação do perfume. (Roberta (Fernando) 49 anos, artista plástico)

Eventuais sofrimentos pela ingestão de hormônios, depilações e outros manejos talvez possam ser comparados às cirurgias que heterossexuais masculinos fazem para implantar cabelo, lipoaspirações abdominais, "torturantes" sessões de ginástica e musculação. Ou ainda, ao incômodo proporcionado pelos preparativos de atletas na busca de adquirir a competência esportiva para atingir o gozo de competir e eventualmente obter vitórias. Neste sentido, pode-se falar em "servidão às imposições estéticas especulares" como "torturantes", as quais, até certo ponto, valem para todos os seres humanos envolvidos na tarefa de seduzir pela estética da aparência, que, no caso dos *crossdressers*, é um aspecto fundamental.

Em seu livro, Joël Dor refere-se também à idéia de que o *crossdresser*/travesti pode manter relações sexuais com mulheres à maneira heterossexual masculina, pois em seu imaginário a mulher castrada ficaria posta à distância. Este argumento parece mais uma dedução lógica a partir dos pressupostos de Dor do que algo que confira com o material clínico. Cabe considerar que, por estarem em, alguns aspectos, atolados em certos pontos de fixação situados na transição do estádio do espelho ao Édipo, os *crossdressers*/travestis amam seus objetos tanto quanto querem sê-los. Neste sentido, psiquicamente se apóiam em uma plataforma masculina. Como indica a quase totalidade dos autores, muitos dos travestis são homens heterossexuais que querem e desejam possuir a mulher, como qualquer homem heterossexual o faz. Novamente remetemos os interessados ao material clínico, *sites* e revistas dirigidas a esta população.

Finalizaremos a discussão das hipóteses defendidas por Joël Dor com uma curiosa citação que ele faz de um trecho da carta que o fotógrafo Pierre Molinier enviou para o presidente Georges Pompidou. Procuraremos acrescentar à análise que Dor fez deste material, alguns aspectos do erotismo *crossdresser*, apresentados no capítulo IV.

"Nesta fotografia, um pouco à esquerda do ombro esquerdo, meu rosto de "velho krumir" reflete-se num espelho, espelho no qual admiro a perspectiva do buraco do meu ânus violado, empalado, de minhas pernas com meias finas e dos meus pés calçados de salto alto, espetáculo que me excita incrivelmente.

Meu pênis está coberto com uma meia muito fina. Mexendo-me com um movimento de vai-e-vem, o pênis artificial afaga voluptuosamente o buraco do meu ânus, meu pinto tão suavemente envelopado tem um prazer extremo em agitar-se sobre as almofadas que são "coxas", é-me difícil resistir por mais tempo; assim, o orgasmo surpreende-me com uma extraordinária avalanche de felicidade, de volúpia, capaz de me perder a sensação de existir, o prazer de ser enrabado e enrabador, prazer extraordinário que nos faz atingir a única verdade de nossa razão de existir, resolver o problema da androgenia inicial; fenômeno que nos faz perder a noção do espaço e do tempo, que nos precipita, que nos mergulha em um tempo de morte que se perde no inexplicável do infinito, um tempo sem limite, sem fim nem começo".

Quanto à excitação que Molinier descreve ter da "perspectiva do buraco do meu ânus violado e empalado e de minhas pernas com meias finas" poderíamos entendê-la como um exemplo de simultânea manifestação do olhar masculino heterossexual (capaz de excitar-se exatamente com a mesma seqüência de imagens, quando referentes ao corpo feminino) e da concomitante manifestação do erotismo *crossdressing* que busca encarnar este feminino imaginado heterossexualmente [ou seja, o que havíamos denominado de identificação mista (p.129) e encarnação narcísica (p. 112)].

No que diz respeito à visão e à sensação do pênis artificial sobre o ânus e o simultâneo prazer com o agitar-se do pênis coberto por uma meia muito fina, poderíamos interpretar o trecho como um exemplo do quão pouco o *crossdresser* deseja ou enxerga o parceiro, e mais: que ao narcisismo *crossdresser* se somam os prazeres auto-eróticos (prazer do órgão) aos quais bastam objetos parciais, dispensando-se, assim, o outro. O outro aqui presente é de natureza especular. No que tange ao orgasmo e à percepção de *"perder a sensação de existir, o prazer de ser enrabado e enrabador,... e atingir a única verdade de nossa razão de existir, resolver o problema da androgenia inicial... mergulhar em um tempo de morte"*, etc. pode-se considerar esta descrição como atinente a qualquer orgasmo humano. Em geral, quer seja no caso dos hetero-, homo- ou bissexuais, o orgasmo leva todos a perder noção de tempo e espaço, a entrar no campo da morte e a fundir as diferenças entre os sexos que rebaixam a distinção entre um e outro e finalmente, suspender as distinções vitais em um instante de gozo mortífero no qual não há mais diferença entre ser *"enrabado ou enrabador"*.

Assim, se concepções lacanianas a respeito, por exemplo, do estágio do espelho, do Édipo, e do conceito de "falo" foram instrumentos fundamentais para a presente pesquisa, isto não significa que as posições clássicas a respeito do travestismo defendidas no campo laciano - das quais o texto de Dor nos serviu de exemplo - não possam ser rediscutidas à luz de novos materiais clínicos.

À GUIA DE CONCLUSÃO:

Reflexões clínicas

"O mundo do ser vivo é, integralmente, um continuum em seus menores aspectos. Quanto mais cedo compreendermos que este princípio rege o comportamento sexual do homem, mais cedo chegaremos a uma compreensão sadia das realidades do sexo".

Alfred Kinsey, 1948

Ao longo destes cinco anos, algumas hipóteses se consolidaram e outras se abriram, bem como o conceito de erotismo se mostrou importante para uma compreensão mais profunda da sexualidade *crossdresser*.

Se existe um aspecto inovador no modo como se tratou com conceito de erotismo nesta tese, ele reside na extensão e detalhamento conferidos ao conceito e sua utilização clínica de modo sistematizado. Seu uso nos questionários, entrevistas semi-estruturadas, pesquisas em *sites* e revistas *crossdressers* implicou o formato de um verdadeiro protocolo que examina item a item do erotismo *crossdresser*. Na escuta dos casos clínicos, embora submetidos à livre associação e aos manejos habituais da clínica psicanalítica, o conceito de erotismo também foi utilizado. Contudo, no contexto da situação analítica, o uso limitou-se à posterior estruturação do material clínico obtido.

Apreender a sexualidade partindo do conceito de erotismo tal qual o defini implicou uma detalhada análise dos aspectos auto-eróticos, narcísicos e objetais. Os três estão envolvidos na relação do sujeito com seu próprio corpo, com o corpo do outro e com a situação ou cenário erótico. Abrangeu a investigação minuciosa de como se articulam as pulsões parciais, as zonas erógenas, o temperamento e as memórias de prazer e desprazer. Foi preciso também escutar qual é o recorte do

Simbólico que organiza os papéis dos participantes no cenário erótico (seu lugar desejante, sua posição como objeto e as relações com a Lei). Igualmente, exigiu que fossem examinadas as identificações, projeções, introjeções, que enlaçam o Simbólico e o Imaginário, condição necessária para formar uma identidade que sempre será vacilante.

De certo modo, todo este empreendimento de rastrear minuciosamente o erotismo é uma tentativa indiscreta de escutar o que “**por debaixo da pele**” desencadeia e sustenta a excitação e a sensualidade dos *crossdressers*.

Tal qual mencionado no capítulo IV, muito embora, esta abrangência detalhista conferida ao conceito de erotismo pareça mais adequada a singularização de cada caso, na verdade, o número relativamente grande de casos investigados permitiu agrupar diversas destas singularidades segundo aspectos em comum. Assim, embora a extensão dos tópicos englobados por este conceito de erotismo pudesse fragmentar as diferentes subcategorias eróticas em uma capilarização interminável, verificou-se que é possível recortar o material clínico de modo a caracterizar o erotismo *crossdresser* como fenômeno distinto de todos os outros. Isto não implica desconhecer que individualmente em cada sujeito os diversos erotismos se combinem em *continuums* sempre cambiantes, mas é preciso, em algum momento, optar por recortes e generalizações quando se trata de diferenciar quadros, estruturas, processos e entidades clínicas.

Do ponto de vista clínico, nesta tese não foi dada especial ênfase ao percurso individual das oito análises empreendidas, pois estes pacientes, em geral, apresentam muitos padrões neuróticos inespecíficos para o *crossdressing* e, afora as angústias com a compreensão e aceitação de sua tendência ao *crossdressing*, suas análises seguem os cursos habituais de qualquer análise. Não se diferenciam especialmente das questões de outros pacientes, embora durante um longo período inicial as questões do *crossdressing* absorvam quase todo o interesse dos pacientes. Ao final, todos precisam aprender a negociar com seus desejos, uma vez que a

sociedade atual não lhes permite assumir livremente o papel de *crossdresser*. É tão difícil elaborar esta questão quanto o é para qualquer paciente que vive situações e desejos incompatíveis entre si.

Na etapa inicial, é preciso ajudar o *crossdresser* a se historiar e se representar em um lugar social menos egodistônico. Trata-se, pois, de desestigmatizar o *crossdressing*, reconciliar o sujeito com sua história, reconectá-lo com suas características e marcas.

Uma vez iniciada esta etapa de resignificação e encontrado um alívio, as questões genéricas de uma análise, tais como medo da rejeição, sensação de inferioridade, problemas de relacionamento interpessoal, dificuldades com escolhas vocacionais, e, principalmente, aspectos obsessivos e fóbicos (dificuldade em fazer escolhas e ansiedade) aparecem. Os mecanismos de defesa específicos para o *crossdressing*, isto é, a regressão ao narcisismo combinada com o auto-erotismo, bem como a constituição da identidade mista, aparentemente, se beneficiam de intervenções somente depois que diminuem as angústias obsessivas e é facilitado ao paciente ter experiências de maior desprendimento e maior prazer fora do âmbito estritamente *crossdresser*. O que se observa é que nos três casos em que estes aspectos (obsessivos e fóbicos) puderam ser mais elaborados, a urge diminuiu e aumentou o grau de identificação masculina e o lado *crossdressing* permaneceu residual. Contudo, é cedo para afirmar, que estes quadros, mais adiante, não voltem a mudar. Como nos indica Freud em "Análise Terminável e Interminável" (1937), existem questões de economia psíquica (aspectos quantitativos) para as quais a análise só serve como muro de contenção e não como prevenção. Ou seja, se novos tensionamentos, mais poderosos do que as defesas erigidas em análise surgirem, logo se convocarão outros mecanismos mais arcaicos e novamente freqüentes colapsos ocorrerão.

Por outro lado, é importante notar que um bom resultado não significa a diminuição da atividade *crossdressing* e o aumento da prevalência da identidade

masculina. Este arranjo é apenas uma das soluções precárias aos impasses da existência *crossdresser* que, em boa parte, são culturais e sociais.

Quanto aos pacientes por mim atendidos, alguns optaram por compatibilizar a vida heterossexual e reduzir ou eliminar as vivências *crossdressers*, outros preferiram radicalizar sua opção pelo *crossdressing*, abandonando a vida de "sapo" (homem), outros, ainda, optaram pela cirurgia de redesignação de gênero. Um dos pacientes que, de fato, é um transexual secundário decidiu que não tinha físico adequado para fazer a cirurgia de mudança de sexo, mas que tampouco queria levar uma vida heterossexual ou *crossdresser* e optou por viver homossexualmente com um parceiro homossexual ativo e manter privadamente em sua esfera imaginária pessoal o papel de mulher. Portanto, mesmo vivendo com este homem que o considera como um parceiro homossexual passivo, na verdade, o paciente se percebe e se imagina no papel de mulher.

Em todos estes casos, parece que os pacientes puderam chegar a um acordo com seus conflitos e lidar com as frustrações que estas escolhas implicam para quem vive em uma sociedade sem lugar para o *crossdressing*. Claro que, como mencionado acima, tais acordos sempre são precários, pois o desejo não se deixa adequar ou adaptar, a libido sempre sofrerá estases e a sublimação, a repressão consciente e as racionalizações sempre se encontram fragilizadas frente ao desejo.

Ainda uma outra especificidade a ser abordada, refere-se aos pacientes que optam pela cirurgia de redesignação de gênero. Esta pesquisa me levou a indagar se não seria importante realizar novos estudos sobre os critérios de prescrição para esta cirurgia e, eventualmente, ampliar os parâmetros de adequação. A demanda restrita aos transexuais primários e secundários talvez esteja excessivamente enquadrada nas tradicionais categorias binárias macho-fêmea. Assim, um homem que quer se tornar mulher e mostra que psiquicamente é uma mulher, acaba por ser aceito, enquanto os *crossdressers* são considerados inadequados, eventualmente por apresentarem quadros de perversão sexual, ou por se considerar que seus pedidos

são inconsistentes. Neste sentido, cabe a pergunta: por que o pedido de um transexual seria mais legítimo ou menos passível de arrependimentos do que aquele de um *crossdresser* que esteja na fase mais exacerbada, descrita por Doctor, Verschoor e Adriana Portas e que deseja viver como mulher?

Cabe ainda abordar outro ponto: as classificações psiquiátricas do DSM-IV e CID-10. Estas consideram o travestismo como um "distúrbio de identidade de gênero" e trazem sub-categorias quanto aos tipos de travestismo (fetichista e intermitente) que parecem pouco adequadas ao fenômeno. Diversos autores entre os quais se destacam Vern e Bonnie Bullough vêm, há algum tempo, propondo tal revisão. Talvez, tal qual, a homossexualidade foi retirada da categoria de patologia, também o *crossdressing* deveria sê-lo. Igualmente, o uso do termo fetichista nem sempre parece adequado. Também este aspecto vem sendo defendido por diversos autores contemporâneos como os Bullough.

Finalizemos dizendo que Tirésias, Orlando e tantos outros personagens da ficção nos mostram que a monossexualidade pode ser um destino universalmente difícil de se aceitar, mas ela parece incidir de modo peculiar e intenso sobre os *crossdressers*. Embora a maioria deles - se pudesse fazê-lo sem sofrer sanções sociais - desejasse viver definitivamente como mulher, permanece com a idéia de continuar a ser também homem (ao menos na alma). Até nas fases em que o *crossdresser* mais seriamente avança a possibilidade de uma cirurgia de redesignação de gênero, jamais a consciência masculina e o modo masculino de erotizar são abandonados. Aparentemente, a maioria dos *crossdressers* gostaria de viver a fase de juventude como mulher sem perder a condição de poder alternadamente ser homem.

Por ora os *crossdressers* têm mais a nos ensinar, do que nós a eles. Mostram-nos que a diversidade de entrecruzamentos, de identidades e de identificações estão presentes nas mais variadas combinações e intensidades em todos os seres

humanos. Além disso, vemos como os *crossdressers* jogam por terra as nossas definições estritas sobre sexualidade.

Continuamos pouco ou nada sabendo sobre a etiologia do *crossdressing*, assim contentemo-nos em descrevê-los. Afinal, é melhor nos recolhermos em nossa ignorância do que cortar os pés do paciente para que ele caiba em nosso divã.

BIBLIOGRAFIA

- André, Serge (1993) - A Impostura Perversa - Jorge Zahar Ed. 1995
- Badinter, Elisabeth (1985) - O Mito da Maternidade -
- Badinter, Elisabeth (1986) - Um e Outro - Nova Fronteira
- Bataille, Georges (1968) - O Erotismo, Edições Antígona - Lisboa 1988
- Beatrice, J. (1993): Uma comparação entre heterossexuais, travestis, transexuais pré-operativos e transexuais pós-operados. *Journal of Nervous Mental Diseases*, 1993, Setembro; 181(9): 570-5.
- Birman, Joel (1999) - Cartografias do Feminino - Editora 34 - 1999.
- Birman, Joel (2001) *Gramáticas do Erotismo - Civilização Brasileira* - Rio de Janeiro 2001.
- Blanchard e Collins (1993): Homens que se interessam sexualmente por travestis, *crossdressers* e she-males - *Journal of Nervous Mental Diseases*, 1993, Setembro; 181(9): 570-5.
- Breen, Dana (1993), - O Enigma Dos Sexos: Perspectivas Psicanalíticas Contemporâneas Da Feminilidade E Da Masculinidade, - Imago, 1998
- Buhrich e McConaghy (1979): Três categorias discretas de travestismo fetichista e outro artigo Pode o fetichismo ocorrer entre transsexuais? *Archives of Sexual Behavior*, vol. 8, 1979, março.
- Buhrich e McConaghy (1985): Comportamento pré-adulto feminino de travestis masculinos, *Archives of Sexual Behavior*, vol. 14, 1985, outubro.
- Bullough e Bullough (1997) São os travestis necessariamente heterossexuais? *Archives of Sexual Behavior*, vol. 26, 1997,
- Buhrich N, Theile H, Yaw A, and Crawford A (1979): Plasma Testosterone, Serum FSH, and Serum LH Levels in Transvestism; *Archives of Sexual Behavior* Volume 8, Number ; January 1979

- Butler, Judith - *Bodies That Matter: On The Discursive Limits Of "Sex"* - (New York: Routledge, 1993)
- Butler, Judith - *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. - (New York: Routledge, 1990)
- Chasseguet-Smirgel, Janine (1964) - *Sexualidade Feminina: Uma Abordagem Psicanalítica Contemporânea*, - Artes Médicas, 1988
- Chauí, Marilena - *Repressão Sexual*, - Ed. Brasiliense, 1984.
- Clavreul, Jean e outros, (1990) - *O Desejo e a Perversão* - Papyrus 1990
- Costa, Moacir - *Amor E Sexualidade*, - Ed. Gente, 1994.
- Costa, Moacir - *Sexo - O Dilema do Homem*, - Ed. Gente, 1993.
- Costa, Ronaldo Pamplona - *Os 11 Sexos* - Ed. Gente, 1994.
- Cuschnir, Luiz - *Masculino-Feminina*, - Ed. Rosa dos Tempos, R.J. 1992.
- De Lauretis, Teresa - "Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities - An Introduction", - *Differences* 3.2 (1991), Pp.Iii-Xviii.
- De Lauretis, Teresa - "The Essence Of The Triangle, Or Taking The Risk Of Essentialism Seriously: Feminist Theory In Italy, The U.S., And Britain" - *Differences* 1 (1989), Pp.3-58.
- Dellimore, Jonathan - *Sexual Dissidence: Augustine To Wilde, Freud To Foucault* - (Oxford: Oxford University Press, 1991)
- Doctor, R.F (1988), *Transvestites and Transexuals: Towards a Theory of Cross-Gender Behavior*, Plenum Press, NY
- Dor, Joël (1987) - *Estruturas e Perversões* - Artes Médicas - 1991
- Dor, Joël (1994) - *Clínica Psicanalítica* - Artes Médicas - 1996
- Ellis, Havelock (1928) - *Eonism and Other Supplementary Studies*, in *Studies in the Psychology of Sex* - New York: Randon House
- Fagan PJ; Wise TN; Derogatis LR; Schmidt C (1988).: *Travestis (distressed). Características psicométricas. Journal of Nervous Mental Diseases*, 1988; Out; 176 (10)

- Farina, R - Transexualismo - Edição do Autor, São Paulo 1982.
- Fenichel, Otto (1930) - The Psychology of Transvestism - International Journal of Psychoanalysis 11 (1930)
- Fonseca, José Julio De Andrade - As Bases Naturais Da Sexualidade Humana - Coopmed, 1999.
- Fórum Nacional de Educação E Sexualidade - Guia De Orientação Sexual - Casa Do Psicólogo, 1994.
- Foucault, Michel (1984) - História da Sexualidade, (três volumes) Graal, - 1985
- Freud, S. (1905) - Três EnsaioS Sobre A Teoria da Sexualidade - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. (1908 [1907]), Escritores Criativos e Devaneio - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. (1914) - Sobre O Narcisismo: Uma Introdução - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. (1915) - Os Instintos E Suas Vicissitudes - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. - Tabu da Virgindade (1918 [1917]) - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S (1920) - A Psicogênese de um Caso de Homossexualidade numa Mulher - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. (1919) - Uma Criança É Espancada: Uma Contribuição Ao Estudo Das Origens Da Perversão - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.

- Freud, S. (1923) - A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação Na Teoria da Sexualidade - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. (1927) - Fetichismo - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. (1931) - Sexualidade Feminina - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Freud, S. (1933 [1932]) Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Conferência XXXI - Edição Eletrônica das Obras Psicológicas das Obras Completas de Sigmund Freud.
- Friedan, Betty (1963) - The Feminine Mystique - WW Norton, 2001
- Fuss, Diana - Inside/Out: Lesbian Theories, Gay Theories (Routledge, 1991).
Gilmore, David. Manhood in the Making: Cultural Concepts of Masculinity - (New Haven: Yale University Press, 1990).
- Garber, Marjorie - Vested Interests: *Crossdressing* And Cultural Anxiety - (New York: HarperCollins, 1993)
- Greer, Germaine (1970) - A Mulher Eunuco (The Female Eunuch) - Mc Graw - Hill, 1971, USA
- Gutheil, Emil (1922) - "An Analysis of a Case of Transvestism" in Stekel, Wilhelm (1922) - Sexual Aberration: The Phenomenon of Fetishism in Relation to Sex [1922] 1930
- Hansen, Eliane Tuttle - Chaucer And Fictions Of Gender - (Berkeley: University Of California Press, 1992)
- Helsing, L. A. - O Tempo E O Gozo - Editora Revan - 1996.
- Hisgail, F. - Semiótica da Perversão In Psicanálise E O Contemporâneo - Organização. Samira Chalhub - Hacker Editores 1996.
- Hirschfeld, Magnus (1991) - TRANSVESTITES The Erotic Drive to Cross-Dress"- Prometheus Books - Buffalo, New York

- Kaufmann, P. - Editor do Dicionário Enciclopédico de Psicanálise - O Legado de Freud e Lacan - Jorge Zahar Editores 1996.
- Kehl, Maria Rita, - Deslocamentos do Feminino: A Mulher Freudiana Na Passagem Para A Modernidade, - Imago, 1998.
- Kehl, Maria Rita, - Mínima Diferença: Masculino E Feminino, - Imago, 1996.
- Kernberg, O. F. (1995) - Psicopatologia das Relações Amorosas - Artes Médicas, 1995.
- Kogut, Eliane (2005) - Perversão em Cena: Os filmes Perdas e Danos e Lua de Fel discutidos cena a cena - uma visão psicanalítica - Ed. Escuta 2005
- Lacan, Jacques (1966) - Escritos - Jorge Zahar Editor, 1998
- Lanteri-Laura, G. - Leitura das Perversões - Jorge Zahar Editores, 1994.
- Laplanche E Pontalis - Vocabulário Da Psicanálise - Martins Fontes, 1992
- Laplanche, Jean, (1997) - Freud E A Sexualidade: O Desvio Biologizante, - Jorge Zahar Ed.
- Lukianowicz, N, (1959) - Survey of Various Aspects of Transvestism in Light of our Present Knowledge - Journal of Nervous and Mental Disease 128 (1959): 36-64
- McDougall, Joyce (1983) - Em Defesa de uma Certa Anormalidade - Artes Médicas - Porto Alegre, 1991.
- McDougall, Joyce (1995) - As Múltiplas Faces de Eros - Martins Fontes 1997.
- Mezan, Renato (1982) - Freud: A Trama dos Conceitos - Ed. Perspectiva 3ª Edição.
- Middleton, Peter - The Inward Gaze: Masculinity And The Postmodern Subject - (Routledge: 1992)
- Modleski, Tania - Feminism Without Women: Culture And Criticism In A 'Postfeminist' Age - (Routledge: 1991)

- Money, John (1980) *Love and Love Sickness: The Science of Sex, Gender Difference and Pair-Bonding* - Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980
- Pelúcio, Larissa (2005) Na noite nem todos os gatos são pardos - notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 25, p. 217-248, 2005.
- Pelúcio, Larissa (2005 b). Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos T-lovers. *Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia*, Belo Horizonte, 2005
- Person, Ethel (1976). Initiation Fantasies and Transvestitism—Discussion. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 24:547-551
- Poortinga, J e Verschoor (1994): Identidade Transgênero em Travestis e Transmexuais Masculinos *Archives of Sexual Behavior* vol. 23, abril 1994, pp. 185-201.
- Randall, John (1959) - Transvestism and Trans-Sexualism: A Study of 50 Cases, *British Medical Journal* 2 (25 december 1959): 1448-52
- Relatos Apresentados no Sexto Encontro Internacional - Paris, Julho de 1990 - Rasgos De Perversion En Las Estructuras Clinicas, - Fundación Del Campo Freudiano - Ediciones Manantial, Argentina 1992
- Richard Ekins - *Blending Genders: Social Aspects of Crossdressing and Sex-Changing*
- Richard Ekins - *Male Femaling: A Grounded Theory Approach To Crossdressing And Sex-Changing*
- Riviere, Joan - "Womanliness as A Masquerade" *The International Journal Of Psycho-Analysis* - 10 (1929), Pp. 303-313.
- Rosolato, G (1969) 1º "Perversion", in *Encyclopédie medico-chirurgicale*; 2º *Études des perversions sexuelles à partir du fétichisme* in *Le désir et la perversion*, op. Cit., pp.7-40; 3º *Essais sur le symbolique* (1969), Paris,

- Gallimard, col. "Tel" nº 37, 1985 (e notadamente o cap. "Genealogie des perversions", pp. 264-286).
- Rosolato, Guy e outros (1983), *A Psicanálise Transgressiva* in *Psicanálise e Psicoterapia*, RJ, Campus 1983
 - Sagarin, E. (1979): *Travestismo e homossexualismo*. In Lief, H.I. (org.): *Sexualidade humana - orientação médica e psicológica atual*. Rio de Janeiro/São Paulo : Livraria Atheneu.
 - Schott, Richard (1988): *The childhood and family dynamics of transvestites*; *Journal of Nervous Mental Diseases*, 1988; Out; 176 (10)
 - Silverman, Kaja - *Male Subjectivity at the Margins* - (New York: Rutledge: 1992).
 - Sonnenreich, Carol; Bassit, W - *Sexualidade e Repressão*, - Ed. Manole, 1980.
 - Stekel, Wilhelm (1922) - *Sexual Aberration: The Phenomenon of Fetshism in Relation to Sex* [1922] 1930
 - Stoller, R.J. (1968) - *Sex and Gender - The Development of Masculinity and Femininity* - London Karnac Books 1984
 - Stoller, R.J. (1976) - *Perversion: The Erotic Form of Hatred* - New York Pantheon.
 - Stoller, R.J. (1985) - *Observando A Imaginação Erótica* - Imago 1998.
 - Stoller, R.J. - *Masculinidade e Feminilidade*, - Artes Médicas, 1993.
 - Valas, P. - *Freud E A Perversão* - Jorge Zahar Editores 1994.
 - Valerie R. Hotchkiss - *Clothes Make The Man: Female Crossdressing In Medieval Europe* - (New Middle Ages)
 - Vern L. Bullough (1974) *Transvestites in the Middle Ages* *American Journal of Sociology*, Vol. 79, No. 6 (May, 1974) , pp. 1381-1394
 - Vern, Bullough; Bonnie Bullough (1993), - *Crossdressing, Sex and Gender* - University of Pennsylvania Press, 1993.
 -

Índice dos sites

EUA:

Tri-Ess: grupo de suporte para *crossdressers* heterossexuais, suas companheiras, esposas e famílias. Possui trinta e cinco sedes (reais ou virtuais) em nove regiões dos Estados Unidos. (www.tri-ess.org)

CrossdresserFriends

CDFriends - Conecta *Crossdressers* e amigos pelo mundo.

Alpha Omega Society

A Alpha Omega Society localizada no norte de Ohio é uma organização dedicada a ajudar *crossdressers* e seus familiares.

I.X.E. (Indiana *Crossdressers* Society)

Somos IXE (Iota Chi Sigma). Fundado em 1987 em Indianapolis (EEUU) procura ajudar pessoas que têm conflitos em relação a seu gênero.

Kansas City *Crossdressers* and Friends (KCCAF).

NorthernSTARR

Forum de suporte na area central de Ohio cujo objetivo é promover aceitação e igualdade para *crossdressers* heterossexuais e suas famílias.

(<http://groups.yahoo.com/group/northernstarr>)

Men Wearing Panties Club: *site* dedicado a homens que gostam de vestir calcinhas, meias e lingerie femininas. (<http://mwpclub.com>).

Chile :

o Traveschile (<http://traveschile.cl>),

Inglaterra:

(<http://www.repartee.co.uk>), Rose's Repartee revista para *crossdressers*

Zelândia:

Agender na (www.agender.org.nz),

Club La Femme, grupo social para *crossdressers* e amigos.

Sites pornográficos:

- <http://www.vipsexo.com/>
- <http://www.amamostravestis.com/>
- <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/galeria/fetiches/travestis/01.asp>
- <http://www.contatostransex.com.br/index2.htm>

APÊNDICE I

Definições de Travestismo do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-IV) e Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10)

Estas classificações psiquiátricas não contemplam uma teoria da personalidade, uma etiologia e tampouco os fatores que mantêm o comportamento travéstico. Por serem sistematizadas a partir de um modelo atóxico e se basearem, principalmente, na correlação entre comportamentos, não faz parte de seus objetivos a discriminação das especificidades psicodinâmicas existentes nos diferentes quadros.

DSM-IV – Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders

F65.1-302.3- Fetichismo Transvéstico

Características Diagnósticas:

O foco parafílico do Fetichismo Transvéstico envolve vestir-se com roupas do sexo oposto. Geralmente, o homem com Fetichismo Transvéstico mantém uma coleção de roupas femininas, que usa intermitentemente. Enquanto usa roupas femininas, ele em geral se masturba, imaginando-se tanto como o sujeito masculino quanto como o objeto feminino de sua fantasia sexual. Este transtorno tem sido descrito apenas em homens heterossexuais. O Fetichismo Transvéstico não é diagnosticado quando o se vestir com roupas do sexo oposto ocorre exclusivamente durante o curso de um Transtorno da Identidade de Gênero. Os fenômenos transvésticos variam desde o uso ocasional e solitário de roupas femininas até o extenso envolvimento em uma subcultura transvéstica. Alguns homens usam um único item de vestuário feminino (por ex., roupa íntima ou cinta-liga) sob suas roupas masculinas. Outros homens com o transtorno vestem-se inteiramente como mulheres e usam maquiagem. O grau de semelhança de um indivíduo vestido desta forma com uma mulher varia, dependendo de maneirismos, postura corporal e habilidades de transvestir-se. Quando não está transvestido, o homem com Fetichismo Transvéstico em geral é irreparavelmente masculino. Embora sua preferência básica seja heterossexual, ele tende a ter poucas parceiras sexuais e pode

ter-se envolvido em atos homossexuais ocasionais. Um aspecto associado pode ser a presença de Masoquismo Sexual. O transtorno tipicamente começa com o uso de roupas femininas na infância ou início da adolescência. Em muitos casos, o transvestismo não é realizado em público até a idade adulta. A experiência inicial pode envolver o uso parcial ou completo de roupas femininas, sendo que o primeiro freqüentemente progride para o uso de um vestuário feminino completo. Uma peça favorita do vestuário pode tornar-se erótica em si mesma e ser usada habitualmente, primeiro na masturbação e, posteriormente, no intercuro. Em alguns indivíduos, a motivação para vestir roupas femininas pode mudar ao longo do tempo, temporária ou permanentemente, com a excitação sexual em resposta ao transvestismo diminuindo ou desaparecendo. Nesses casos, o uso de roupas femininas torna-se um antídoto para a ansiedade e depressão ou contribui para um sentimento de paz e tranqüilidade. Em outros indivíduos, uma disforia quanto ao gênero pode emergir, especialmente sob estresse situacional, com ou sem sintomas de depressão. Para um pequeno número de indivíduos, a disforia quanto ao gênero torna-se uma parte fixa do quadro clínico, sendo acompanhada pelo desejo de se vestir e viver permanentemente como uma mulher e de buscar reatribuição sexual, por meio de hormônios ou cirurgia. Os indivíduos com Fetichismo Transvéstico freqüentemente buscam tratamento quando emerge disforia quanto ao gênero. O subtipo Com Disforia Quanto ao Gênero é oferecido para permitir que o clínico anote a presença de disforia quanto ao gênero como parte do Fetichismo Transvéstico.

Critérios Diagnósticos para F65.1 - 302.3 Fetichismo Transvéstico
A. Por um período mínimo de 6 meses, em um homem heterossexual, fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo o uso de roupas femininas.
B. As fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
Especificar se: Com Disforia Quanto ao Gênero: se o indivíduo sente um desconforto persistente com o papel ou a identidade de gênero.

F64.x - Transtorno da Identidade de Gênero

Características Diagnósticas

Há dois componentes no Transtorno da Identidade de Gênero, sendo que ambos devem estar presentes para fazer o diagnóstico. Deve haver evidências de uma forte e persistente identificação com o gênero oposto, que consiste do desejo de ser, ou a insistência do indivíduo de que ele é do sexo oposto (Critério A). Esta identificação com o gênero oposto não deve refletir um mero desejo de quaisquer vantagens culturais percebidas por ser do outro sexo. Também deve haver evidências de um

desconforto persistente com o próprio sexo atribuído ou uma sensação de inadequação no papel de gênero deste sexo (Critério B). O diagnóstico não é feito se o indivíduo tem uma condição intersexual física concomitante (por ex., síndrome de insensibilidade aos andrógenos ou hiperplasia adrenal congênita) (Critério C). Para que este diagnóstico seja feito, deve haver evidências de sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo (Critério D). Em meninos, a identificação com o gênero oposto é manifestada por uma acentuada preocupação com atividades tradicionalmente femininas. Eles podem manifestar uma preferência por vestir-se com roupas de meninas ou mulheres ou improvisar esses itens a partir de materiais disponíveis, quando os artigos genuínos não estão à sua disposição. Toalhas, aventais e lenços freqüentemente são usados para representar cabelos longos ou saias. Existe uma forte atração pelos jogos e passatempos estereotípicos de meninas. Pode ser observada uma preferência particular por brincar de casinha, desenhar meninas bonitas e princesas e assistir televisão ou vídeos de suas personagens femininas favoritas. Bonecas estereotipicamente femininas, tais como Barbie, com freqüência são seus brinquedos favoritos, e as meninas são suas companhias preferidas. Quando brincam de casinha, esses meninos encenam figuras femininas, mais comumente "papéis de mãe", e habitualmente ocupam sua fantasia com figuras femininas. Esses meninos evitam brincadeiras rudes e esportes competitivos e demonstram pouco interesse por carrinhos ou caminhões ou outros brinquedos não-agressivos, porém estereotipicamente masculinos. Eles podem expressar um desejo de ser meninas e declarar que, quando crescerem, serão mulheres. Pode haver, também, uma insistência em urinar sentados e em fingir que não possuem pênis, escondendo-o entre as pernas. Mais raramente, os meninos com Transtorno da Identidade de Gênero podem afirmar que têm aversão por seu pênis ou testículos, que desejam removê-los ou que têm, ou desejam ter, uma vagina. As meninas com Transtorno da Identidade de Gênero apresentam reações negativas intensas às expectativas ou tentativas dos pais de que se vistam com roupas femininas. Algumas podem recusar-se a comparecer à escola ou a eventos sociais em que essas roupas são exigidas. Elas preferem roupas de menino e cabelos curtos e com freqüência são erroneamente identificadas por estranhos como meninos; elas também podem pedir aos outros que as chamem por nomes masculinos. Seus heróis de fantasia são, com maior freqüência, figuras masculinas poderosas, tais como Batman ou Super-Homem. Essas meninas preferem brincar com meninos, e com eles compartilham interesses em esportes de contato, brincadeiras rudes e jogos tradicionalmente masculinos. Elas demonstram pouco interesse em bonecas ou em qualquer forma de roupas ou atividades femininas de faz-de-conta. Uma menina com este transtorno pode recusar-se, ocasionalmente, a urinar sentada. Ela pode afirmar que tem ou terá um pênis e não deseja desenvolver seios ou menstruar. Ela pode declarar que quando crescer será um homem. Essas meninas tipicamente revelam acentuada identificação com o gênero oposto em brincadeiras, sonhos e fantasias. Os adultos com Transtorno da Identidade de Gênero preocupam-se com seu desejo de viver como um membro do sexo oposto. Esta preocupação pode manifestar-se

como um intenso desejo de adotar o papel social do sexo oposto ou adquirir a aparência física do sexo oposto através de manipulação hormonal ou cirúrgica. Os adultos com este transtorno sentem desconforto ao serem considerados ou funcionarem, na sociedade, como um membro de seu sexo designado. Eles adotam, em variados graus, o comportamento, roupas e maneirismos do sexo oposto. Em sua vida privada, esses indivíduos podem passar muito tempo vestidos como o sexo oposto e trabalhando para que sua aparência seja a do outro sexo. Com roupas do sexo oposto e tratamento hormonal (e, para homens, eletrólise), muitos indivíduos com este transtorno podem passar-se convincentemente por pessoas do sexo oposto. A atividade sexual desses indivíduos com parceiros do mesmo sexo geralmente é limitada pelo fato de preferirem que os parceiros não vejam nem toquem seus genitais. Para alguns homens que apresentam o transtorno em uma idade mais tardia (frequentemente após o casamento), a atividade sexual com uma mulher é acompanhada pela fantasia de serem amantes lésbicas ou de que sua parceira é um homem e ele é uma mulher. Em adolescentes, as características clínicas podem assemelhar-se àqueles de crianças ou de adultos, dependendo do nível de desenvolvimento do indivíduo, devendo os critérios ser aplicados de acordo com o quadro clínico. Em um adolescente mais jovem, pode ser difícil chegar a um diagnóstico correto, em vista de sua reserva, que pode aumentar se ele sentir-se ambivalente acerca da sua identificação com o sexo oposto ou achar que isto é inaceitável para sua família. O adolescente pode ser encaminhado para avaliação porque os pais ou professores demonstram preocupação com o isolamento social ou com zombaria ou rejeição por parte dos seus pares. Nessas circunstâncias, o diagnóstico deve ser reservado para aqueles adolescentes que se mostram bastante identificados com o sexo oposto em seu vestuário ou que se envolvem em comportamentos que sugerem uma significativa identificação com o gênero oposto (por ex., depilar as pernas, em homens). O esclarecimento do diagnóstico em crianças e adolescentes pode exigir um extenso período de monitoramento. O sofrimento ou prejuízo em indivíduos com Transtorno da Identidade de Gênero tem diferentes manifestações ao longo do ciclo vital. Em crianças pequenas, o sofrimento é manifestado pela infelicidade declarada acerca de seu sexo atribuído, sendo que a preocupação com desejos do sexo oposto frequentemente interfere em atividades corriqueiras. Em crianças mais velhas, o fracasso em desenvolver relacionamentos e habilidades apropriados à idade com seus pares do mesmo sexo frequentemente provoca isolamento e sofrimento, podendo algumas se recusar a comparecer à escola, em razão de zombaria ou pressões no sentido de vestirem-se de acordo com o estereótipo de seu sexo. Em adolescentes e adultos, a preocupação com desejos do sexo oposto frequentemente interfere em atividades corriqueiras. Dificuldades de relacionamento são comuns, podendo comprometer o funcionamento na escola ou no trabalho.

Especificadores

Para indivíduos sexualmente maduros, os seguintes especificadores podem ser anotados, com base na orientação sexual do indivíduo:

Atração Sexual por Homens,
 Atração Sexual por Mulheres,
 Atração Sexual por Ambos os Sexos,
 Ausência de Atração por Quaisquer dos Sexos.

Os homens com Transtorno da Identidade de Gênero incluem proporções substanciais com todos os quatro especificadores. Virtualmente todas as mulheres com Transtorno da Identidade de Gênero recebem o mesmo especificador — Atração Sexual por Mulheres -, embora existam casos excepcionais envolvendo mulheres com Atração Sexual por Homens.

Procedimentos de Registro

O código diagnóstico depende da idade atual do indivíduo: se o transtorno ocorre na infância, utiliza-se o código 302.6; para um adolescente ou adulto, usa-se 302.85.

Características e Transtornos Associados

Características descritivas e transtornos mentais associados. Muitos indivíduos com Transtorno da Identidade de Gênero tornam-se socialmente isolados. O isolamento e o ostracismo contribuem para a baixa auto-estima e podem levar à aversão e abandono da escola. O ostracismo e a zombaria por parte dos seus pares são seqüelas especialmente comuns para meninos com o transtorno. Os meninos com Transtorno da Identidade de Gênero em geral exibem maneirismos e padrão de fala acentuadamente femininos. A perturbação pode ser tão invasiva, que a vida mental de alguns indivíduos gira unicamente em torno de atividades que diminuem o sofrimento quanto ao gênero. Eles preocupam-se freqüentemente com a aparência, em especial no início da transição para uma vida no papel do sexo oposto. Os relacionamentos com um ou ambos os pais também pode ser seriamente prejudicados. Alguns homens com Transtorno da Identidade de Gênero recorrem à automedicação com hormônios e podem, muito raramente, executar sua própria castração ou penectomia. Especialmente em centros urbanos, alguns homens com o transtorno podem envolver-se em prostituição, o que os coloca em alto risco de infecção com o vírus da imunodeficiência humana (HIV). Tentativas de suicídio e Transtornos Relacionados a Substâncias estão habitualmente associados. As crianças com Transtorno da Identidade de Gênero podem manifestar Transtorno de Ansiedade de Separação, Transtorno de Ansiedade Generalizada e sintomas depressivos coexistentes. Os adolescentes estão particularmente em risco de depressão e ideação suicida. Em adultos, ansiedade e sintomas depressivos podem estar presentes. Alguns adultos podem ter uma história de Fetichismo Transvêstico, bem com outras Parafilias. A associação com Transtornos da Personalidade é mais comum em homens do que em mulheres avaliados em clínicas especializadas para adultos. Achados laboratoriais associados. Não existe qualquer teste diagnóstico específico para o Transtorno da Identidade de Gênero. Na presença de um exame

físico normal, geralmente não se indica o cariótipo de cromossomos sexuais e avaliações de hormônios sexuais. A testagem psicológica pode revelar identificação ou padrões de comportamento do gênero oposto. Achados ao exame físico e condições médicas gerais associadas. Os indivíduos com Transtorno da Identidade de Gênero têm genitália normal (contrastando com a genitália ambígua ou hipogonadismo encontrados nas condições intersexuais físicas). Homens adolescentes e adultos com Transtorno da Identidade de Gênero podem apresentar um aumento das mamas resultante da ingestão de hormônios, ausência de pêlos por depilação temporária ou permanente e outras alterações físicas em consequência de procedimentos tais como rinoplastia ou desbastamento da cartilagem tireóide (redução cirúrgica do pomo de Adão). Mamas distorcidas ou com escoriações podem ser observadas em mulheres que usam faixas para ocultá-las. As complicações pós-cirúrgicas em indivíduos geneticamente femininos incluem cicatrizes proeminentes na parede torácica e, em indivíduos geneticamente masculinos, constrições vaginais, fístulas retovaginais, estenoses da uretra e jato urinário mal-direcionado. As mulheres adultas com Transtorno da Identidade de Gênero podem ter uma probabilidade maior do que a esperada de doença ovariana policística.

Características Específica à Idade ao Gênero

As mulheres com Transtorno da Identidade de Gênero em geral experimentam menor ostracismo em razão de interesses relacionados ao sexo oposto e podem sofrer menos rejeição por parte de seus pares, pelo menos até a adolescência. Em amostras de clínicas infantis, existem aproximadamente cinco meninos para cada menina encaminhada com este transtorno. Em amostras clínicas adultas, os homens superam em número as mulheres, em cerca de duas a três vezes. Em crianças, a tendência para o encaminhamento de meninos pode refletir, em parte, o maior estigma associado com o comportamento do gênero oposto em meninos do que em meninas.

Prevalência

Não existem estudos epidemiológicos recentes que ofereçam dados sobre a prevalência do Transtorno da Identidade de Gênero. Os dados de países menores da Europa, com acesso a estatísticas da população total e encaminhamentos, sugerem que aproximadamente 1 em 30.000 homens adultos e 1 em 100.000 mulheres adultas buscam cirurgia de reatribuição sexual.

Curso

Para crianças encaminhadas a clínicas, o início de interesses e atividades relativos ao sexo oposto habitualmente se situa entre 2 e 4 anos de idade, sendo que alguns pais afirmam que seus filhos sempre manifestaram interesses do gênero oposto. Apenas um pequeno número de crianças com Transtorno da Identidade de Gênero continua apresentando sintomas que satisfazem os critérios para Transtorno da Identidade de Gênero na adolescência tardia ou na idade adulta. Tipicamente, as crianças são encaminhadas por ocasião de seu ingresso na escola, em vista da preocupação dos

pais de que aquilo que consideravam uma "fase" parece não estar sendo superado. A maioria das crianças com Transtorno da Identidade de Gênero exibe comportamentos menos manifestos do gênero oposto com o passar do tempo, intervenção parental ou resposta de seus pares. Ao final da adolescência ou na idade adulta, cerca de três quartos dos meninos que apresentavam uma história infantil de Transtorno da Identidade de Gênero relatam uma orientação homossexual ou bissexual, mas sem um Transtorno da Identidade de Gênero concomitante. A maior parte dos restantes declara uma orientação heterossexual, também sem um Transtorno da Identidade de Gênero concomitante. As porcentagens correspondentes para a orientação sexual em meninas não são conhecidas. Algumas adolescentes podem desenvolver uma identificação mais clara com o sexo oposto e solicitar cirurgia de reatribuição sexual ou continuar em um curso crônico de confusão de gênero ou disforia quanto a este. Em homens adultos, existem dois cursos diferentes para o desenvolvimento do Transtorno da Identidade de Gênero. O primeiro consiste de uma continuação do Transtorno da Identidade de Gênero que teve seu início na infância ou começo da adolescência. Esses indivíduos tipicamente se apresentam ao final da adolescência ou na idade adulta. No outro curso, os sinais mais manifestos de identificação com o gênero oposto aparecem mais tardia e gradualmente, com uma apresentação clínica no início ou na metade da idade adulta, em geral se seguindo, mas às vezes concomitante com o Fetichismo Transvéstico. O grupo de início mais tardio pode ter um grau mais flutuante de identificação com o gênero oposto, maior ambivalência acerca de uma cirurgia de reatribuição sexual, maior propensão a sentir atração por mulheres e menor tendência a sentirem-se satisfeitos após uma cirurgia de reatribuição sexual. Os homens com Transtorno da Identidade de Gênero que sentem atração sexual por homens tendem a apresentar-se, na adolescência ou início da idade adulta, com uma história de disforia ao longo da vida quanto ao gênero. Em comparação, aqueles que sentem atração sexual ou por mulheres, ou tanto por homens quanto por mulheres ou por nenhum sexo, tendem a apresentar-se mais tarde e têm tipicamente uma história de Fetichismo Transvéstico. Se o Transtorno da Identidade de Gênero está presente na idade adulta, ele tende a um curso crônico, mas há relatos de remissão espontânea.

Diagnóstico Diferencial

O Transtorno da Identidade de Gênero pode ser diferenciado do simples inconformismo com o comportamento sexual estereotípico pela extensão e caráter invasivo dos desejos, interesses e atividades relativos ao gênero oposto. Este transtorno não pretende descrever o inconformismo de uma criança com o comportamento estereotípico de papel sexual como, por exemplo, em meninas "masculinas" ou no comportamento "maricas" de meninos. Ele representa, outrossim, uma profunda perturbação do sentimento de identidade do indivíduo com relação à masculinidade ou feminilidade. O comportamento infantil que meramente não se ajusta ao estereótipo cultural de masculinidade ou feminilidade não deve receber este diagnóstico, a menos que a síndrome completa esteja presente, incluindo

acentuado sofrimento ou prejuízo. O Fetichismo Transvéstico ocorre em homens heterossexuais (ou bissexuais), cujo comportamento transvéstico serve a finalidades de excitação sexual. Além do transvestismo, a maior parte dos indivíduos com Fetichismo Transvéstico não possui uma história de comportamentos do gênero oposto na infância. Os homens com uma apresentação que satisfaça todos os critérios para Transtorno da Identidade de Gênero, bem como para Fetichismo Transvéstico, devem receber ambos os diagnósticos. Se a disforia quanto ao gênero está presente em um indivíduo com Fetichismo Transvéstico, mas não são satisfeitos todos os critérios para Transtorno da Identidade de Gênero, o especificador Com Disforia Quanto ao Gênero pode ser usado. A categoria Transtorno da Identidade de Gênero Sem Outra Especificação pode ser usada para indivíduos com um problema de identidade de gênero com uma condição intersexual congênita concomitante (por ex., síndrome de insensibilidade a andrógenos ou hiperplasia adrenal congênita). Na Esquizofrenia pode haver, raramente, delírios de pertencer ao sexo oposto. A insistência de uma pessoa com Transtorno da Identidade de Gênero quanto a ser do sexo oposto não é considerada um delírio, porque significa, invariavelmente, que a pessoa se sente como um membro do outro sexo, ao invés de uma crença de ser do sexo oposto. Em casos muito raros, entretanto, podem coexistir a Esquizofrenia e um severo Transtorno da Identidade de Gênero.

Critérios Diagnósticos para Transtorno da Identidade de Gênero
A. Uma forte e persistente identificação com o gênero oposto (não meramente um desejo de obter quaisquer vantagens culturais percebidas pelo fato de ser do sexo oposto). Em crianças, a perturbação é manifestada por quatro (ou mais) dos seguintes quesitos: (1) declarou repetidamente o desejo de ser, ou insistência de que é, do sexo oposto (2) em meninos, preferência pelo uso de roupas do gênero oposto ou simulação de trajes femininos; em meninas, insistência em usar apenas roupas estereotipadamente masculinas (3) preferências intensas e persistentes por papéis do sexo oposto em brincadeiras de faz-de-conta, ou fantasias persistentes acerca de ser do sexo oposto (4) intenso desejo de participar em jogos e passatempos estereotípicos do sexo oposto

(5) forte preferência por companheiros do sexo oposto
Em adolescentes e adultos, o distúrbio se manifesta por sintomas tais como desejo declarado de ser do sexo oposto, passar-se freqüentemente por alguém do sexo oposto, desejo de viver ou ser tratado como alguém do sexo oposto, ou a convicção de ter os sentimentos e reações típicos do sexo oposto.
B. Desconforto persistente com seu sexo ou sentimento de inadequação no papel de gênero deste sexo.
Em crianças, a perturbação manifesta-se por qualquer das seguintes formas: em meninos, afirmação de que seu pênis ou testículos são repulsivos ou desaparecerão, declaração de que seria melhor não ter um pênis ou aversão a brincadeiras rudes e rejeição a brinquedos, jogos e atividades estereotipadamente masculinos; em meninas, rejeição a urinar sentada, afirmação de que desenvolverá um pênis, afirmação de que não deseja desenvolver seios ou menstruar ou acentuada aversão a roupas caracteristicamente femininas.
Em adolescentes e adultos, o distúrbio manifesta-se por sintomas tais como preocupação em ver-se livre de características sexuais primárias ou secundárias (por ex., solicitação de hormônios, cirurgia ou outros procedimentos para alterar fisicamente as características sexuais, com o objetivo de simular o sexo oposto) ou crença de ter nascido com o sexo errado.
C. A perturbação não é concomitante a uma condição intersexual física.
D. A perturbação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
Codificar com base na idade atual: 302.6 Transtorno da Identidade de Gênero em Crianças 302.85 Transtorno da Identidade de Gênero em Adolescentes ou Adultos
Especificar se (para indivíduos sexualmente maduros): Atração Sexual por Homens Atração Sexual por Mulheres Atração Sexual por Ambos os Sexos

Ausência de Atração Sexual por Quaisquer dos Sexos

F64.9 - 302.6 - Transtorno da Identidade de Gênero Sem Outra Especificação

Esta categoria é incluída para a codificação de transtornos da identidade de gênero não classificáveis como um Transtorno da Identidade de Gênero específico. Exemplos:

1. Condições intersexuais (por ex., síndrome de insensibilidade a andrógenos ou hiperplasia adrenal congênita) e disforia concomitante quanto ao gênero.
2. Comportamento transvéstico transitório, relacionado ao estresse.
3. Preocupação persistente com castração ou penectomia, sem um desejo de adquirir as características sexuais do gênero oposto.

F52.9 - 302.9 - Transtorno Sexual Sem Outra Especificação

Esta categoria é incluída para a codificação de uma perturbação sexual que não satisfaça os critérios para qualquer transtorno sexual específico, nem seja uma Disfunção Sexual ou uma Parafilia. Exemplos: 1. Acentuados sentimentos de inadequação envolvendo o desempenho sexual ou outros traços relacionados a padrões auto-impostos de masculinidade ou feminilidade. 2. Sofrimento acerca de um padrão de relacionamentos sexuais repetidos, envolvendo uma sucessão de amantes sentidos pelo indivíduo como coisas a serem usadas.

3. Sofrimento persistente e acentuado quanto à orientação sexual.

CID-10 - Classificação Estatística Internacional de Doenças e

Problemas Relacionados à Saúde

Transtornos da Identidade Sexual

F64 Transtornos da identidade sexual

F64.0 Transexualismo

Trata-se de um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado.

F64.1 Travestismo bivalente

Este termo designa o fato de usar vestimentas do sexo oposto durante uma parte de sua existência, de modo a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem desejo de alteração sexual mais permanente ou de uma transformação cirúrgica; a mudança de vestimenta não se acompanha de excitação sexual.

Transtorno de identidade sexual no adulto ou adolescente, tipo não-transexual

Exclui:

travestismo fetichista (F65.1)

F64.2 Transtorno de identidade sexual na infância

Transtorno que usualmente primeiro se manifesta no início da infância (e sempre bem antes da puberdade), caracterizado por um persistente e intenso sofrimento com relação a pertencer a um dado sexo, junto com o desejo de ser (ou a insistência de que se é) do outro sexo. Há uma preocupação persistente com a roupa e as atividades do sexo oposto e repúdio do próprio sexo. O diagnóstico requer uma profunda perturbação de identidade sexual normal; não é suficiente que uma menina seja levada ou traquinas ou que o menino tenha uma atitude afeminada. Os transtornos da identidade sexual nos indivíduos púberes ou pré-púberes não devem ser classificados aqui mas sob a rubrica F66.-.

Exclui:

- orientação sexual egodistônica (F66.1)
- transtorno da maturação sexual (F66.0)

F64.8 Outros transtornos da identidade sexual

F64.9 Transtorno não especificado da identidade sexual

Transtorno do papel sexual SOE

APENDICE II

Questionários de Pesquisa de Dados Biográficos e Fantasias Eróticas

Os questionários foram aplicados em dois lotes. O primeiro (questionário I) foi utilizado em entrevistas pessoais mais abertas. Foram entrevistados 13 sujeitos. O segundo lote foi enviado por e-mail para as quase 500 associadas ativas do BCC e respondidos por 26 sujeitos. A elaboração dos questionários pautou-se por temas e hipóteses que se configuraram após cerca de um ano de pesquisa e não levaram em conta sua adequação à tabulação. Portanto, diversas perguntas puderam receber mais de uma resposta e outras possibilitaram respostas abertas.

Quanto ao tamanho e seleção da amostra, tampouco, houve preocupação com a representatividade e validade estatísticas. Portanto, a tabulação e os gráficos não podem ser tomados como retratos desta população e as inferências feitas a partir deles, somente adquirem algum peso quando articuladas com dados obtidos no estudo da literatura *crossdresser* (livros, *sites*, outras pesquisas) e confrontados com o material clínico das oito análises empreendidas.

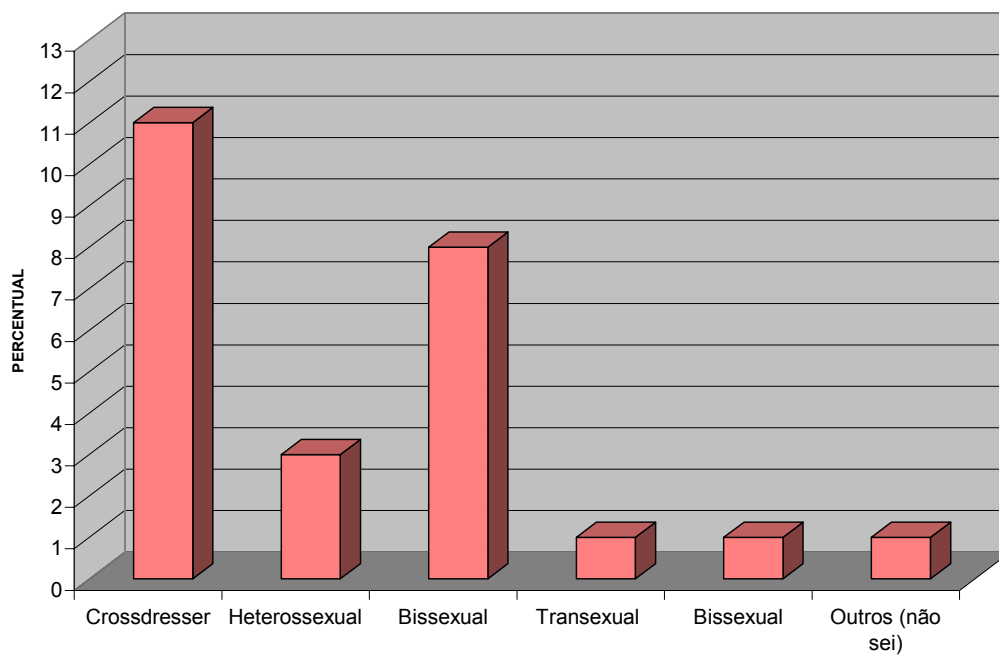
Questionário 1

RESULTADOS

NOME: (opcional)

1) ORIENTAÇÃO SEXUAL:

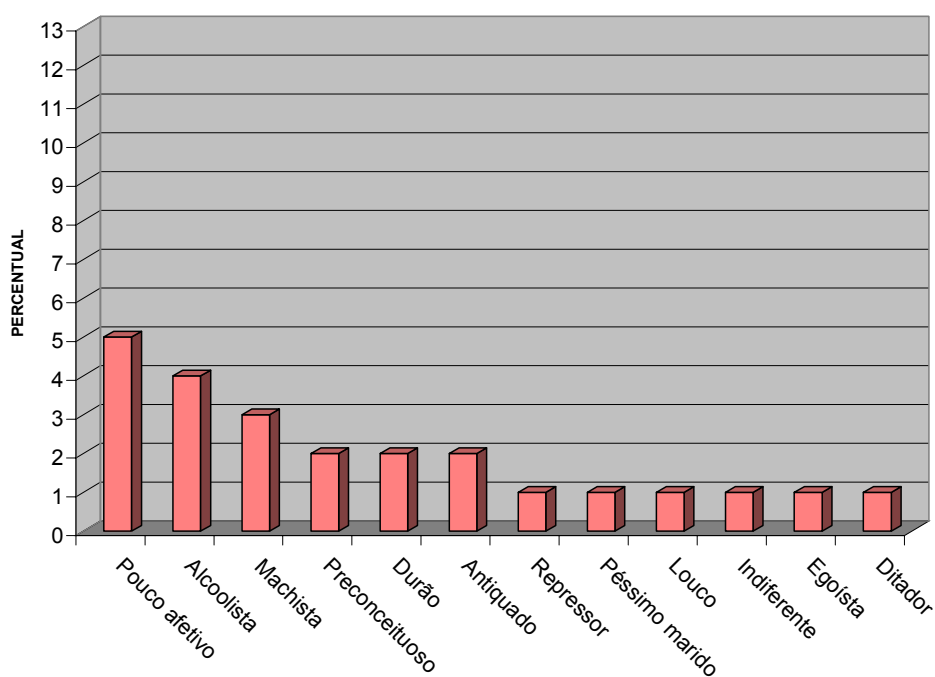
Heterossexual	
Homossexual	
Bissexual	
<i>Crossdresser</i>	11
Heterossexual	3
Homossexual	
Bissexual	8
Transexual	1
Heterossexual	
Homossexual	
Bissexual	1
Outros (não sei)	1



2) Quanto á sua família de origem, como você descreveria em poucas palavras:

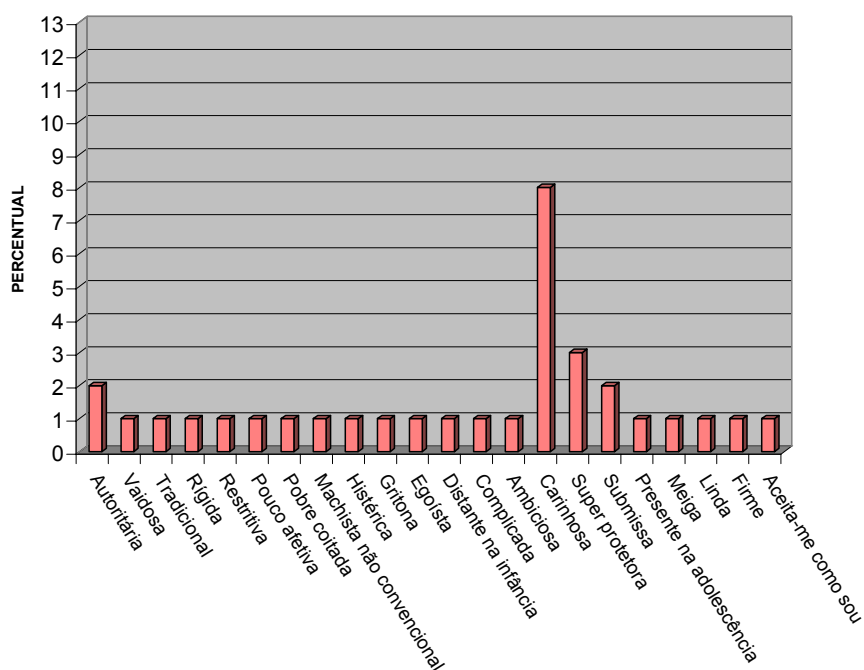
2.1) Seu pai:

Pouco afetivo	5	Conservador	6
Alcoolista	4	Provedor	2
Machista	3	Bom exemplo	2
Preconceituoso	2	Presente na adolescência	1
Durão	2	Responsável	1
Antiquado	2	Feliz consigo próprio	1
Repressor	1	Bom pai	1
Péssimo marido	1	Presente na infância	1
Louco	1	Preocupado com a família	1
Indiferente	1	Participante	1
Egoísta	1	Metódico	1
Ditador	1	Correto	1
Distante	1	Convencional	1
Autoritário	1	Bem humorado	1
Agressivo	1		



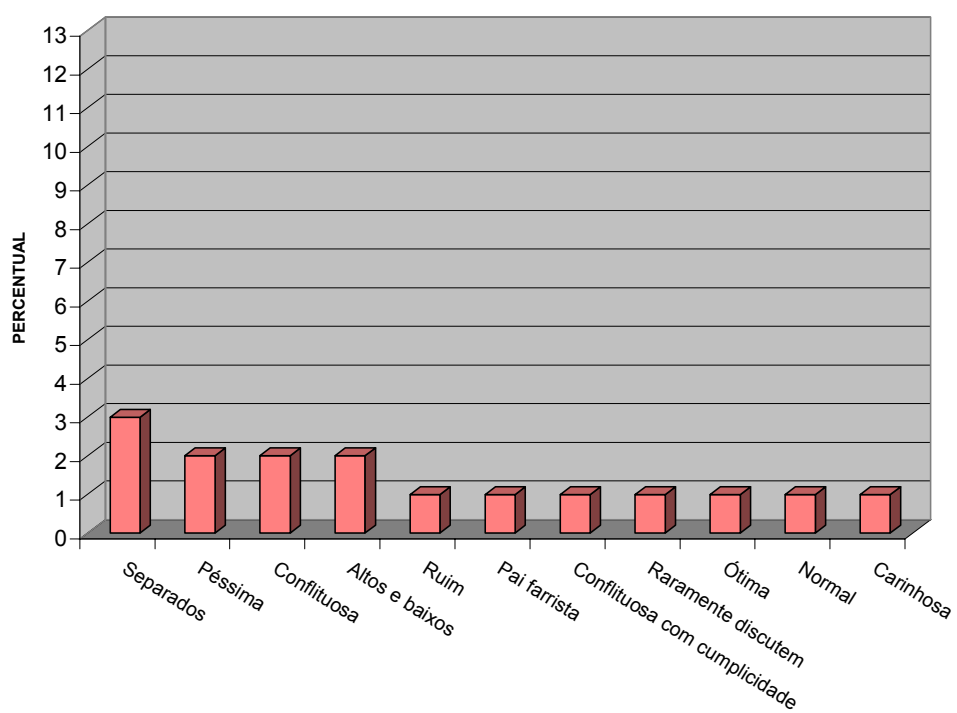
2.2) Sua mãe:

Autoritária	2	Carinhosa	8
Vaidosa	1	Super protetora	3
Tradicional	1	Submissa	2
Rígida	1	Presente na adolescência	1
Restritiva	1	Meiga	1
Pouco afetiva	1	Linda	1
Pobre coitada	1	Firme	1
Machista não convencional	1	Aceita-me como sou	1
Histérica	1		
Gritona	1		
Egoísta	1		
Distante na infância	1		
Complicada	1		
Ambiciosa	1		
TOTAL	15		18



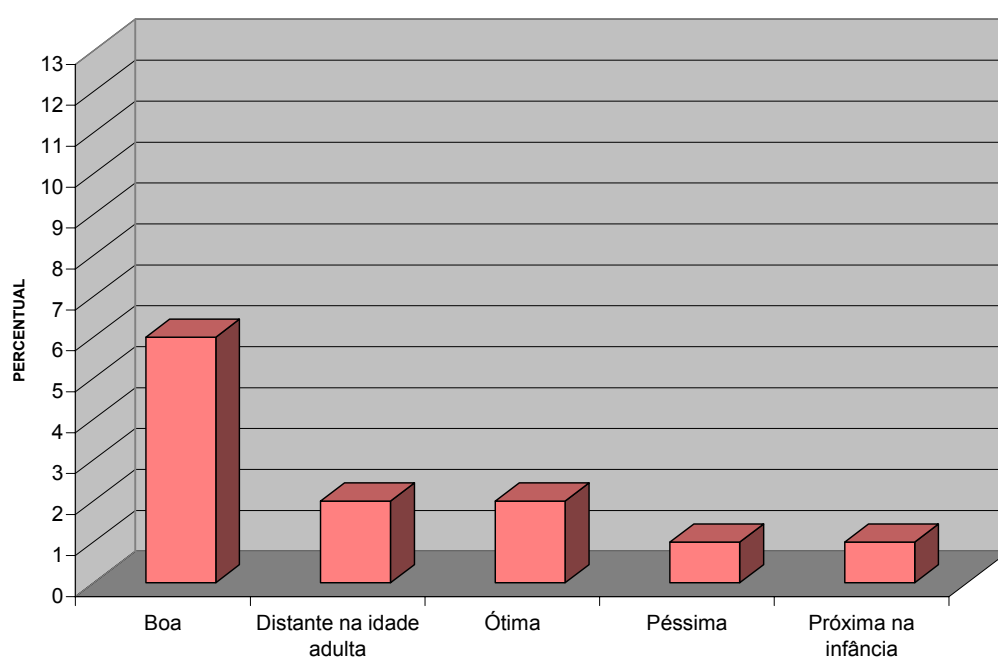
2.3) A relação entre eles:

Separados	3	Raramente discutem	1
Péssima	2	Ótima	1
Conflituosa	2	Normal	1
Altos e baixos	2	Carinhosa	1
Ruim	1		
Pai farrista	1		
Conflituosa com cumplicidade	1		
TOTAL	12		4



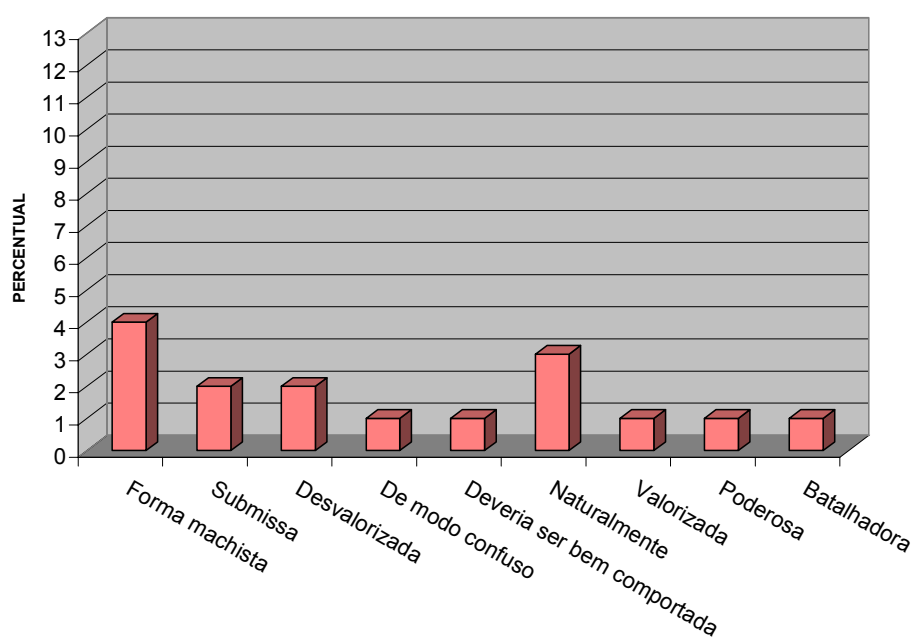
2.4) Sua relação com seus irmãos:

Boa	6
Distante na idade adulta	2
Ótima	2
Péssima	1
Próxima na infância	1



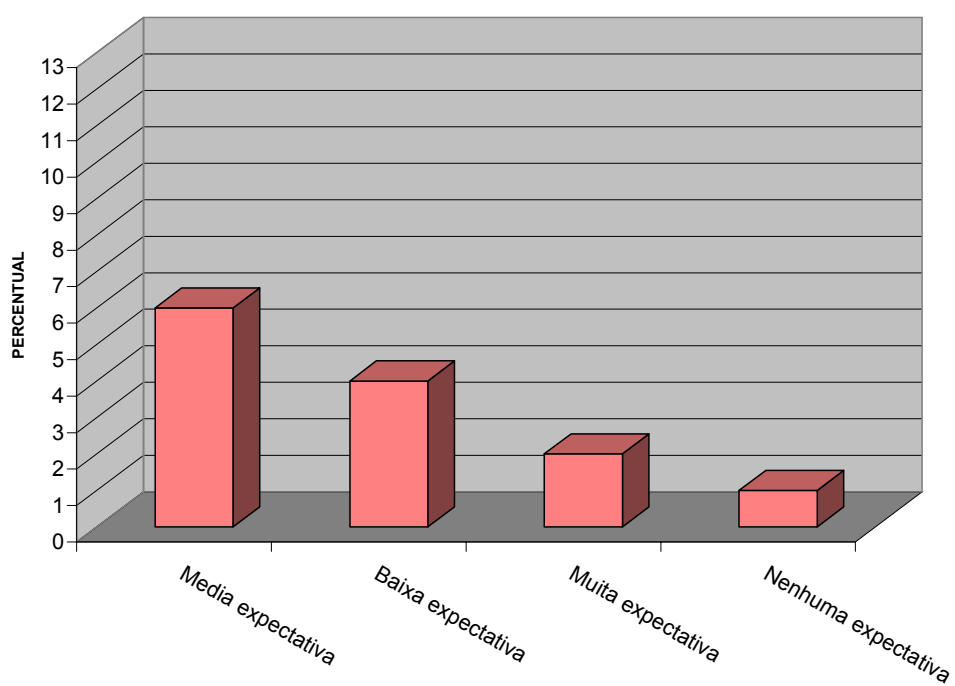
3) Como era vista a figura feminina?

Forma machista	4	Naturalmente	3
Submissa	2	Valorizada	1
Desvalorizada	2	Poderosa	1
De modo confuso	1	Batalhadora	1
Deveria ser bem comportada	1		
TOTAL	10		6



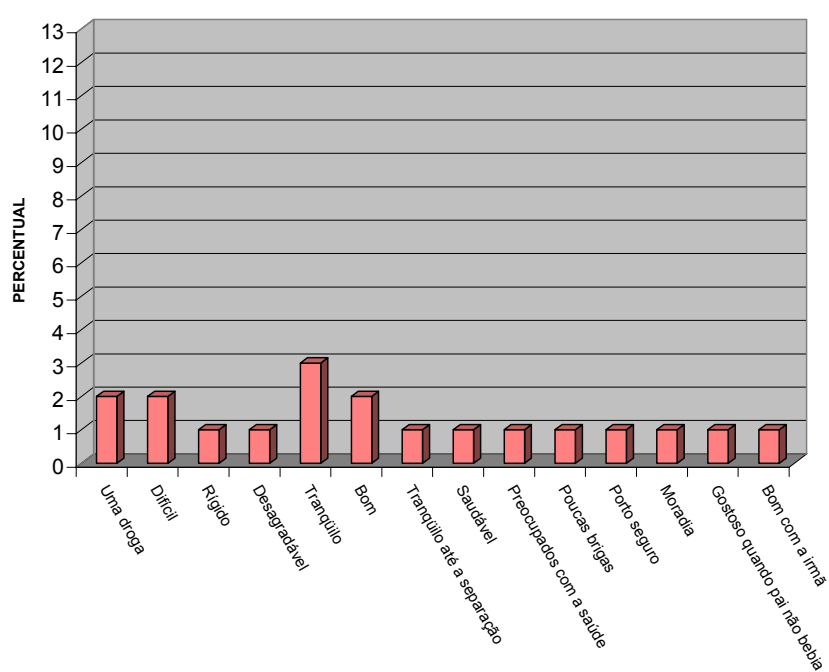
4) Que futuro eles imaginavam para você?

Media expectativa	6
Baixa expectativa	4
Muita expectativa	2
Nenhuma expectativa	1



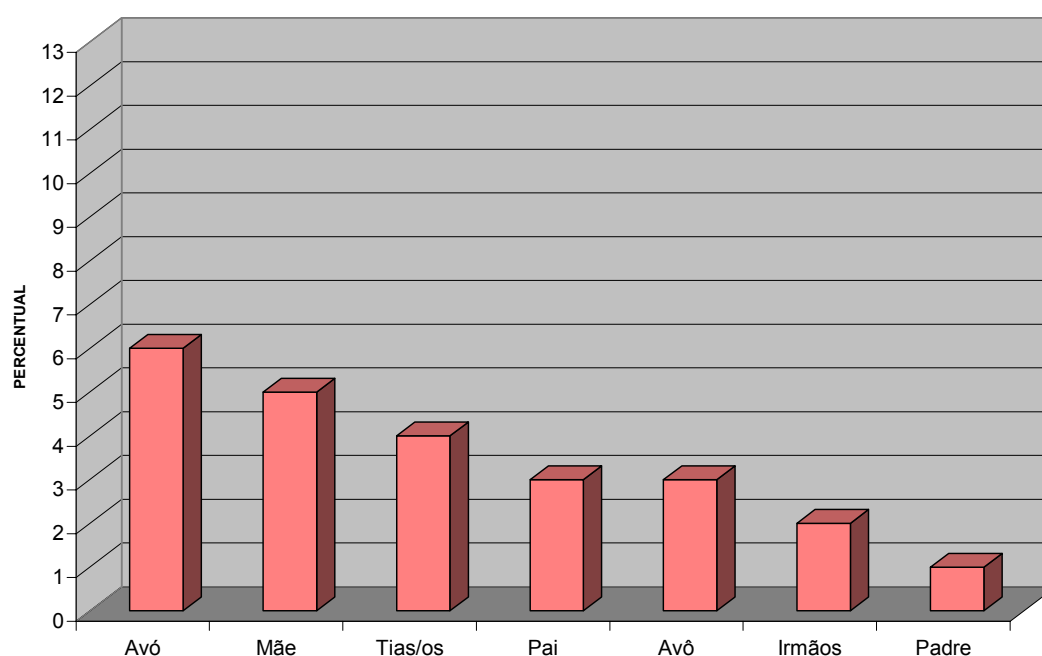
5) Como era o ambiente familiar?

Uma droga	2	Tranquilo	3
Difícil	2	Bom	2
Rígido	1	Tranquilo até a separação	1
Desagradável	1	Saudável	1
		Preocupados com a saúde	1
		Poucas brigas	1
		Porto seguro	1
		Moradia	1
		Gostoso quando pai não bebia	1
		Bom com a irmã	1
TOTAL	6		13



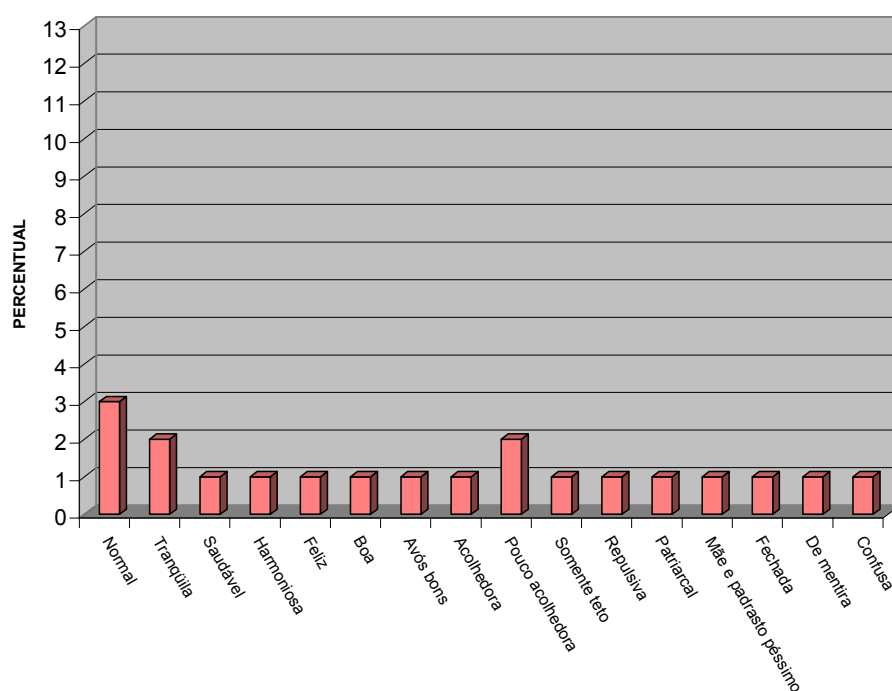
6) Quais foram as figuras mais importantes para você?

Avó	6
Mãe	5
Tias/os	4
Pai	3
Avô	3
Irmãos	2
Padre	1



7) Como você percebia sua família?

Normal	3	Pouco acolhedora	2
Tranquila	2	Somente teto	1
Saudável	1	Repulsiva	1
Harmoniosa	1	Patriarcal	1
Feliz	1	Mãe e padrasto péssimo	1
Boa	1	Fechada	1
Avós bons	1	De mentira	1
Acolhedora	1	Confusa	1
TOTAL	11		9



8) Qual a sua idade quando aconteceu a primeira experiência marcante de usar peças de roupa feminina?

5/6 anos 4

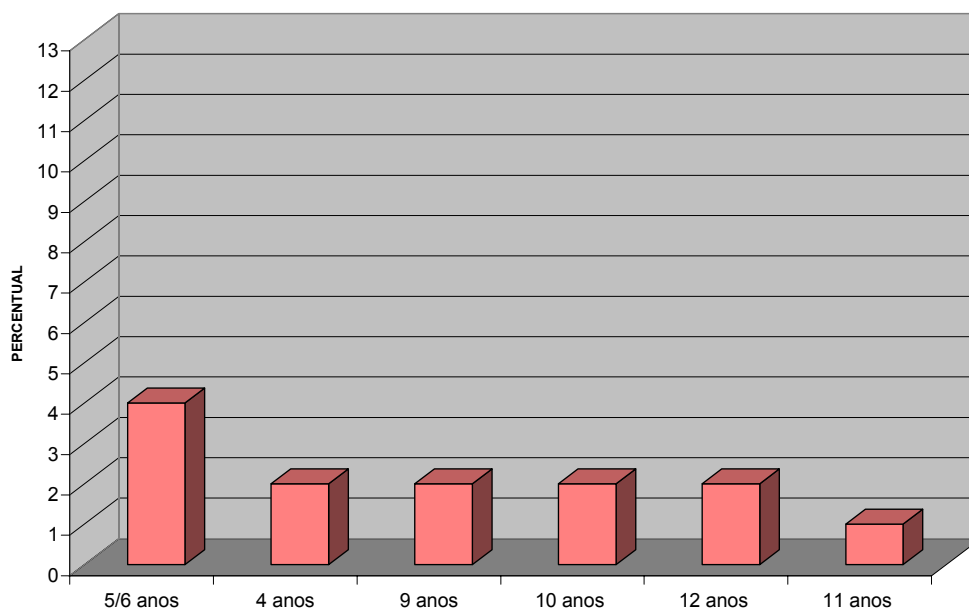
4 anos 2

9 anos 2

10 anos 2

12 anos 2

11 anos 1



9) Com que idade isso se transformou em um hábito ou em uso intenso?

12 anos 4

13 anos 1

14 anos 1

15 anos 1

16 anos 1

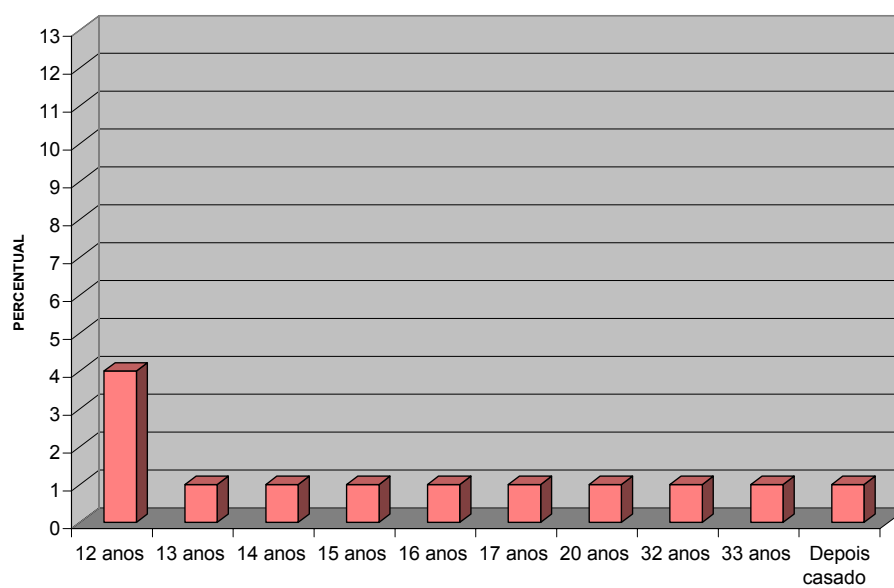
17 anos 1

20 anos 1

32 anos 1

33 anos 1

Depois casado 1



10) Qual seu grau de satisfação com suas atividades enquanto homem e como pessoa em geral?

1 nada satisfeito

2 pouco satisfeito

3 satisfeito

4 muito satisfeito

10.1) Com minha aparência na

Não respondeu

Infância

4

2

3

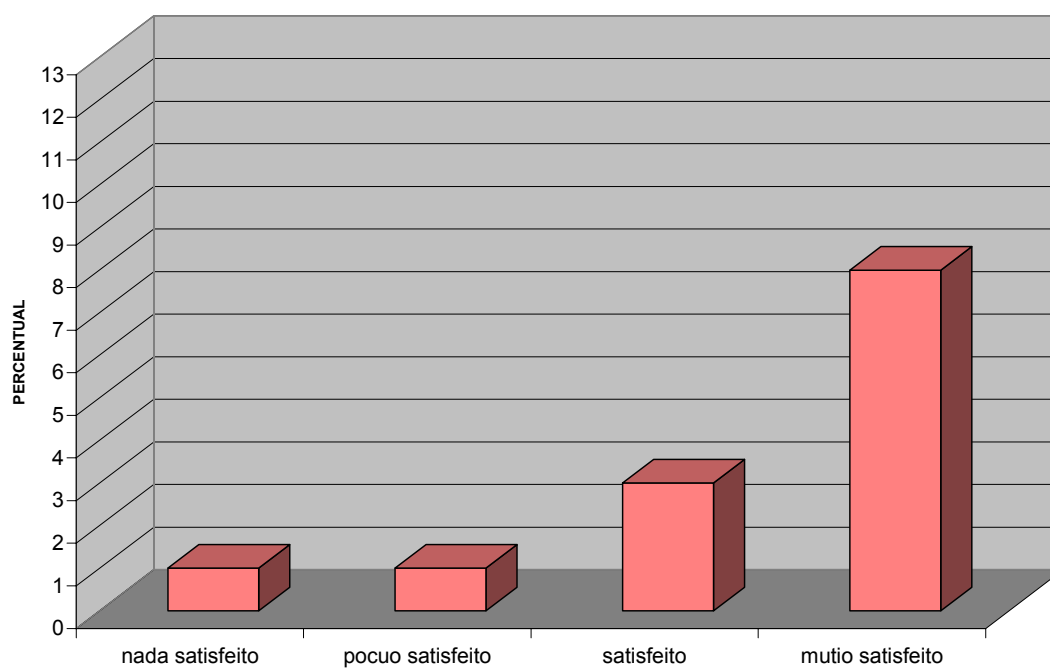
5

2

5

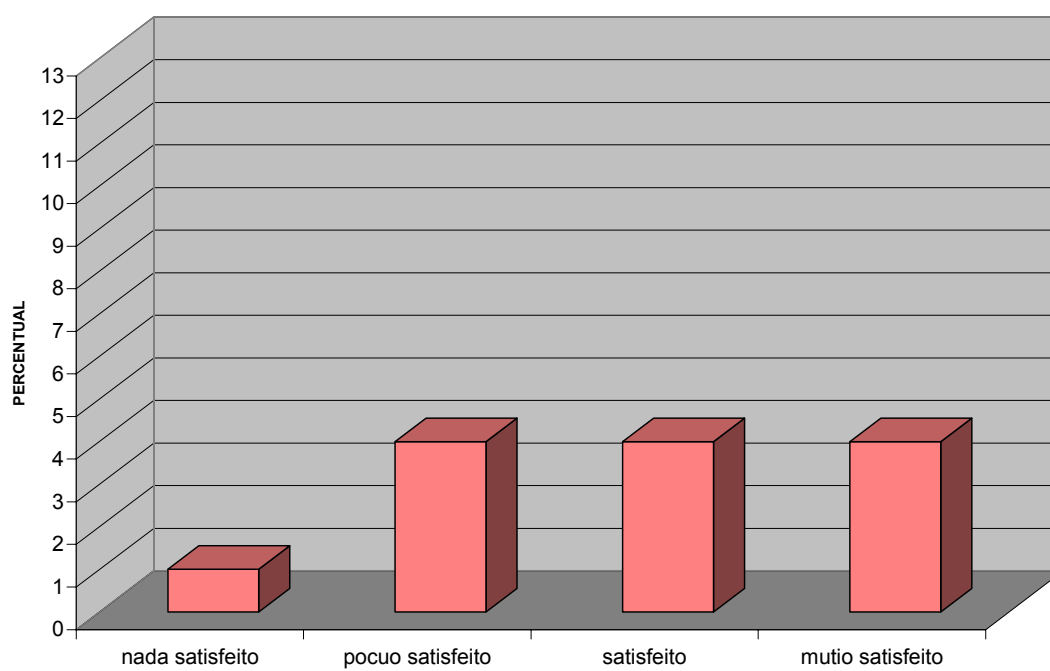
1

1



Adolescência

4	4
3	4
2	4
1	1



Juventude

4

5

3

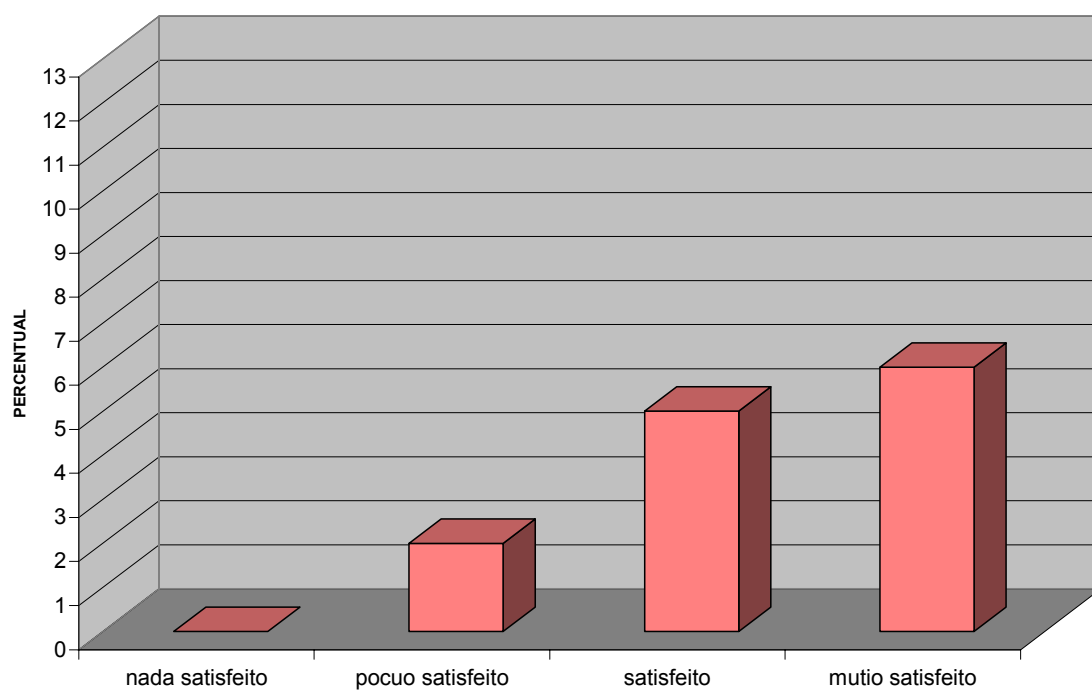
6

2

2

1

0



Idade adulta madura

4

4

3

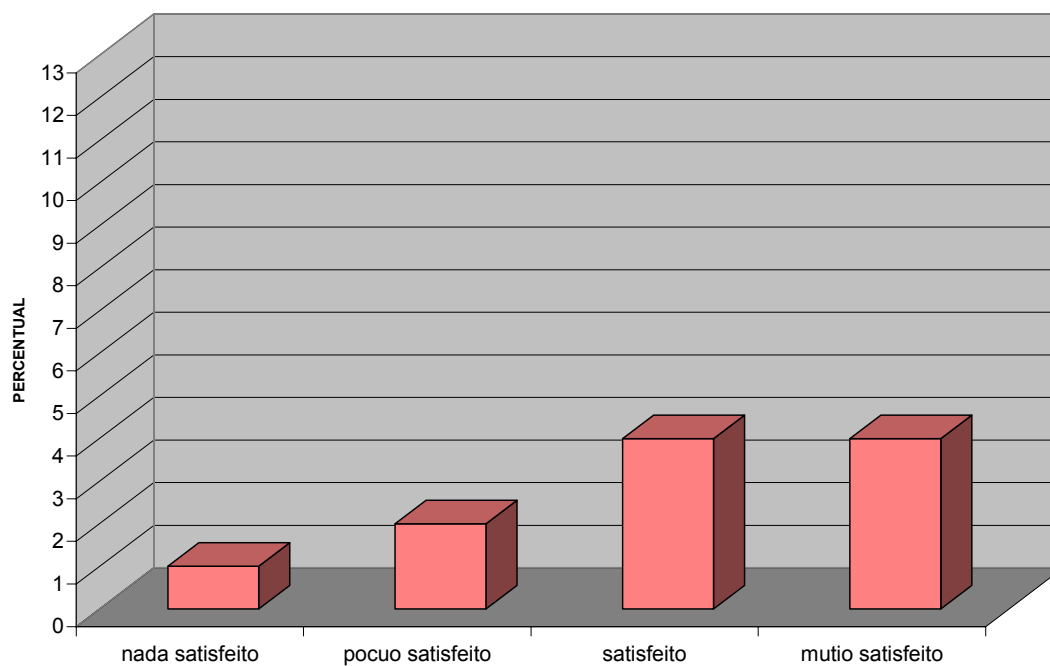
4

2

2

1

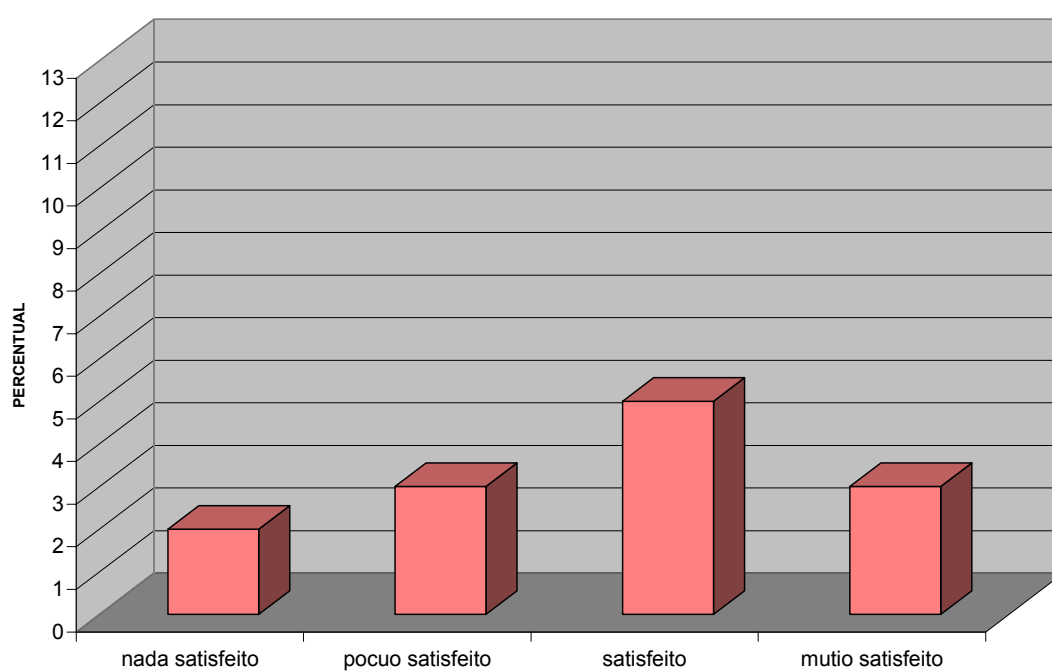
1



10.2) Com meu status nos grupos masculinos durante:

A infância

4	3
3	5
2	3
1	2



A adolescência

4

3

3

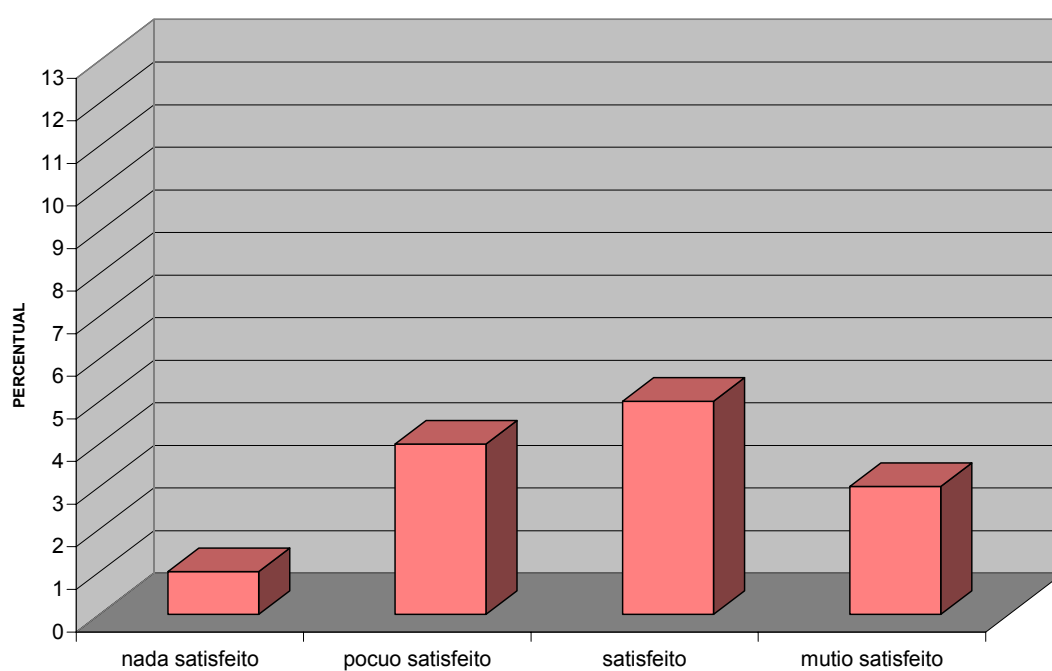
5

2

4

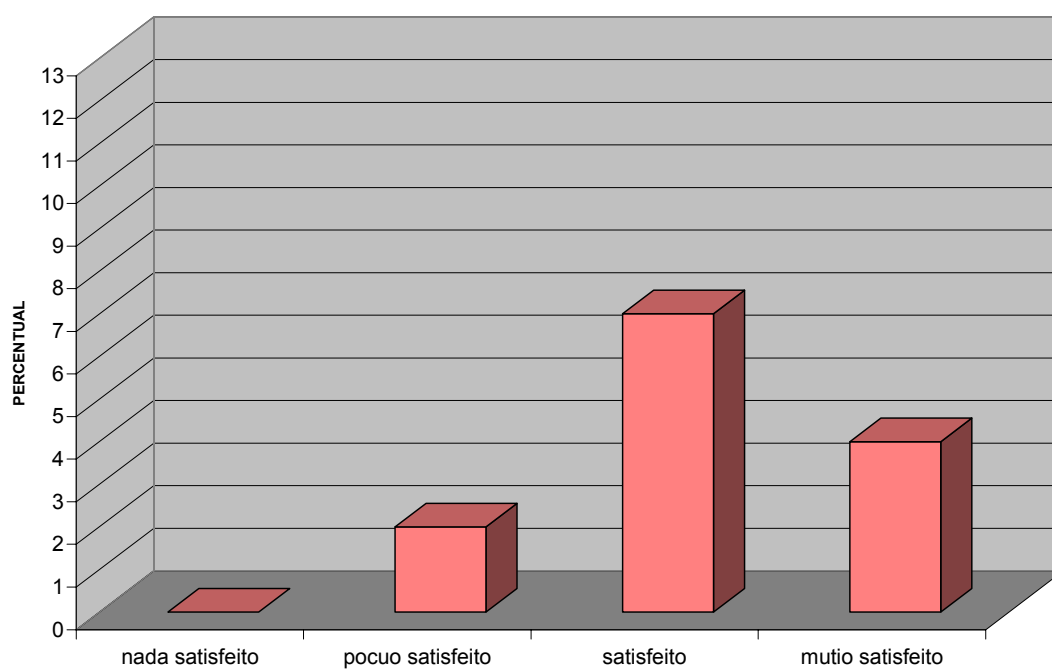
1

1



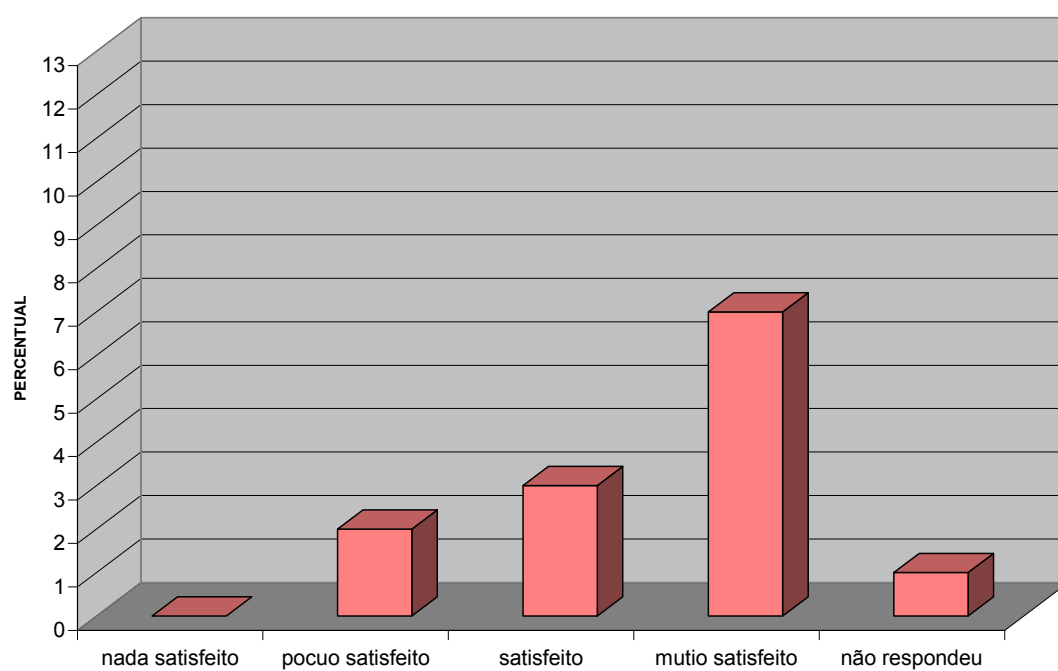
A juventude

4	4
3	7
2	2
1	



A idade adulta madura

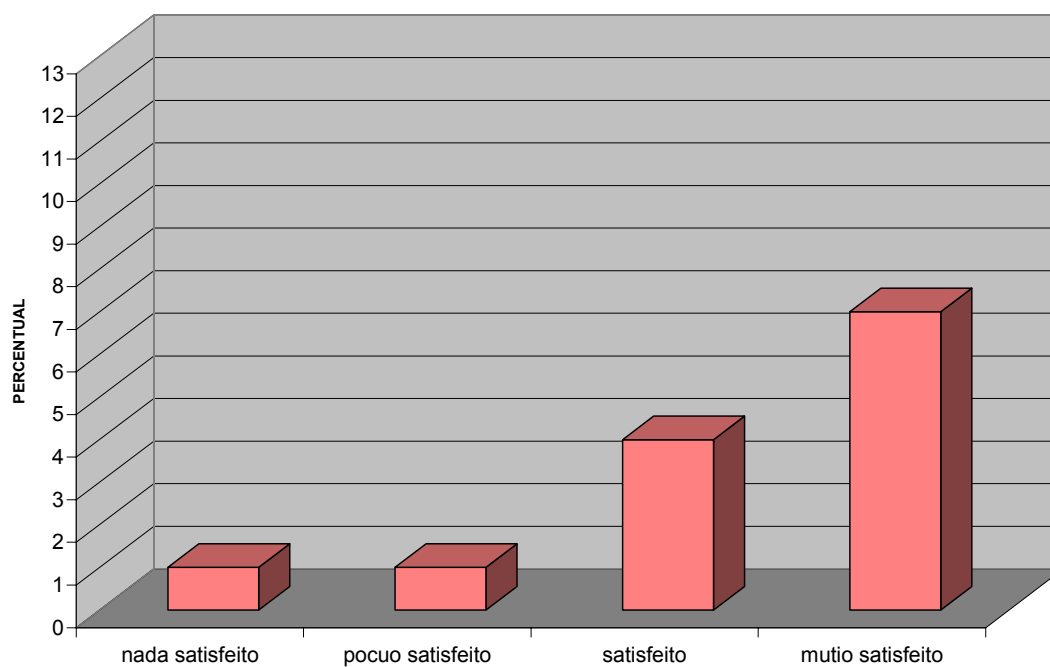
4	7	1
3	3	
2	2	
1		



10.3) Com minha inteligência na

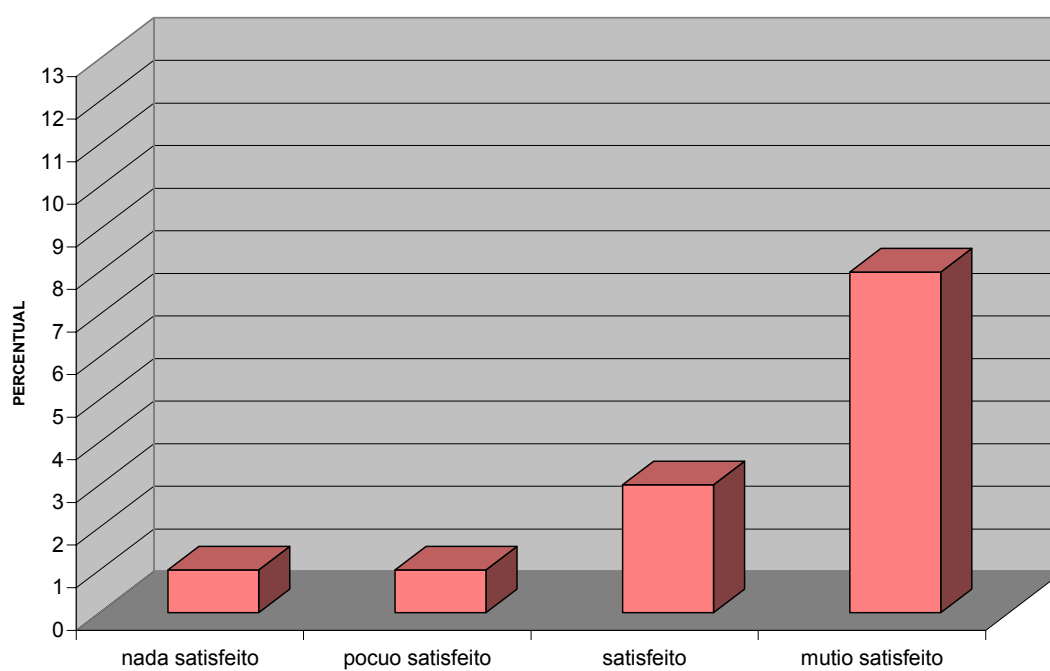
Infância

4	7
3	4
2	1
1	1



Adolescência

4	8
3	3
2	1
1	1



Juventude

4

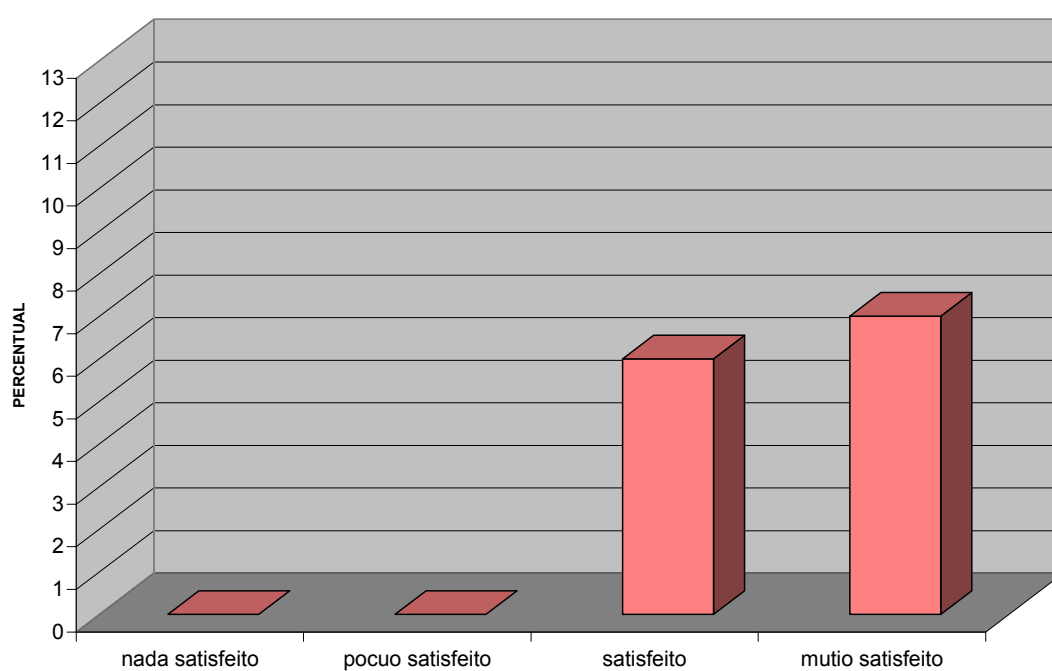
7

3

6

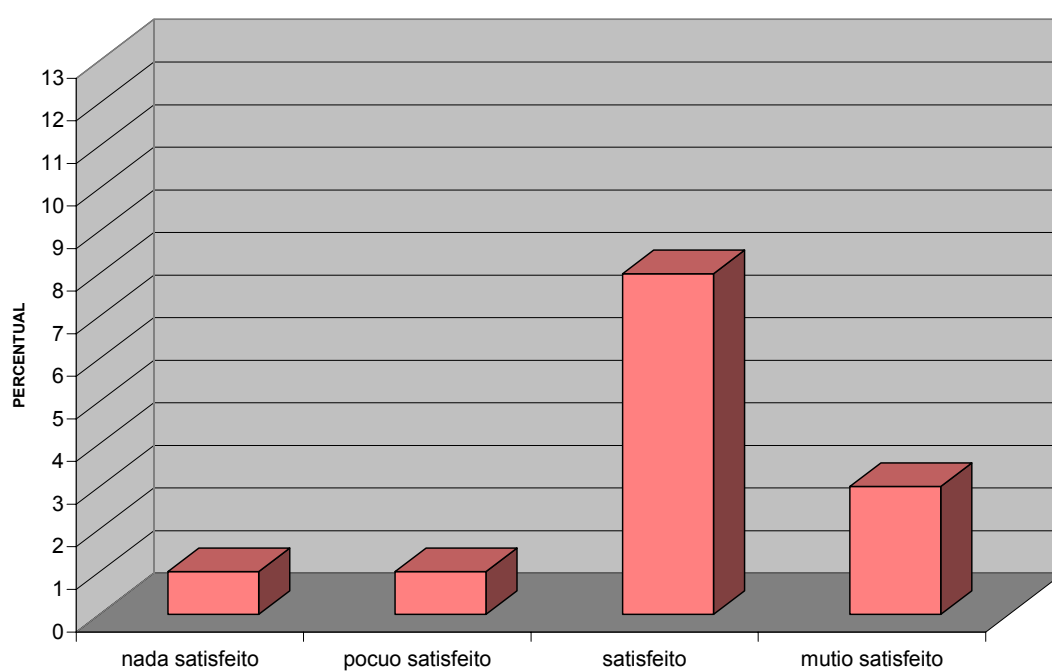
2

1



Idade adulta madura

4	8
3	3
2	1
1	1



10.4) Com meu desempenho esportivo na

Infância

2

4

3

3

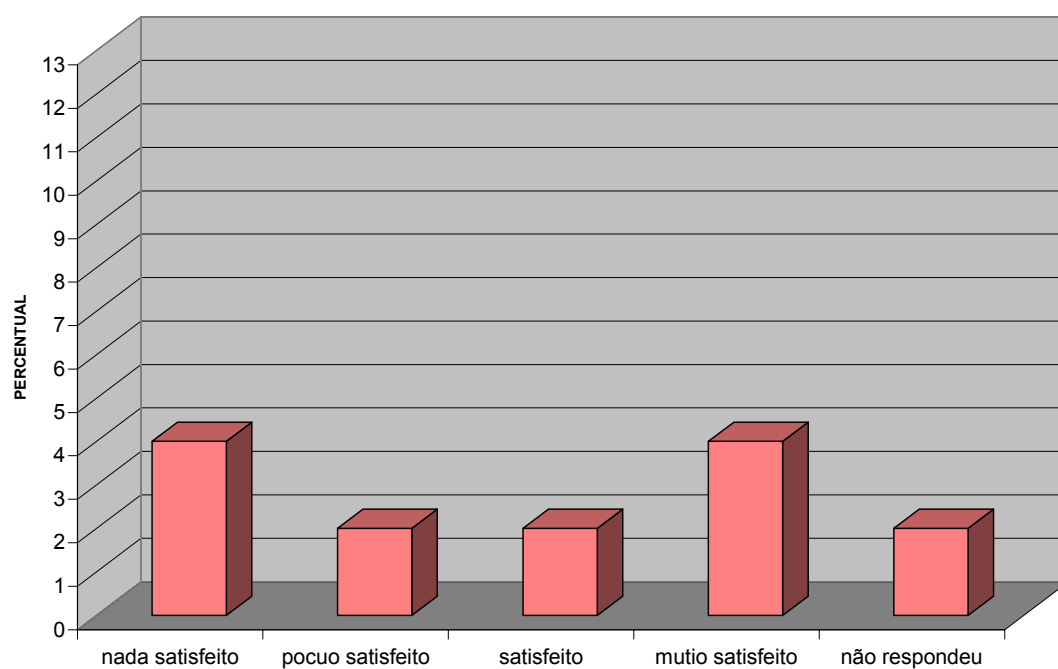
2

2

2

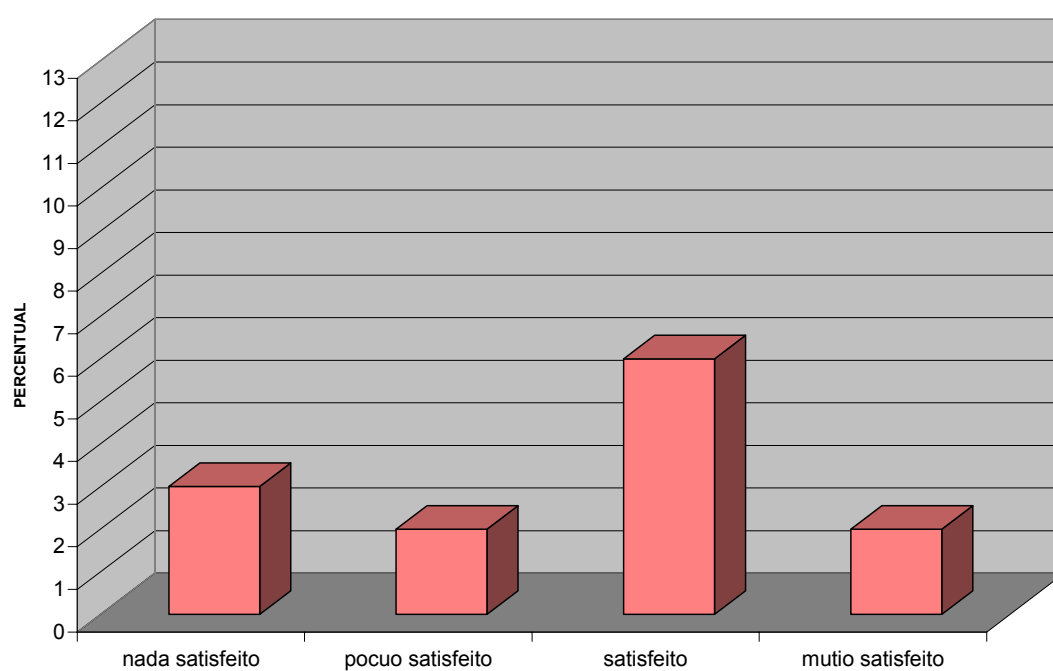
1

4



Adolescência

4	2
3	6
2	2
1	3



Juventude

4

4

3

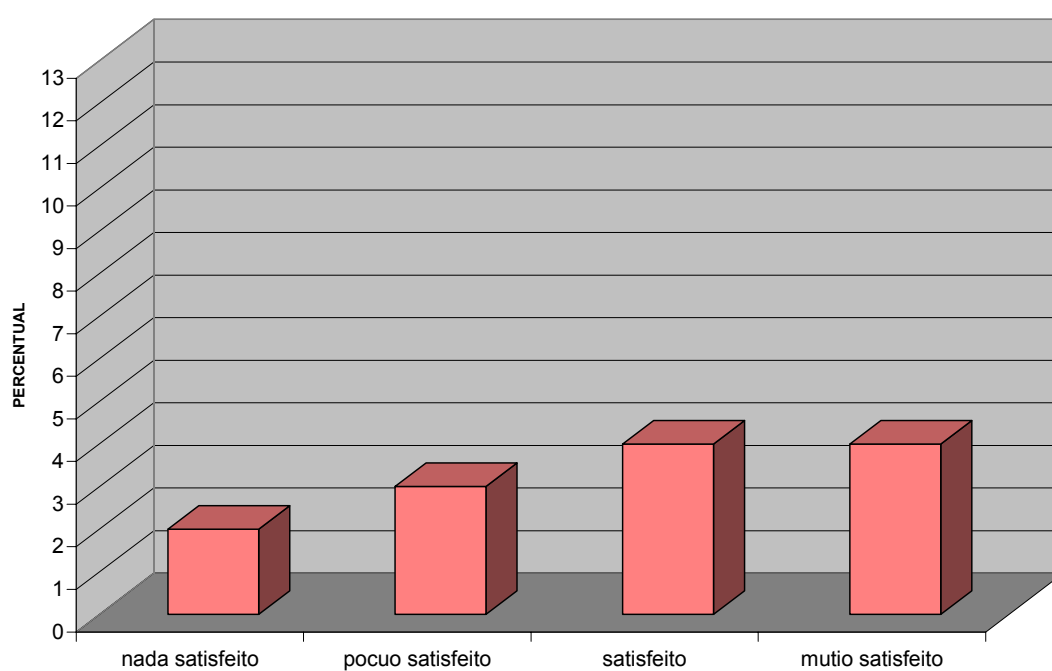
4

2

3

1

2



1

Idade adulta madura

4

3

3

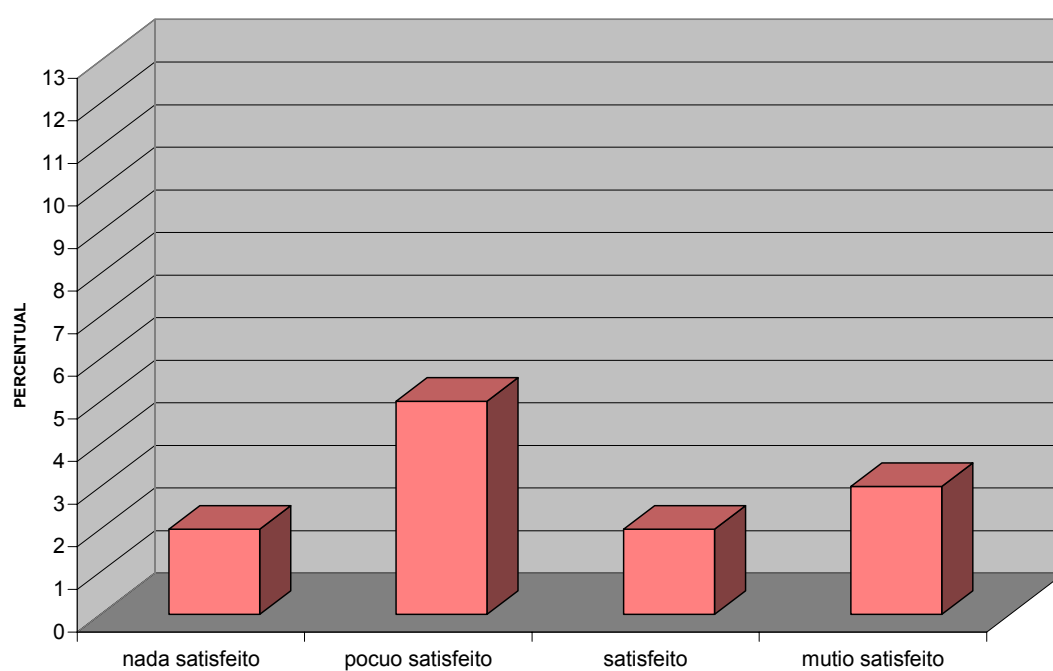
2

2

5

1

2



10.5) Com minha vida profissional

1

4

5

3

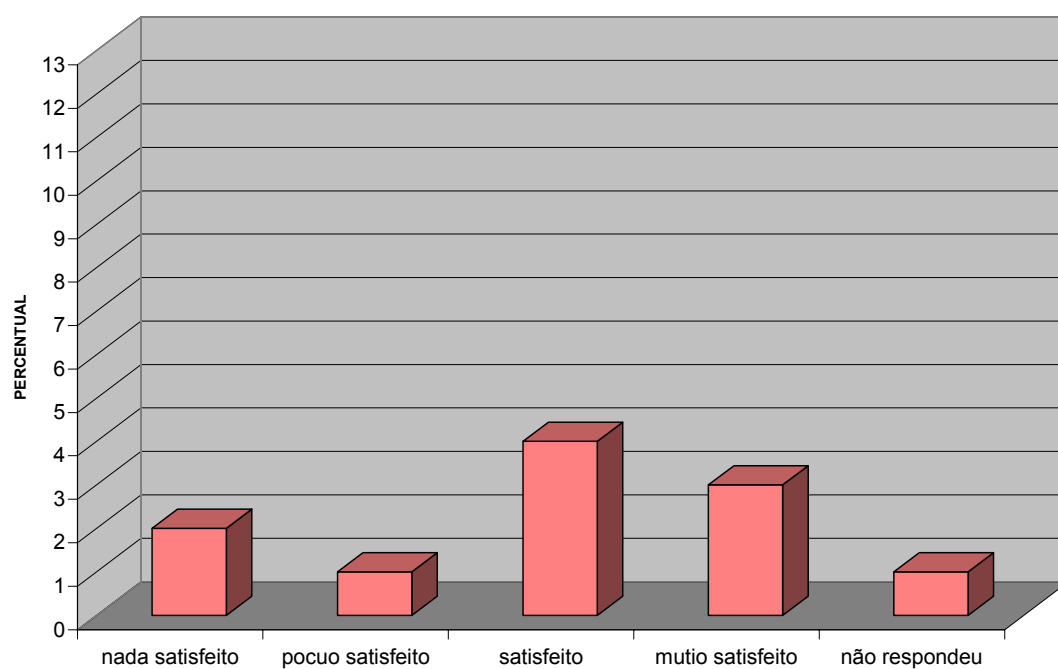
4

2

1

1

2



10.6) Com meu poder de atrair e conquistar mulheres

Adolescência

4

5

3

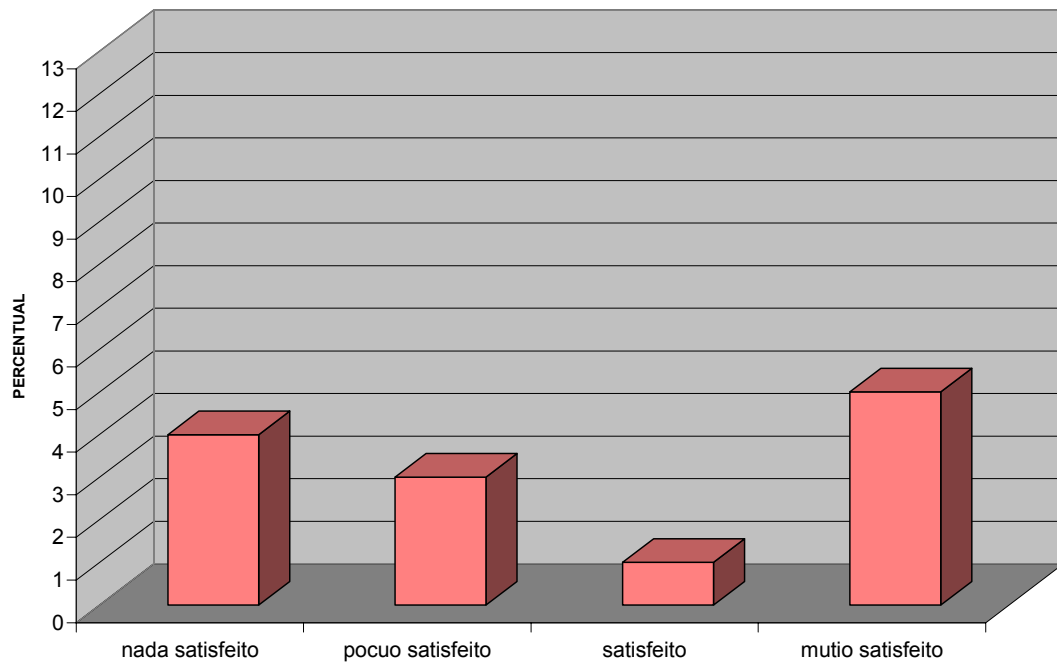
1

2

3

1

4



Juventude

4

5

3

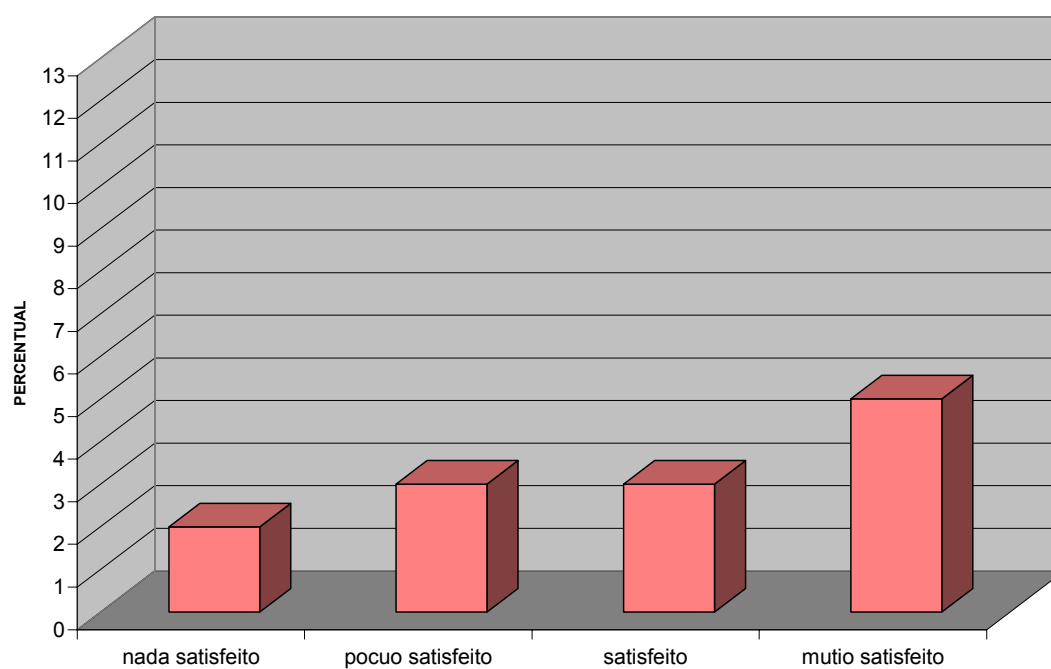
3

2

3

1

2



Idade adulta madura

2

4

5

3

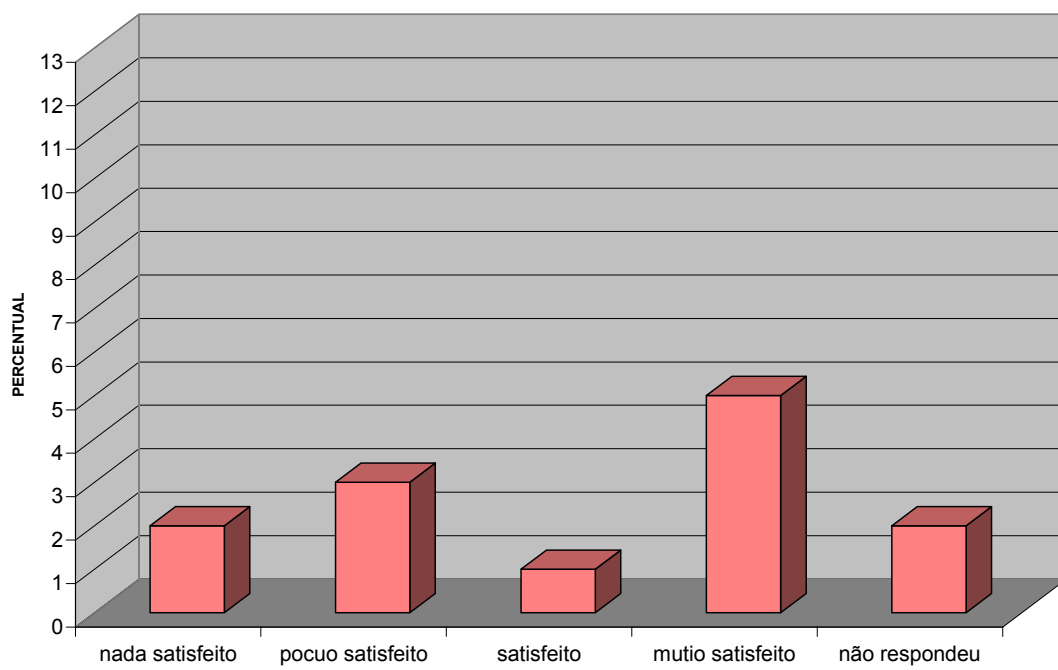
1

2

3

1

2



10.7) Com meu desempenho sexual com mulheres

Adolescência

2

4

3

3

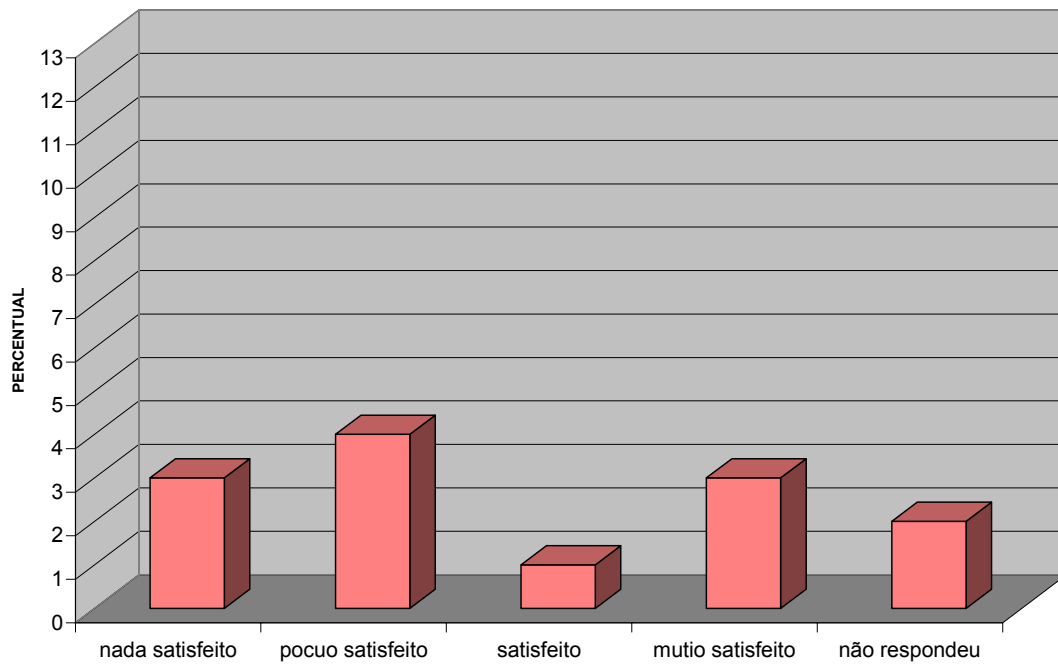
1

2

4

1

3



Juventude

1

4

5

3

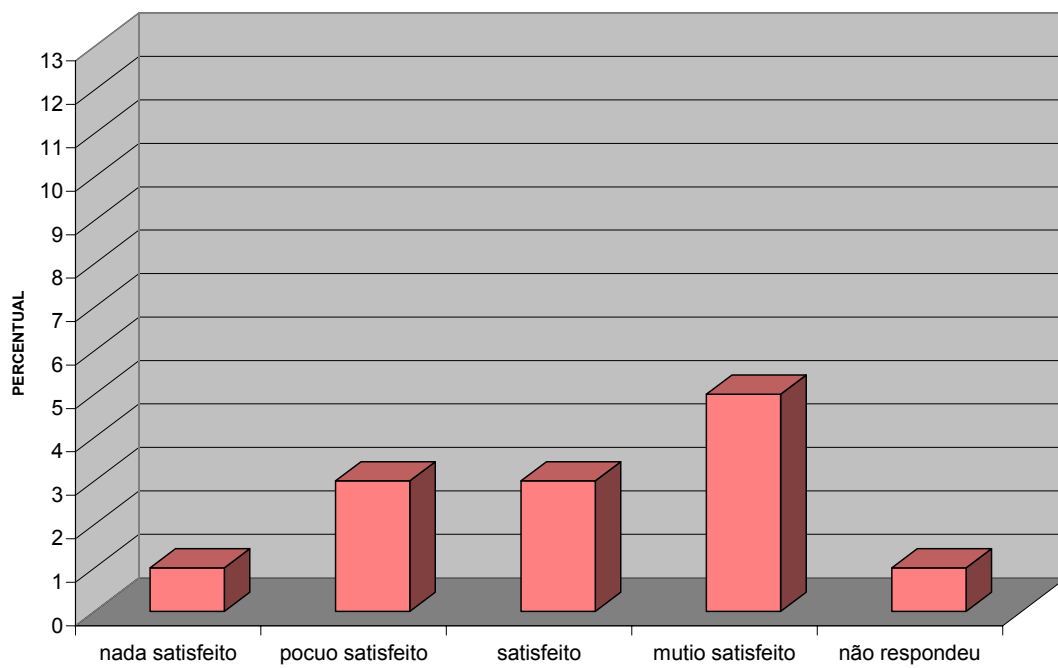
3

2

3

1

1



Idade adulta madura

1

4

4

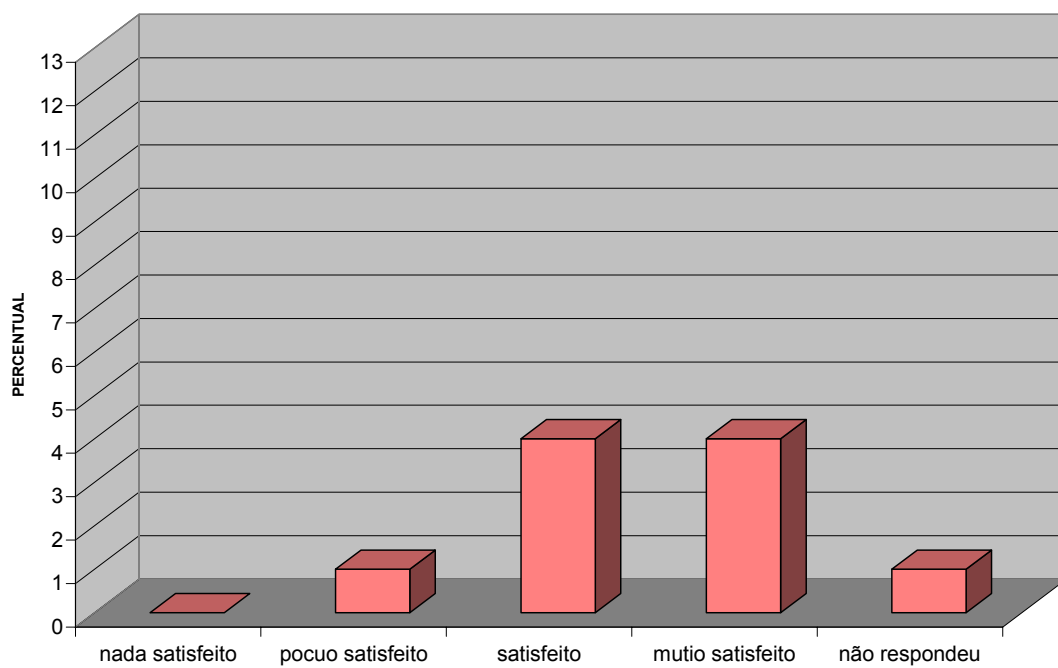
3

4

2

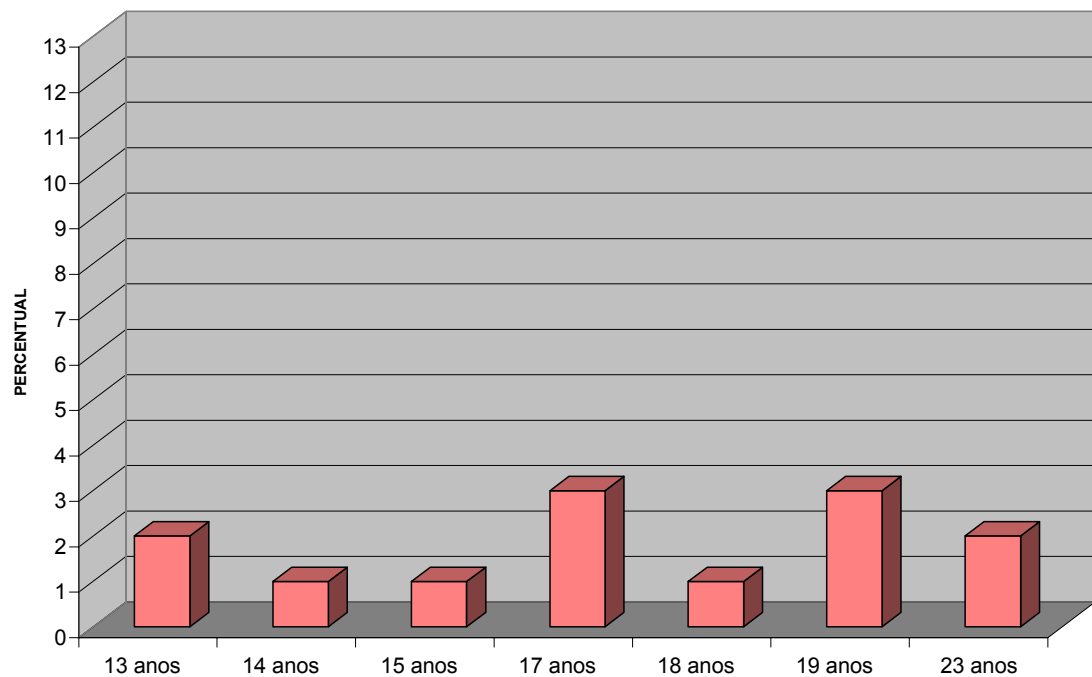
1

1



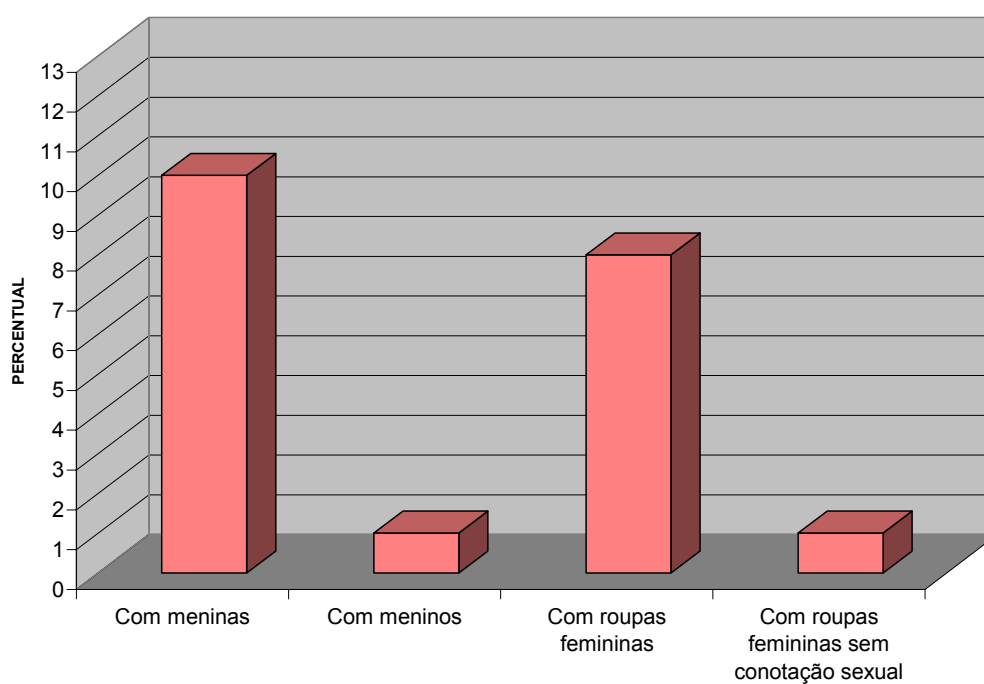
11) Com que idade deu início a sua vida sexual?

13 anos	2
14 anos	1
15 anos	1
17 anos	3
18 anos	1
19 anos	3
23 anos	2



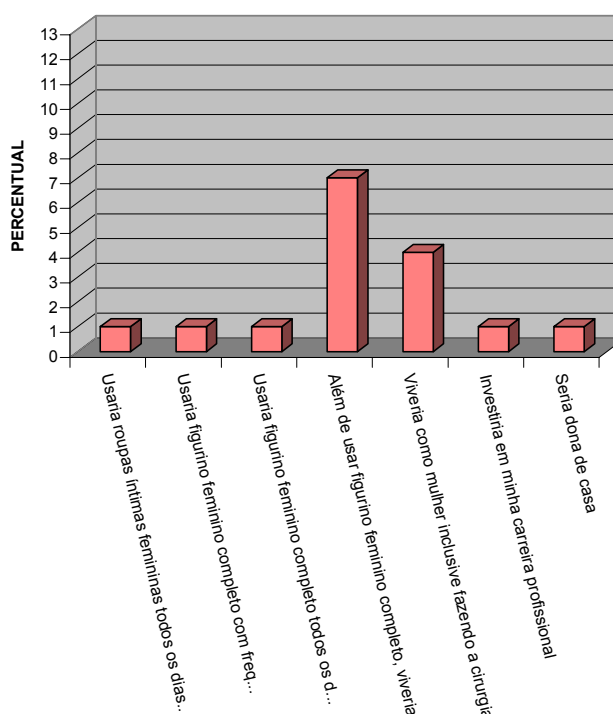
12) Suas fantasias sexuais na infância e na adolescência eram:

Com meninas	10
Com meninos	1
Com roupas femininas	8
Com roupas femininas sem conotação sexual	1



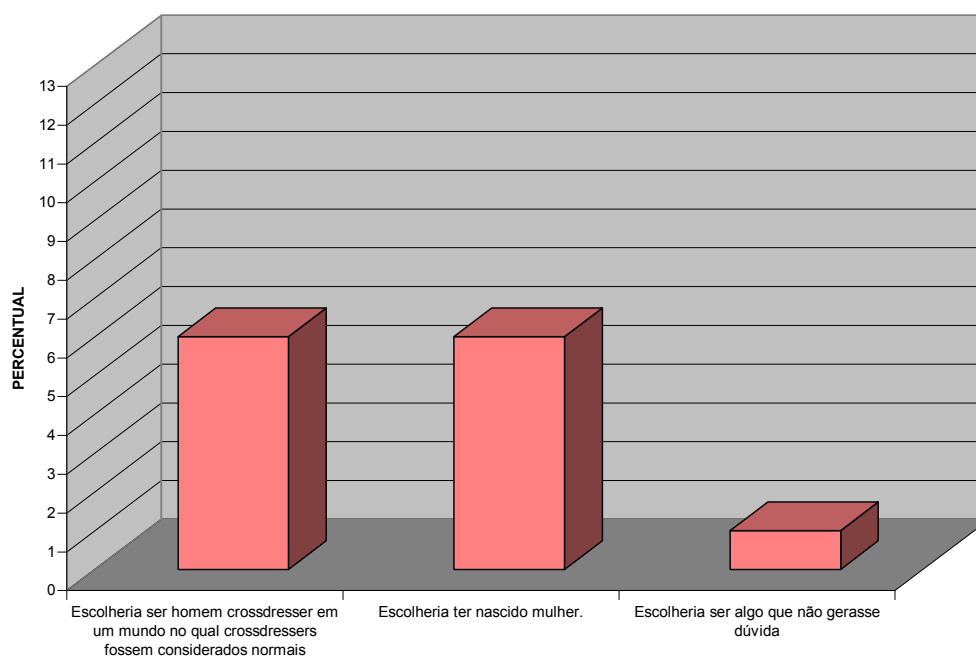
13) Se você pudesse escolher viver de agora em diante sua vida como quer, (com garantias de aceitação pela família e pela sociedade de sua condição *crossdresser*) como seria:

Usaria roupas íntimas femininas todos os dias e continuaria minha vida de sapo	1
Usaria figurino feminino completo com frequência assumindo minha condição de <i>crossdresser</i> , mas, continuaria minha vida de sapo.	1
Usaria figurino feminino completo todos os dias, o tempo todo, mas, continuaria com minhas atividades de sapo.	1
Além de usar figurino feminino completo, viveria como mulher, faria somente atividades femininas, mas, não faria a cirurgia de redesignação de gênero.	7
Viveria como mulher inclusive fazendo a cirurgia de redesignação de gênero.	4
Investiria em minha carreira profissional	1
Seria dona de casa	1



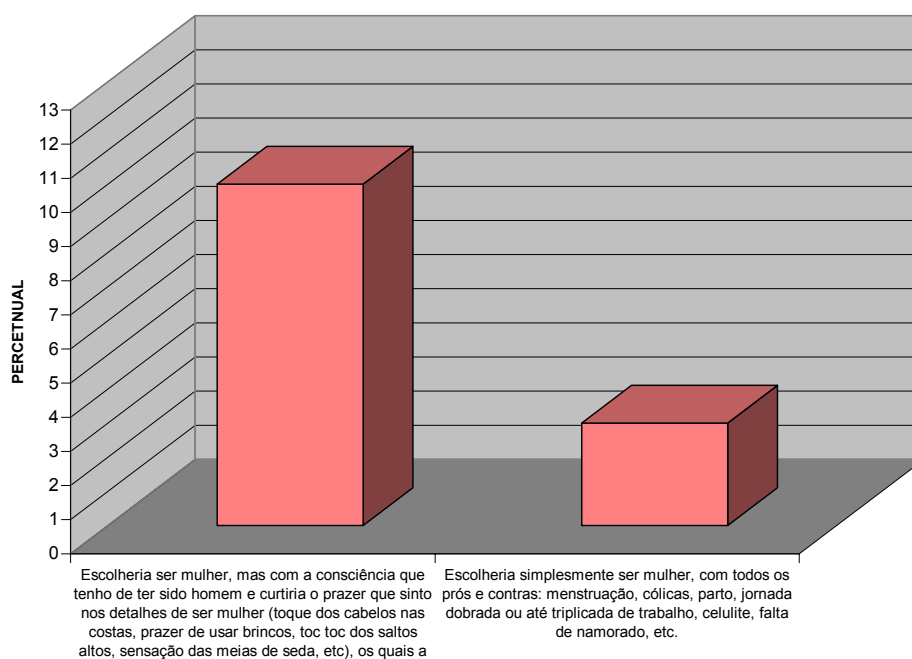
14) Se aparecesse uma Fada Madrinha e lhe dissesse que de hoje em diante você poderia ser o que quisesse, inclusive nascendo mulher, mudando totalmente o passado, você:

Escolheria ser homem <i>crossdresser</i> em um mundo no qual <i>crossdressers</i> fossem considerados normais	6
Escolheria ter nascido mulher.	6
Escolheria ser algo que não gerasse dúvida	1



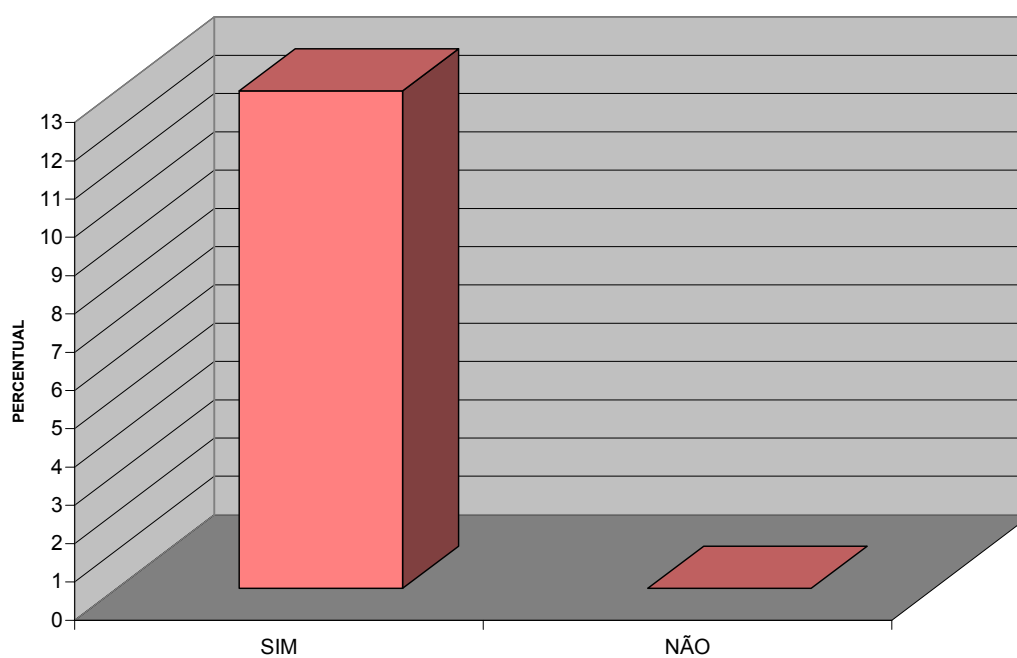
15) Se você levar em conta que uma GG não tem satisfação no simples fato de ser mulher que para ela isto é uma coisa natural e não algo que proporciona prazer:

Escolheria ser mulher, mas com a consciência que tenho de ter sido homem e curtiria o prazer que sinto nos detalhes de ser mulher (toque dos cabelos nas costas, prazer de usar brincos, toc toc dos saltos altos, sensação das meias de seda, etc), os quais as mulheres na maioria das vezes não se dão conta	10
Escolheria simplesmente ser mulher, com todos os prós e contras: menstruação, cólicas, parto, jornada dobrada ou até triplicada de trabalho, celulite, falta de namorado, etc.	3



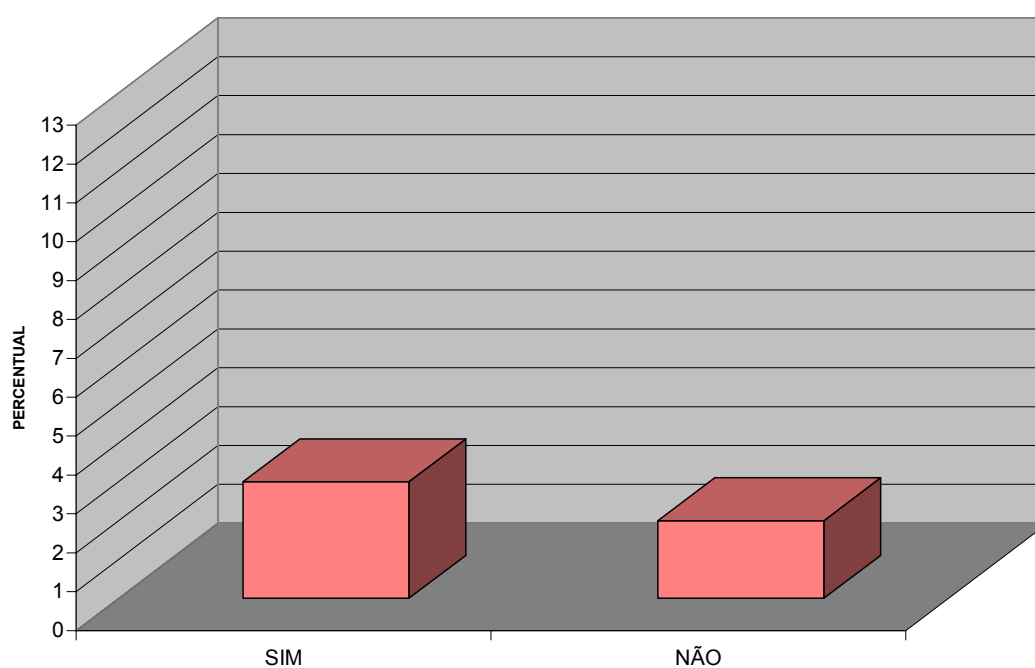
16) Você faz ou já fez sexo com mulheres?

Apenas preliminares:	
SIM	
NÃO	
Com penetração:	
SIM	13
NÃO	



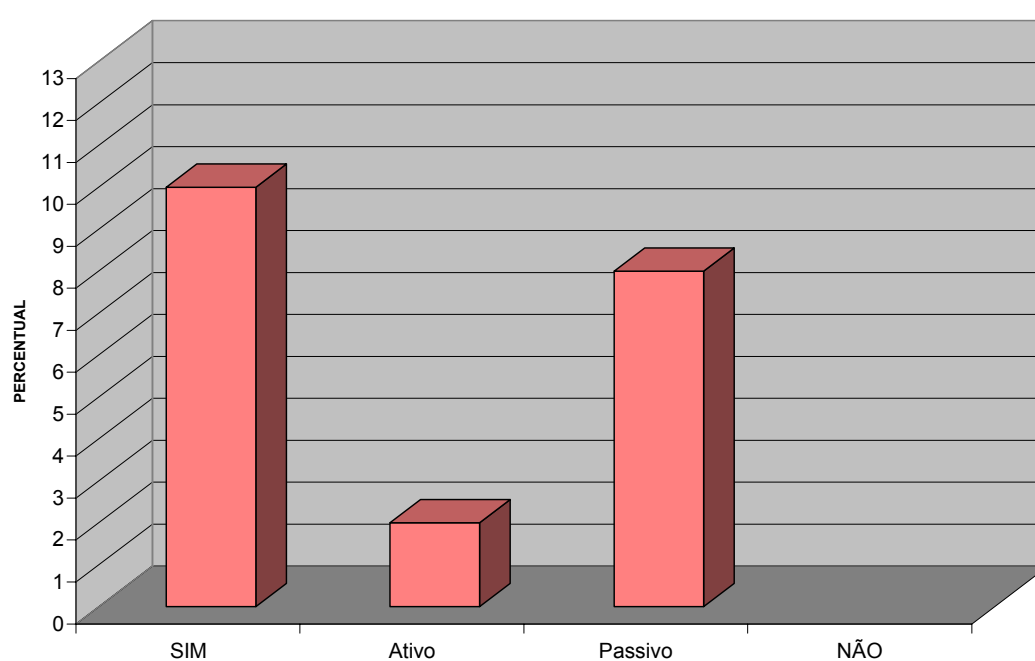
17) Você faz ou já fez sexo com homens?

Apenas preliminares:	
SIM	3
NÃO	2



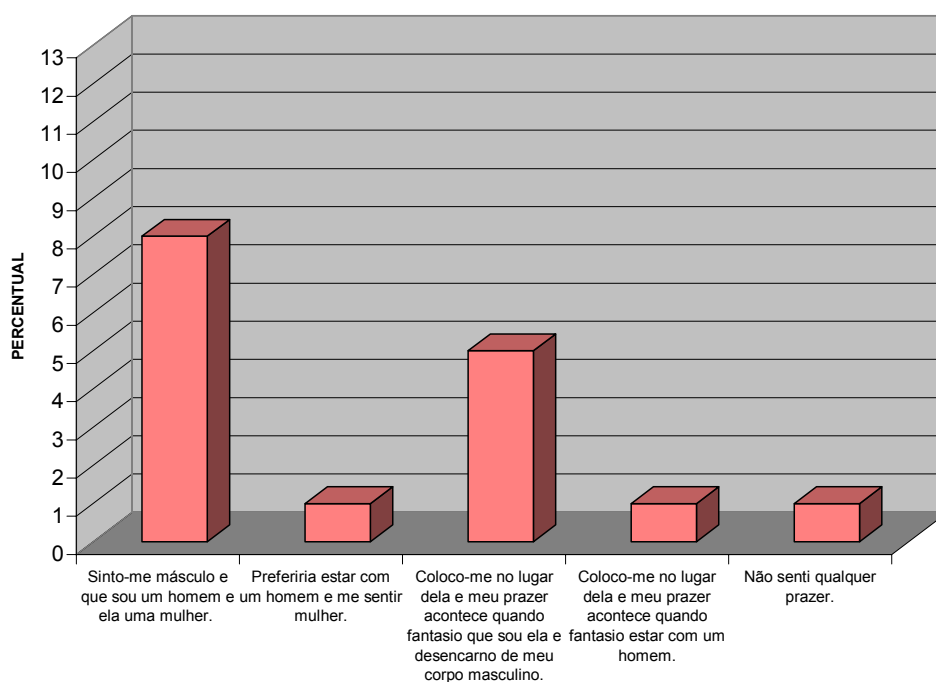
Com penetração:

SIM	10
Ativo	2
Passivo	8
NÃO	



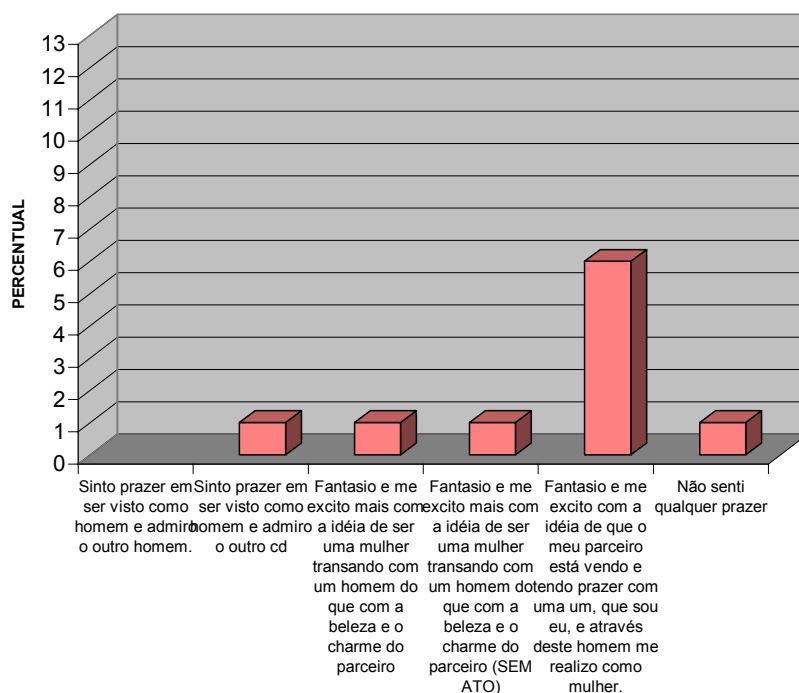
17) Durante o ato sexual com uma mulher:

Sinto-me másculo e que sou um homem e ela uma mulher.	8
Preferiria estar com um homem e me sentir mulher.	1
Coloco-me no lugar dela e meu prazer acontece quando fantasio que sou ela e desencarno de meu corpo masculino.	5
Coloco-me no lugar dela e meu prazer acontece quando fantasio estar com um homem.	1
Não senti qualquer prazer.	1



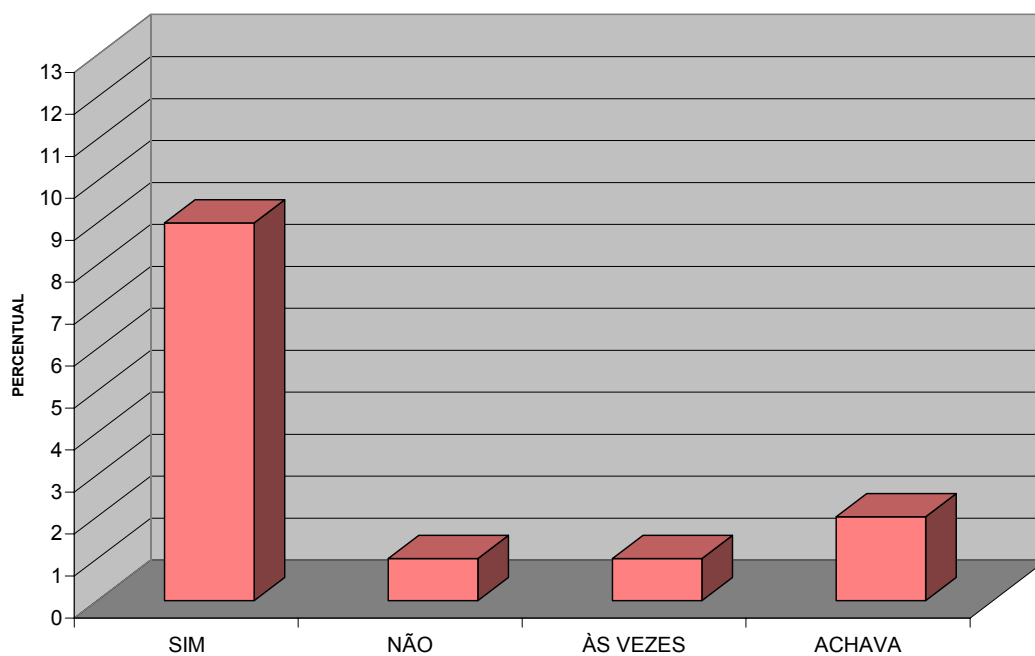
18) Durante o ato sexual com um homem você sente:

Sinto prazer em ser visto como homem e admiro o outro homem.	
Sinto prazer em ser visto como homem e admiro o outro cd	1
Fantasio e me excito mais com a idéia de ser uma mulher transando com um homem do que com a beleza e o charme do parceiro	1
Fantasio e me excito mais com a idéia de ser uma mulher transando com um homem do que com a beleza e o charme do parceiro (SEM ATO)	1
Fantasio e me excito com a idéia de que o meu parceiro está vendo e tendo prazer com uma um, que sou eu, e através deste homem me realizo como mulher.	6
Não senti qualquer prazer	1



19) Como *crossdresser*, você se acha atraente?

SIM	9
NÃO	1
ÀS VEZES	1
ACHAVA	2



Questionário 2

Este segundo questionário foi elaborado para ser respondido por e-mail.

Prezada associada,

Meu nome é Eliane Chermann Kogut, sou psicóloga e psicanalista e, como já é de conhecimento de algumas de vocês, estou fazendo uma tese de doutorado na PUC de São Paulo sobre o *Crossdressing* Masculino. Algumas das *Crossdressers* Reais já me conhecem há muito tempo e podem lhes dar informações a meu respeito, assim como, existe também, uma pequena biografia minha no *site* do BCC.

Gostaria de pedir-lhes que respondessem este questionário que estou enviando, seria de muita utilidade e muito importante para meu trabalho assim como espero que meu trabalho possa trazer alguns benefícios para você. Conto com a sua colaboração, ela é de inestimável valor.

Atenciosamente.

Eliane Kogut

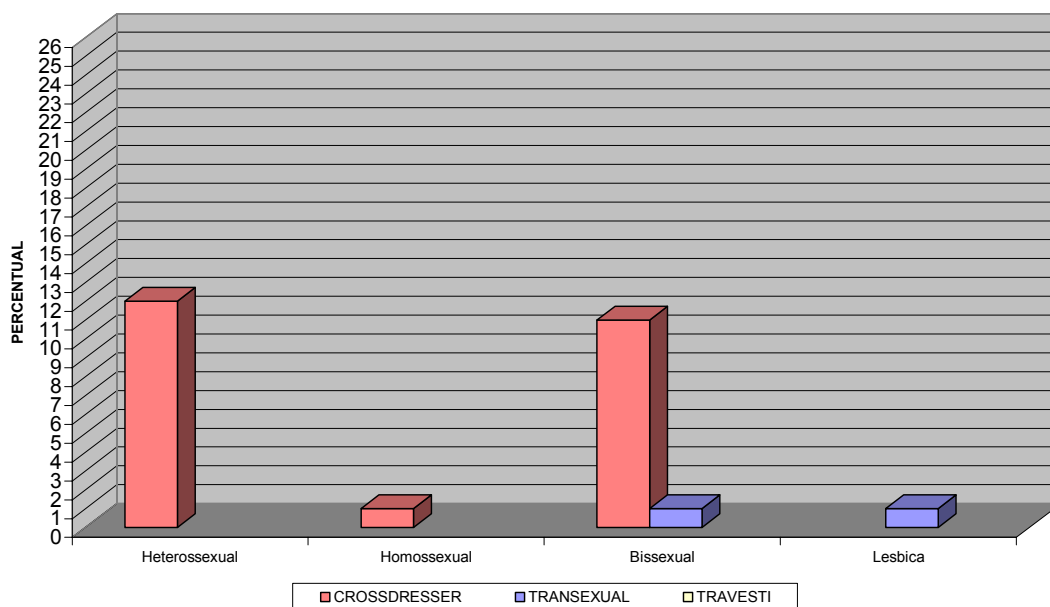
CRP. 06.44627.9

PS Meu endereço de e-mail é:

kogut.pesquisa.bcc@uol.com.br

Questionário 2 - RespostasNOME (opcional):**1) Você se auto define como?**

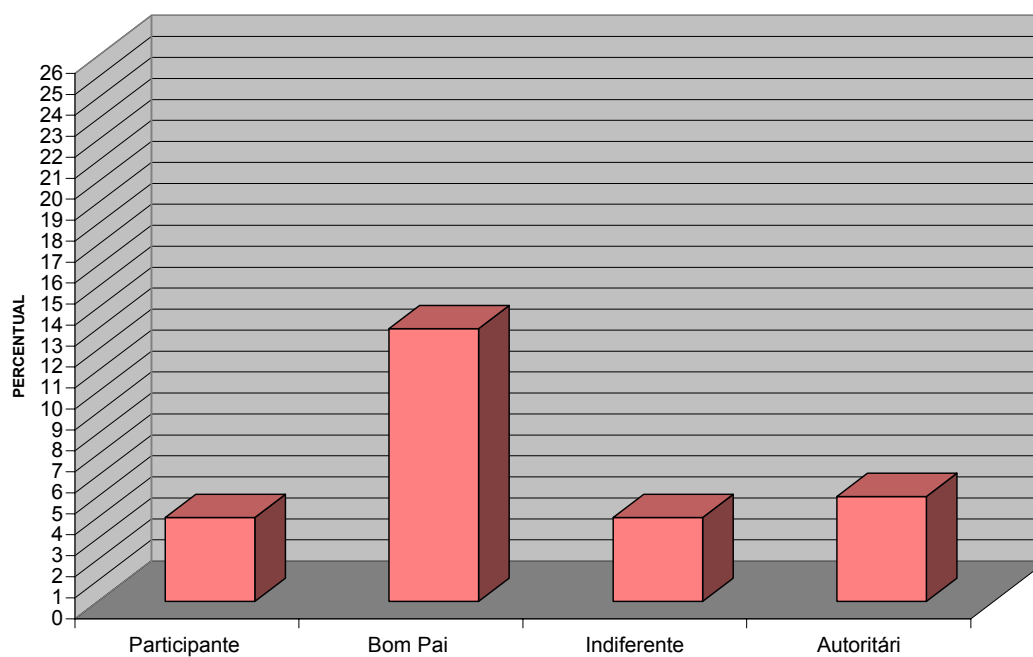
<i>CROSSDRESSER</i>	Nº	%
☐ Heterossexual	12	46,15%
☐ Homossexual	01	03,84%
☐ Bissexual	11	42,30%
TRANSEXUAL		
☐ Heterossexual		
☐ Homossexual		
☐ Bissexual	01	03,84%
Lésbica	01	03,84%
(Este item não tinha no questionário original)		
TRAVESTI		
☐ Heterossexual		
☐ Homossexual		
☐ Bissexual		
OUTROS		



2) Enumere de 1 a 5, em ordem decrescente os adjetivos que melhor descrevem:

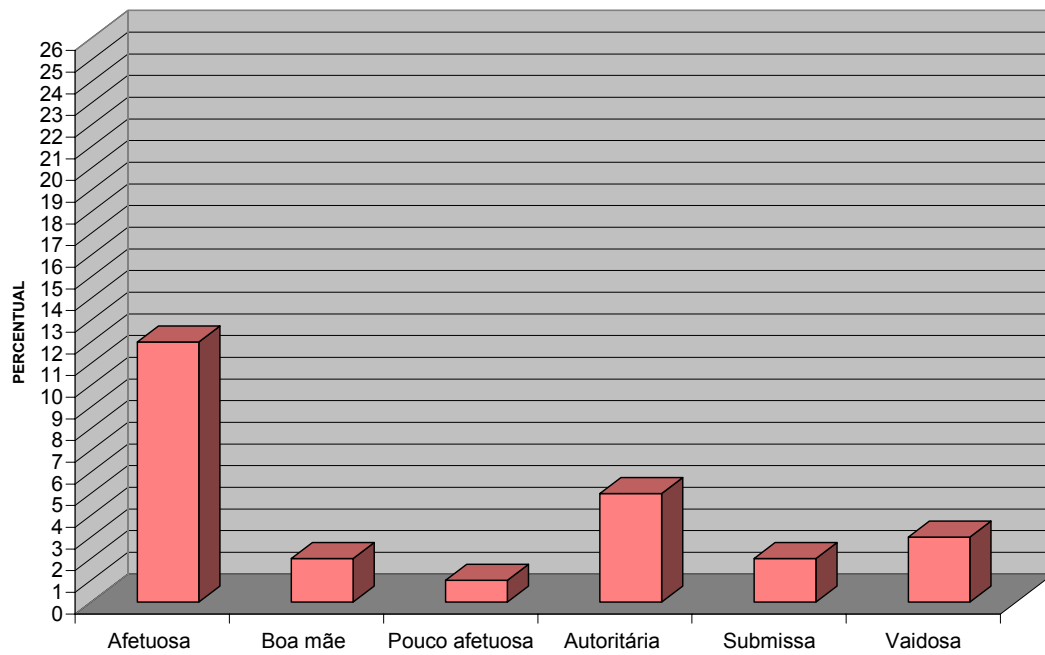
2.1) Seu pai:

Participante	04	15,38%
Bom Pai	13	50,00%
Indiferente	04	15,38%
Autoritário	05	19,23%



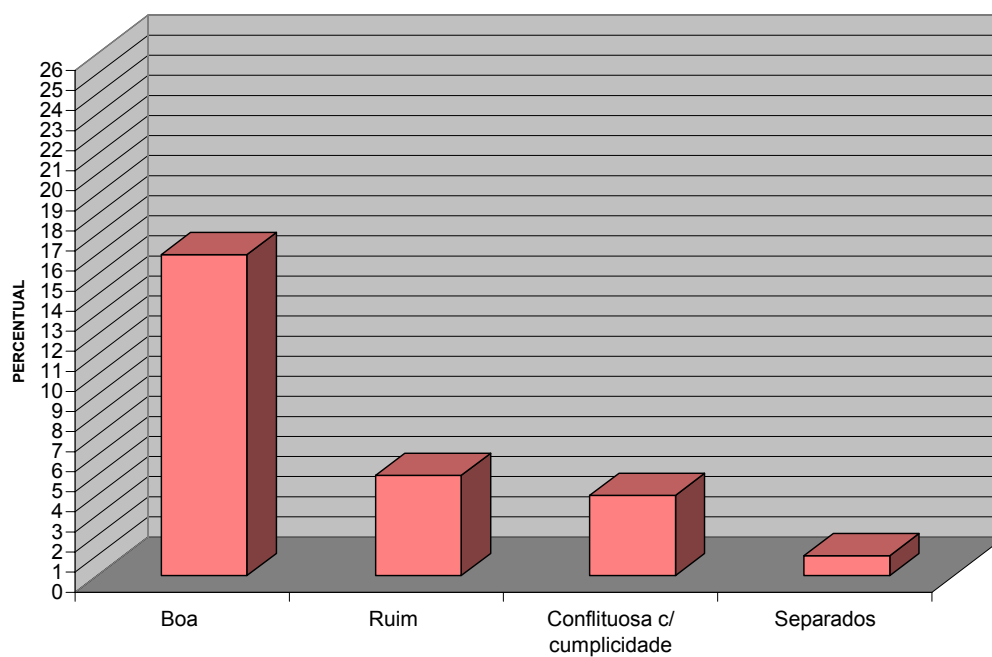
2.2) Sua mãe.

Afetuosa	13	50,00%
Boa mãe	02	07,69%
Pouco afetuosa	01	03,84%
Autoritária	05	19,23%
Submissa	02	07,69%
Vaidosa	03	11,53%



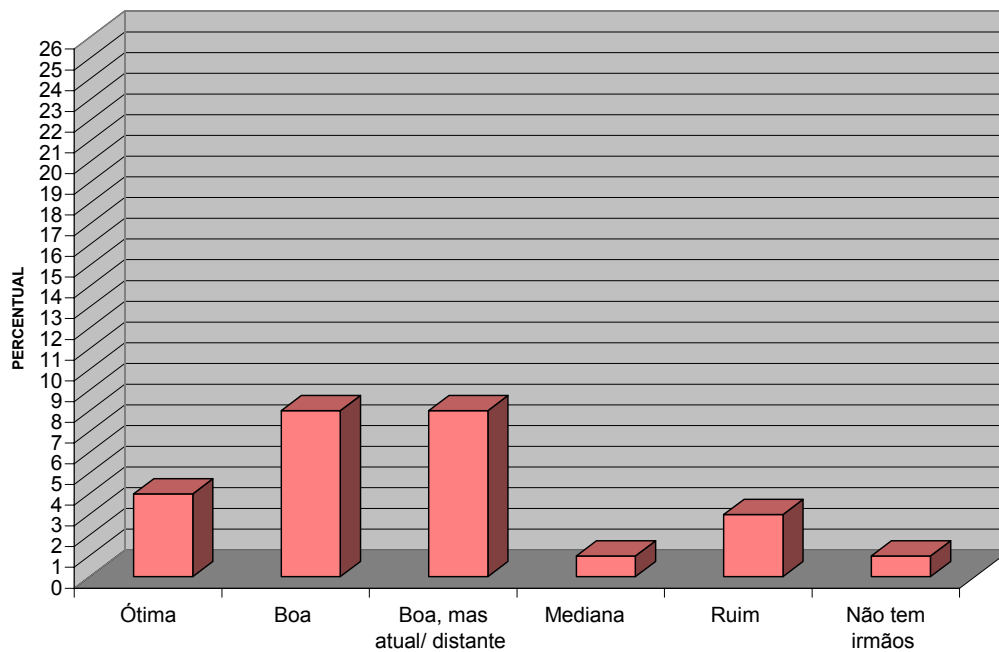
2.3) A relação entre eles.

Boa	16	61,53%
Ruim	05	19,23%
Conflituosa c/ cumplicidade	04	15,38%
Separados	01	03,84%



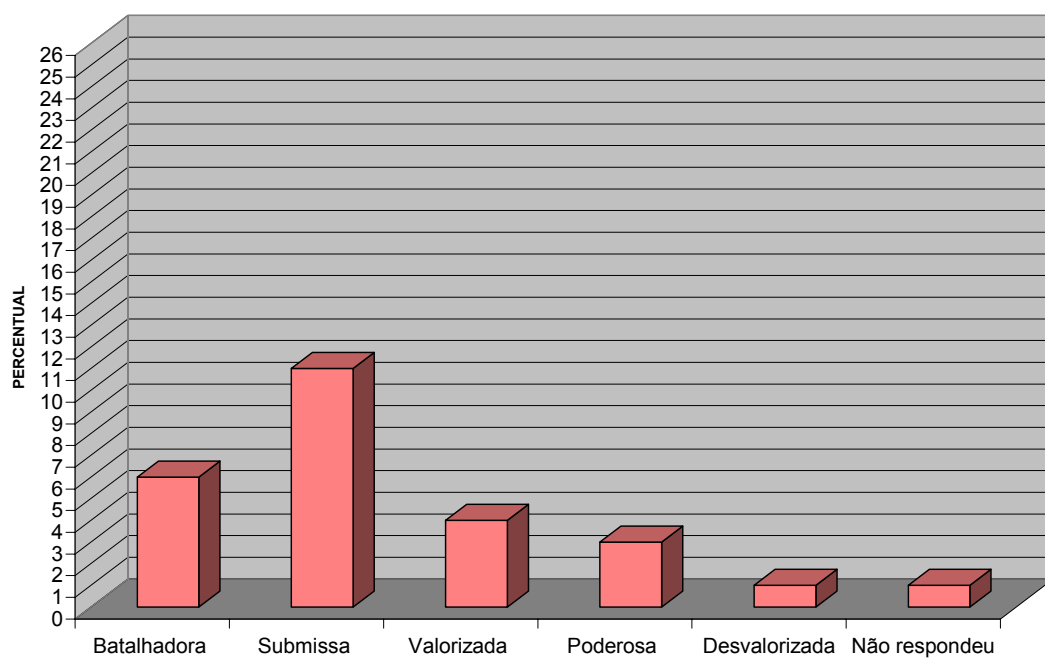
2.4) Sua relação com seus irmãos.

Ótima	04	15,38%
Boa	08	30,76%
Boa, mas atual/ distante	08	30,76%
Mediana	01	03,84%
Ruim	03	11,53%
Não tem irmãos	01	03,84%



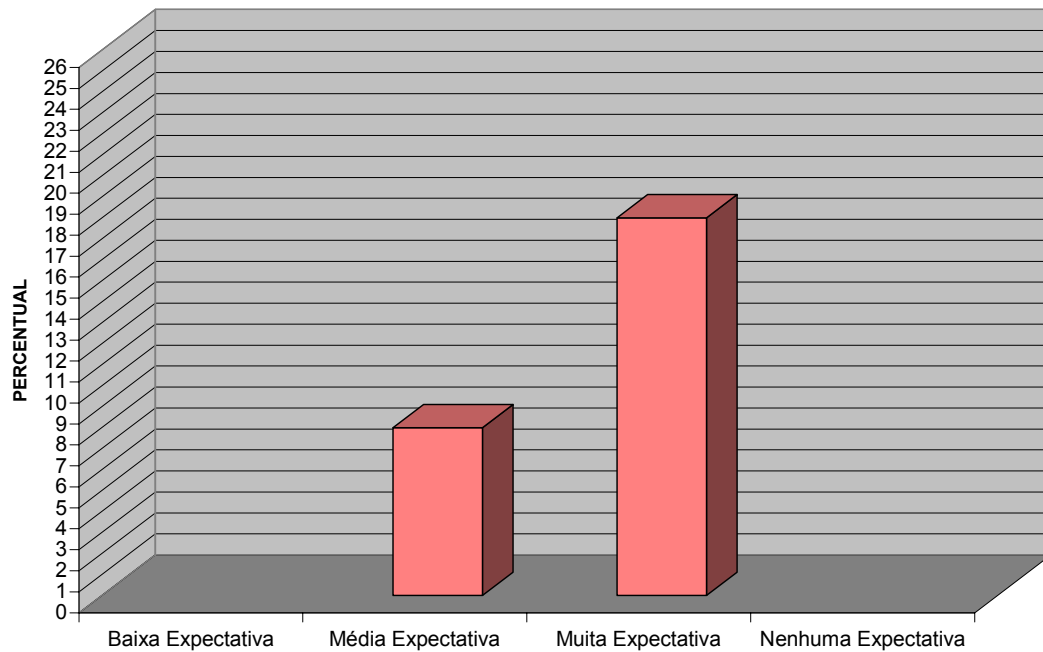
3) Como era vista a figura feminina?

	Nº Resp	%
Batalhadora	06	23,07
Submissa	11	42,30
Valorizada	04	15,38
Poderosa	03	11,53
Desvalorizada	01	03,84
Não respondeu	01	03,84



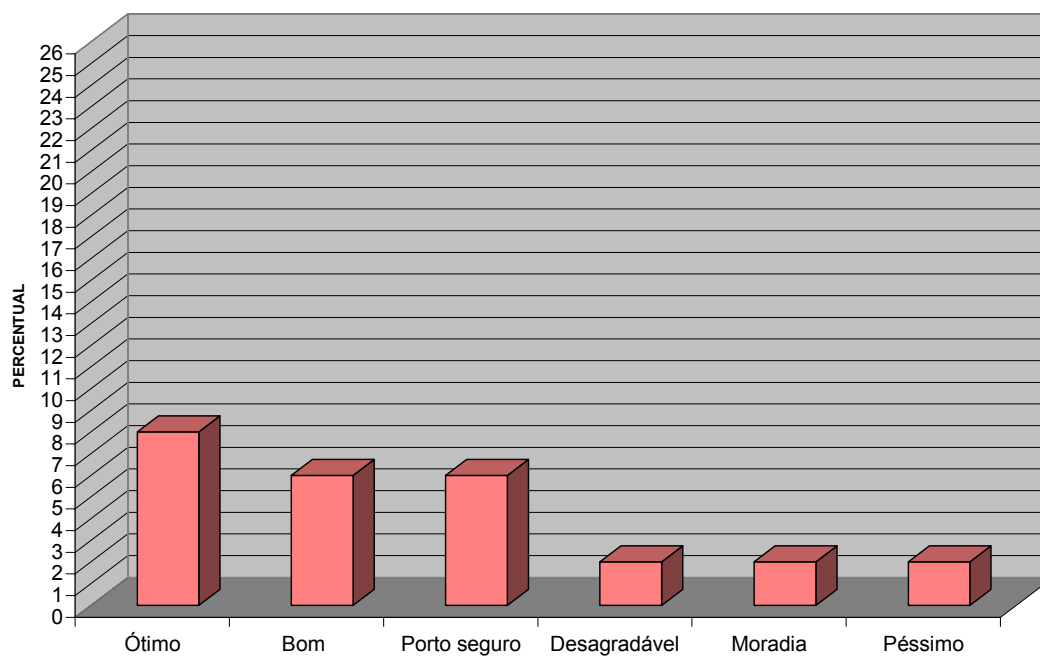
4) Que futuro eles imaginavam para você.

	Nº Resp	%
Baixa Expectativa	-----	
Média Expectativa	08	30,76
Muita Expectativa	18	69,23
Nenhuma Expectativa	-----	



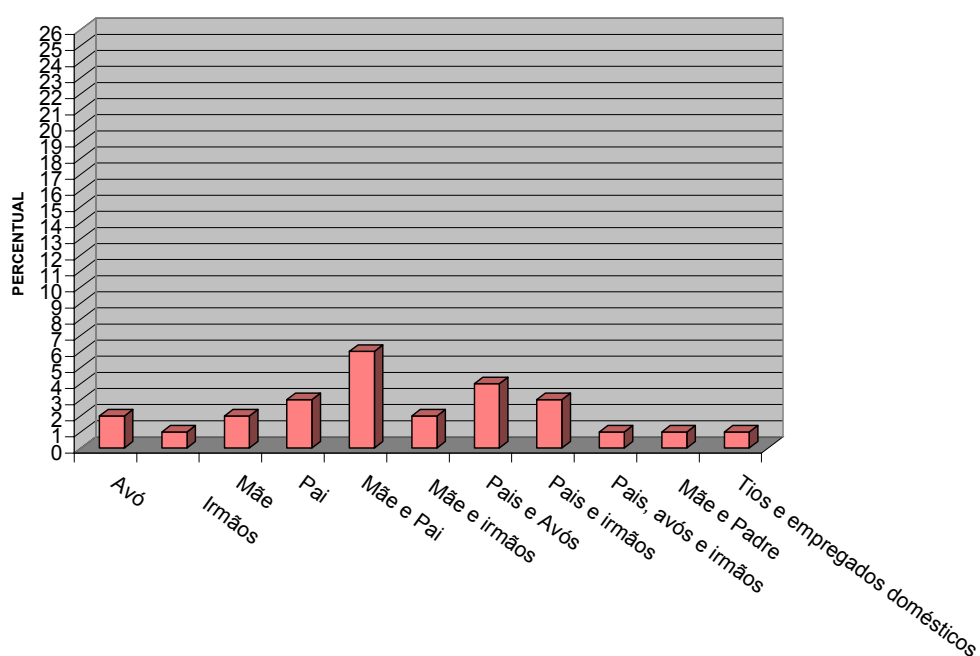
5) Como era o ambiente familiar.

	Nº Respostas	%
Ótimo	08	30,76
Bom	06	23,07
Porto seguro	06	23,07
Desagradável	02	07,69
Moradia	02	07,69
Péssimo	02	07,69



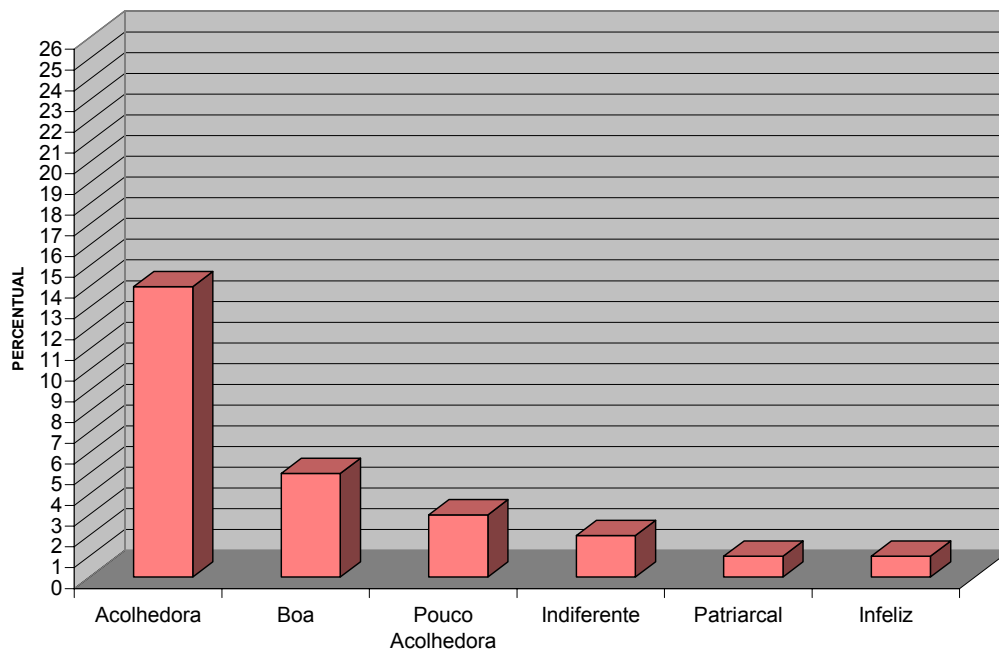
6) Quais foram as figuras mais importantes para você.

	Nº Resposta	%
• Avó	02	07,69
• Irmãos	01	03,84
• Mãe	02	07,69
• Pai	03	11,53
• Mãe e Pai	06	23,07
• Mãe e irmãos	02	07,69
• Pais e Avós	04	15,38
• Pais e irmãos	03	11,53
• Pais, avós e irmãos	01	03,84
• Mãe e Padre	01	03,84
• Tios e empregados domésticos	01	03,84



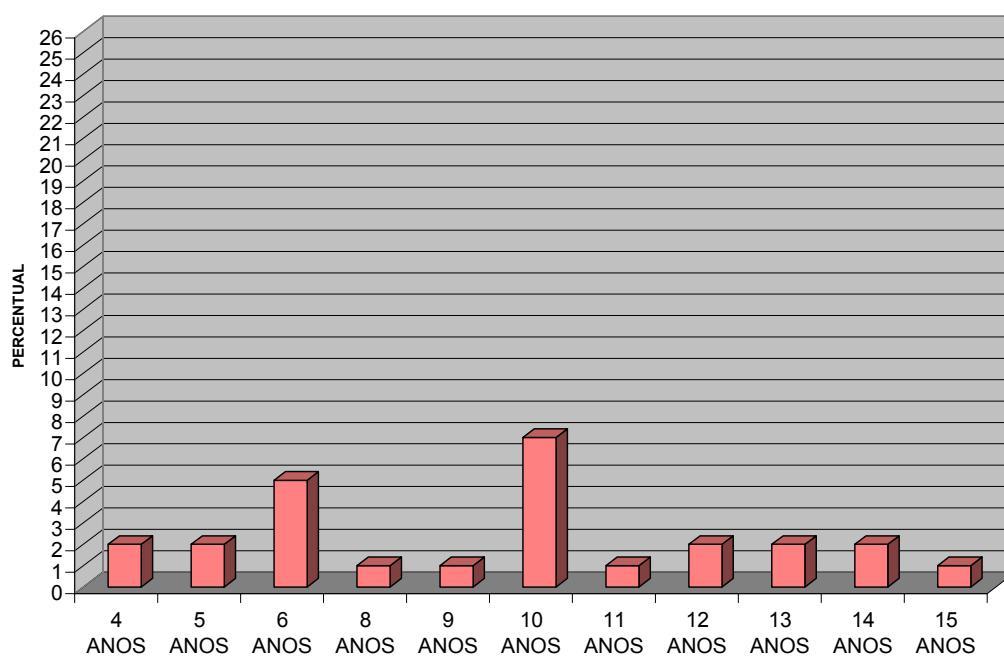
7) Como você percebia sua família.

	Nº Respostas	%
Acolhedora	14	53,84
Boa	05	19,23
Pouco Acolhedora	03	11,53
Indiferente	02	07,69
Patriarcal	01	03,84
Infeliz	01	03,84



8) Qual a sua idade quando aconteceu a primeira experiência marcante de usar peças de roupa feminina?

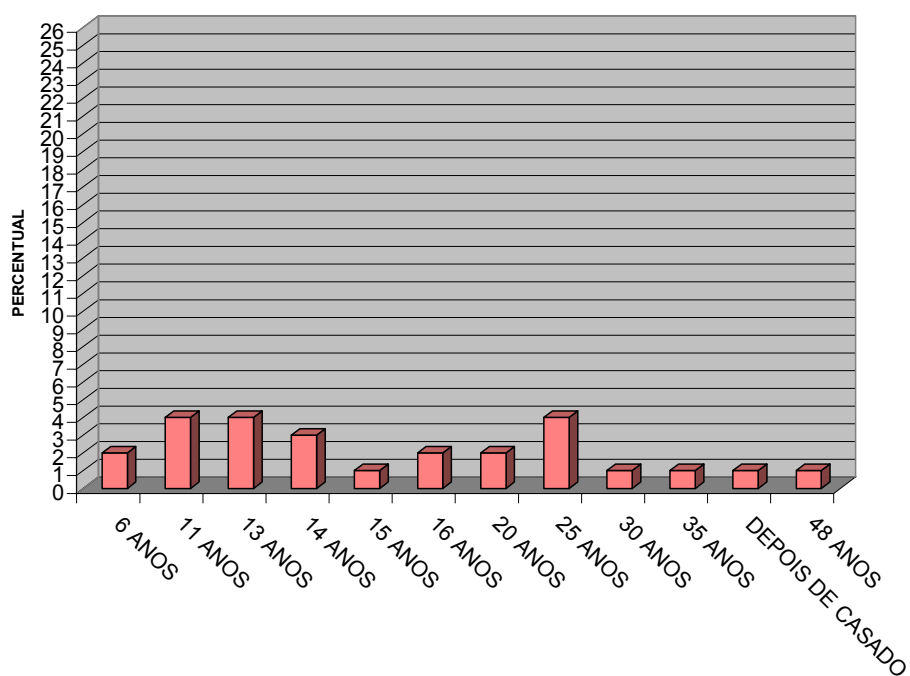
Idade	4	5	6	8	9	10	11	12	13	14	15
Nº Resposta	2	2	5	1	1	7	1	2	2	2	1
%	7,69	7,69	19,23	3,84	03,84	26,92	3,84	7,69	07,69	7,69	03,84



9) Com que idade isso se transformou em um hábito ou em uso intenso?

Idade	6	11	13	14	15	16	20
Nº Resposta	2	4	4	3	1	2	2
%	7,69	15,38	15,38	11,53	03,84	7,69	7,69
			61,51				

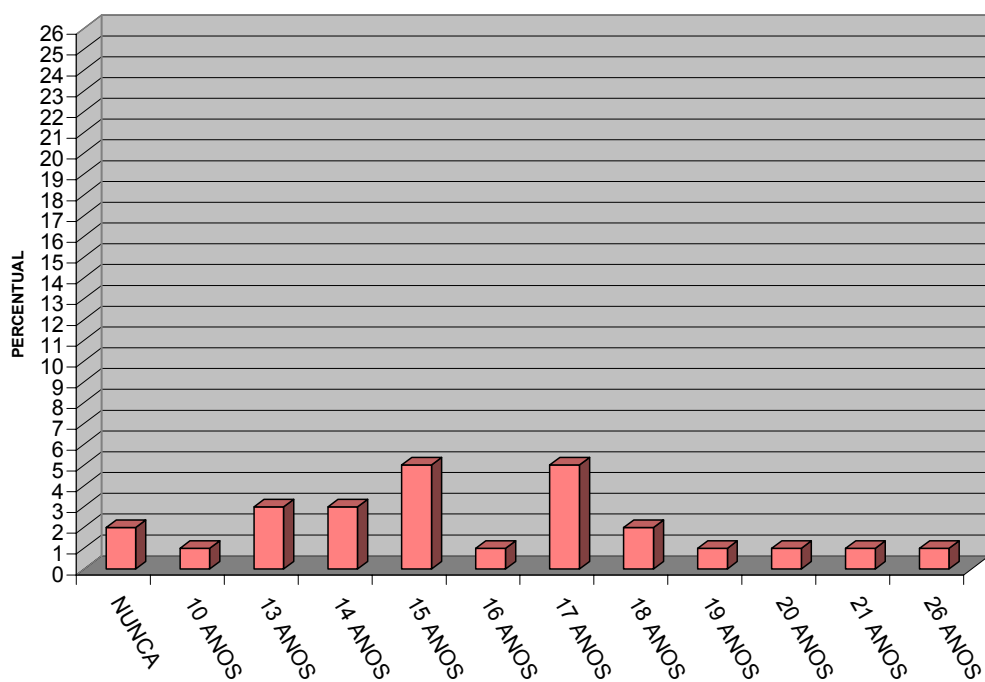
Idade	25	30	35	Depois casado	48
Nº Resposta	4	1	1	1	1
%	15,38	03,84	03,84	03,84	03,84
	26,91			11,52	



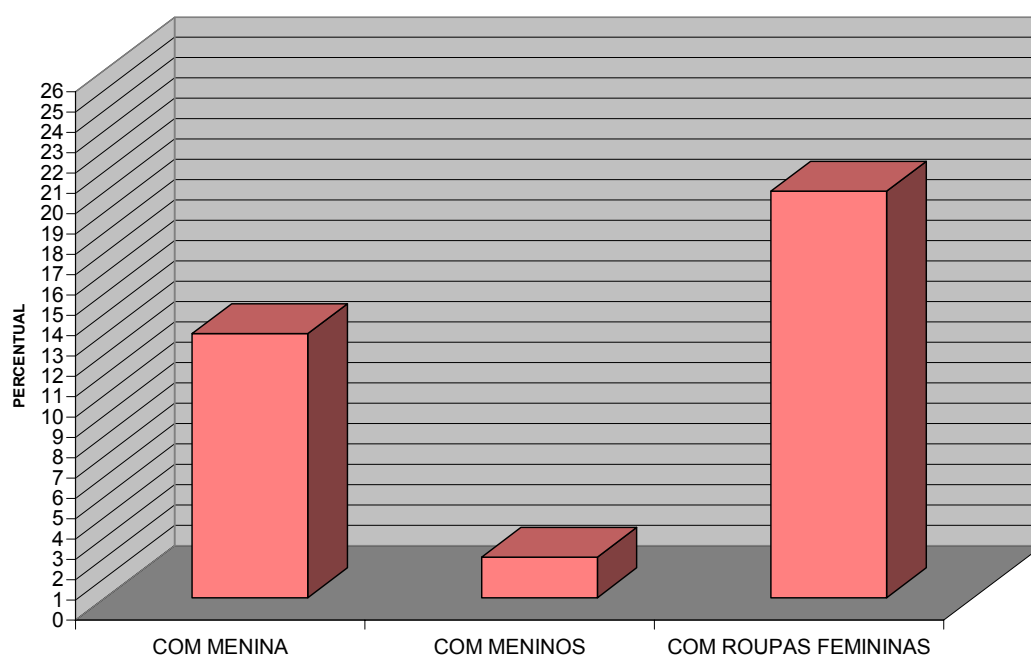
10) Com que idade deu início a sua vida sexual?

idade	nunca	10	13	14	15	16
Nº resposta	2	1	3	3	5	1
%	7,69	03,84	11,53	11,53	19,23	03,84
				46,13		

idade	17	18	19	20	21	26
Nº resposta	5	2	1	1	1	1
%	19,23	7,69	03,84	03,84	03,84	03,84
			38,44			

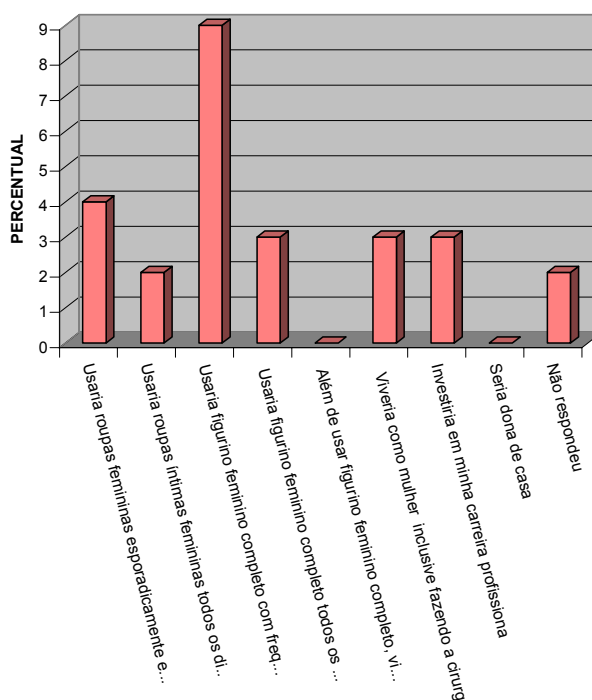


11) Suas fantasias sexuais na infância e na adolescência eram:		
Com meninas	13	50,00%
Com meninos	02	7,69%
Com roupas femininas	20	76,92%



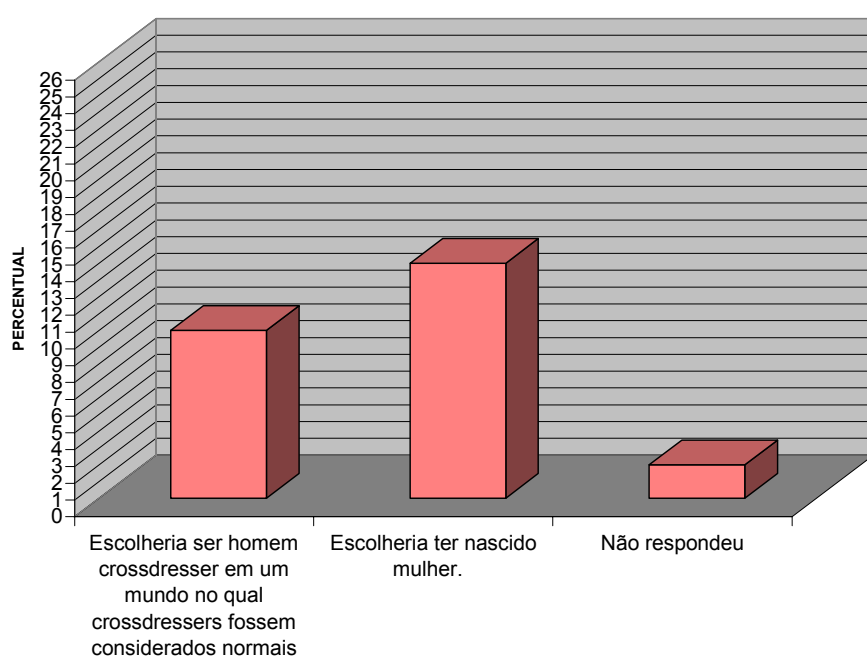
12) Se você pudesse escolher viver de agora em diante sua vida como quer, (com garantias de aceitação pela família e pela sociedade de sua condição *crossdresser*) como seria:

Usaria roupas femininas esporadicamente e continuaria minha vida de sapo	04	15,38%
Usaria roupas íntimas femininas todos os dias e continuaria minha vida de sapo	02	7,69%
Usaria figurino feminino completo com frequência assumindo minha condição de <i>crossdresser</i> , mas, continuaria minha vida de sapo.	09	34,61%
Usaria figurino feminino completo todos os dias, o tempo todo, mas, continuaria com minhas atividades de sapo.	03	11,53%
Além de usar figurino feminino completo, viveria como mulher, faria somente atividades femininas, mas, não faria a cirurgia de redesignação de gênero.		
Viveria como mulher inclusive fazendo a cirurgia de redesignação de gênero.	03	11,53%
• Investiria em minha carreira profissional • Seria dona de casa	03	11,53%
Não respondeu	02	7,69%



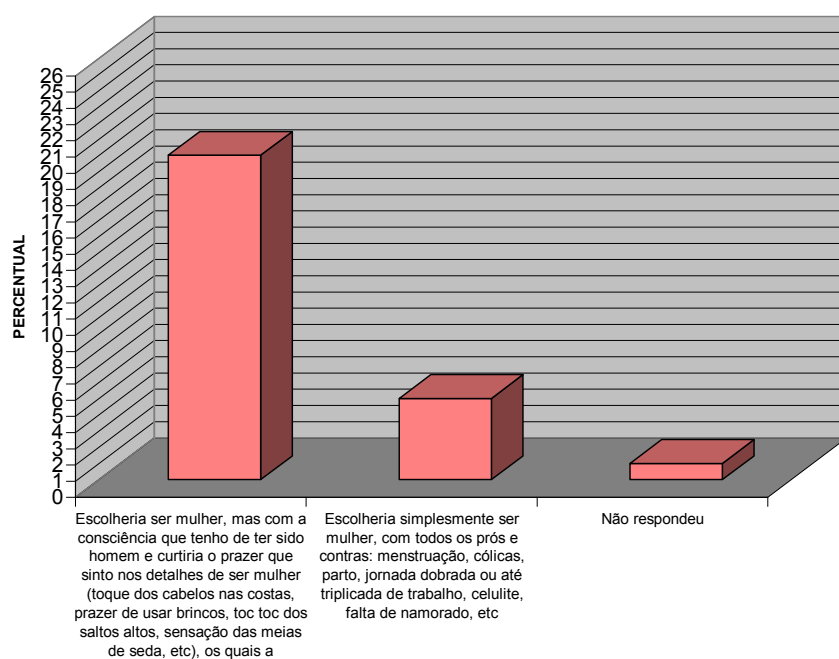
13) Se aparecesse uma Fada Madrinha e lhe dissesse que de hoje em diante você poderia ser o que quisesse, inclusive nascendo mulher, mudando totalmente o passado, você:

Escolheria ser homem <i>crossdresser</i> em um mundo no qual <i>crossdressers</i> fossem considerados normais.	10	38,46%
Escolheria ter nascido mulher.	14	53,84%
Não respondeu	02	7,69%



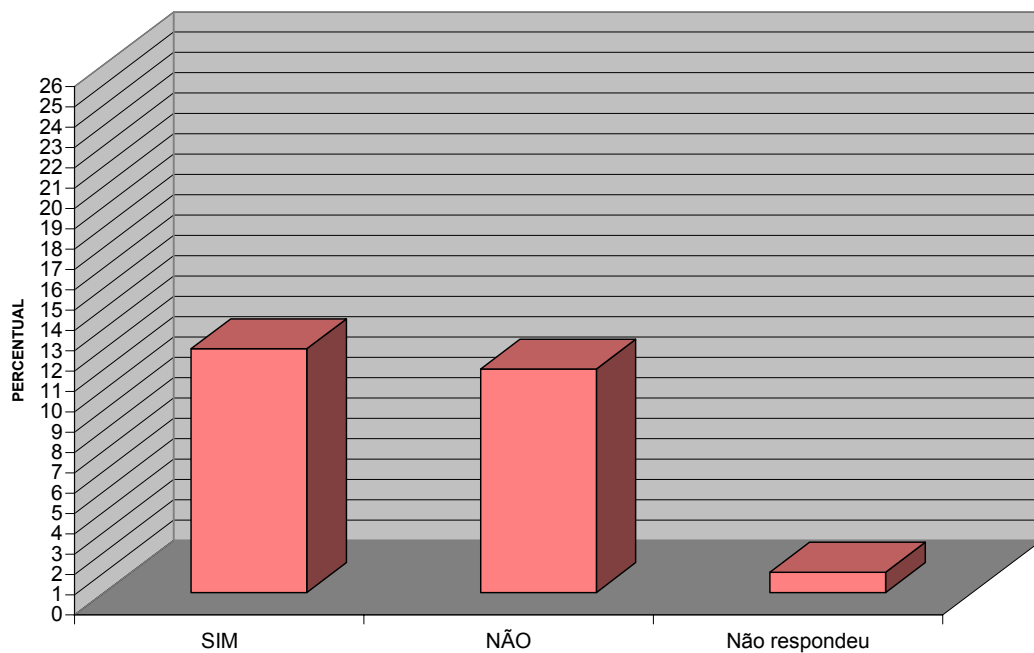
14) Se você levar em conta que uma GG não tem satisfação no simples fato de ser mulher que para ela isto é uma coisa natural e não algo que proporciona prazer:

Escolheria ser mulher, mas com a consciência que tenho de ter sido homem e curtiria o prazer que sinto nos detalhes de ser mulher (toque dos cabelos nas costas, prazer de usar brincos, toc toc dos saltos altos, sensação das meias de seda, etc), os quais as mulheres na maioria das vezes não se dão conta.	20	76,92%
Escolheria simplesmente ser mulher, com todos os prós e contras: menstruação, cólicas, parto, jornada dobrada ou até triplicada de trabalho, celulite, falta de namorado, etc.	05	19,23%
Não respondeu	01	03,84%



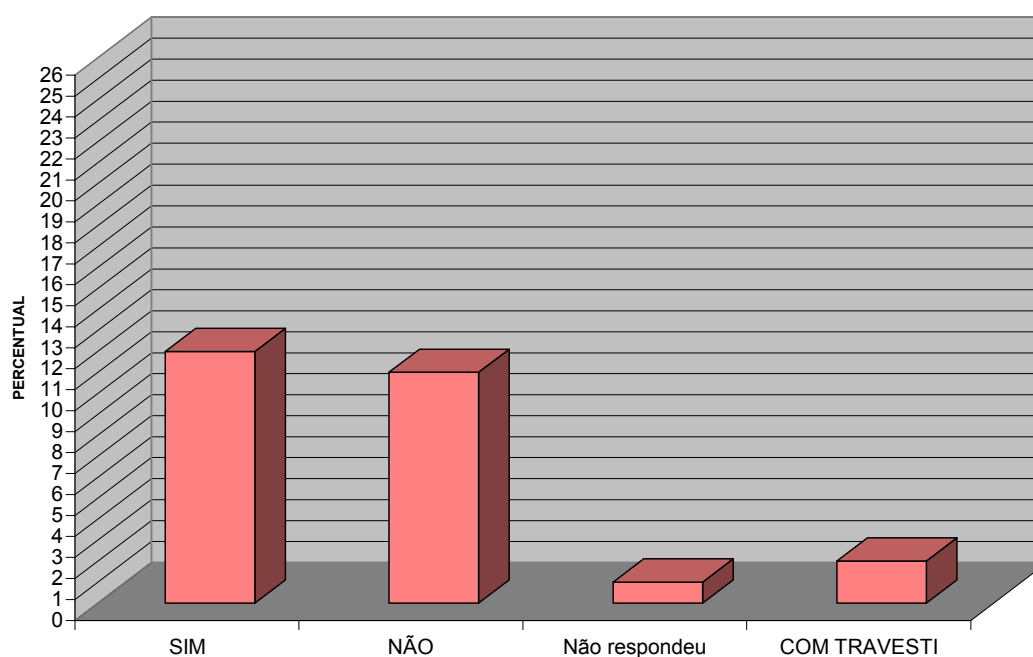
15) Você faz ou já fez sexo com mulheres?

Apenas preliminares:		
SIM		
NÃO		
Com penetração:		
SIM	23	88,46%
NÃO	03	11,53%



16) Você faz ou já fez sexo com homens?

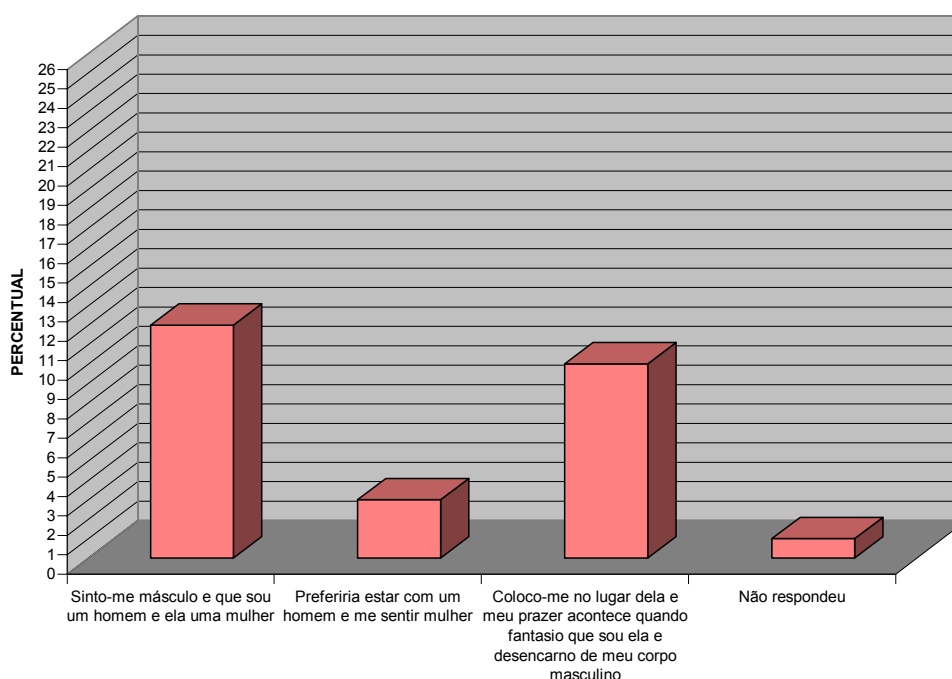
Apenas preliminares:		
SIM		
NÃO		
Com penetração:		
SIM	12	46,15%
• Ativo	09	34,61%
• Passivo	12	46,15%
NÃO	11	42,30%
Com travesti	02	07,69%
• Ativo	02	07,69%
• Passivo	01	03,84%
Não respondeu	01	03,84%



17) Durante o ato sexual com uma mulher:

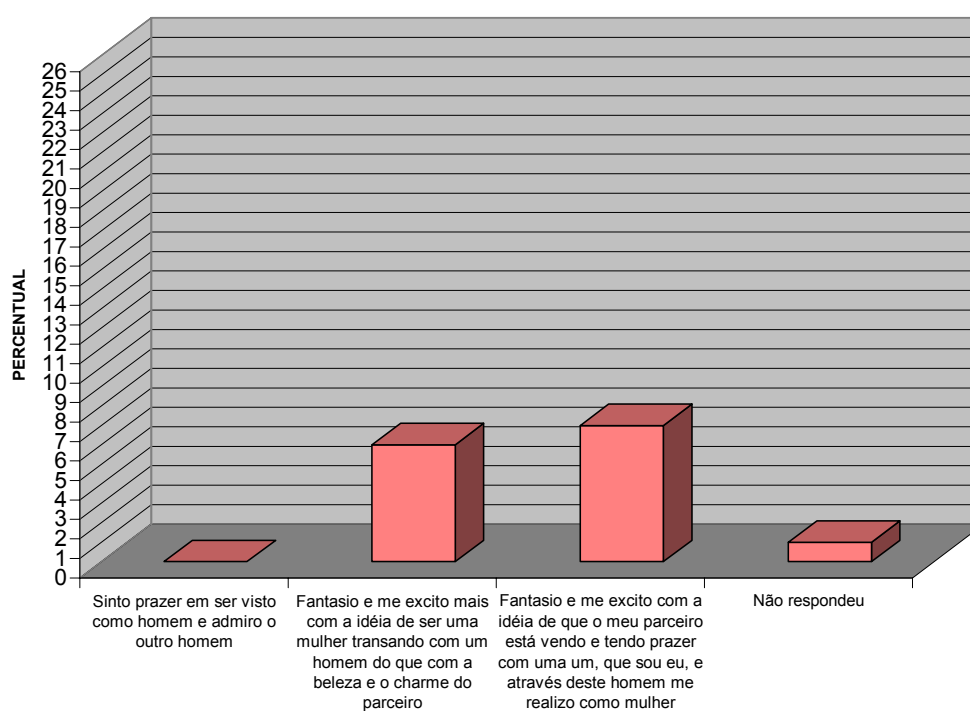
A) Sinto-me másculo e que sou um homem e ela uma mulher	12	46,15
B) Preferiria estar com um homem e me sentir mulher.	03	11,53%
C) Coloco-me no lugar dela e meu prazer acontece quando fantasio que sou ela e desencarno de meu corpo masculino	10	38,46
Não respondeu	01	03,84%

OBS. Nesta questão um dos entrevistados marcaram duas respostas: A e C



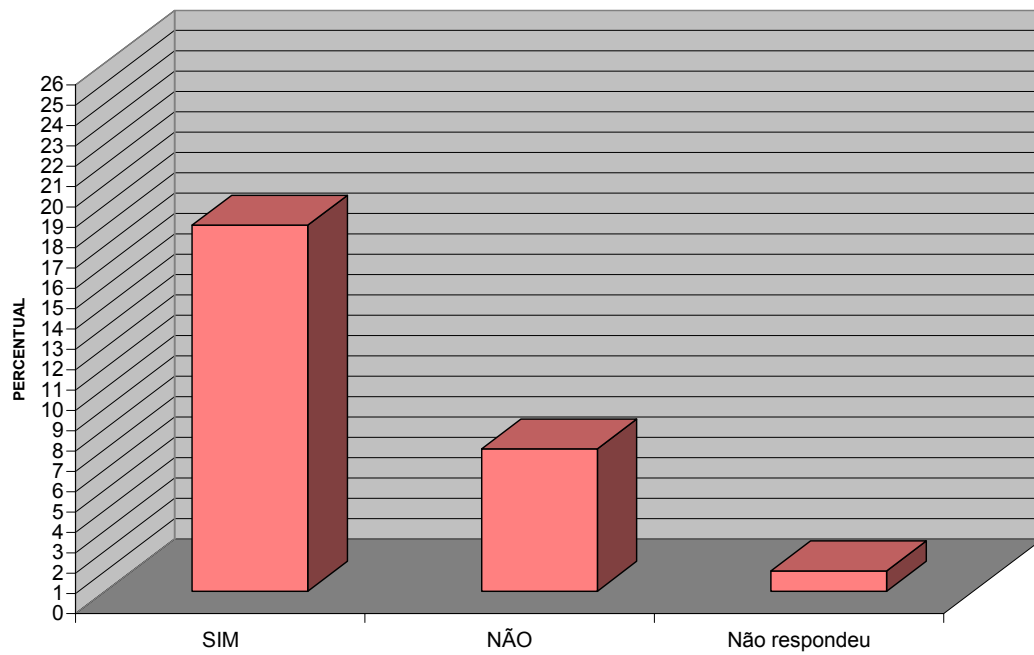
18) Durante o ato sexual com um homem você sente:

A) Sinto prazer em ser visto como homem e admiro o outro homem.	12	46,15%
B) Fantasio e me excito mais com a idéia de ser uma mulher transando com um homem do que com a beleza e o charme do parceiro	06	23,07%
C) Fantasio e me excito com a idéia de que o meu parceiro está vendo e tendo prazer com uma um, que sou eu, e através deste homem me realizo como mulher.	07	26,92%
Não respondeu	01	3,84%



19) Como *crossdresser*, você se acha atraente?

SIM	18	72,30
NÃO	07	26,92
NÃO RESPONDEU	01	03,84



APÊNDICE III

Pesquisa em Atendimento de *Crossdressers* na Cidade do México

Segue abaixo um relato mantido na versão original espanhola, da experiência de atendimento coordenada por Victor Velasco M. no México. Os dados destes atendimentos são muito ricos e, em parte, se recobrem com a pesquisa apresentada nesta tese. Embora, estejam enviesados pelas classificações tradicionais de fetichismo, transexualismo secundário, etc, trata-se de um dos raros casos de atendimentos dirigidos a um grande numero de pacientes *crossdressers*, o que lhe confere uma importância especial como experiência clínica.

*Víctor M. Velasco M. es coordinador del Grupo Crisálida.

Es Constelador Familiar y Terapeuta Gestalt y Biomnemico,
Además de sexólogo.

Dirige el Centro de Capacitación

y Apoyo Sexologico Humanista (CECASH, A.C.) Tel: 55 83 99 14.

www.cecash.org cecash@hotmail.com.mx

UNA MINORÍA SEXUAL EN PSICOTERAPIA

(Los Travestis Heterosexuales)

VICTOR MANUEL VELASCO MORALES *

Los travestís Heterosexuales son hombres cuya existencia es desconocida por la mayoría de la población, incluso, negada, ya que, generalmente, se asocia al travestismo con la homosexualidad, y se piensa que no hay un hombre al que le guste vestir como mujer y, al mismo tiempo, mantenga su atracción erótica y afectiva por las mujeres. Por ello, estos hombres que, en su mayoría, descubrieron esta afición

cuando tenían entre 5 y 10 años de edad, se sienten solos y, muchas veces, culpables. Sus historias son parecidas y, al mismo tiempo, diversas. Uno de ellos lo descubrió cuando se puso las zapatillas de su mamá, otro cuando se puso las pantaletas de su hermana y uno más cuando, jugando, su novia o esposa le hizo ponerse sus prendas. Al principio, como niños, descubrieron que les resultaba excitante usar la ropa de alguna familiar. Sin embargo, ya habían introyectado los roles sociales lo suficiente para darse cuenta que era algo que debían callar, pues la familia, especialmente los varones, no lo aprobarían. Aunque algunos de ellos eran vestidos por mamá, las primas o las hermanas, y por lo tanto se les festejaba. Al llegar a la pubertad, se sintieron muy confundidos, porque el entorno social les había enseñado que, quienes se visten de mujer lo hacen para atraer a hombres y porque desean ser amados por ellos. Sin embargo, en su caso no era así, porque además de lo excitante que les resultaba el uso de ropa femenina, sexualmente les gratificaban las mujeres y no se sentían atraídos por los hombres. Se encontraron así sin un marco de referencia o un grupo social en el cual incrustarse en función de su afición. Debido a la introyección de los valores sociales que denigran lo femenino y lo que socialmente se identifique como afeminado, la mayoría se sintió muy mal por tener este gusto y empezó a vivir en lo que uno de ellos llamó "un círculo neurótico", en el cual robaban o compraban ropa femenina y luego de ponérsela y masturbarse, se la arrancaban de inmediato para guardarla o quemarla, jurando no volver a repetir la situación, hasta que la ansiedad por hacerlo de nuevo se imponía y volvían a hacerlo. Algunos psicoterapeutas a los que consultaron, contribuyeron a su infelicidad al asegurarles que era una "enfermedad" que debería y podría ser erradicada y que lo sería si ellos ponían "suficiente fuerza de voluntad". Los que iniciaron tratamientos al respecto sólo pudieron terminar decepcionados de la terapia y de sí mismos, ya que no pudieron lograr la desaparición de esta expresión, pese a sus esfuerzos y gastos de tiempo y dinero. Después de la culpa, llegó para ellos el momento de aceptar que su impulso era muy poderoso y que sería imposible desterrarlo, por lo que decidieron

aceptarlo como parte de sí mismos. Alguno optó por salir travestido a la calle durante la madrugada, otro salió a la calle en la seguridad de su auto, manejando, mientras usaba zapatillas y vestido, uno más alquilaba un cuarto de hotel y allí se travestía. Finalmente, algunos de ellos pudieron enterarse de la existencia de un grupo creado para apoyarles en el reconocimiento de su travestismo y llegaron así a CRISÁLIDA, grupo que el autor de estas líneas coordina y que fue concebido, no para curar lo que no es una enfermedad, sino para dignificar una expresión humana desconocida por el gran público y por muchos profesionales de la conducta. En la experiencia de casi dos años de trabajar con éste grupo se basa este artículo que hoy comparto con mis colegas, esperando contribuir a la mejor atención de esta minoría sexual.

ALGUNAS DEFINICIONES BÁSICAS

El travestismo suele confundirse con la homosexualidad o con la transexualidad. Sin embargo, cada una de estas expresiones de la sexualidad es diferente. Para clarificarlo veamos como se define cada una de ellas: Al hablar de homosexualidad, lo mismo que de heterosexualidad o bisexualidad, nos referimos a orientaciones sexuales, es decir a la inclinación que tenemos por compartir nuestra expresión sexual con miembros de nuestro mismo sexo, del otro, o de ambos.(Carrera, 1982; 96) SEXO: Son las diferencias biológicas que hacen a un individuo macho o hembra de una especie. Sin embargo, en el caso de nuestra sociedad, se construyen a partir de estas diferencias una serie de valores y se indican comportamientos diferenciados para machos y hembras y esto es lo que va conformando los géneros masculino y femenino, que generalmente se usan indistintamente con la noción de sexo. Cuando nos referimos en este texto a género, lo hacemos para referirnos a las características construídas socialmente, aunque sea sobre una innegable base biológica.

El travestismo, es el gusto por usar prendas, manierismos, expresiones, accesorios , adornos, lenguaje e incluso comportamientos característicos del otro género, en la

cultura de la propia persona. Pertenece a las ahora llamadas Expresiones Comportamentales de la Sexualidad (E.C.S.), que antes eran conocidas como aberraciones o desviaciones sexuales y consideradas sólo propias de algunos sujetos. Ahora sabemos que las E.C.S., en sus diversas formas, están presentes en todo ser humano tanto a niveles eróticos, como a niveles no eróticos (Alvarez Gayou, 1986;50).

Para algunos autores, como Carrera, el travestismo es una forma de fetichismo, es decir, es la fijación en un objeto o en una parte del cuerpo y necesidad compulsiva de usar ese objeto o esa parte para obtener satisfacción sexual (Carrera, 1982,436) La Transexualidad, es una condición en la cual la persona tiene la sensación interna de pertenecer a un sexo distinto al que biológicamente presenta. Se considera Transexualidad Primaria cuando el individuo reporta esta sensación desde su infancia y Transexualidad Secundaria cuando la persona reporta esta percepción, sólo después de pasar por periodos de travestismo. De acuerdo al manual de diagnostico de enfermedades mentales de la Asociación Psiquiátrica Americana (APA), se considera que una persona es transexual cuando presenta, después de la pubertad, una inconformidad persistente con sus órganos sexuales, sensación de no pertenecer al sexo que se le ha asignado y el tratar persistentemente, al menos por dos años, de modificar sus caracteres sexuales secundarios o primarios para adquirir las características del otro sexo.(González Méndez, 1994; 148)

EL TRANSGENERISMO: Es un concepto que tiene dos significados. Por un lado, designa aquella condición en que la persona gusta de travestirse de manera permanente, al mismo tiempo que reitera su identificación con su sexo biológico. Es decir, vive como si fuera del otro género, pero sin renunciar al papel de género que le correspondería, socialmente, en razón de su sexo biológico. Por ejemplo, un chico llamado Adrián, que permanece travestido todo el día, al tiempo que exige ser tratado con su nombre masculino. También hablamos de Transgenerismo, como la subversión de los estereotipos de género que imperan en la sociedad y, entonces, se

habla de transgénero como un gran concepto que abarca a quienes se travisten, a quienes no están identificados con su sexo biológico y, en general, a todo aquel que rechaza el género que se le ha asignado socialmente en función de su sexo biológico. Es importante señalar que, estas categorías, pueden encontrarse entremezcladas en una misma persona, de manera que hay travestis heterosexuales y travestis homosexuales, lo mismo que transexuales heterosexuales y transexuales homosexuales. FENOMENOLOGÍA DEL TRAVESTISMO. Para conocer las situaciones reales con las que puede encontrarse el terapeuta que recibe a una persona que consulta por los problemas que le causa su travestismo, presentaremos algunos de los elementos que comparten la mayoría de los hombres travestis heterosexuales aunque, al mismo tiempo, cada uno de ellos lo vive de manera diferente. Conoceremos algunos aspectos teóricos, que son confirmados por la vivencia de quienes participan en el grupo "Crisálida". En el grupo han participado en dos años unas 30 personas y, además, hemos recibido cartas de un total de 50 interesados. Sin embargo, los datos que daremos se basan en un grupo de 12 de ellos, que son los más asiduos participantes. No busco dar una visión total del travestismo heterosexual en México, sino ilustrar el trabajo de un grupo y el enfoque y las técnicas que he utilizado para trabajar con ellos.

LAS CAUSAS DEL TRAVESTISMO.

Respecto al por qué alguien llega a ser travestí, pregunta tan válida como aquella del por qué alguien llega a ser una buena cocinera, existen diversas teorías. Una de ellas indica que se debe a la introyección inadecuada de los roles masculino y femenino. Otras aseguran que se debe a una falta de hormonas masculinas en un momento crucial de la masculinización cerebral. No tenemos comprobación de ninguna de estas teorías. Entre las explicaciones de tipo sociológico, está la que aduce una falta de introyección adecuada de roles, probablemente explicada por el hecho de que "la mayoría de nosotros, que llegamos a ser travestis o transexuales, somos producto de una familia con padre ausente o, en el mejor de los casos, distante. Estábamos

mucho más emocionalmente ligados a nuestras madres o a alguna otra autoridad femenina que permaneció a través de nuestras vidas... somos, en un porcentaje desproporcionado, hijos únicos o primeros hijos".(Edwards, 1997 s/p). Sin embargo, esta correlación no ha podido demostrarse como causal, ni presente en todos los casos. Otra situación "traumática" que se supone explicaría el origen del travestismo, es que un niño hubiese sido forzado a travestirse, sin embargo, se conocen casos como el del general norteamericano Patton que era travestido por su madre en la infancia, sin aficionarse a ello; mientras que en "Crísalida", de una muestra de 26 entrevistados, sólo 3 vivieron la experiencia, y "Gina" refiere que a quien vestían de niña era a su hermano; sin embargo, ese hermano un día rompió la ropa que le ponían, luego, quien es hoy Gina, buscó un abrigo de su prima y se lo puso, descubriendo una gran excitación emocional con ello. Ésta tampoco es una explicación suficiente. Sin embargo, merece destacarse el hecho de que el travestismo, la primera ocasión en que ocurrió, produjo una gran excitación emocional, incluso sexual, y se vive como una necesidad en momentos de ansiedad. Ello podría indicar una asociación en la cual, el travestismo sirve como una válvula de escape de una gran tensión, quizá asociado con la idea de que siendo mujer la vida es más fácil de vivir, que cumpliendo los estereotipos masculino y/o femenino, al mismo tiempo, se es más fácilmente aceptada, con menos exigencias. De hecho, el travesti, representa sólo a mujeres en papeles sociales muy estereotipados. Yo me inclino a pensar que hay una conjugación de factores biológicos, culturales y psico-espirituales que se entremezclan para producir esta experiencia, sin que ninguno sea, por sí mismo, determinante. No obstante al preguntarme sobre el posible origen de esta faceta de la personalidad, me parece que, en el trabajo terapéutico, hay que buscar el sentido que puede encontrar el individuo al hecho de que esta expresión de la sexualidad se manifieste en su vida. Es decir, hay que ayudarlo a formular preguntas como ¿para qué esta situación en mi vida? y, ¿qué puedo aprender de ella?.

EL CONTINUO TRAVESTI

Los varones travestis heterosexuales pueden ubicarse a lo largo de un continuo que iniciaría con el fetichismo por ciertas prendas femeninas hasta, posiblemente, llegar a ser transexuales secundarios, aunque la mayoría no llega a ese último punto. También, algunos llegan a un punto en el que salen enteramente y no pueden ser ya considerados travestis. Usualmente, esto ocurre alrededor de la edad madura y en el momento en que el travestismo deja de ser para ellos un estímulo emocional y/o erótico. Esta salida respecto del travestismo es espontánea y no es el resultado de terapia médica o psicológica y aún no sabemos en que porcentaje pueda ocurrir. En "Crisálida", un 75% inició el proceso de travestirse, antes de los 10 años. Sólo un integrante inició a los 32 años. Esto no es raro, pues diversos estudios confirman que "Muchos travestís y transexuales pueden claramente recordar alguna forma de "cambio de ropa" antes de los 10 años y aún antes".(Edwards, op.cit). En el momento actual, quienes integran el grupo, han pasado ya por fases de crisis y aceptación, que se manifiestan en la necesidad de encontrar a sus iguales para compartir experiencias y consejos. Otros participantes van un poco más allá, y reconocen y buscan satisfacer su deseo de ser vistos en público y unos pocos, incluso, buscan hacer labores de información a la comunidad sobre el travestismo, lo que les convierte en activistas travestis. Este proceso puede ser presentado de manera esquemática de la siguiente forma, insistiendo en que no todos siguen el mismo ritmo, ni de manera lineal y que, para algunos, la carrera puede interrumpirse en cualquier punto.

ETAPA I. TRANSEXUALISMO INFANTIL

Según Edwards, muchos niños que llegaron a ser travestis creían que se iban a volver niñas. Él dice: "El primer trauma que recuerdo, es cuando me dijeron que jamás llegaría a ser una chica. La revelación ocurrió cuando me descubrieron mientras me ponía un par de medias de mi madre". Muchos hombres transgeneristas, incluyendo aquellos que llegarían a ser travestistas heterosexuales, fueron transexuales o transgeneristas en su infancia temprana (Edwards, 1977). En esta etapa no se

buscaba la excitación sexual, sólo el gusto por vestirse como niña. En "Crisálida", un 40% reporta haberse sentido niña y el 60% restante no vivió esa sensación. En esta primera etapa no aparece una excitación erótica, sólo una sensación de relajamiento luego de la excitación de hacerlo.

ETAPA 2. TRASVESTISMO FETICHISTA

En la mente del niño, cuando él se ponía medias de su madre o sus pantaletas, él se convertía en una niña. La textura y diseño de la ropa femenina, tan alejado de lo masculino, que debía usar cotidianamente, le apoyaba esta fantasía. El travestirse se convirtió en la cosa más excitante que había hecho y entonces, aprendió que éste es un recurso para sentir placer y gratificación. Lo que no sabemos es por qué éste fue el recurso y no otro. Este periodo se extiende por varios años, quizá hasta la adultez joven. Es alrededor de la pubertad cuando los niños que llegaron a ser varones heterosexuales, incluso los que creían ser niñas, se identificarán con su cuerpo y reconocerán las gratificaciones que su pertenencia al género masculino les puede deparar. Es muy probable que en esta etapa un niño o un adolescente sean sorprendidos al travestirse y sean llevados a psicoterapia, con la esperanza de que ese comportamiento sea erradicado. Es muy importante que el terapeuta haya trabajado con su propia sexualidad y sus valores a fin de que, sin homofobia pueda orientar adecuadamente tanto a los padres como al joven, logrando aclarar dudas y temores al mismo tiempo que evita crear expectativas falsas sobre una erradicación de esta conducta. (Velasco, 1997;53)

Dado que tal erradicación es, hasta donde la literatura reporta, imposible, es necesario ser honestos y trabajar apoyando terapéuticamente un proceso de desculpabilización y aceptación personal y familiar de esta expresión, así como en la responsabilización del joven y en el incremento de su capacidad de negociar los espacios en los que puede llevar a cabo su afición, sin riesgo para él y sin buscar acarrear consecuencias negativas para sus parejas, aunque haciéndose cargo de las dificultades que ellas pueden tener para aceptar esta faceta de ellos y la necesidad

de que se plantee honestamente desde el principio. Debo señalar que es tan posible que un joven sorprendido travistiéndose, sea heterosexual, como que sea homosexual o transexual. Obviamente habrá algunas variantes, pero la actitud terapéutica básica debe ser la misma. Para algunos hombres, es suficiente llegar a esta etapa en que utilizan algunas prendas, se excitan y masturban, y después de masturbarse, dejan la ropa a un lado, incluso, en ocasiones, con mucha culpa. Sin embargo, otros avanzan al siguiente punto del continuo.

ETAPA 3 "FETICHISMO DE MUJER COMPLETA"

Cuando al muchacho o adulto joven no le basta ya ponerse sólo unas prendas, sino que necesita vestirse totalmente como mujer, ha llegado a ésta fase. Hablamos de aquellos que sólo buscan vestirse completamente pero no se interesan en cambios de sexo o de género. Esta fase presupone que el joven cuente con la oportunidad para hacerlo. Por ello, es probable que surja cuando puede trabajar para poder comprarse su ropa, además de vivir solo o tener su propio cuarto o poder alquilar un cuarto de hotel. Si ya se han casado, pueden hacerlo cuando su esposa sale de fin de semana y teniendo la ropa escondida en la caja de herramientas. Es muy probable que gasten mucho en comprar ropa femenina que, luego de ponérsela un rato y masturbarse con ella, se arrancarán violentamente y tirarán a la basura o quemarán, mientras que juran, por enésima vez, que esa fue la última vez que lo hicieron y que abandonarán su costumbre. Después de un tiempo, vuelve a aparecer el deseo de hacerlo, que resisten un tiempo, hasta que "sucumben a él", compran ropa, la disfrutan, se la quitan, la queman, se enojan consigo mismos, juran que no lo harán más y... vuelven a repetirlo. Este es otro momento en que muchos tocarán a las puertas de tu consultorio, llevados por el desconcierto y la culpa, y buscando ser "curados" de su "vicio". Será responsabilidad del terapeuta explicar la situación y acompañar en el proceso de autoaceptación, evitando incrementar sensaciones de culpa y fracaso en su consultante. El tema a trabajar será la ansiedad que les genera su afición y que puede provocar problemas de comportamiento y de salud mental.

ETAPA 4. LA "RESIGNACION" Y NECESIDAD DE AUTOACEPTACIÓN

Cuando la actividad travestista se va incrementando, y es evidente que no puede controlarse voluntariamente, se origina en el practicante sensación de que ya no puede luchar contra ella y que debe aceptarse y entenderse a sí mismo, además de que empieza a buscar la aceptación de otros. Eso implica, al mismo tiempo, el reconocimiento de que es distinto a otros hombres y la posibilidad de que pudiera salir a la calle y mostrarse ante otros. Las nuevas necesidades de su proceso, requieren de nuevos niveles de aceptación y entendimiento por parte de su familia y su entorno, que pueden resultar tan "desproporcionadas" para quienes les rodean, que, incluso, ponen en peligro sus relaciones de pareja y familiares si sienten que su esposa no los apoya suficientemente. En éste sentido, la experiencia de "Scarlett" es muy reveladora, cuando dice: "La relación con mi esposa es buena, salvo en lo relativo a mi travestismo, porque a veces lo entiende y a veces no". La necesidad de aceptación y entendimiento de esta etapa lleva a los travestis a buscar grupos de iguales, ya sea directamente, por revistas y aún internet o buscando bares de travestis, según sus posibilidades de acceso a la información y la existencia de dichos grupos. De allí la importancia de la existencia de grupos y lugares seguros. Ésta, es también una etapa de búsqueda ansiosa de información, que puede llevar a comprar cualquier revista o contestar cualquier anuncio con sólo detectar la palabra travesti. Es muy importante, terapéuticamente, fomentar la empatía con las esposas y plantear el derecho que ellas tienen de tomar decisiones de compartir o no su vida con alguien que les ha ocultado un secreto, cuando así ha sido. Debe también entenderse el peso que se les obliga a cargar a ellas, llevando un "secreto de familia" que no pueden compartir ni con sus hijos. La consejería de pareja puede resultar fundamental en este momento.

Evidentemente, los hombres que llegan a "Crisálida", lo hacen en este periodo. Por ello, llegan ansiosos de conocer la historia de los otros, para compararla con la suya, establecer similitudes y sentirse reintegrados a la humanidad. Por ello son actitudes

fundamentales, la hospitalidad con los recién llegados y el "bautizo" con un nombre femenino, cuando no lo tenían, o bien, la revelación del que ellos han buscado, para afirmar su identidad, como travestis y como parte de un grupo humano específico.

ETAPA 5: REVELACIÓN E INTEGRACIÓN

Al perder el miedo a ser descubiertos y lograr la aceptación de sí mismos, es más fácil revelar a otros su condición. Por ejemplo, en "Crisálida", cerca de un año después de llegar al grupo, "Gina" reveló a su familia su travestismo y logró el respeto y la aceptación del mismo. Ahora él y otros miembros del grupo pueden asumir que tienen dos facetas que se complementan. Además, "Scarlett" lo ha revelado ya en su empleo, aunque ésta es una medida que sólo cada persona puede decidir y que no se puede imponer a nadie, por sus repercusiones.

Gracias a los movimientos de liberación femenina y gay, hoy se habla abiertamente, al menos en las ciudades, de este tema y aún los niños travestis pueden saber que existen otros hombres que comparten su afición. En "Crisálida", "Bianca", a sus 18 años está en esta etapa, mientras que "Gina" dice: durante 44 años no había conocido a ningún otro travestí. El hecho de que hoy, a menor edad alguien pueda encontrar a sus iguales, abre enormes posibilidades para su desarrollo humano. También las películas, programas de televisión y de radio han contribuido a esta posibilidad. Este es otro momento peligroso para las relaciones maritales, pues el hombre puede "entusiasmarse demasiado" y su esposa sentir que pierde al hombre con el que se casó, o no aguantar la presión emocional que le genera el saber que él desea salir travestido a la calle, donde puede detenerlo la policía o ser agredido y exponerse al escándalo y que se enteren los hijos. Además, dado que algunos hombres podrían avanzar hacia la etapa de travestismo de tiempo completo, ellas podrían sentir que la virilidad de su pareja disminuye y eso afecta la relación. Podemos señalar que, en una reunión de esposas de travestis, encontramos que, muchas de ellas hablaron de haberse sentido traicionadas debido a que ellos les revelaron esta faceta de sí después del matrimonio, en circunstancias que no les

permitían a ellas oponerse o separarse. Además, señalaron que aceptan el travestismo de sus parejas, pero que es algo que no les complace y prefieren mantenerlo lejos de ellas, lo más posible. De allí que el grupo les haya significado un alivio pues no tienen así, que ver algo que no les agrada.

ETAPA 6:TRASVESTISMO DE TIEMPO COMPLETO

Esta es una etapa a la cual arriban algunos hombres travesís, después de la edad madura, en la que consideran que, vivir como si fuera mujer, durante todo el día, sería mas satisfactorio que hacerlo solo durante períodos cortos de tiempo. Esto puede conllevar a la necesidad del retiro laboral o del autoempleo a fin de poder realizar una labor productiva en la cual pueda estar siempre como mujer, sin perder estabilidad laboral. La sexualidad puede ser más que heterosexual, "asexual"

ETAPA 7:TRANSEXUALISMO SECUNDARIO

Como ya he señalado, en una edad ya avanzada, algunos hombres dejan el travestismo de una manera "espontánea", sin embargo, unos pocos pasan a un momento en el cual llegan a concluir que, en realidad, eran mujeres y señalan que el travestismo es una fase que termina cuando se declaran transexuales preoperados. Desde la teoría se les define como transexuales secundarios. Al respecto, Edwards deja la interrogante: Si el travestí, de niño se sintió niña, al llegar a ésta fase, ¿Regresa, entonces a sus orígenes? Aquí también, "Crisalida" es muy joven para tener experiencia que permita una respuesta. Para finalizar, consideremos algunas de las bases que pueden permitirnos orientar más eficaz y de manera más humanista a nuestros consultantes.

EL TRATAMIENTO TERAPÉUTICO DEL TRAVESTISMO

Asumo que que el travestismo no es un problema en sí mismo. Lo que lo convierte en tema de la psicoterapia son las dificultades del hombre travesti para enfrentar un ambiente social hostil a esta expresión humana. Hostilidad que se explica, ya que la sola existencia del travestismo cuestiona los valores machistas en los que se ha sustentado mucha de nuestra cultura, puesto que muestra que hay hombres a los

cuales las exigencias sociales les son desagradables y deja entrever, entonces, la posibilidad de que algunos quisieran renunciar a cumplirla o quisieran cambiarlas. Además de esta postura básica, que fundamento más adelante, lo que guía mi trabajo es el hecho de que está demostrada la ineficacia de las terapias hasta ahora utilizadas para erradicar esta afición en quienes la practican y que inculyen técnicas aversivas, psicoanálisis, descargas eléctricas y aún tranquilizantes.

EL PROCESO TERAPÉUTICO EN CECASH: FASE INDIVIDUAL

El trabajo terapéutico se realiza en dos fases: la primera es individual y se inicia cuando el paciente llega al consultorio y plantea, muchas de las veces con vergüenza, el hecho de que es travesti, lo que él llama "su problema". Lo primero es general un "rapport adecuado", es decir, un clima de confianza y respeto, que le permite explorar sus temores y deseos. Durante esta fase, se emplea preferentemente el enfoque centrado en la persona, de Carlo Rogers. Más tarde, comentamos acerca del peso de la homofobia en sus sentimientos, establezco las diferencias del travestismo respecto a la homosexualidad, y le pido cotejar con su experiencia. Esto permite expandir los puntos de referencia del consultante y facilita el integrar el travestismo como parte de su sí mismo. Obsérvese que nunca le pido que deje de sentirse avergonzado. Este es un resultado del proceso, no una imposición.

Después de esta información y habiendo creado un clima de confianza, utilizo la técnica de "continuum de conciencia", o bien la llamada "focusing" (Gendlin, 1988), explorando dos temas básicos: primero ¿cómo me siento realmente ante el travestismo? y el segundo ¿Qué deseo hacer ante él?.

Hasta hoy, la experiencia es que las respuestas que dicta el cuerpo son, básicamente: siento excitación mezclada con miedo y, lo que deseo es practicarlo sin sentirme culpable y sin peligro. Desde los años 70's los doctores Pomeroy y Leah Schaefer apoyaban el que los travestis ejercitaran su afición (Carrera, 1982:374). Ello inicialmente puede llevar a que se incremente la conducta y luego decrezca, junto con el decremento de la compulsión por hacerlo. Dado que el travestismo

aparece como una gran necesidad cuando la persona vive situaciones de gran ansiedad, es lógico que al practicarlo más seguido y sin culpa, la compulsión disminuya y se haga más manejable.

Personalmente considero correcto que, si el consultante lo desea, se travista en la consulta, lo que le permite empezar a cumplir, además, esta fantasía tan importante para el travesti. Esta fase puede darse conjuntamente con el trabajo de focusing ya señalado.

EL PROCESO TERAPÉUTICO: FASE GRUPAL

Después del proceso individual, al que sólo acceden las personas que aún tienen conflicto para aceptar su travestismo, que no son todos los que llegan a "Crisálida", prefiere el trabajo grupal, donde al compartir experiencias con otros que han sentido lo mismo que él, la persona se siente más apoyada y validada, comparte estrategias eficaces para manejar en la vida cotidiana su afición, aprende de las experiencias de otros cómo hablarlo con su pareja, con los familiares y tiene un espacio social que, lejos de atacarlo, le da seguridad y calidez. El resultado de todo este trabajo, como lo señala "Gina Fourlong", es que el "círculo neurótico" de ansiedad-vestirse-culpa-ansiedad-vestirse-culpa, puede romperse y dar paso a una vivencia más plena de cada persona. Vale la pena señalar que una experiencia común en "Crisálida" y "Eon", otro grupo transgenerista de la ciudad de México, es que, al paso del tiempo, conforme la necesidad de travestirse y de ser visto por otras personas se satisface dentro del grupo, esta acción pierde un poco de la tensión que generaba y de la excitación sexual que le acompañaba, lo que nos plantea preguntas muy interesantes acerca de la relación entre ansiedad y deseo sexual. Dentro del grupo se trabaja en dos niveles; el primero, es el mejoramiento de la imagen femenina de cada participante mediante el uso de técnicas teatrales que les dan más control del personaje que ha creado. Por otro lado, como un taller de desarrollo humano, en que se fomentan habilidades de empatía, respeto, asertividad, comunicación y otras, que les refuerzan la autoestima e incluso han permitido que los

participantes de "Crisálida" hayan dado testimonio acerca de sus vivencias en cursos y talleres diversos, así como en la radio y próximamente en un "Congreso Latinoamericano de Sexología".

Una vez iniciado en este trabajo, me he percatado que aparecen necesidades, de quienes viven esta afición, que son determinadas por el ocultamiento en que se vive, desde el lugar donde comprar un vestido, medias o zapatos, hasta dónde lavar la lencería y la ropa de calle, que puede ser guardada cotidianamente en una caja de herramientas y no puede llevarse fácilmente a la lavandería ni lavarla en casa, sin despertar las sospechas de infidelidad por parte de la esposa. Asimismo, es necesario tomar medidas de seguridad para proteger de chantajes a los participantes. Es fundamental y lo hemos logrado llevando diversos "filtros" para los aspirantes, que incluyen la verificación previa de su identidad, y del nivel de aceptación de su propio travestismo, ya que una persona que no lo ha aceptado tendería a provocar problemas dentro del grupo, según lo hemos observado. Resulta llamativo para los observadores externos, que en Crisalida, aparentemente no se presentan las competencias y luchas verbales por el poder tan comunes en un grupo de travestis gay. No obstante, si se observa con más atención, estas luchas, siguen presentandose, aunque no de forma muy aguda, siendo responsabilidad del facilitador de un grupo así, el explicitarlas y conducir a su resolución de forma que permita el crecimiento del grupo.